

CRÔNICAS DO OUTRO MUNDO

A TORRE INVISÍVEL



NILS JOHNSON-SHELTON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CRÔNICAS DO OUTRO MUNDO

A TORRE INVISÍVEL

NILS JOHNSON-SHELTON

Tradução de Rafael Spigel



Disponibilização: Baixelivros.org

Copyright © 2012 by Full Fathom Five, LLC
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Otherworld Chronicles – The Invisible Tower

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

PREPARAÇÃO

Larissa Helena

REVISÃO

Flora Pinheiro

Sheila Louzada

Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

E-ISBN

978-85-8057-304-6

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



♥ PARA MINHA FAMÍLIA

SUMÁRIO

- Prólogo
1. Em que ouvimos falar da pura sorte do matador do dragão
 2. De como Artie é contatado por seu humilde criado
 3. Em que Artie encontra um velho tatuado e louco
 4. Em que descobrimos que Artie é um filho perfeitamente normal e adorável
 5. Em que Artie retorna ao seu humilde criado
 6. De como Artie e Polegar vão até a espada na pedra
 7. Em que Merlin compartilha suas ideias
 8. Sobre o encontro com Bercilak, o Verde
 9. Em que o rei Artie e a cavaleira Kay praticam esgrima!
 10. Sobre o encontro com o coelhinho Vorpal e Victor X. Lance
 11. Em que o grupo pratica um pouco de remo no lago
 12. Em que Artie começa a se entender com a abrasadora Excalibur
 13. De como a tempestade parecia um gigante pisando o campo às cegas
 14. Em que o grupo descobre qual será a próxima missão
 15. Em que Merlin esconde a mais incrível espada jamais forjada, além de algumas outras coisinhas
 16. Na corte exilada
 17. A respeito da Fonte de Sylvan
 18. Em que o grupo dá uma volta pela mata
 19. Em que um favor é concedido a Artie como recompensa
 20. De como o grupo chegou à Biblioteca de Sylvan
 21. Em que o grupo descobre os olhos!
 22. Em que os cavaleiros escapam da grande Biblioteca de Sylvan
 23. De como o grupo descobre que não há lugar como o lar de um mago
 24. Em que surge o homem-musgo

25. Em que Artie pensa: “Mas o que é uma fonte, afinal?”
 26. De como o grupo retornou ao Outro Mundo
 27. Em que o trio entra na caverna de Tiberius
 28. De como o grande dragão verde mandou os cavaleiros para a arena
 29. Em que Artie e Kay são testados mais uma maldita vez
 30. Sobre o lorde Numinae de Sylvan, e como voar em um dragão
 31. Em que a pedra fundamental é revelada
 32. Em que os Kingfisher tentam retornar à vida normal
- Interlúdio
- Agradecimentos

PRÓLOGO

Há muito tempo, um velho — na verdade, um feiticeiro — foi aprisionado em uma torre invisível. A torre fora construída com uma magia poderosa, perto de um rio sinuoso de águas escuras e colinas verdejantes, e mantinha o feiticeiro longe do resto do mundo. Da torre, ele não conseguia ver nada além das paredes internas de sua prisão.

Por muitos anos ele viveu tão zangado que não conseguia fazer nada a não ser ferver de ódio e descontar sua fúria nos distraídos e distantes carcereiros. Mas então, depois de um longo tempo, o ódio diminuiu, e ele percebeu que, embora fosse impossível sair dali para o mundo, ele podia fazer com que partes do mundo fossem até ele. E assim evocou homens, mulheres e crianças; feras, insetos e plantas; pedra, terra e areia. Por quase mil anos, todos sofreram com a tentativa do feiticeiro de extrair deles um meio de fugir, o que era inútil. A fuga era impossível.

Mas então ele começou a ouvir falar de pessoas desembarcando em grandes barcos a vela, em costas distantes. Esses recém-chegados eram exilados, vagabundos e pastores vindos de lugares chamados Inglaterra, França e Países Baixos, entre outros. O mundo que ele tinha habitado um dia estava voltando, e um plano começou a se formar na mente do feiticeiro. Tal plano exigiria dedicação, astúcia e muita sorte, mas, se funcionasse, significaria sua liberdade.

Assim que estivesse livre, seus olhos cinzentos e antigos iriam contemplar o mundo novamente. Assim que estivesse livre, seu grande poder iria renascer.

Assim que estivesse livre, ele iria consertar tudo que tinha dado errado muitos e muitos anos antes.

EM QUE OUVIMOS FALAR DA PURA SORTE DO MATADOR DO DRAGÃO



Arthur “Artie” Kingfisher — doze anos, magro feito um palito e nem de longe bronzeado o bastante para uma criança no fim do verão — tinha acabado de matar Caladirth, uma dragoa verde com rubis afiados no lugar dos dentes e espirais douradas como chifres. Um dos chifres estava agora despedaçado no chão como um cabo de vassoura quebrado. Artie achou que era um bom ponto fraco. De verdade: todos no *Outro Mundo* sabiam que era sempre melhor evitar chifres de dragão.

A fera estava aos pés de Artie, seu sangue laranja escorrendo do chifre quebrado. A caverna de repente parecia vazia, o que é curioso se pensarmos que havia ali um dragão morto de dez toneladas, três enormes ovos de dragão negro e um vasto e reluzente tesouro que mal caberia nas bolsas vazias que Artie trazia nos ombros. Ele tinha muito a fazer.

Artie se abaixou no chão e examinou seu machado de dois gumes, que se chamava Qwon, para avaliar os estragos. A arma estava um pouco arranhada, mas nada que não pudesse ser consertado pelo ferreiro da cidade. Ele soltou um longo suspiro. Sentia-se satisfeito e completamente exausto. Não haveria nenhuma nova missão por enquanto.

Ele fechou os olhos e avaliou sua condição física. Estava inteiro mas suava um pouco, embora o ar ao seu redor estivesse bem frio. Os únicos sons eram sua respiração, os pequenos pingos da água gotejante e o crepitar das tochas. Após o alvoroço da batalha, ele sentiu-se muito solitário de repente.

Mas então começou a sentir um formigamento familiar no pescoço, como se estivessem lhe fazendo cócegas com penas.

Artie sempre sabia quando sua irmã estava a uns três ou quatro metros dele, e naquele momento Kay vinha rastejando para a caverna subterrânea, tentando alcançá-lo. Uma imagem se formou nitidamente na mente dele: o longo cabelo vermelho dela puxado para trás em um rabo de cavalo, e ela vestindo uma calça cargo e aquela camiseta azul com a estampa de um gnomo de jardim lutando caratê. Ele sabia, sem nem olhar, que Kay imaginava que teria uma chance real de enfim assustá-lo.

Era previsível. Artie sabia que *ela* sabia que *ele* sabia que ela iria tentar assustá-lo. Os dois tinham passado grande parte da infância fazendo essa brincadeira, e mesmo assim nunca funcionara.

Eles sempre sabiam.

— A-há! Peguei você! — falou Kay em um impulso, enquanto o empurrava com força mas de brincadeira pelas costas, derrubando os óculos de realidade virtual 3D do rosto dele.

Artie ofegou, e Kay ficou espantada ao ver que o irmão estava suando. Ela perguntou:

— Espere... peguei mesmo?

Ele enxugou a testa com as costas da mão e sorriu.

— É claro que não. Faz uns trinta segundos que eu senti você chegando.

Ele pegou o controle do Xbox e pausou o jogo pelo qual estava obcecado desde que o ganhara de presente de aniversário, em abril: *Outro Mundo*.

— *Faz uns trinta segundos que eu senti você chegando* — imitou Kay. — Até parece, garotão. Peguei você, sim.

— Não.

— Até parece.

Kay, que já tinha treze anos e a absurda altura de um metro e oitenta, com braços e pernas que pareciam os de um louva-a-deus, passou por Artie

e foi para a sala de jogos.

— O que você está fazendo? — quis saber ela.

O *video game* que Artie vinha jogando, de óculos, estava duplicado na TV presa à parede. Ao ver o dragão caído sangrando pelo chifre dourado, Kay gritou:

— Artie! Você conseguiu? — Ela inclinou-se mais perto da tela. — Caramba! Você conseguiu mesmo! — Virou-se para Artie e abriu um sorriso radiante, com brilho nos seus olhos fantásticos e incomuns: um era azul-celeste e o outro, verde-bandeira. — Como descobriu um jeito de matar essa dragoa? Como? *Como?*

Ela agarrou Artie pelos ombros e lhe deu um rápido abraço.

Artie e Kay eram bem próximos, tanto quanto um garoto de doze anos e a irmã de treze podem ser — principalmente considerando que, por alguma razão, eles sempre compartilharam o nível de percepção extrassensorial comum a gêmeos idênticos, o que era ainda mais estranho, já que Artie era adotado. Ele ficou contente em receber o apoio de Kay. Em geral, o que acontecia era o contrário. Kay era muito boa quando se tratava de jogos — ou de qualquer outra coisa, aliás. Não era tão boa quanto Artie jogando *Outro Mundo*, mas era tão habilidosa em *Call of Duty* e *Fallout* que já ganhara uns cinco mil em torneios de *video game*. Artie tinha certeza de que ela conseguiria mais uma vitória na semana seguinte, quando o pai deles, Kynder, os levaria até um enorme torneio no qual Kay iria competir.

Artie colocou o controle e os óculos no chão e deu um impulso para se levantar. Tomou um gole de Mountain Dew de uma garrafa de plástico sem rótulo e contou à irmã como tinha vencido.

Resumindo, depois de muitas tentativas, tinha dado sorte. Conseguira levar seu mago-guerreiro — Mentecapto, o Cinzento — para um canto no alto da parede direita da caverna. A dragoa sabia que Mentecapto estava ali, mas não o atacava porque naquele canto estavam três ovos de dragão negro. Basicamente, Artie os estava usando como escudo, e ela não ousaria

sacrificar seus dragõezinhos apenas para acabar com Mentecapto. A dragoa não estava gostando nada daquilo e fez uma grande dança na frente de Mentecapto, balançando a cabeça para a frente e para trás e batendo a cauda no chão, mas Artie não teve medo. Só estava muito frustrado por não conseguir matar a dragoa, por mais que tentasse. Então resolveu soltar outra bola de fogo. Era o encanto mais forte que tinha.

No entanto, ele se confundiu na hora de apertar o botão e acabou ativando o comando de “Encontrar Item”, que revelava o item mágico mais poderoso por perto dentre aqueles ainda não conquistados. Os chifres de Caladirth imediatamente adquiriram uma aura avermelhada.

— Primeiro pensei que, se eu conseguisse matá-la, seria bem maneiro ter uma espada feita com os chifres dela, mas aí tive uma ideia — explicou Artie. — Foi como uma inspiração, sei lá. Só para confirmar, apertei o “Encontrar Item” novamente e não restava dúvida: os chifres voltaram a brilhar. Então, mudei para o combate corpo a corpo, mirei nos chifres e coloquei o Qwon em ação. Assim que acertei o golpe, ela gritou e caiu. E foi isso.

Kay estava com o olhar fixo e balançava a cabeça.

— Uau. Os chifres. Quem diria? — disse ela, pegando o refrigerante das mãos do irmão e tomando três grandes goles. Ela então deu de ombros e comentou: — Você tem que entrar nos fóruns e avisar isso aos diretores da Coca-Cola.

Artie nunca conseguira descobrir o motivo, mas, para Kay, *diretores da Coca-Cola* significava “nerds”.

— Qual é, Kay, você sabe que eu odeio fóruns de jogos.

— Sim, sim, “*gamer* purista” e tal. Nunca usar detonados. Mas caramba, Artie. Você merece a fama. Vá se exhibir um pouco!

Fácil para ela dizer. Artie adorava a irmã, mas a verdade é que os dois eram bem diferentes. Ela era ótima em *video games*, excelente corredora, ex-estrela da liga infantil de beisebol, aluna nota dez, e também sabia dançar — em outras palavras, superdescolada. Ele, por outro lado, era um

jogador mais ou menos, franzino, saco de pancadas peso leve, ímã de valentões, aluno nota sete, nunca tinha dançado e só era um pouco maneiro por ter uma irmã muito legal.

Mas a principal razão para Artie não gostar de atenção era Frankie Finkelstein. Anos suportando o ódio de Frankie Finkelstein tinham ensinado a Artie que o melhor era ser discreto. Se Artie não ficasse completamente na dele, Finkelstein encontrava diversas oportunidades para socá-lo, chutá-lo, empurrá-lo, xingá-lo e lhe dar cascudos e chaves de braço.

E tudo isso era um *saco*.

No entanto, conforme essas coisas passavam pela cabeça de Artie, ele percebia que a irmã provavelmente estava certa. Ele tinha matado Caladirth afinal, oras! Por que *não* se gabar um pouquinho?

Artie olhou para Kay e disse:

— Sim, está bem. Acho que vou fazer isso, sim.

— Ótimo! — falou ela, com a voz aguda. — Mas não agora, garotão. Primeiro nós dois temos que ajudar Kynder no quintal.

— Ah, é.

Assim, Artie e Kay subiram as escadas e entraram na cozinha. Artie enroscou a tampinha do refrigerante e o escondeu no fundo da geladeira. Kynder não aprovava refrigerantes e nutria um ódio especial por Mountain Dew, dizendo sempre que aquilo ia “literalmente transformá-lo em um viciado em drogas”, embora esse efeito ainda não tivesse sido provocado em Artie, mesmo depois de três anos bebendo o refrigerante (ele só ganhara seis cáries). Em seguida, os dois foram para o quintal, caminhando na direção da pequena horta que, depois dos filhos, era o grande orgulho de Kynder.

Kynder também era alto, magro e ruivo. Seus olhos eram castanho-claros e ele tinha um bigode bem-cuidado que dava ao seu nariz reto a aparência de um T invertido, e em seu rosto repousavam grandes óculos quadrados que talvez — *talvez* — tivessem sido maneiros na década de

1980. Ele ainda estava com o ridículo shortinho de corrida que usava em seu cooper matinal, mas tinha substituído os tênis por um par de galochas verdes que deviam estar derretendo seus pés, já que a temperatura do lado de fora quase chegava aos trinta e dois graus.

Sim, Kynder também era diretor da Coca-Cola, como diria Kay. Um nerd modesto, bem de vida e semiaposentado, adorado pelos filhos.

— Ei, crianças, terminaram de praticar?

Por incrível que pareça, era assim que eles se referiam a jogar *video game* na casa dos Kingfisher.

— Sim. O sinistrão aqui finalmente matou Caladirth.

— Jura? Que legal, Arthur! Você vinha tentando isso desde o dia em que levou um beijo na bochecha da Qwon, né?

Era assim que o último dia do sexto ano ficaria eternamente conhecido na casa dos Kingfisher, e Kay e Kynder vinham provocando Artie desde então. Artie não fazia ideia de como o pai sabia que Qwon — não o machado de guerra virtual, mas a menina da escola que dera nome ao objeto — o tinha beijado, mas o fato é que ele sabia.

— Legal ter se lembrado disso, sabichão — gracejou Kay.

— Ah, calem a boca vocês dois — resmungou Artie.

Ele sentou-se perto dos tomates e começou a arrancar ervas daninhas do solo, imaginando o que aconteceria a seguir naquele jogo louco que ele tanto adorava.

DE COMO ARTIE É CONTATADO POR SEU HUMILDE CRIADO



Artie, Kay e Kynder moravam em uma casa amarela de madeira na rua Castleman, em Shadyside, Pensilvânia, cerca de cinco quilômetros do centro de Pittsburgh. Tanto Kay quanto Artie chamavam o pai pelo primeiro nome desde que tinham em torno de oito anos. Isso foi na época em que Artie descobriu que era adotado, e, embora Kynder fosse o único pai que ele já conhecesse, o menino parou de chamá-lo assim e começou a chamá-lo pelo nome. Poucos meses depois, Kay passou a fazer o mesmo. Kynder achou que era uma idiossincrasia divertida e gostou, por isso nunca insistiu em ser chamado de pai, papai ou qualquer coisa do tipo.

A mãe de Kay abandonou a família quando a filha tinha três anos e Artie dois, sendo que ele foi adotado com exatos um ano e três dias. Kynder pouco falava sobre a esposa e nunca comentara o motivo pelo qual ela fora embora. Artie nem sequer sabia o nome dela, e a irmã nunca chegara a dividir a informação com ele. Quando o assunto era a mãe, Kay nunca compartilhava nada com Artie. Bem, todas as crianças têm segredos, não é mesmo? Até mesmo irmãs como Kay.

Naquela noite, depois do jantar, Artie entrou no fórum do *Outro Mundo* para contar seu segredinho. Ele começou um novo tópico chamado “matei Caladirth s/ detonado” e esperou. Alguns minutos depois, havia dezenas de posts parabenizando-o. Ele leu todos, cheio de orgulho. Artie pensou que devia ser isso que Kay sentia.

A maioria dos posts era de membros registrados, mas parte era de usuários anônimos, e alguns eram trolls. Um deles chamou Artie de fracote

por ter escolhido um personagem mago-guerreiro. Aparentemente o rapaz tinha algo contra magos-guerreiros. Artie não deu a menor importância. Quem fazia esse tipo de coisa era idiota.

Artie estava prestes a se desconectar e ir para o quarto quando uma atualização automática da página mostrou um post intitulado “*Easter egg de Arthur*”. Curioso, ele clicou duas vezes no tópico. Lá dizia:

Arthur, você precisa encontrar o seu Easter egg esta noite. Procure no lugar mais óbvio. – SrP

Todos que já jogaram *video game* para valer sabem o que é um *Easter egg*: é um segredo, geralmente uma brincadeira, que fica escondido no meio do jogo, mais ou menos como... bem, como um ovo de Páscoa. Por mais difícil que fosse encontrá-los — normalmente é preciso procurar na Internet para ter alguma chance de conseguir isso —, eles estavam disponíveis para todos os jogadores. Como Arthur poderia ter o seu *próprio Easter egg no Outro Mundo*?

Também era estranho o fato de o post de SrP ser privado — somente Artie podia lê-lo.

Artie clicou no botão “responder” e simplesmente escreveu: “Hã?”

Em vinte segundos veio a resposta:

Arthur, já começou. Encontre seu ovo. Está com Caladirth. Você precisa fazer isso. Já falei mais do que deveria. Vá em busca de seu ovo, e de seu destino. – SrP

Mas de que diabos aquele cara estava falando? Artie tinha um *destino*? Em um jogo de *video game*? Isso era estranho demais para se ignorar.

Artie saiu do fórum e desceu correndo até a sala de jogos. Ligou a TV, pegou o controle e retomou o jogo. Com a trilha sonora saindo das caixas de som ao fundo, ele levou Mentecapto, o Cinzento, de um canto do covil de Caladirth para o outro, à procura de algo fora do comum, mas não viu

nada. Vasculhou a pilha de tesouros. Era uma bela pilhagem, o que o animou a continuar jogando, mas nada parecia especial.

Procure no lugar mais óbvio, dizia a mensagem. O lugar mais óbvio... o lugar mais óbvio...

Os ovos!

Artie conduziu Mentecapto até os três ovos grandes e escuros de dragão. Mentecapto pegou um — nada de estranho — e o colocou de volta no lugar. Em seguida, pegou outro e o virou. Na parte de baixo, dizia: “Abra-me.”

Artie sacudiu a cabeça e fez o personagem atirar o ovo no chão, o que o fez explodir em uma neblina cor de laranja cintilante. Dentro não havia nenhum filhote de dragão morto nem restos grudentos de clara de ovo — apenas pó.

Mas então o pó assentou, e ali, aconchegada na parte interna de um pedaço da casca, havia uma mensagem.

Mentecapto a pegou e foi para o modo Inspeccionar Item.

Artie foi tomado pelo nervosismo.

A mensagem dizia:

“Arthur. Em uma semana você virá até mim na TI. Você é especial, Arthur, e necessito de seus serviços e poder. Espero por você há muito tempo. Seu humilde criado, M.”

Espera. Ele era especial? E tinha um criado? Um criado *humilde*?

O quê?

Artie ficou parado por dois minutos. Estava meio tonto. O controle escorregou de suas mãos e caiu no chão, o que fez Artie acordar do devaneio. Ele voltou a ler a mensagem. O que estava acontecendo? Ficou assustado de repente, como se Finkelstein estivesse avançando na direção dele com um bastão de beisebol e sem dinheiro para o almoço.

Ele desligou o jogo, correu para o quarto e se enfiou sob as cobertas, e lá concluiu que, sim, ele acabara de levar um trote; era apenas coincidência

seu nome ser Arthur e haver um *Easter egg* no *Outro Mundo* endereçado a alguém que se chamava assim. Sim, era isso. Uma coincidência.

Por fim, Artie caiu em um sono inquieto.

* * *

Seis dias após a caça ao *Easter egg*, sobre a qual Artie havia decidido nunca contar nada para ninguém, o telefone tocou enquanto o garoto lia na cama a revista dos *X-Men* mais recente. Ele não se mexeu para atender porque sabia que Kynder, que estava em seu quarto arrumando as malas para a viagem ao torneio em Cincinnati, faria isso.

Após uma pausa, Artie ouviu um abafado mas insistente “Quem?” pela parede, mas não deu muita bola. Em seguida, ouviu algo na voz de Kynder que nunca tinha escutado antes: medo. Foi súbito e incontestável.

— Minha ex-mulher? Meu Deus. *É você.*

Artie sentou-se de súbito com as costas eretas e derrubou a revista em quadrinhos. Uma ligação dela era quase tão provável quanto uma ligação de um tigre-dentes-de-sabre.

Artie foi até a parede silenciosamente e encostou o ouvido ali. Kynder disse:

— Por que diabos você está me ligando agora? E por que a ligação está tão distante? Isso não acontece mais com os telefones.

O medo de Kynder se fora; tinha dado lugar ao ódio. Artie sentiu orgulho do pai.

— É sério, eu não me importo. O que você quer?

Pausa.

— O quê? Como sabe disso? Como assim?

Pausa.

Kynder parecia ainda mais estupefato quando perguntou:

— Por que raios não?

Uma breve pausa.

— Como assim não é seguro? É Ohio, e não o Afeganistão.

Pausa.

— O quê? Desde quando você se importa com as crianças? Desde quando se importa com alguém além de si mesma?

Artie lembrou que no hall havia um velho telefone de fio com a campainha quebrada. Saiu do quarto, foi andando na ponta dos pés até lá e tirou o fone do gancho com todo o cuidado. Uma voz trêmula terminava dizendo:

— Não é seguro para mim... e nem para você.

Por um instante, Kynder ficou em silêncio. Depois, de forma bem convincente, ele disse:

— Ouça. Você está maluca. Vou desligar agora. Pela última vez, *adeus!* Nunca mais volte a ligar para cá!

Ele desligou o telefone. Kynder tinha encerrado a ligação de forma tão abrupta que Artie teve certeza de que a mulher voltaria a ligar. Mas ela não fez isso. O telefone não tocou de novo.

EM QUE ARTIE ENCONTRA UM VELHO TATUADO E LOUCO



Artie não sabia o que dizer sobre o telefonema. Ele queria contar para Kay, mas simplesmente não conseguia. Kynder também não mencionou nada.

Então os Kingfisher partiram para Cincinnati na manhã de quinta-feira bem cedo, como se a ligação telefônica nunca tivesse ocorrido.

Chegaram a um hotel Hilton na região central à uma da tarde e fizeram o *check-in*. Em seguida, Kynder deixou Artie com o cardápio do serviço de quarto enquanto levava Kay para fazer as inscrições no torneio, que deveria começar ao meio-dia de sexta-feira.

Artie pediu um hambúrguer com batatas fritas e uma Coca-Cola e conectou o Xbox à TV do quarto. Procurou pelo controle da sorte de Kay na mochila dela — era prateado e lustroso, e ela o enfeitara com pedrinhas brilhantes —, mas não conseguiu encontrá-lo. Ela devia tê-lo levado. O serviço de quarto veio, e ele repousou na espreguiçadeira enquanto comia e mudava de canal em canal na TV.

Quando Kay e Kynder voltaram, a irmã viu o *video game* e disse:

— Uau, valeu mesmo por ligar isso.

— Sem problemas, Kay.

Ela pegou o controle comum e o virou de um lado para o outro.

— Mas onde está o meu controle da sorte?

Kynder surrupiou um punhado das batatas de Artie.

O menino respondeu:

— Não sei. Pensei que estivesse com você.

— Não. Está na minha mochila.

— Hm, não, não está, não.

— Hm, está, sim... *Ah não!* — Os olhos de Kay arregalaram-se enquanto ela vasculhava suas coisas. — Meu Deus, não posso acreditar, mas... mas... acho que deixei meu controle em casa! — disse, encarando a TV, e começou a puxar o próprio cabelo. — Sério, Kynder, o que eu vou fazer agora?

Kynder, sentado em uma das camas, colocou as mãos nos joelhos e disse:

— Kay, vamos tentar nos acalmar. Talvez a gente consiga que alguém nos mande o controle por FedEx, ou quem sabe a gente consiga comprar outro para você e aí levamos para alguém benzê-lo ou algo do tipo antes do início do torneio.

Kay se jogou na cama ao lado dele.

— De jeito nenhum. Não vou conseguir vencer com um controle qualquer e sem graça, comprado de última hora.

De repente, Artie lembrou-se de algo:

— Kay, sabe o Erik? Ele morava aqui. A gente podia ligar e ver se ele conhece um lugar bom por perto que venda controles customizados.

— Erik? Eca. — Kay suspirou.

Erik sentava-se atrás de Kay na aula de artes, e seu passatempo predileto era jogar nela pedacinhos da borracha do topo dos seus lápis. Em outras palavras: ele gostava dela.

— Certo. Acho que pode ser.

Kynder levantou-se e bateu palmas.

— Ótimo. Por que você não liga para ele, Arthur? — perguntou, roubando outro punhado de batatas fritas.

O garoto pegou o celular de Kynder e discou o número. Kynder apontou para o hambúrguer de Artie e disse:

— Sabe, Arthur, você não deveria comer isso. Você sabe o que essas vacas comem?

Artie sabia e, honestamente, nem se importava. Ele tinha doze anos.

Erik atendeu, e Artie, perto da janela, teve uma rápida conversa com ele. Depois de desligar o telefone, disse:

— Bem, Erik disse que iria até a nossa casa e pegaria o seu controle, se você preferir...

Kay o interrompeu:

— De jeito nenhum. Não quero Erik Erikssen bisbilhotando meu quarto. De jeito nenhum.

— Certo. Mas ele também disse que tem uma loja maluca que deveríamos visitar, um lugar chamado Torre Invisível. É uma loja de quadrinhos, jogos e RPG, e o dono é um velho bem estranho. Eles vendem controles customizados. Erik comprou dois lá. Eu já vi. São bem maneiros.

Kynder, que agora se apoderara da refeição de Artie, ergueu a Coca-Cola.

— Arthur, você sabe o que eu penso sobre refrigerante! Sabe que acho que você bebe mais do que deveria, não é mesmo?

— *Pai!* — gritou Kay.

Ela reservava o uso da palavra apenas para as circunstâncias mais desesperadoras.

Kynder abaixou o refrigerante.

— Ah, certo. Tudo bem. Arthur, como você já “comeu”, por que não descobre onde fica essa Torre Invencível...

— Torre Invisível, Kynder — corrigiu Artie.

— Que seja. Descubra onde fica e pegue um táxi até lá. Kay, o que acha de irmos almoçar? Você vai se sentir melhor.

Kay concordou com relutância, e foi até o banheiro. Artie procurou o endereço da loja em seu laptop.

— Fica só a seis quarteirões daqui, Kynder.

— Certo. Leve esse dinheiro. Só gaste com o táxi e o controle, se encontrar um bom.

— Entendido.

- Traga o recibo para mim. E tente não levar mais de uma hora.
- Certo.
- Estou falando sério.
- Tudo bem, tudo bem.

Ao passar pelo banheiro, Artie ouviu a irmã fungar. Ele estava determinado fazer o que fosse preciso para ajudá-la.

* * *

O porteiro chamou um táxi, e Artie entrou. O jovem motorista era enorme, usava óculos de sol espelhados estilo aviador e pareceria ameaçador se não tivesse um rosto de bebê e não parasse de sorrir.

Depois de uma viagem breve, o carro parou em frente à loja. Quando Artie pagou a corrida, o motorista abaixou os óculos escuros e deu uma piscada enfática — e levemente arrepiante — pelo retrovisor.

Artie saiu do táxi em um pulo e se apressou, mas quando viu a Torre Invisível pela primeira vez, esqueceu imediatamente o taxista estranho.

A loja ficava no térreo de um edifício atarracado de tijolos vermelhos que devia ter uns cem anos, com parapeitos de mármore cinzento e um arco de pedra abaixo do telhado com os dizeres “Sistema de Bondes da rua Vine”. Havia muitas vitrines altas diante da calçada, exibindo tudo com que qualquer criança de doze anos poderia sonhar.

Havia *action figures*, máscaras, livros, pôsteres, fantasias, jogos, espadas, machados e flechas. Estavam ali o Batman, o Homem-Aranha, o Homem de Ferro; havia os guerreiros de Halo, membros de esquadrões de elite com feições perigosas e oficiais mulheres a quem era melhor não incomodar; estavam também Frankenstein, o Drácula e a Múmia; *Guerra nas estrelas*, *Senhor dos anéis* e *Avatar*; todos os tipos de feiticeiros, elfos, trolls, orcs, fadas e duendes de universos fantásticos medievais; robôs, Transformers, droides; dragões, cobras e hidras; heróis de mangá aos gritos em cima de motocicletas e meninas de anime com seus olhos gigantesco vestindo

minissaias plissadas; monstros aleatórios e titãs divinos de todos os tipos e em todos os graus de decadência, raiva ou aflição. Os logos nas vitrines incluíam Marvel, Dark Horse, Wizards of the Coast, DC, D&D, Transformers, Sony, Xbox e Lucasfilm.

Artie puxou a pesada porta de madeira que dava acesso à loja. Um sino de latão preso à porta tocou. Ele podia jurar ter ouvido, na breve badalada do sino, uma voz que dizia “Seja bem-vindo, meu bom senhor”.

Mas campainhas não falam, certo?

Ele passou pela soleira da porta e, embora não soubesse explicar por que, se sentiu *mais forte*. Era como se tivesse ganhado dez quilos de puro músculo. As pontas dos seus dedos formigaram. Suas costas encurvadas — postura padrão para qualquer pré-adolescente com altura acima da média que prefira ser discreto — esticaram-se. Ele virou o pescoço de um lado para o outro e sentiu um estalo. Então, respirou fundo. Estava se sentindo incrível.

A loja tinha uma iluminação fraca. As vitrines estavam lotadas de itens em exposição, e Artie não conseguia ver nem um pouco do lado de fora. Nem mesmo um pequeno raio de sol passava. Artie piscou várias vezes enquanto sua vista se adaptava à escuridão.

A loja era estreita e tinha um pé-direito alto. Havia três fileiras de prateleiras imponentes diante dele. Na lateral de uma delas, uma grande placa com letras prateadas dizia:

LADRÕES SERÃO PUNIDOS. INSATISFEITOS SERÃO BANIDOS. LEAIS SERÃO ABENÇOADOS.
— A DIREÇÃO

Algo naquelas letras transmitia a seriedade do local. Artie instintivamente duvidou que a Torre Invisível fosse roubada com muita frequência, se é que aquilo acontecia.

Ele caminhou pela loja e tocou nas prateleiras e nas lombadas dos livros e revistas em quadrinhos com reverência. As coisas estavam apinhadas e

nem todas bem-organizadas. Uma música celta tocava baixinho em um aparelho de som estridente do outro lado das prateleiras de livros.

De repente, Artie lembrou-se do motivo pelo qual estava ali, e foi para o fundo da loja, procurando acessórios de *video game*.

No fim da loja havia um balcão de pagamento diferente de tudo que ele já tinha visto. Em vez de uma cabine de caixa, com a registradora em cima de um balcão na altura da cintura, havia uma enorme mesa de ébano que parecia muitíssimo antiga. As pernas eram entalhadas na forma de patas de cavalo — cascos, músculos, tendões e tudo o mais. Nela havia uma gigante caixa registradora toda trabalhada, além de um livro contábil comum, uma campainha de latão e uma garrafa de água de um litro.

Não havia ninguém atrás da mesa. Artie deu um passo para a frente para tocar a campainha, e foi aí que ele os viu.

Em um compartimento trancado à direita estavam os controles de *video game* customizados. Havia um para PlayStation revestido de pele de cobra, outro vermelho como um caminhão de bombeiro e um para Xbox, listrado como um tigre e com olhos de gatos nos botões. Havia um cor-de-rosa com chamas laranja por cima, além de um roxo cheio de purpurina e com os botões prateados. Havia também várias caixas de controles comuns que não tinham sido abertas. Mas, acima de todos, na prateleira mais alta e sob uma luz direta, estava um controle de Xbox dourado que parecia feito de metal de verdade. Todos os botões eram pretos e lustrosos e o cabo de conexão, de veludo vermelho. Era, sem dúvida, uma das coisas mais legais que Artie já tinha visto. Na frente da sala havia uma pequena tabuleta com letras manuscritas douradas que diziam: “Apenas para exibição.”

— Aha-ham.

Artie virou-se. À mesa preta havia um velho com uma camiseta vermelha de manga comprida e uma calça saruel de linho. Ele era mais baixo que Artie e tão magro quanto Kynder, mas tinha uma barriguinha que preenchia a camisa. A pele era bastante enrugada, apesar de parecer sadia. Ele usava óculos redondos e um chapéu *porkpie* preto, além de ter

enormes costeletas cacheadas. No pescoço ele trazia um longo colar com uma espécie de pingente de madeira.

O velho sorriu como um Buda, e Artie não teve outra alternativa a não ser se aproximar. Ao chegar perto, percebeu que o que pensara serem profundas rugas no rosto do homem eram, na verdade, um labirinto de tatuagens negras entrecortando-se por todos os lados.

— Gosta do que vê, não é?

A voz dele era clara e profunda.

— Hã... sim, senhor. Eu nunca estive em um lugar como este antes.

— É mesmo bem legal, não é?

Ele riu e colocou as mãos em cima da mesa, com as palmas para baixo.

— Então, eu estava pensando...

— No dourado? Só para exibição, como diz a placa.

— Então isso quer dizer que o senhor tem outros como aquele que *estão* à venda?

O homem baixou os olhos para a mesa e voltou a rir. Sem olhar para cima, ele disse:

— Não, acho que não, criança. Mas posso perguntar uma coisa?

— Ah, sim, claro. E eu tenho quase treze anos. Não sou mais uma criança.

— Ah, me perdoe. Com estes meus olhos, todos parecem crianças. O que quero perguntar a você é o seguinte: posso tentar adivinhar seu nome?

Isso lhe pareceu estranho, mas, ei, por que não?

— Certo. Vá em frente.

— Excelente. — O velho entrelaçou os dedos e fechou os olhos, se balançando de leve para a frente e para trás. — Hm. Sim. Você tem um nome de realeza, acho. Um nome antigo. Inglês. Não é Charles. Nem Henrique ou Tiago. Eduardo? Não, não. Acho que começa com A — disse ele. Artie sentiu as mãos se fecharem. Em seguida, o homem parou de se balançar, abriu as mãos e os olhos e lançou a Artie um olhar que o deixou com os joelhos bambos. — Você se chama Arthur!

Artie não conseguia acreditar. Então, de repente, a mensagem do jogo *Outro Mundo*, aquela que ele tanto se esforçara para esquecer, o acertou como um raio: *Arthur. Em uma semana, você virá até mim na TI. Você é especial, Arthur, e necessito de seus serviços e poder. Espero por você há muito tempo. Seu humilde criado, M.*

A TI. Torre Invisível.

O que fazia desse velho o tal M.

Artie deu um pequeno passo para trás ao perceber que o *Easter egg* na verdade não fora uma coincidência.

Então, uma ideia tola surgiu em sua mente. Ele disse:

— É, e você deve ser Merlin, né?

As palavras, embora fossem suas, soaram-lhe completamente ridículas. Arthur e Merlin, sozinhos em uma loja nerd de quadrinhos e colecionáveis chamada Torre Invisível.

O velho sorriu e respirou fundo antes de falar:

— Já fui chamado de muitos nomes, caro Arthur, alguns gentis e outros terríveis. Ultimamente sou conhecido como Lyn. Muitas das crianças que gostam da minha loja costumam me chamar simplesmente de “cara”, o que é um pouco absurdo, mas não me importo. Mas Merlin... Minha Nossa.

Artie sentiu um grande nó na garganta. Engoliu em seco e perguntou:

— Espere aí... Então você é... tipo, Merlin?

— Arrá! Lá vem você de novo. E fala com tal facilidade! Parte do encanto já foi quebrada. As primeiras pedras começaram a desmoronar. Tão cedo e já estou em dívida com você.

Artie ficou bem confuso, além de um pouco assustado. Ele perguntou:

— Do que está falando, senhor?

O homem ignorou o temor de Artie e disse:

— Arthur, meu garoto, talvez você não acredite, mas existe certa mágica aqui que me manteve distante de meu nome verdadeiro há quase mais tempo que posso me lembrar... — O velho olhou para o teto e, em seguida,

para a enorme mesa. Depois, voltou a Artie. — Merlin! Nem mesmo eu fui capaz de dizê-lo! Merlin. *Merlin!* — A cada vez que falava, sua voz ia ficando mais e mais baixa, até ele sussurrar: — *Merlin.*

Artie perguntou, sem forças:

— O que exatamente você quer dizer?

— Que você é especial, meu garoto. Você me vê como sou. Muitas pessoas olham para mim e talvez *comecem* a pensar em Merlin, mas então a ideia some da mente delas. Mas você não! Você me vê como sou — repetiu ele, maravilhado. — Diga-me: o que é mais estranho na minha aparência?

Artie sentia-se muitíssimo desconfortável, mas aquela era uma pergunta simples de responder.

— As tatuagens, senhor — disse ele.

O velho abriu um grande sorriso.

— Exatamente. Venha aqui, quero lhe mostrar algo.

Artie não queria ir a lugar algum com aquele velho maluco, embora algo no tom dele o tivesse encantado. Precisava ouvir o que aquele cara tinha a dizer. Ele falou:

— Para falar a verdade, senhor, eu gostaria de ficar onde estou. Se o senhor tiver algo para me mostrar, terá que mostrar daí.

O homem abanou as mãos como que para reconfortá-lo e disse:

— É claro, é claro. Pronto. Olhe.

Ele abaixou-se para pegar um pequeno televisor colorido, que pôs na mesa. Artie levou um segundo para perceber que estava olhando para as imagens das câmeras de vigilância da loja. As prateleiras, as caixas de brinquedos, a porta da frente, a mesa. Ali estava ele, e lá estava o velho. O homem tirou o chapéu da cabeça. Havia algo diferente. Artie deu um passo à frente e olhou de perto. O homem no monitor era careca, mas não parecia ter uma única tatuagem na cabeça. Artie virou-se rapidamente para o homem, que assentiu. A cabeça dele estava claramente assinalada com um monte de linhas, runas e formas entrecruzadas, todas feitas com tinta

escura. Artie olhou de volta para a tela. Era como se o homem na tela estivesse com a cabeça limpinha.

— Como está fazendo isso?

— É assim que a maioria das pessoas me vê. Como falei, Arthur, você é especial. Você é muito especial, meu garoto.

Um calafrio percorreu a espinha de Artie.

— Especial? Você quer dizer que há algo errado comigo?

— Não, não! Não há nada de errado com você. Você é o rei Arthur, o único que pode quebrar o encanto e dizer o meu nome. O que significa, é claro, que eu *sou* Merlin!

Aí já era demais. Que se danasse o controle especial de Kay. Não havia a menor chance de aquele velho ser o verdadeiro Merlin, e Artie, uma espécie de reencarnação do rei Arthur. O que isso queria dizer? Que ele era o rei da Inglaterra? Artie nem nunca tinha ido à Inglaterra!

Certamente ele estava ficando maluco. Sim, era isso.

Artie recuou.

— Eu, hm, tenho que sair daqui, senhor. Acho que o senhor é provavelmente só um velho louco e tatuado, e eu não deveria estar conversando com o senhor.

Sem olhar para onde ia, ele deu de cara com uma prateleira e seu corpo girou um pouco. Artie teve que desviar o olhar para se firmar, e quando virou para o outro lado, o homem havia saído de trás da mesa e estava bem ao seu lado.

Artie afastou-se rapidamente em direção à saída, mas enquanto o fazia, o velho estendeu as mãos e implorou:

— Por favor, criança, ouça! Você é especial! Um rei, juro! Pergunte a seu pai, se não acredita em mim! Pergunte como você chegou até ele!

— Eu sou adotado, já sei disso!

Artie já estava na metade do caminho para a porta. Seus instintos diziam para ele se virar e sair correndo, mas algo na força da voz daquele homem prendeu sua atenção. Era como se estivessem lançando um encanto nele.

O velho continuou:

— Sim, mas pergunte a respeito do Sr. Polegar. Pergunte a ele de onde você veio. Pergunte hoje a Kynder, e se ele também lhe disser que você é especial, então queira por gentileza pensar em voltar aqui amanhã. Não há nada a temer! Se você me deixar lhe mostrar algo, então o controle é seu... e de Kay também, é claro!

— Kay... como você sabe o nome da minha ir...

Ele estava muito perto da porta agora.

— Eu sei muito sobre você, Arthur. Você não tem motivos para ter medo de mim. Você é o meu rei! Você é o meu rei e estou agora, e por toda a eternidade, a seu serviço!

Artie tropeçou ao passar pela porta e foi atingido pela ofuscante luz do dia enquanto aquelas palavras absurdas ecoavam em seus ouvidos. Mal prestando atenção, ele atravessou a calçada trôpego e voltou para o mesmo táxi. Sem dizer uma só palavra, o motorista partiu em alta velocidade até o Hilton.

EM QUE DESCOBRIMOS QUE ARTIE É UM FILHO PERFEITAMENTE NORMAL E ADORÁVEL



Quando Artie voltou ao quarto do hotel, ele mentiu, dizendo que a loja estava fechada mas que estaria aberta na manhã seguinte, antes de o torneio começar, e que ficaria feliz em voltar lá para comprar um controle para a irmã. Kay ficou um pouco mais tranquila, e Kynder ficou satisfeito por não precisar se preocupar com o assunto. Então passaram o resto do dia quietos, pelo quarto e na piscina da cobertura do hotel.

Artie não fez menção alguma sobre o velho — o feiticeiro, ou Merlin, ou seja lá o que fosse —, mas não conseguia parar de pensar nele.

Tentar dormir aquela noite foi uma tortura. Como aquele cara sabia os nomes de Kay e Kynder? Será que tinha usado magia em Artie? Aliás, será que essa história de magia existia mesmo? Será que Artie estava ficando maluco?

Só podia ser isso.

Mas, mesmo que estivesse enlouquecendo, aquele tal de Merlin tinha tocado na pergunta cuja resposta Artie mais ansiava por saber: de onde ele tinha vindo? Kynder nunca lhe contara, preferindo fingir que aquilo não era importante por sua família ser tão maravilhosa, embora pequena. Ainda assim, como muitas crianças adotadas, Artie não conseguia deixar de imaginar se tinha vindo de algum lugar — ou de *alguém* — especial. Ele não queria forçar Kynder a lhe dizer nada, pois amava muito o pai, mas agora, mais do que nunca, precisava saber se tinha vindo de alguém *importante*.

Ele decidiu fazer o que o velho lhe dissera e perguntar. Assim, quando Kay bocejou na outra cama, Artie tentou se acalmar e sussurrou em meio à escuridão:

— Kynder?

— Hm?

— Está acordado?

— Mais ou menos, Arthur. — Kynder virou-se e esfregou o rosto com força. — O que foi?

Artie sussurrou:

— Eu ouvi você conversando com ela ontem.

Kynder hesitou. Depois, falou, com um suspiro:

— Você... ouviu?

— Sim. Não se preocupe, não contei para Kay.

Kynder pareceu triste quando respondeu:

— Nem eu.

— Tudo bem. É melhor assim. Mas não é sobre isso que quero falar com você. É que a ligação me fez pensar. Sabe, sobre como você me pegou. Você pode me dizer como foi? Por favor?

Kynder suspirou e respondeu:

— Eu adotei você, Arthur, você sabe disso. A mãe de Kay e eu adotamos você, e pouco tempo depois ela nos deixou. Foi isso.

Artie respirou fundo e, em seguida, disse:

— Sim, mas é que tenho pensado bastante sobre isso ultimamente e quero saber mais. Olhe, não me pergunte como, mas ouvi alguém falar sobre o Sr. Polegar. Por favor, você pode me contar o resto?

É claro que Artie não sabia nada sobre o Sr. Polegar, mas tinha que arriscar.

E funcionou. Após alguns momentos, Kynder ergueu um pouco o corpo na cama e começou a falar. O que ele contou foi mais ou menos isso:

Em uma noite clara de setembro, Kynder e sua ex-esposa foram acordados por um terrível som vindo da babá eletrônica de Kay: um

repentino e horrível ataque de tosse.

Kynder pulou da cama e correu até o quarto da filha, com a ex-esposa logo atrás. A porta de Kay estava entreaberta e eles viram a luz cálida do abajur iluminando o corredor. A bebê tossia e ofegava desesperadamente.

Mas ela logo parou, e a luz do quarto ficou bem mais forte. Isso, somado ao silêncio de Kay, fez com que Kynder e a ex-esposa ficassem paralisados de espanto.

Kynder respirou fundo e continuou a história:

— Aí Kay começou a rir, a luz se apagou e entramos no quarto. Ela estava no berço, com o cabelo todo arrepiado. E ao lado dela, surgido do nada, estava você. Os dois estavam se encarando. Foi, bem... desorientador, para dizer o mínimo.

— De onde eu vim?

— Sinceramente, Artie, ainda não faço ideia.

Kay virou-se na cama e grunhiu.

Artie e Kynder olharam na direção dela, em silêncio. Depois de se certificar que ela ainda estava adormecida, Kynder continuou, aos sussurros:

— Minha ex-mulher ficou muito confusa e assustada, mas, por algum motivo, eu não. Vi como você estava, troquei sua fralda e dei mamadeira. Você era um menininho gorducho e saudável, e você e Kay pareciam felizes juntos, o que ajudou a me acalmar ainda mais, mas não à mãe de Kay. As coisas que aconteceram naquela noite e no dia seguinte a modificaram para sempre, e para pior.

Artie sentiu um leve aperto no coração ao ouvir isso: a mãe de Kay os abandonara por causa dele.

Kynder prosseguiu:

— Pelo resto da noite, ficamos em estado de choque. Vocês dois adormeceram tranquilamente, mas eu e minha ex-mulher não conseguíamos pegar no sono. Fomos até a cozinha, preparamos café e resolvemos que na manhã seguinte chamaríamos a polícia. Ainda não entendo por que

não fizemos isso na mesma hora, mas foi o que aconteceu. E aí entra a história o Sr. Polegar. Enquanto fazíamos o café, o telefone tocou, e do outro lado da linha havia um homem que se identificou assim. Ele tinha um sotaque britânico e queria falar sobre você. Eu só pude dizer: “Vá em frente.”

Kynder parou por um segundo.

— Imediatamente ele se referiu a você como Arthur Kingfisher, como se você já fizesse parte da família. Ele disse que não era coincidência você ter vindo até nós... quer dizer, para mim e para Kay... e que nós três devíamos ficar juntos. Disse também que às três da tarde iríamos receber uma encomenda da FedEx com um monte de documentos que facilitariam sua adoção pela nossa família. Eu tentei fazer perguntas, mas ele me interrompia o tempo todo, e, quando terminou de me contar o que iria acontecer, desligou. E eu não tinha como ligar de volta... Ainda em choque, nós esperamos. Vocês dois acordaram, e eu alimentei e vesti você. Você e Kay passaram a manhã brincando juntos tão felizes que, de um jeito muito estranho e real, você *parecia* mesmo fazer parte da família. Na verdade, para mim você já era. Sei que pode parecer estranho, mas era como um encantamento. Daquele momento em diante, eu o amei como a um filho. Só que não posso dizer o mesmo quanto à mãe de Kay, e no fim das contas ela não conseguiu lidar com tudo aquilo. Em menos de um ano ela nos abandonou, e até ontem, nunca mais tinha ouvido falar dela. Ela nos deixou porque não conseguia se adaptar a você, mas, Artie, não foi culpa sua. A culpa foi exclusivamente *dela*.

Artie afundou a cabeça no travesseiro e sussurrou um agradecimento, embora estivesse se sentindo péssimo. Kynder colocou a mão no ombro do filho e continuou:

— Então, às três horas em ponto, a campainha tocou. Era o entregador da FedEx. Apenas um entregador normal com uma prancheta, sorrindo. Eu assinei para confirmar o recebimento do pacote, entrei e abri. Dentro havia tudo o que o Sr. Polegar tinha dito que haveria. Ainda atônitos, e mal

trocando uma palavra um com o outro, eu e a mãe de Kay nos sentamos, lemos tudo, preenchemos os dados e colocamos os documentos nos devidos envelopes antes de levarmos a encomenda aos correios. Em uma semana recebemos a confirmação do estado da Pensilvânia de que você era nosso. O resto, como dizem, é história.

Kynder voltou a se deitar. Artie não sabia o que dizer. Kay parecia completamente adormecida.

Por fim, Artie perguntou:

— Então isso é tudo?

— Sim, é tudo.

Artie tomou fôlego mais uma vez e perguntou:

— Então isso quer dizer que sou especial ou algo do tipo? Que sou, tipo, uma aberração da natureza? Quer dizer, de *onde* eu vim?

Kynder demorou um tempão para responder. Mas, ao fazê-lo, pareceu triste, feliz, aliviado e, ao mesmo tempo, muito sincero:

— Como eu disse, Artie, realmente não faço a menor ideia. Já tentei me convencer de que você é normal, mas o fato é que você não é. Um dos motivos pelos quais você é especial foi a maneira como apareceu em nossas vidas. Bem, que eu saiba, você pode ser um extraterrestre, ou uma fada, ou até mesmo um androide do futuro. Mas, Artie, para mim isso não importa. Nada disso importa. Eu amo você mais do que o meu coração pode suportar, se é que isso é possível. Para mim, você é especial por uma única razão: por ser meu filho. Meu perfeitamente normal e adorável filho.

EM QUE ARTIE RETORNA AO SEU HUMILDE CRIADO



Bem, a conversa foi o suficiente. Antes de dormir aquela noite, Artie sabia que, de um jeito ou de outro, definitivamente voltaria à Torre Invisível. Talvez o velho soubesse mais sobre sua origem. Talvez até conhecesse o tal Sr. Polegar.

Na manhã seguinte, Artie levantou-se cedo e avisou a Kynder e Kay que estava saindo para pegar “o melhor controle customizado de Xbox desse lado do Mississippi”. Disse que logo estaria de volta.

Pegou um táxi até a loja — com um outro motorista, graças a Deus —, mas quando chegou lá, viu que estava fechada. Artie começou a bater na porta, que muito rapidamente se abriu. Artie entrou, mas não havia ninguém ali. O sino tocou de novo, dizendo “Bem-vindo”. Talvez os sinos falassem, afinal.

Ele entrou e seguiu até o fundo da loja. Atrás da grande mesa preta estava o velho, vestindo uma camisa havaiana e uma bermuda jeans e o mesmo chapéu *porkpie* e o cordão com pingente de madeira do dia anterior.

— Olá, meu garoto! Estou tão contente em vê-lo. O que...

Artie tinha ensaiado na cabeça exatamente o que iria dizer, então encheu-se de coragem e pôs tudo para fora:

— Espere um minuto, senhor. Deixe-me dizer algo. Perguntei a Kynder, como o senhor me pediu, e ele me contou umas coisas que acredito que o senhor já saiba e que não vou precisar repetir. Principalmente porque isso tudo parece muito maluco.

— Certo.

— Sim, bem, a questão é que meu pai disse que não sabe ao certo de onde eu vim, mas que o Sr. Polegar ajudou com a minha adoção. Mais ou menos isso. Bom, o senhor disse ontem que é Merlin e que eu sou o rei Arthur. Isso ainda soa completamente doido para mim... e realmente não acredito no senhor... mas se isso me ajudar a descobrir algumas coisas sobre minha origem e também a conseguir aquele controle antes que o torneio da minha irmã comece, estou disposto a cooperar. O senhor só tem que prometer que responderá a algumas das minhas perguntas, e que vou sair daqui a tempo.

O velho entrelaçou os dedos e os pousou na pequena mas protuberante barriga. Ele disse apenas:

— Combinado.

Artie respirou fundo. Nunca tinha ficado tão nervoso em toda a vida, mas algo na confiança que aquele homem parecia depositar nele o fez sentir-se fortalecido e determinado.

Para Artie Kingfisher, a sensação era novidade. O valentão da escola, Frankie Finkelstein, nem o teria reconhecido.

Artie disse:

— Certo, então o senhor é Merlin. De verdade?

— De verdade.

— Tudo bem. E tem quantos anos?

— Cerca de mil e setecentos, por aí.

— Uau. Certo, não acredito nisso, mas que seja.

— Não se preocupe, você vai acreditar.

— E o senhor acha que eu sou o *rei* Arthur.

— Correto. Mas não apenas acho... eu sei que você é. E posso provar, se tiver fé e um pouco de tempo para mim.

— Veremos. Quem é o Sr. Polegar? Meu pai?

Merlin riu.

— Meu Deus, não, meu garoto! Polegar é mais fada que homem.

— Certo, então *quem* é o meu pai?

— Hm. Essa é uma pergunta mais difícil. A resposta curta é Uther Pendragon.

— E minha mãe?

— Rainha Igraine.

— E onde eles estão?

— Mortos, meu garoto! Há séculos!

Artie franziu as sobrancelhas e disse:

— Não entendo.

— É claro que não entende! Por favor, Arthur...

— Artie. Só Kynder me chama de Arthur.

Merlin assentiu.

— Por favor, Artie, venha comigo. Deixe-me mostrar o que você veio ver. — Merlin afastou-se da mesa e fez um gesto chamando Artie para se juntar a ele. — Temos que ir até o porão. Não se preocupe. Você manda, Artie. Nada de ruim vai acontecer. Venha.

— Não sei não — disse Artie lentamente.

Ele estava bem em dúvida. Mas, ainda assim, havia algo dentro dele que não desejava nada além de acompanhar aquele tal de Merlin.

— Valerá a pena. Depois, o controle será seu.

— Não vai demorar muito?

— Não se preocupe com o tempo, posso cuidar disso.

— Como? Com um encanto ou algo do tipo?

— É, algo parecido.

— Então o senhor é um... — Artie se interrompeu, sem acreditar no que estava prestes a perguntar — ... você é um mago de verdade, então?

— Meu querido garoto, que pergunta mais absurda! Eu sou Merlin! Que tipo de Merlin eu seria se não fosse um mago?

Artie não podia negar que isso fazia sentido. Se é que tudo isso estava de fato acontecendo, é claro.

Artie deu de ombros.

— Bem, não parece.

— O que você esperava? Estamos no século XXI. Os robes deixam entrar muito frio. E o chapéu pontudo saiu de moda há séculos, meu senhor.

Que estranho, ser chamado de senhor.

— Eu não consigo acreditar nisso de jeito nenhum — disse Artie, tanto para si próprio quanto para Merlin.

Merlin o ignorou; foi até a cortina atrás da mesa e a abriu.

— Venha comigo — implorou ele.

E, relutantemente, Artie o seguiu.

* * *

O porão de Merlin era diferente de tudo que Artie já tinha visto.

O espaço era muito comprido. Na verdade, Artie não conseguia enxergar seu fim. Sob o teto havia três arcadas de tijolos lado a lado, com cerca de dois metros e meio de largura cada e colunas simples de ferro para sustentá-los. Merlin parou para pendurar o chapéu no primeiro cômodo, uma antessala que continha cabideiros para roupas e chapéus, uma comprida fileira de sapatos no chão e uma pia para se lavar.

Após pendurar o chapéu e pegar uma bengala leve de bambu, Merlin foi até o cômodo seguinte, gesticulando para Artie segui-lo. Foi o que ele fez.

Passar pela primeira arcada foi como ser transportado de uma casa aconchegante para uma selva quente e úmida. Todas as paredes e superfícies do local estavam cobertas por plantas de todos os tipos. Merlin passou rapidamente por ali sem fazer qualquer comentário, seguindo para o terceiro cômodo.

Aquele também estava repleto de plantas, mas era muito frio, quase congelante. Se o primeiro parecia uma selva da América do Sul, o atual parecia um cume do Himalaia. Mas havia seres vivos ali também.

Plantinhas agarravam-se desesperadas a pedras, e pequenas sempre-vivas retorcidas cresciam nas paredes e no chão. Artie percebeu que dava para enxergar sua própria respiração. E o mais estranho era que naquele cômodo corria uma brisa acentuada, embora não parecesse haver ventiladores ligados.

Eles passaram por mais cômodos. Um era atravessado por um riacho; outro estava cheio de computadores e equipamentos de vídeo; um era um laboratório de química em pleno funcionamento; pelo menos três continham jaulas com os mais diversos tipos de animais exóticos. Havia uma sala repleta de chamas de diversas cores, sendo que nenhuma delas emitia calor, e havia um cômodo totalmente feito de gelo glacial azul, mas que não era nem um pouco frio. Havia cinco salas cheias de livros, pergaminhos e tapeçarias, cada um deles com um bom lugar para se sentar. Havia uma sala cheia de armas para combate corpo a corpo, de todos os lugares e épocas. Uma das salas continha duas celas e algumas algemas com correntes presas às paredes; o cômodo tinha cheiro de mofo e de ar parado. Havia locais comuns também: uma cozinha, uma sala de estar totalmente moderna, uma sala de jogos e uma sala com uma esteira de caminhada e halteres.

Depois de terem passado pela primeira sala da selva, Merlin havia começado a falar como um guia turístico:

— Sabe, Artie, nenhuma pessoa, fada, troll ou qualquer outro ser senciente além de mim e do Sr. Polegar passa por essas salas há muito, muito tempo. Para todos os efeitos, você é a primeira pessoa a ver todos esses lugares. Sim, já passei vários dias aqui embaixo me distraindo. E vou lhe dizer que não dei lugar à preguiça! Além de toda a magia das antigas que conheço, aprendi bastante sobre a ciência moderna aqui embaixo. Na verdade, um pouco do segredo da magia é que uma boa parte é feita de truques científicos. Ah, existem feitiços verdadeiros, que alteram a estrutura do espaço, tempo e substância e tudo o mais, mas parte significativa do encanto é feita de biologia, química e física aplicada.

“Além de aprender as ciências naturais, também me tornei um ótimo programador e um hacker mediano. Foi assim que consegui enviar aquela mensagem para você, é claro, no *Outro Mundo*. Santa Internet, que maravilha!

“Mas enfim... Ouça, Artie, esta é a triste e dura realidade: você é o rei Arthur, queira ou não, e eu sou Merlin, e nós fomos reunidos de propósito. A verdade pura e simples é que você está aqui para me ajudar. E eu vou, com o máximo da minha capacidade, fazer tudo que puder para ajudar você.”

Artie apenas seguia automaticamente o velhote. Não estava mais nervoso; agora estava apenas estupefato.

— Hm, certo.

— Então, você já ouviu falar da espada na pedra, certo?

— Acho que sim. Aquela que só o rei Arthur consegue tirar. Excalibur, né?

Merlin o olhou por cima do ombro e gritou:

— Errado! Excalibur não é a que está presa à pedra... não, a Excalibur está com a Dama do Lago. A *espada na pedra* é a prima da Excalibur, Cleomede. É como uma guardiã da Excalibur. Se você conseguir manuseá-la durante uma batalha, então terá provado que é digno da Excalibur, e assim esta lhe será concedida pela Dama do Lago.

Artie parou em uma sala cheia de engrenagens giratórias, giroscópios e esquisitas bobinas que lançavam pequenos raios umas nas outras. Merlin deu mais dois passos ansiosos antes de perceber que seu convidado tinha ficado paralisado. Ele se virou com a cabeça erguida.

Artie disse:

— Espere. Você disse “batalha”?

— É claro, meu garoto! Você é o rei Arthur! Um dos maiores guerreiros que o mundo já viu!

Artie sabia que isso *com certeza* não era verdade. Ele perguntou:

— Por “batalha” você quer dizer, tipo, batalha de verdade?

Merlin balançou a cabeça de um jeito despreocupado, vagamente tranquilizador, e disse:

— Não, batalha de mentirinha.

Fez-se um breve silêncio, e Artie soltou a respiração.

Mas logo Merlin deu uma risadinha e completou:

— É claro que é uma batalha de verdade, Artie! Não se preocupe, pois para você isso não será mais difícil do que jogar *Outro Mundo*. Eu já vi você jogando. Sabe jogar *video game* muito bem.

Aquilo até podia ser verdade, mas a questão era que Artie não era um lutador. Pensar em participar de uma batalha — o que parecia um milhão de vezes pior do que uma simples briga — deixou-o incrivelmente assustado. Ele era uma criança que, em toda a sua vida, nunca tinha dado um soco, nem para revidar. Não tinha intenção de seguir aquele velho até as profundezas de seus calabouços, ou seja lá o que fossem aquelas salas malucas, só para acabar envolvido em uma luta de verdade.

E o pior: uma luta de *espadas* de verdade.

Artie tentou mudar de assunto, preferindo, como em geral fazia, ignorar seus problemas.

— Kay joga melhor do que eu. Talvez o senhor devesse conversar com ela. Ei, o que me lembra... Preciso mesmo ir embora.

— No devido tempo. Lembre-se, se quer aquele controle, precisa deixar que eu lhe mostre algo.

— E o que exatamente seria isso?

— Venha. Estamos quase chegando.

O velho virou-se e retomou a caminhada através das salas misteriosas.

Enfim chegaram ao fim da linha. A última sala tinha mais ou menos metade da altura das outras, e Artie teve que se curvar um pouco para não bater a cabeça nas pesadas vigas de madeira que sustentavam o teto. As paredes eram feitas de grandes pedras de granito úmidas, e o chão era de terra. Merlin entrou sem ter que se curvar.

Na parede de pedras do outro lado do cômodo havia uma porta de madeira que batia na cintura, com aros, dobradiças e uma grande maçaneta de latão, bem no meio.

— Chegamos — disse Merlin. — O quarto dos fundos. O carro de passageiros, como gosto de chamar. E, no carro de passageiros, há uma porta muito especial. Ela tem até um nome: Sra. Trilhadora. Dependendo do que eu disser, ela pode se abrir para uma variedade de locais.

— E você quer que eu passe por ela?

— Precisamente. Quero que passe por ela e vá a um local não muito distante daqui, chamado Monte da Serpente. Já ouviu falar?

— Não.

— Bem, o Monte da Serpente é uma efígie pré-colombiana de terra, construída por pessoas que pertenciam ao que chamamos hoje de cultura Fort Ancient, mais ou menos pelo ano 1000 da era cristã.

Artie fingiu saber do que Merlin estava falando e comentou:

— Ah, sim, claro. Já ouviu falar.

— Que bom! Fica em Peebles, Ohio, cerca de cem quilômetros a leste de Cincinnati. Eu nunca estive lá, mas sei bastante sobre o local. O principal para nós, e a razão pela qual você vai até lá, é que se trata de um ponto de cruzamento.

— Um ponto de cruzamento?

— Sim. Existem milhares desses pontos ao redor do mundo, mas, com algumas poucas exceções, estão todos fechados há muito tempo.

— Mas cruzamento com o quê? E para onde?

— Neste caso, para a espada na pedra.

— A espada na pedra... fica em Peebles, Ohio?

— Não, não! Não seja ridículo. Fica no Outro Mundo.

— No jogo?

— Não exatamente, mas os dois possuem algumas semelhanças, como você logo descobrirá.

— Sinto muito, Merlin, mas estou realmente confuso.

— Mas é claro! É por isso que estamos fazendo com que essa sua primeira viagem ao *verdadeiro* Outro Mundo seja rápida e agradável. E é por isso também que vou enviar alguém que possua um pouco de conhecimento do local junto com você.

— Você não vem comigo?

— Acho que não, Artie. Infelizmente sou obrigado a ficar aqui. Mas o Sr. Polegar ofereceu ajuda de muito bom grado.

Com essas palavras, Merlin esticou o braço para trás e pegou uma pochete de couro. Artie não conseguiu entender como não tinha reparado naquilo antes, pois era enorme e desajeitada. O mais estranho era que a frente da pochete era transparente, como uma janelinha, através da qual emanava uma luz azul constante. Merlin abriu a pochete e enfiou a mão ali, mas não procurou nada — apenas colocou a mão lá e esperou. Depois, tirou, espiou dentro da mão e disse algo bem baixinho em um idioma que Artie não conseguiu compreender. Por fim, Merlin mostrou-lhe a palma.

Ali havia um minúsculo homenzinho, menor que um polegar, vestido de branco e carregando uma pequena bengala vermelha. Ele sorriu e falou, com uma voz bem mais alta do que sua diminuta estatura:

— Olá, Artie! Sr. Pequeno Polegar ao seu dispor. Você está pronto para deixar sua marca no mundo?

Enquanto o sotaque de Merlin era difícil de definir, o de Polegar era definitivamente britânico.

— *Pequeno* Polegar. *Aquele* Pequeno Polegar.

— O próprio, jovem, o próprio.

— Eu pensei que você fosse de contos de fadas... não da história do rei Arthur.

— Bem, minha história tem sido desvirtuada ao longo dos séculos. De fato, fui e sou completamente membro da mitologia arthuriana. Foi Merlin quem me fez, e o rei Arthur I gostava tanto de mim que me transformou em um cavaleiro da Távola Redonda!

Merlin assentiu quando Artie resmungou:

— Pequeno Polegar. Não acredito nisso.

— acredite, jovem! Procure-me na Wikipédia! Está tudo lá, tintim por tintim!

— Ah, então tá...

— Certo! Bom, agora, nos dê sua mão. — Perturbado, Artie obedeceu. O homenzinho saltou da mão de Merlin para a de Artie. — Vamos. Nada como o presente, como eu sempre digo!

Sem perder um segundo, Merlin ajoelhou-se em frente à porta e começou a cantar baixinho. Artie considerou a possibilidade de que ali as pessoas ficassem apenas sentadas e conversando com as portas o tempo inteiro. Por que não?

Ele também pensou em virar as costas e correr o mais rápido que podia para longe dali.

Mas então Merlin parou de falar e a porta começou a se abrir. O velho pulou para trás, e Polegar bateu na mão de Artie com sua bengala e disse:

— Bem, então vamos! Pé na estrada, jovem!

E antes que Artie se desse conta, estava segurando com cuidado um homem em miniatura em uma das mãos enquanto usava a outra para se abaixar e rastejar por uma pequena porta mágica chamada Sra. Trilhadora.

DE COMO ARTIE E POLEGAR VÃO ATÉ A ESPADA NA PEDRA



— *Coloque-me no chão*, você está me apertando!

Artie colocou Polegar no chão e levantou-se. Estavam em um gramado que se elevava suavemente, cercado por uma floresta. Era o meio da madrugada, e, ao notar isso, Artie teve um momento de pânico. Como já era noite? Por que ele estava fazendo aquilo? Tudo por causa de uma droga de controle de *video game*?

Não — estava fazendo aquilo para descobrir algo sobre si próprio. Algo muito estranho, ao que parecia.

Como se fosse capaz de ler os pensamentos do garoto, Polegar comentou:

— Fascinante, não é? Merlin é capaz de fazer algumas coisas estranhas acontecerem.

— É... não estou me sentindo muito bem.

Artie estava com um frio na barriga.

— É porque acabamos de sair do dia e entrar na noite. Seu relógio biológico está descontrolado. Tente não pensar nisso. Agora, me siga.

Eles seguiram em frente.

O ar estava abafado e denso, e a lua cheia, bem alta no céu. Uma brisa sussurrou por entre as árvores, e um avião passou bem lá no alto.

Conforme Polegar corria ao longo da colina relvada, Artie percebeu que aquele devia ser o Monte da Serpente. Definitivamente tinha o formato de uma cobra, e os dois não demoraram a alcançar a cabeça, que parecia estar engolindo um grande ovo.

Polegar parou abruptamente e disse:

— Fique ali.

— Onde?

— Ali! Você precisa ficar na garganta oriental. Eu vou até a ocidental!

Artie não sabia o que era uma garganta, mas seguiu as instruções do homenzinho.

Ao olhar para baixo, o garoto viu que um pouco à esquerda havia um caminho de relva iluminado por uma nesga de luar. Ele entrou na área iluminada e disse:

— Pequeno Polegar? Acho que você está um pouco maior.

— Sim, também acho!

Agora ele estava com cerca de quinze centímetros de altura. Polegar procurou o local certo, parou de modo decidido e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Polegar cresceu meio metro. Agora ele estava com uns setenta centímetros de altura, e todas as suas roupas ainda lhe cabiam perfeitamente. De repente, um arco de luar brotou de onde os dois estavam, unindo-se acima das suas cabeças. Do arco desceu uma tênue cortina de luz, e assim que ela tocou o chão Polegar saiu de onde estava e a abriu com sua bengala — só que a bengala havia se transformado em uma pequena espada curva, envolta por uma bainha vermelha de veludo em estilo meio asiático.

— Venha, meu jovem, por aqui — chamou Polegar.

Artie foi até Polegar, e o pequeno britânico fez um gesto indicando que deveria passar pelo portão da lua. Assim, os dois seguiram em frente.

E então se viram em um lugar totalmente diferente.

Ainda estavam do lado de fora, e ainda era noite, mas não havia mais luar e a escuridão era plena. Polegar tirou uma minilanterna do bolso, ligou-a e começou uma corrida leve. Artie o seguiu, e Polegar começou a falar em um sussurro intenso:

— Ouça, as coisas vão acontecer em uma rapidez incrível. Faz tempo que não se abre uma porta entre os mundos, então é bom estarmos preparados para encontrar alguém. Com sorte isso não vai acontecer, mas nunca se sabe. Você pega o que for preciso, e depois vamos embora.

Artie estava morrendo de medo. Sentia-se muito idiota por seguir aquelas pessoas esquisitas para onde quer que fossem. Mas, àquela altura, ele tinha que entrar no jogo.

— E o que eu tenho que pegar? — perguntou ele.

— Oras, a espada na pedra, é claro!

Ah, isso.

Eles correram pelo solo seco, seguindo a luz oscilante da lanterna de Polegar. Artie não conseguia enxergar bem os arredores, mas eles pareciam estar correndo por uma trilha campestre. Seguiam a toda quando, de repente, Polegar parou e apontou sua espada, ainda embainhada, na direção da escuridão. Artie congelou.

— Sshh! — fez Polegar.

Ele segurou a lanterna com a boca e, sem fazer ruído, tirou a espada alguns centímetros da bainha.

Artie não ouvia nada. Polegar sussurrou entre os dentes:

— Ali!

Ele direcionou o fecho de luz para o centro de uma clareira gramada na qual havia uma pedra pontuda com pouco mais de um metro de altura. Projetando-se do promontório havia o punho de uma espada.

Ele ordenou:

— Lá está, jovem; vá pegá-la!

O coração de Artie acelerou e o garoto sentiu seu sangue percorrer todo o corpo.

Ele foi rapidamente até a rocha, tapando a luz que Polegar apontava para o objetivo daquela missão.

A pedra era bastante fácil de escalar. Quando chegou ao topo, Artie colocou uma das pernas de cada lado da espada castigada pelo tempo e a

empurrou para a frente com o pé. Ela não saiu do lugar. O garoto inclinou-se e sacudiu o cabo da espada; ela não se moveu. Erguendo-se, ele se virou na direção da luz e disse:

— Parece estar bem firme!

— Silêncio, jovem! Agarre o punho e acabe logo com isso!

Artie ouvia apenas a própria respiração e as batidas aceleradas do próprio coração.

— Então tá — retrucou rispidamente.

Então ele abaixou-se e envolveu o punho da espada com as mãos. Não sentiu nenhum frêmito de sorte e não viu nenhuma magia brilhante. Que tolice. A espada estava presa; poderia muito bem fazer parte da rocha.

Mas então ele começou a se erguer e, inacreditável e facilmente, a espada se moveu!

Deslizou facilmente pela fenda na rocha.

Então agora Artie tinha uma espada, mas não se sentia diferente por isso. Certamente não se sentia como um rei ou algo do tipo. Artie a segurou à frente, com a ponta para baixo, e a observou como se olhasse para um boletim escolar com notas ruins ou um copo de leite azedo.

Ele virou-se para Polegar para perguntar se já podiam ir agora, mas, antes que pudesse dizer algo, ouviu um som que fez suas pernas bambearem e seus cabelos se arrepiarem.

A luz balançou sem direção, e a lanterna de Polegar caiu, rolou para o lado e parou. Fosse lá o que estivesse se aproximando, era algo que quebrava galhos sob os pés e movia-se muito rapidamente na direção de Artie. O garoto ouviu a espada de Polegar sendo retirada da bainha e depois os grunhidos do homenzinho à direita, o *vush* de sua espada cortando o ar, seguido bem de perto por dois sonoros *pops* e um horripilante *crec* abafado. Os sons pareciam mover-se ao redor da clareira, da direita para a esquerda.

Polegar deu um grito e, em seguida, exclamou:

— Atrás de você, jovem!

E, naquele instante, Artie ouviu algo lançar-se pelo ar.

É desnecessário dizer que Artie Kingfisher nunca tinha segurado uma espada antes, que dirá manejado uma durante uma batalha de verdade. Por outro lado, ele havia passado incontáveis horas empunhando espadas, adagas, machados, lanças, piques, bestas, bastões, martelos e arcos longos, todos virtuais, nos jogos de *video game*. E com toda a atividade de jardinagem dos Kingfisher, estava bem acostumado com picaretas, saca-areias e pás.

Aquela espada, no entanto, não tinha nada a ver com um saca-areia.

Conforme Artie virava-se para encarar o que quer que estivesse voando na sua direção, o tempo desacelerou e ele se viu inteiramente consciente de duas coisas.

Primeiro: aquela espada era incrivelmente leve, e tinha um equilíbrio perfeito, talvez até certa sede de sangue.

Segundo: a coisa que voava em sua direção era ao mesmo tempo familiar e horripilante. Tinha aproximadamente o tamanho de um labrador, mas seus olhos eram amarelos, os dentes eram superlongos e vermelhos como rubi, e a pele era verde iridescente. Suas patas com garras douradas, que deviam ter pelo menos uns dez centímetros, avançavam na direção de Artie como uma águia atacando sua presa.

A espada ainda estava apontada para baixo, levemente na transversal, e a criatura estava a apenas alguns centímetros de distância. Artie reagiu, descrevendo um longo arco com a espada. Foi como acertar uma bola no jogo de beisebol, em câmera lenta. A espada cortou a pele e perfurou o pescoço da coisa. Artie sentiu o calor do sangue da criatura na sua nova arma.

A cabeça do animal voou por cima do ombro direito dele e seu corpo sinuoso caiu pesadamente à esquerda, bem depois da pedra.

Artie tinha acabado de matar algo que estava tentando matá-lo.

Nunca havia se sentido tão vivo em toda a sua vida.

— Ha-ha! Isso aí! — exclamou Polegar, da escuridão. Ele pulou até a clareira, recuperou a lanterna e correu até a pedra. — Desça daí, e vamos

embora — vociferou.

Artie ainda estava em choque.

— Eu por acaso acabo de...?

— Sem dúvida, meu garoto!

— Aquilo era... aquilo era um dragão?

— Correto! Não era exatamente um dragão, mas um dragãozinho.

— Você quer dizer um filhote de dragão? Digo, um filhote de dragão *verde*? Porque estava na cara que aquela coisa era uma versão em miniatura de Caladirth, o irritante monstro do *Outro Mundo*.

— Sim, jovem. Seres diabólicos, não?

— Hã... é.

— Peguei dois deles ali em cima, na mata.

Na mesma hora, Artie pensou em algo.

— Será que eles têm um pai ou mãe, ou algo parecido?

— Muito provavelmente, jovem. É por isso que precisamos resolver essa questão e cair fora!

Polegar não precisou falar duas vezes.

O garoto saltou de cima da rocha. Polegar arranjou uma pequena corda e gesticulou, indicando a espada. Artie a entregou, e o homenzinho improvisou uma faixa para que ele pudesse carregar sua nova arma. Enquanto fazia isso, Polegar falou rapidamente:

— Não consigo entender por que essas criaturas estavam aqui. Não vejo por que haveria necessidade de colocar algo para vigiar a pedra... — Ele entregou a espada de volta para Artie, que, agitado, a pendurou no ombro. Polegar, ainda pensando em voz alta, continuou: — Céus, esses dragõezinhos são muito estranhos, realmente estranhíssimos!

Polegar virou-se de novo e, a julgar pelo seu olhar, se esqueceu repentinamente do que o preocupava. Examinou Artie superficialmente e abriu um largo sorriso.

— A espada, Cleomede, transforma-se em você, meu garoto.

Artie não se importava nem um pouco com aquilo no momento.

— Pequeno Polegar, não temos que sair daqui o quanto antes? — perguntou ele.

— Ah, sim! É claro que temos! Para o portão da lua, jovem!

Polegar virou-se e correu de volta para a trilha pela qual haviam chegado até ali, com Artie logo atrás.

Enquanto corriam em silêncio, Artie pensou: “Acabo de matar algo com uma espada. *Acabo de matar algo com uma espada. ACABO DE MATAR ALGO COM UMA ESPADA!*”

Mas então sua mente se esvaziou quando um som diferente de tudo que já ouvira surgiu atrás deles. Soava em parte como um lamento, e em parte como um grito, e em parte como um alarme de incêndio bem escandaloso. Ele olhou para trás e viu um enorme brilho verde iluminar as árvores de onde a espada na pedra estivera. Artie e Polegar pararam por um momento. Polegar virou-se para Artie com uma expressão de terror e gritou:

— Vamos, jovem, o mais rápido que você puder!

Eles partiram a toda, e, apesar de ser bem menor, Polegar conseguiu acompanhar o ritmo de Artie sem muito esforço.

O som atrás deles mudou. Agora parecia uma enorme máquina sendo ligada, ou uma rajada de vento saindo de um fole gigantesco.

Era o som de asas começando a bater.

— Não olhe para trás, meu garoto! — implorou Polegar.

Artie não tinha intenção de fazer isso. Ele viu o portão da lua à frente e correu ainda mais rápido. Polegar fez o mesmo. Os dois alcançaram o portal em velocidade máxima e mergulharam de cabeça.

Artie olhou para trás. Não havia nada ali. Apenas a mata que circundava o Monte da Serpente, em Peebles, Ohio, em uma bela noite de luar.

— O que foi aquilo, Pequeno Polegar? — perguntou Artie, sem fôlego.

— Isso é que é escapar por um triz, meu garoto, não acha?

— Ah, é! Mas era mesmo um dragão?

— Não tenho certeza, mas o ruído que fazia era sem dúvida o de um dragão.

Artie começou a se afastar de Polegar, que encolhera, voltando ao tamanho diminuto. O garoto levou a mão até o ombro para tocar o punho de sua espada. Era demais para ele.

Ele deixou-se cair no chão com as pernas cruzadas. Polegar foi até o menino e colocou uma das mãos na perna dele. Com um suspiro, disse:

— Sei que tudo isso é novo para você, jovem.

— Nem me fale. Coisas assim não acontecem, Pequeno Polegar. Estou conversando com um homem do tamanho de uma bola de beisebol... E acabamos de matar três filhotes de dragão... Coisas assim não acontecem.

Polegar olhou sério para Artie.

— Goste ou não, coisas assim *acontecem*, sim, e não sei se você sabe, mas vêm acontecendo com você a sua vida toda. Você se saiu bem até agora, mas pode acreditar, vai ter que fazer muito mais antes do fim dos seus dias. Sei que isso não faz muito sentido agora, mas um dia vai. Juro que vai.

Artie respirou fundo e assentiu.

— Tudo bem. — Ele se levantou. — Agora vamos voltar e falar com Merlin. Quero pegar aquele controle e voltar para minha família.

Polegar assentiu.

— É claro, jovem.

Eles seguiram em silêncio pelo caminho de volta até o Monte da Serpente. Quando alcançaram o local por onde haviam passado pela Sra. Trilhadora, Polegar bateu no chão. A área começou a brilhar, e logo a luz se tornou tão intensa que Artie ficou momentaneamente cego. Quando o brilho se dissipou, ele viu que estava de volta ao porão de Merlin, na primeira sala, ao pé da escadaria.

O homenzinho, ou fada, ou seja lá o que fosse, disse:

— A pia fica ali. Por que não lava o rosto e as mãos?

Artie foi até lá e jogou água no rosto e nos antebraços. Ao fazer isso, notou um líquido laranja escorrendo pelo ralo.

Sangue de filhote de dragão.

Que ótimo.

Quando ele terminou, Polegar o examinou de cima a baixo e disse:

— Novo em folha. Merlin está esperando lá em cima. Ele lhe dará o que você veio buscar.

Artie olhou por sobre o ombro e viu o punho da espada ainda às suas costas. Era tão leve.

— Certo — falou.

— Eu o verei em breve, jovem. Você e eu ainda teremos muitas aventuras, com A maiúsculo!

Artie achava que já tinham vivido uma aventura com A maiúsculo, e não estava tão certo de que queria outras.

Atordoado, ele subiu alguns degraus arrastando os pés antes de se virar para trás.

— Ei, Pequeno Polegar, obrigado por cuidar daquelas coisas lá.

— Não há de quê, jovem. Alguém tem que cuidar de você. Agora, ande!

Na loja, Merlin estava conversando com duas crianças um pouco mais novas que Artie. Um adulto atrás deles folheava uma *graphic novel*. De repente Artie se deu conta de que ainda estava com a espada. Merlin interrompeu os clientes no meio da conversa, virou-se para Artie e disse, baixinho:

— Não se preocupe, eles não conseguem vê-la. Olhe nos monitores de vídeo.

Artie olhou e, realmente, não havia sinal algum de Cleomede. Em seguida, Merlin elevou a voz e disse:

— Crianças, vocês estão com sorte. Este jovem aqui provou ser merecedor de uma das minhas mais raras posses! Ele conquistou o Controle Dourado!

— Não acredito! — exclamou o garoto, expressando imediata admiração por Artie.

— Achei que ninguém pudesse comprar esse controle! — disse a garota, aparentando mais decepção do que espanto.

— Não “ninguém”, pequena, eu só não o daria a *qualquer um*. Artie é o nome desse jovem, e ele é muito especial. Vá em frente, Artie, fique à vontade. Pegue o controle, mas volte amanhã, quando o torneio tiver terminado. Ainda temos assuntos a tratar.

Artie foi até a vitrine, que tinha ficado aberta desde a hora em que ele partira para sua aventura surreal, e pegou o controle. Era bem mais pesado do que ele esperava. Ele o colocou na sacola aberta que Merlin lhe estendia e foi até a saída.

— Chamei um táxi para você — gritou Merlin. — E lembre-se de amanhã, meu senhor!

Meu senhor. Levaria um tempo até ele se acostumar com isso.

Artie entrou no táxi amarelo que estava parado em frente à loja e em menos de cinco minutos voltara ao hotel. Estava tão distraído que, ao descer do veículo, não ouviu o jovem motorista gritar:

— Vejo você por aí, garoto!

Artie colocou Cleomede no ombro da maneira mais discreta que conseguiu. Ninguém dissera nada a respeito ou prestara qualquer atenção a ele.

Ele tinha uma espada invisível? Sério?

O garoto passou pelo saguão, entrou no elevador lotado e ninguém o encarou. Passou pela faxineira no corredor onde ficava a porta de seu quarto e ela se limitou a cumprimentá-lo.

Ele tinha uma espada invisível. Sério.

Então abriu a porta do quarto. Kay e Kynder estavam descansando nas suas camas. Quando Artie entrou, Kynder ergueu o corpo, apoiando-se nos cotovelos, e disse:

— Aí está você. Eu estava começando a ficar preocupado.

Ele também não tinha notado a espada.

— Não tinha com que se preocupar! — disse Artie, apreensivo. — Tome. Veja se gosta, Kay.

Artie tirou o controle da mochila e o entregou a ela. Kay o pegou sem tirar os olhos do irmão, mas Kynder pareceu não notar.

— Bem, o controle parece bem legal, Kay — disse Kynder. — Acho que vai funcionar bem no torneio, não?

— Ah, sim, vai servir — respondeu ela.

— Ótimo — disse Kynder rapidamente. — Vou tomar um banho.

— Legal — disse Kay.

Kynder foi até o banheiro e fechou a porta. Artie não se mexeu.

Então sua irmã perguntou:

— O que é *isso*?

Artie disse, sem forças:

— É o seu maldito controle.

— Eu sei disso, esperto, mas estou falando *disso aí*. — Ela apontou na direção dele e acrescentou, com um sussurro desesperado: — *A espada!*

— Que espada?

— Hm, essa espada medieval enorme pendurada no seu ombro!

— Você consegue enxergá-la?

— É claro que sim.

— Ninguém além de mim consegue. Kynder não viu. O taxista também não. Ninguém mais consegue vê-la!

— Mentira.

— Não é mentira. Olhe, vou apoiar a espada nessa parede aqui, e espere para ver se Kynder diz alguma coisa.

— Uau. Tudo bem. Mas você está louco.

— Talvez.

Artie abaixou a espada e, enquanto fazia isso, acabou pensando em tudo o que tinha acontecido. Ele havia conhecido Merlin. O Pequeno Polegar o tinha guiado. Ele tirara a espada da pedra. Tinha visto e matado um filhote de dragão. Era, ele próprio, o rei Arthur e, embora não tivesse a menor ideia do que isso significava, estava orgulhoso de si mesmo.

Não sabia explicar por que tudo aquilo fazia sentido, mas de repente fazia.

Ele olhou para Kay.

— Mais tarde, depois que você vencer o torneio, acho que as coisas vão ficar um pouco mais claras.

— Como assim?

— Vocês... você e Kynder... temos que voltar àquela loja. Você vai ver.

— Ver o quê?

— Não posso explicar.

— Artie, *o que* está acontecendo?

— Depois do torneio — respondeu ele.

Kynder saiu do banheiro de roupão, para pegar uma camisa limpa antes de entrar no chuveiro. Kay disse:

— Ei, Kynder.

— Sim, Kay.

— Está vendo alguma coisa estranha aqui dentro?

— Hm, não. Vocês dois são um pouco estranhos às vezes, mas gosto de vocês mesmo assim — disse ele, com um sorrisinho.

— Não é disso que estou falando, mas obrigada pelo elogio. O que quero saber é: está vendo alguma coisa estranha naquela área? — perguntou Kay, apontando diretamente para a espada.

Kynder olhou para Kay sem entender nada, depois encarou a parede para a qual a filha apontava e voltou a olhar para ela.

— Você está bem, Kay?

— Não está vendo nada de estranho ali?

— A menos que você ache a parede estranha, não. — Kynder balançou a cabeça. — Você tomou muita Coca-Cola ontem? — perguntou ele, voltando para o banheiro aos resmungos. — Sério, não sei por que deixo vocês fazerem o que querem.

Kay estava atônita.

— Artie, *o que* está acontecendo? — Ela foi até a espada e a tocou, antes de pegá-la. — Nossa, como é leve. — Ela virou a espada nas mãos. Depois, examinou a lâmina de perto e indagou: — Artie, o que é isso? É *sangue*?

O garoto que viria a ser rei apenas acenou com a cabeça timidamente.

Kay acalmou-se, adorou o novo controle e basicamente acabou com todos os oponentes no torneio de *video game*, em tempo recorde. Sua vitória foi tão incrível que Kynder disse que o novo controle era “inspirador”. Ele insistiu em, antes de deixar a cidade, os três irem visitar “essa tal de Torre Indivisível” para demonstrar sua gratidão.

Assim, às cinco e meia eles estavam diante da entrada principal da Torre Invisível.

Kynder puxou a porta, e eles entraram.

Assim como Artie, também Kay e Kynder ficaram bastante impressionados com o lugar. Kynder seguiu imediatamente até um estojó cheio de *action figures* antigos. Kay foi até as prateleiras de histórias em quadrinhos. E Artie apenas aguardou Merlin.

Após um minuto ou dois, o velho entrou no corredor central e foi na direção de Kay, que, folheando uma edição de *Os novos vingadores*, sequer notou a presença dele.

Quando parou ao lado dela, ele disse, com uma voz aveludada e suave:

— Olá!

Kay soltou um grito. Depois, ao dar uma olhada no velho, ela comentou:

— Uau! Belas *tattoos*, vovô.

— Ah! Que bom que você consegue vê-las. — Artie foi na direção deles enquanto Merlin sussurrava, com um ar conspiratório: — Nem todos conseguem, sabe. Seu irmão consegue. Seu pai não.

— Que nem aquela espada maluca que está com Artie?
— Exatamente.
— Então foi o senhor que deu aquilo a ele?
— Não. Ele teve que conquistar a espada. Na verdade, ele deve entregá-la a você assim que recuperar a Excalibur.

A menção a Excalibur não fez Kay nem piscar. Ela folheou o gibi, e então disse:

— Sério? Legal, acho. Não sei bem por que Artie tem uma espada, mas é bem bacana ser uma arma invisível e tal.

Artie pôs-se ao lado de Kay e disse, meio sem jeito:

— Mana, este é o... bem, o nome dele é Merlin. E ele tem a ver com...

Kay interrompeu o irmão:

— Espere. *Merlin*? Você está de brincadeira comigo?

Artie sacudiu a cabeça. Merlin colocou a mão no ombro da menina e disse:

— Não é brincadeira, minha querida. Sou o mago Merlin, e seu irmão é um rei, e você é a escudeira dele.

Kay virou-se para o irmão e indagou:

— Artie, do que esse velhote está falando?

Artie esticou os braços e respondeu:

— Apenas ouça o que ele tem a dizer. Eu sei que parece maluquice, mas apenas ouça, certo?

Kay fez uma careta e virou-se para o velho.

— Tudo bem, vovozinho. Vou fazer o que Artie pediu, mas quero que saiba que está começando a me dar calafrios.

Merlin sorriu.

— É claro que estou, minha querida! Não é todo dia que você conhece um mago! Venha. Vamos encontrar seu pai.

Kay revirou os olhos e disse:

— Tudo bem, que seja.

Eles seguiram até o fundo da loja, com Merlin chamando:

— Kynder Kingfisher? Venha até aqui, por gentileza.

Kynder veio lá do fim do corredor e, quando deparou com eles, estendeu a mão. Como Merlin bem dissera, ele pareceu não notar as tatuagens do velho.

— Olá, senhor! Parece que as crianças já lhe disseram meu nome, mas vamos oficializar. Kynder Kingfisher. Prazer em conhecê-lo.

O velho apertou a mão dele e disse:

— Posso lhe assegurar que o prazer é todo meu, Sr. Kingfisher. Meu nome é Merlin.

— Bem, fico feliz em conhecê-lo — disse Kynder, sem se abalar, como se o nome do velho fosse algo tão comum quanto Steve.

— Igualmente. Se me permite dizer, você fez um ótimo trabalho com as crianças.

— Obrigado — respondeu Kynder. — E obrigado também por vender aquele controle da sorte a Artie. Eu nunca tinha visto alguém jogar *video game* tão bem como Kay jogou hoje. Realmente, é até difícil dizer, mas foi quase mágico!

Merlin abriu um sorriso.

— Quem diria! Fico contente por ter sido útil e agradeço pela gratidão. Como cortesia, gostariam de fazer um passeio rápido?

— Seria ótimo, não é mesmo, crianças?

Tanto Artie quanto Kay concordaram.

— Fantástico! — disse Merlin, juntando as pontas dos dedos. — Bem, vocês já conheceram a loja, então vamos ver as coisas interessantes de verdade, que ficam no porão.

Merlin foi para trás da mesa e abriu a cortina, esticando uma das mãos, convidando-os a entrar. Kynder aceitou o convite e seguiu para os fundos da loja.

— Lá vamos nós, acho — disse Kay.

Artie, que vinha por último, confirmou:

— Sim, lá vamos nós.

E desceram as escadas.

* * *

Kynder não conseguiu ver *todas* as coisas interessantes — porque ficou impressionado demais com a segunda sala. Assim que eles entraram na estufa tropical, Kynder ficou de boca aberta, pasmo como uma criança em uma loja de doces.

— Minha Nossa, olhem essas orquídeas raras! — Kynder apontava para diversas flores pela sala. — Uma faio e um amor-perfeito. Ah, olhem! Qual é o nome daquela ali, Merlin?

— Uma *Dracula cutis-bufonis*.

— Meu Deus, é medonha! É deslumbrante!

— Obrigado, Sr. Kingfisher. O que acha de ficar aqui com essas maravilhosas plantas enquanto Kay e Artie continuam o passeio comigo? Tenho algumas coisas para discutir com eles.

Extasiado, Kynder respondeu, meio distraidamente:

— Claro, claro, tudo bem.

— Ótimo. Então sigam-me, crianças.

Ele os levou pelas mesmas salas que Artie tinha visto no dia anterior, que aliás lhe pareceram tão fantásticas quanto na primeira vez.

Artie prestou bastante atenção na irmã. Ele estava contente em ver que não era o único que não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Ainda assim, a boca aberta e os olhos arregalados de Kay o deixaram um pouquinho mais assustado. O que não conseguia acreditar que estava acontecendo *estava acontecendo*.

Finalmente eles chegaram a uma confortável sala de estar, e Merlin parou. A sala tinha três poltronas de couro macias dispostas ao redor de uma mesa de centro redonda.

— Por favor, sentem-se — disse o velho.

Eles obedeceram, e Merlin ficou em pé atrás da cadeira, de frente para eles.

Kay observou a sala. As paredes consistiam basicamente de prateleiras cobertas com pergaminhos mofados e volumes de muitas páginas. O recinto tinha um cheiro antiquíssimo, e a luz fraca vinha de arandelas. Além dos livros, uma prateleira inteira era ocupada por um elaborado terrário aberto, no meio do qual havia um objeto em formato de cogumelo feito com peças de Lego. Quando olhou com mais atenção, ela viu janelas na parte superior do cogumelo e uma porta após uma ponte levadiça no caule robusto. Na frente da casa de cogumelo, em um caminho de musgos, havia uma pequena mesa com uma cadeira. Então, de repente, ela viu algo se mover atrás de uma das janelas. Ela balançou a cabeça, mas então notou outro movimento: a silhueta de um homenzinho. Seu coração acelerou. Para disfarçar o nervosismo, ela apontou para a mesa de centro e brincou:

— Então, gente, isso aqui é, tipo, a primeira reunião dos novos cavaleiros da Távola Redonda?

Merlin riu e disse:

— Bem, não tinha pensado dessa maneira, mas é sim!

Artie deu um tapa nos joelhos e, com uma autoridade fora do comum, declarou:

— Tudo bem... Se esta é a Távola Redonda, eu sou o rei Arthur e você é meu feiticeiro, então por que não nos fala tudo o que tem a dizer?

Kay deu um soco de brincadeira no ombro do irmão e disse:

— É isso aí, Vossa Alteza!

Merlin ficou igualmente impressionado. Ele sentou-se e olhou fixa e atentamente para as crianças da família Kingfisher. Em seguida, disse:

— Muito bem. Por onde devemos começar?

— Por que não contamos a Kay sobre o que aconteceu ontem? — sugeriu Artie.

Merlin assentiu e começou:

— Bem, como você sabe, Artie veio aqui em busca de um controle especial para o seu torn...

— Espere! — interrompeu Artie. — Por que não chamamos *Polegar* para contar a ela?

— Ah! Boa ideia. Polegar?

Kay perguntou:

— Polegar? Quem é Polegar?

A resposta veio do cogumelo de Lego. Uma voz disse:

— Eu sou Polegar. Pequeno Polegar. A seu dispor!

Kay balançou a cabeça. Ali, perto da pequena cadeira no musgo, havia um homenzinho de no máximo dez centímetros. Ela levantou-se rapidamente e exclamou:

— O que é isso? Por acaso é algum tipo de brincadeira?

Merlin levantou-se, esticou a mão para que Polegar subisse nele e voltou a se sentar. Kay continuou de pé, sem tirar os olhos do homenzinho por um instante.

Artie colocou a mão no braço da irmã:

— Kay, eu sei que isso é loucura, mas *aquele* é o Pequeno Polegar.

Ela se deixou cair de volta na poltrona, dizendo:

— Igual ao dos contos de fadas dos irmãos Grimm, ou qualquer coisa assim?

Polegar respondeu:

— O próprio, minha querida, embora eu não tenha de fato feito parte da família Grimm. A verdade é que sempre fui amigo de Merlin, além de ser muito estimado pelo rei Arthur em pessoa. Para sua informação, você está olhando para um legítimo cavaleiro da Távola Redonda!

— Artie, por favor, me explique o que está acontecendo — implorou Kay, cansada.

Artie sorriu e, em vez de explicar, pediu a Polegar que o fizesse. Então, com muita classe e a tranquila confiança britânica, Pequeno Polegar contou a Kay tudo sobre a aventura pela qual haviam passado para tirar

Cleomede da pedra, e sobre como tinham conseguido, juntos, matar três asquerosos filhotes de dragão.

Quando ele terminou, Kay perguntou em voz baixa:

— Mas como isso pode ser verdade?

— Bem... — começou Artie.

Mas Kay teve um lampejo de compreensão. Ela o interrompeu, perguntando:

— Isso tem alguma coisa a ver com o que Kynder contou a você ontem à noite? Sobre como você apareceu no meu berço? Sobre a mamãe?

Ela *ouvira*. Artie sentiu um aperto no coração.

— Minha querida Kay, tem tudo a ver com isso! — disse Merlin, todo animado. — Por favor, posso contar um pouco do que sei? Primeiro vou explicar por que você está aqui, e depois falarei sobre o Outro Mundo.

— O Outro Mundo — repetiu Kay, categoricamente. — Tipo, o jogo?

Artie foi quem respondeu:

— Mais ou menos. É o *verdadeiro* Outro Mundo. Foi lá que eu peguei a espada.

— Ah, sei — disse Kay, sem expressar emoção alguma.

Merlin os interrompeu, gesticulando. A biblioteca foi transformada. Tudo ao redor floresceu, virando um mundo de árvores gigantes e céu purpúreo. Aparentemente, o conto de Merlin seria ilustrado.

O mago limpou a garganta e começou:

— Pequeno Polegar e eu vivíamos no Outro Mundo. Em um lugar chamado Sylvan.

— É uma das terras do jogo! — comentou Artie.

— Sim, e é isto que vocês estão vendo nesta sala.

— Sylvan é a Irlanda do Outro Mundo — disse Polegar, saudoso. — Passei alguns bons anos lá.

Merlin prosseguiu:

— O Outro Mundo é o irmão deste mundo. Não é uma realidade alternativa, mas um lugar escondido, sobreposto a esta realidade de

maneiras sutis e invisíveis. Este lado compartilha muito com o outro: árvores, plantas e criaturas; a atmosfera; o planeta e sua localização no Sistema Solar; e o tempo. De certa forma, os mundos alimentam um ao outro; por exemplo, quando os animais ficam extintos aqui, se mudam para lá. Mas em outros aspectos, os mundos são completamente diferentes: enquanto aqui se retira energia do petróleo e carvão, lá a fonte de energia é surpreendentemente limpa e só é encontrada daquele lado; enquanto temos pessoas em excesso aqui, eles têm pouquíssimas; e enquanto temos a ciência e o progresso, eles têm a magia e a imutabilidade. O Outro Mundo foi onde aprendi toda a minha antiga arte, e anseio por retornar a ele.

— Uau — disseram Artie e Kay ao mesmo tempo.

— Sim. É um lugar extraordinário, e que não vejo há muito, muito tempo. Na verdade, não vejo sequer um trecho do céu ou um caminho gramado *neste* mundo aqui faz o mesmo tempo. A Torre Invisível é a minha prisão, sabem. Uma aliança de bruxos e feiticeiros do Outro Mundo conspirou, primeiro para assassinar o rei Arthur original e, depois, para me prender. Estou aqui há quase mil e quinhentos anos, incapaz de descobrir um jeito de escapar. Até agora.

— Quer dizer até Artie aparecer? — perguntou Kay.

— Precisamente. O que me lembra o motivo pelo qual vocês estão aqui. Artie, preciso da sua ajuda. Em suma, preciso que você me liberte desta prisão. — Merlin parou de falar, e o silêncio foi pesado. Ele juntou as mãos, como se estivesse rezando, inclinou-se na direção de Artie e prosseguiu, baixinho: — Nossos destinos estão entrelaçados, meu senhor. Somente com sua ajuda, e a ajuda de sua espada, Excalibur, conseguirei a chave para destruir a Torre Invisível que se eleva acima deste prédio em Cincinnati, Ohio.

— Você quer dizer que realmente existe uma torre lá em cima? — perguntou Artie, com a voz fraca.

Merlin recostou-se e disse:

— É difícil de acreditar, mas sim.

Kay não se impressionou tanto.

— Certo, então por que está aprisionado? Não quer dizer que você fez algo de errado? E, se for esse o caso, por que deveríamos ajudá-lo?

Merlin franziu o cenho e respondeu:

— Boas perguntas, Kay. A resposta simples é que não sou mau, e que preciso ser libertado para poder ajudar você e seu irmão a salvar o Outro Mundo... e este mundo também.

Kay lançou um olhar desconfiado para Merlin por um bom tempo, e então disse:

— Eu não percebi que o mundo precisava ser salvo, vovô. Claro, está uma bagunça e tudo o mais, mas não é como se fosse explodir a qualquer momento, não é?

— Não, não a qualquer momento. Mas aí é que está: a energia, a vida e a magia fluíram livremente entre os mundos por um longo período de tempo. Mas aqueles que me aprisionaram aqui acreditavam que o Outro Mundo, o mundo *deles*, ficaria mais seguro se fosse isolado do lado de cá. Então, eles fecharam todos os pontos de cruzamento e separaram as realidades gêmeas da terra. Isso é ruim porque, se elas continuarem separadas, não haverá chance de este lado obter acesso à fonte de energia limpa do Outro Mundo. E, se este lado não encontrá-la, então estará condenado. Os habitantes de lá não se importam com este lado há mais de mil anos, mas esqueceram que compartilham o destino deste mundo. Tudo está interligado. No final, eles também sofrerão com as marés altas, o calor, a seca, inundações e doenças. Humanos, fadas e todas as outras raças morrerão, e o conhecimento e a magia fenecerão com eles. Precisamos impedir que isso ocorra.

— Mas como? — perguntou Artie, sentindo de repente que sua perna tremia descontroladamente.

— Primeiro, me tirando daqui. Depois, reconectando os mundos e restabelecendo o seu reino. E, por último, derrotando aqueles que

matarem Arthur I, me capturaram e fecharam os caminhos entre os mundos mais de mil e quinhentos anos atrás.

Polegar acrescentou:

— Precisamos pôr fim ao reino da repugnante bruxa Sra. Morgana de Fenland e seu filho bastardo, Mordred!

O cenário rural ao redor deles escureceu e foi coberto por uma vegetação densa de videiras, trepadeiras e musgo.

— Fenland. Isso também tem no jogo — sussurrou Artie.

Ele sabia que Fenland era onde se cumpriam as missões mais difíceis.

— Tem razão, mas você não encontrará Morgana no jogo — comentou Merlin. — Ela é real e perigosa demais para habitar algo tão objetivo como um jogo. Certamente a esta altura ela sabe que Cleomede foi retirada da pedra. Ela tentará evitar que você pegue Excalibur, mas assim que você conseguir pegar a espada, Morgana provavelmente tentará fazer de tudo para recuperá-la. Ela não vai querer que você a use para me libertar. E também fará de tudo para que não recupere o seu reino.

— Devo dizer, Merlin, que você não está sendo lá muito persuasivo — comentou Kay.

— Não, não será nada fácil, meus jovens, mas estarei com vocês, e nós sabemos que vocês são capazes — disse Polegar, tentando encorajá-los.

Kay falou:

— Tudo bem. E o que acontece se recusarmos?

Merlin remexeu-se inquieto em sua poltrona.

— Então não há esperança. Continuarei aprisionado, e você e seus filhos viverão em um mundo moribundo. A magia, a *verdadeira* magia, vai desaparecer. A ciência deixará de avançar. O destino de Artie não será cumprido. Você, Kay, não descobrirá mais nada sobre sua mãe. E vocês dois ficarão o tempo todo imaginando como a vida teria sido se tivessem dito “sim”!

Fez-se outro silêncio entre eles. As cenas do Outro Mundo projetadas na sala sumiram.

Merlin e Polegar esperaram. Kay cruzou os braços. A perna de Artie continuava a tremer violentamente. No final, ele quebrou o silêncio com uma pergunta:

— Mas por que eu, Merlin? Eu sou só um garoto idiota! Digo, por que eu seria capaz de derrotar as pessoas que você e o verdadeiro rei Arthur não conseguiram?

— Você não é diferente do primeiro Arthur, sabe. Ele também tinha muito medo de seu destino quando tirou a espada da pedra... — disse Polegar, em tom reconfortante.

Merlin concordou com Polegar, e acrescentou:

— O motivo pelo qual você será bem-sucedido, enquanto seu irmão genético não foi, é que desta vez estaremos preparados para a traição que se abateu sobre Arthur I. Desta vez não seremos enganados.

— Espere. Irmão genético? — perguntou Artie, sua cabeça ainda mais confusa.

— Correto. Você é parente de Arthur I: vocês dois foram feitos no Outro Mundo a partir do DNA retirado dos restos mortais dos pais do primeiro Arthur: um osso do dedo do rei Uther Pendragon e um tufo de cabelo da rainha Igraine. Quando você ainda era bebê, eu me arrisquei muito para trazê-lo para cá, para que Morgana não o encontrasse.

— Ué! Então você está dizendo que Artie é um clone? — indagou Kay.

Merlin respondeu:

— Não. Um clone é uma cópia. Tecnicamente, Artie é irmão do rei Arthur.

— Cara. Que louco — disse ela.

Artie franziu a testa e pensou bastante. Colocou a mão no joelho e prendeu a perna para fazê-la parar de mexer. Então olhou para Polegar e, em seguida, para o mago. E disse:

— Não sei. Isso não parece muito divertido, Merlin.

— Bobagem, meu jovem, será a aventura da sua vida! — disse Polegar, ansioso.

— É, vai ser ótimo — disse Kay, com uma grande dose de ironia.

Era óbvio que ela não estava convencida a respeito de nada daquilo, mas, ainda assim, Artie sentia que a irmã estava mais animada do que antes. A ideia de ela ser uma cavaleira, e de ele ser um rei, deixara Kay bem entusiasmada.

— Por favor, Artie — disse Merlin, com a expressão grave, inclinando-se para a frente. — Se aprendi algo durante minha prisão é que o poder tem seus limites. Eu não posso escapar sem você. Você não pode reconectar os mundos sem mim. Eu preciso de você, e os mundos precisam de nós dois. Você está disposto a colaborar? Dará o próximo passo e recuperará a Excalibur? Vai ouvir o chamado de seu destino e se tornar nosso antigo e futuro rei?

Artie estava emudecido. Será que deveria ajudá-los? Se o que Merlin tinha dito era verdade, então sim, é claro que deveria. Mas, além disso, havia outro motivo, mais pessoal. Conforme o tempo ia passando, uma estranha voz ia falando cada vez mais alto dentro de Artie, insistindo: *Você é o rei Arthur!* De repente, ele estava desesperado para saber de onde aquela voz tinha vindo. E sabia que, se dissesse sim, iria descobrir.

Por fim, ele olhou nos profundos olhos cinzentos de Merlin e disse:

— Tudo bem. Vamos buscar minha espada *de verdade*.

— Eba! — gritou Polegar, enquanto Merlin batia com as mãos nos joelhos e levantava-se com um olhar de suprema satisfação no rosto.

Kay disse:

— Certo. Também estou dentro. Vai ser *bem legal* aprender como usar uma espada, acho. Vamos aprender a usar espadas, não vamos, Merlin?

— De fato, Kay — respondeu Merlin, abrindo um sorriso entusiasmado.

— Tenho um livro especial sobre manejo de espadas que quero que você leia. Pratique com a Cleomede. Vocês dois vão precisar.

— Certo — disse Artie, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar naquilo. — Porque, sabe como é, em breve teremos que travar muitas lutas com espadas...

— A gente é muito louco, mano — disse Kay, transbordando com a ansiedade que faltava a Artie.

— Certo. Então qual é o próximo passo, Merlin? — perguntou o menino, ainda pensando em ter uma espada desferindo golpes em sua direção.

Merlin, animado, começou a caminhar enquanto dizia:

— Bem, amanhã, depois que você voltar para casa e tiver uma boa noite de sono, entre no *Outro Mundo*. Tem outro *Easter egg* que você precisa encontrar. Ele o ajudará a recuperar a Excalibur. Além disso, não haverá muito o que fazer até a próxima sexta-feira, quando vocês precisarão se reunir novamente no Monte da Serpente. Ah, e nem se incomode em contar a Kynder sobre nada disso. Ele não vai dar ouvidos.

— Como assim? — quis saber Artie.

— É que lancei um pequeno encantamento em seu pai. Mas não se preocupe, é inofensivo. É que não podemos envolvê-lo nisso. Receio que seria demais para ele. Por enquanto, vocês dois terão um pouco de poder sobre o pai de vocês. Ele fará muitas das coisas que vocês pedirem sem perguntar por quê. E também vai ignorar muitas coisas estranhas que vocês precisarão fazer, mesmo que as façam bem na frente dele.

— Como praticar com a Cleomede — sugeriu Kay.

— Correto — confirmou Merlin.

Artie acrescentou:

— Ou nos trazer até o Monte da Serpente quando pedirmos.

— Correto mais uma vez.

Artie e Kay sorriram um para o outro. Aquilo ia ser divertido.

Merlin ergueu Polegar de volta para sua casa de cogumelo feita de Lego e se alongou. Artie e Kay sentiram uma exaustão repentina. Estava na hora de ir. Eles buscaram Kynder, subiram para a loja, despediram-se de Merlin e foram para o carro.

Antes de entrar, Artie virou-se e tentou imaginar uma enorme torre de pedras projetando-se acima deles. Era bem difícil de visualizar. Uma brisa

fria demais para o verão soprou em seu rosto.

Ele espiou a entrada da loja para ver se havia algum sinal do velho, mas todas as luzes estavam apagadas. Era como se o mago nunca tivesse estado ali.

Kynder passou toda a viagem para casa bem falante, embora Artie e Kay mal abrissem a boca. Ele falou sobre orquídeas, jardinagem e *video game*, e até entrou em um debate sem o menor sentido e muito nerd sobre qual arma era melhor: os sabres de luz ou os *phasers*.

Às onze da noite, eles finalmente chegaram em casa. Artie cambaleou para fora do carro e foi direto para a cama. No dia seguinte ele só acordou às duas da tarde.

Ao descer para a cozinha, encontrou a irmã estudando o manual sobre manejo de espadas. Kynder estava descansando no quintal.

Artie abriu a geladeira e olhou fixamente para o que havia nas prateleiras, sem saber ao certo o que queria ou mesmo se estava com fome. Kay comentou:

— Este livro sobre espadas é uma loucura. Posso brincar com a - Cleomede mais tarde?

Artie fechou a geladeira e virou-se para a irmã.

— Claro. Está no meu quarto. Há quanto tempo você acordou?

— Horas atrás. Não consegui dormir direito. Além de toda aquela maluquice, não consegui tirar aquele tal de Polegar da cabeça.

— É difícil esquecê-lo.

— Sem dúvida. Então você vai jogar, como Merlin disse?

— Acho que sim — respondeu Artie.

A longa noite de sono tinha levado um pouco de sua determinação. No momento, ele não se sentia como rei de coisa alguma.

Artie suspirou, foi até Kay e observou o livro sobre espadas. Nele havia muitas ilustrações douradas e prateadas que praticamente saltavam das páginas. Então ele se virou para a irmã e perguntou:

— Kay, você está preparada para tudo isso?

A resposta dela foi rápida:

— Você sabe que sim.

Artie assentiu e resolveu que era melhor se preparar também. Desceu até a sala de jogos e se conectou ao *Outro Mundo*. Seu personagem, Mentecapto, o Cinzento, ainda estava na toca de Caladirth. Artie não fazia ideia de onde procurar, então foi até a saída da caverna e lá encontrou algo pelo qual não esperava.

Logo depois da abertura da caverna — que antes ficava em uma floresta nevada perto do Vale de Goch — havia um letreiro arqueado em neon piscante, que dizia: “Bem-vindo ao OUTRO MUNDO.” Via-se, depois da placa, uma estrada rural agradável e colorida, em plena primavera, em vez de uma floresta coberta por neve. No meio da estrada havia uma armadura de metal.

O metal da armadura era verde-meleca, e pintado em aerógrafo no peitoral havia a imagem de um ramo de azevinho cruzando um machado de guerra, com uma grande sempre-viva atrás. A viseira estava aberta, e dentro do capacete havia — bem, não havia nada.

Mentecapto deu alguns passos para a frente, e a armadura ergueu a mão para cumprimentá-lo. Falou com uma voz de barítono profunda e ecoante:

— Olá, meu bom senhor! Meu nome é Bercilak... mas todos me chamam de Verdinho, e não quero confusão, posso garantir. — Era uma boa notícia, pois Verdinho manejava um machado de guerra que parecia duas vezes mais ameaçador que o do personagem de Artie. A armadura prosseguiu: — Como diz a placa, estou aqui para lhe dar boas-vindas ao Outro Mundo! Agora, por gentileza, para facilitar nosso encontro, coloque seu fone de ouvido e fale pelo microfone, como se eu fosse um colega jogando com você pelas “Internets”. É isso mesmo?

Artie estava atônito, mas fez o que lhe foi pedido. Quando terminou, ele corrigiu Verdinho:

— Ah, não, na verdade nós chamamos de Internet, só.

— Excelente! Foi mal. É assim que se diz, não?

— É. É isso aí.

— Excelente mais uma vez!

Artie perguntou:

— Como está fazendo isso? Onde foi parar toda a neve?

— Bem, não sei direito do que você está falando, mas recebi uma mensagem ontem dizendo que você nos visitaria, então corri até aqui. Foi aqui que me disseram para encontrá-lo.

— Quem disse? Merli...

Verdinho ergueu a mão e a sacudiu violentamente. A armadura retiniu.

— Nã-não! Por favor, nós tentamos não dizer esse nome aqui! Pelo menos não por enquanto!

— Então espere um pouco, você está aí de verdade?

— Sim, e você também está aí! Se é que você me entende. Sabe, como estou aqui e você está...

— Sim, entendi. Como posso chamá-lo, então?

— Que tal Wilt? — perguntou o cavaleiro.

— Wilt — repetiu Artie, sem acreditar. Kynder tinha transmitido para os filhos seu amor por basquete, e aquele nome lembrava a Artie uma única pessoa. — Tipo Wilt Chamberlain.

— Um pouco longo, mas também serve.

Claramente, o cavaleiro verde não tinha entendido a referência.

— Como Wilt entrou em contato com você?

— Ah, a explicação é muito técnica e não tem tanta importância. O importante é que eu lhe dê algumas orientações e conte o que você deve esperar quando chegar aqui na sexta-feira. Você virá na sexta-feira, certo?

— Acho que sim.

— Maravilhoso! Venha comigo, cavaleiro Mentecapto. Você não se importa se eu o chamar assim, não é?

— Na verdade, pode me chamar de Artie ou cavaleiro Kingfisher. Ou, sabe, de senhor ou algo parecido.

— Ah! Não tão rápido, juvenzinho! Oras, eu ainda nem o conheci. Não de verdade.

Artie começou a mover Mentecapto pela trilha. Verdinho colocou-se ao lado do cavaleiro conforme caminhavam. Artie perguntou:

— Então, como é isso, você também está jogando só que daí?

— Não, não, meu amigo! Eu sou como você me vê. Preste mais atenção no que está vendo. Parece diferente das outras imagens no seu vídeguame?

— *video game*.

— É claro. E então, parece?

Artie não tinha notado, mas parecia mesmo diferente. O que ele via estava mais para um sinal de televisão imperfeito que para o jogo que ele conhecia e amava. Observou o cavaleiro verde, que virou o capacete para olhar na sua direção. Artie perguntou:

— Você está sorrindo?

— Estou! E você? — perguntou o cavaleiro, em um tom conspiratório.

— Você não consegue me ver?

— É claro que não! Eu só o enxergo como uma tênue coluna de luar. Tenho um pequeno fone de ouvido no capacete para poder ouvi-lo.

— Então, se a gente cruzar com alguém, a pessoa só veria você conversando com um raio de luz?

— Exatamente! Mas não precisa se preocupar, tenho uma reputação de excêntrico e tanto. Não seria a primeira vez que me veriam por aí conversando com coisas estranhas!

— As pessoas que vivem aí podem vê-lo, digo, ver o que há dentro da sua armadura?

— Não, não! Eu sou o Cavaleiro Vazio. O que você vê é o que há!

— Certo, Bercilak, vamos continuar, então. Preciso praticar o manejo de espada.

— É claro. O manejo de espadas é uma habilidade essencial. Olhe aqui. O cavaleiro ergueu o braço esquerdo. Artie fez Mentecapto parar.

Ele virou o personagem para ver o que Bercilak estava indicando.

Em meio às árvores havia um lago com a água mais azul que Artie já tinha visto.

O cavaleiro disse:

— Aquele é o Lago. Você virá com Polegar e Kay. Sinto muito, mas não poderei encontrá-lo. Você precisará de uma bússola para chegar à margem oriental. Lá, você vai encontrar uma enorme castanheira... vai por mim, não tem como não ver... e, amarrada à castanheira, uma canoa.

— Ótimo.

— Você vai remar até estar precisamente no centro do Lago, que é fácil de encontrar, pois no lugar exato tem uma boia.

— Entendi.

— Agora, Polegar pode não aprovar algumas coisas que vou dizer para você fazer. Então, finja que ele é o seu pai neste caso e...

— Ignore.

— Exatamente. Ouça com atenção. Você precisa fazer estas três coisas na ordem exata. Primeiro, pegue a Cleomede e mergulhe a lâmina totalmente na água do Lago. Depois vire-a e a segure pela lâmina molhada. Não se preocupe, você não vai se cortar. Não tem como.

— Legal.

— Muito. Segurando-a dessa forma, bata a ponta do punho na base da boia. Mas bem a pontinha mesmo! Faça isso três vezes, a intervalos de três segundos. Depois gire a Cleomede, segure-a acima da sua cabeça, levante-se e grite “Excalibur!”, jogando a Cleomede na água em seguida.

— Certo, entendido.

— Fantástico!

— Depois, o que acontece?

— Sinto muito, garoto, mas meu tempo acabou. Até a próxima!

E assim, do nada, a imagem tremeu e voltou a ser a do jogo. Mentecapto, o Cinzento, estava em uma mata escura e nevada próxima ao congelado Vale de Goch. A caverna de Caladirth estava diante dele, e um grande urso polar erguia-se por trás de um rochedo à esquerda. Era uma criatura de dificuldade média — Mentecapto já matara dezenas delas. Artie usou o controle sem pensar muito e matou o urso, depois pausou o jogo, sentou-se no chão e respirou fundo, a cabeça girando.

EM QUE O REI ARTIE E A CAVALEIRA KAY PRATICAM ESGRIMA!



Ao longo dos dias seguintes, Kay e Artie estabeleceram uma rotina que alternava prática de espada e brincadeiras com Kynder. Merlin tinha razão — Kynder, sob efeito do encanto, era mais uma marionete do que um pai.

Enganá-lo era muito divertido. Os irmãos o fizeram plantar bananeira no quintal por uma meia hora. Disseram que não iam ajudar com as tarefas domésticas por um tempo e que ele teria que fazer a parte deles. Fizeram com que o pai cantasse e dançasse para eles. Fizeram-no preparar panquecas com gotas de chocolate e chantilly para o jantar todas as noites.

Também o fizeram colocar um monte de coisas no quintal: um boneco do tamanho de um adulto feito com sacos de estopa, lençóis velhos e ripas de madeira; garrafas e galões plásticos cheios d'água; e dezenas de fardos de feno. Todos os objetos serviam de alvo para a Cleomede.

Graças ao livro sobre manejo de espada, Artie e Kay aprenderam o seguinte em relação à nova arma: que era uma espada de cavaleiro, também conhecida como espada larga; que tinha dois gumes e dois sulcos, ou “valetas de sangue”, que corriam por todo o comprimento da lâmina; que o cabo de couro era chamado de empunhadura e o metal curvado sobre ele, de guarda; e que a esfera pesada em formato de concha na ponta era chamada de pomo.

Para Artie e Kay, aquilo era sem dúvida a coisa mais legal que já tinham visto.

O livro os ensinou a atacar e a se defender, a se posicionar e a movimentar os pés de forma que pudessem, com o máximo de eficácia,

cortar o inimigo em pedaços e evitar terem o mesmo destino.

E houve ainda o que a própria Cleomede ensinou a Artie e Kay.

Por exemplo, a Cleomede tinha sensações, e as transmitia a quem quer que a estivesse empunhando. Quando cortava a estopa, os meninos percebiam cada fio do tecido do saco rompendo-se sob o gume; quando atravessava as garrafas plásticas, eles sabiam se a água estava quente ou fria; quando deslizava pelos fardos, reconheciam se era trigo ou aveia.

Outra coisa legal era que, por mais que praticassem, eles nunca se cansavam nem ficavam doloridos. Era como se o exercício os renovasse — quanto mais treinavam, melhor se sentiam.

E havia ainda o fato de que a espada conseguia cortar qualquer coisa. Sem esforço, fatiava garrafas *vazias*, que até uma brisa mais forte teria derrubado; partia madeira como se fosse manteiga; cortava uma garrafa de vidro ao meio sem estilhaçar nenhuma das partes; também passou por um atizador de lareira feito de aço com absurda facilidade.

— Isso é totalmente incrível — disse Artie diante das metades do atizador.

Kay não podia discordar.

Ao longo da semana, enquanto eles praticavam, Kynder entrava e saía do quintal, tomando cuidado para não atrapalhar. Nunca censurava nada do que eles faziam. Limpava a sujeira sem reclamar e substituía os alvos por novos sempre que pediam. Estava tão tranquilo diante de todo o caos trazido pela Cleomede que, no meio da semana, Artie e Kay começaram a se sentir culpados por terem feito o pai passar por todas aquelas bobearias.

Em certo momento, enquanto reconstruía o boneco de estopa pela vigésima vez, Kynder virou-se para Kay com um olhar confuso e perguntou:

— Você pode refrescar minha memória sobre o que vocês estão fazendo, Kay?

Kay sorriu para o pai e respondeu:

— Prática de espada, Kynder. Estamos aprendendo como usar nossa espada invisível, a Cleomede.

— Ah, sim. Desculpe, tinha esquecido.

Mais uma vez, Kay sentiu-se um pouco mal, mas não havia o que fazer.

Na quinta-feira, depois do café da manhã, Artie informou a Kynder que ele precisaria levá-los na manhã seguinte, bem cedo, a Peebles, Ohio, para uma visita ao Monte da Serpente. Depois, Artie e Kay resolveram que tentariam cortar alguns objetos bem malucos.

Primeiro, tentaram coisas macias, como barbante, tecido, papel e filme-plástico. Tudo foi cortado facilmente, como se a Cleomede tivesse a lâmina mais afiada do mundo.

Depois de destruir um pedaço de filme-plástico com um lento movimento da lâmina, Artie teve uma ideia. Ele queria ver se conseguia cortar objetos mais duros *lentamente* com a espada. Então, tentaram atravessar uma tora. Funcionou. Depois tentaram um bloco de concreto. Idem. Por fim, Kay pegou um computador antigo na garagem e, muito lentamente e sem esforço algum, enfiou a espada mágica até o punho na torre do computador.

Impressionado, Artie disse:

— Belo trabalho, cavaleira Kay!

Kay puxou a Cleomede do computador e disse:

— Cavaleira Kay! Gostei.

— Cavaleira Kay então será. Eu a nomearei cavaleira assim que obtivermos a Excalibur — disse Artie, com a voz mais majestosa.

— Excelente, meu soberano.

Kay entregou a espada a Artie, que começou a virá-la no ar, pegando-a pela lâmina e depois pelo cabo. Ele se sentia importante, destemido, poderoso.

— Uhum. O que está acontecendo aqui atrás?

Pelo visto eles estavam se sentindo tão bem que nem notaram Qwon de pé no portão do quintal.

Kay e Artie se viraram. A Cleomede estava no ar, e como Artie não pegou a espada, ela caiu com a ponta para baixo, fincou-se no chão e ficou vibrando enquanto sua energia se dissipava.

— Qwon! — falou Artie, engasgado.

Qwon Onakea pisou no quintal com uma das mãos na cintura e um olhar confuso. Ela vestia um short cáqui e uma camiseta do jogador Amar'e Stoudemire, dos Knicks.

Qwon era uma grande fã dos Knicks.

Kay tentou fingir que nada estava acontecendo:

— E aí, Qwon, como vão as coisas?

— Hã, bem.

Ela deu mais alguns passos, entrando no quintal.

— Há quanto tempo você estava aí? — quis saber Kay.

— Há uns dez minutos — disse ela, incredulamente.

— Uau. Certo.

— É, “uau” mesmo. Uau está, na verdade, enfiada no chão do lado de Artie.

Artie tossiu.

— Do que você está falando?

Qwon apontou na direção da espada.

— Daquilo! Daquela espada!

— Aaaaahhhhhh, aquilo — murmurou Artie.

— Não me faça de boba, Artie Kingfisher — disse Qwon. — Você tem uma espada, e pelo que percebi, você... você... parece que você sabe usá-la!

Artie resmungou algo, tentando fingir que estava tudo bem, mas Kay notou o desconforto e puxou a arma do chão. Ela a agitou algumas vezes pelo ar, fazendo-a assobiar.

— Bem maneira, não?

— É verdade — comentou Qwon. — Posso experimentar?

Kay olhou para o irmão. Artie sorriu para a irmã e assentiu.

A garota virou-se para Qwon e disse:

— Claro, tome aqui.

Qwon pegou a espada e a segurou diante de si. Depois, se colocou em uma posição de ataque e moveu a espada depressa pelo ar.

Artie balançou a cabeça e disse:

— Parece que você sabe o que está fazendo, Qwon.

— É claro que sei! Meu avô é um especialista em *kendo*: é um tipo de luta de espadas japonesa, só que com espadas de bambu em vez das de metal. Ele me ensinou um monte de golpes. — Ela moveu a espada outra vez e a observou com ar de aprovação. — Esta é uma boa espada, pessoal.

Kynder veio da casa carregando uma bandeja com uma jarra de limonada. Ao colocá-la na mesa do pátio, disse:

— Oi, Qwon!

Esquecendo-se da estranheza daquela situação, Qwon olhou para cima e disse:

— Ei, Sr. Kingfisher!

Depois, ela lembrou que estava segurando uma espada. Olhou para Kynder, que estava servindo a limonada nos copos dos filhos. Em seguida, virou-se para Artie e perguntou baixinho:

— Ele não liga que vocês brinquem com essa coisa?

— Ah, não — disse Artie, de forma não muito convincente.

— Bem — tentou explicar Kay —, é que, tipo, ele não consegue enxergá-la. É como se estivesse em negação ou sei lá o quê.

Artie foi buscar um pouco de limonada. Ele não sabia bem o que fazer com essa revelação. Como Qwon conseguia enxergar a espada? *Por que* ela conseguia enxergá-la? Será que era para Qwon ser uma de suas novas cavaleiras da Távola Redonda? Ele não sabia ao certo se queria isso. Ele gostava bastante de Qwon, não queria envolvê-la em encrenca.

Por outro lado, ela parecia saber manusear uma espada, o que era muito legal.

Qwon deu de ombros e fincou a Cleomede no chão. Em seguida, foi buscar um copo de limonada e perguntou, inocentemente:

— Como foi que vocês conseguiram isso, aliás?

Artie e Kay olharam um para o outro e, em seguida, de volta para a amiga.

— Pela Internet? — disse Kay, pateticamente.

— Ah tá! Até parece.

Artie disse:

— Mas é verdade. Você não iria acreditar na quantidade de pessoas que vendem espadas pela Internet!

— Verdade? — Qwon abaixou o copo enquanto pensava no que ele disse. — Não acredito. Essa espada parece especial, sabe?

— É, tivemos sorte — tentou explicar Artie.

— Deixa pra lá, Artie. Se você pelo menos me deixar dar uns golpes com ela, eu não me importaria se dissesse que ela caiu de um arco-íris direto nas suas mãos.

Artie sorriu. Ele puxou a espada do chão, segurando-a pela lâmina, e ofereceu o punho para a amiga. Qwon a agarrou, deu um passo para trás e cortou o ar algumas vezes.

Artie poderia jurar que nunca a tinha visto abrir um sorriso tão grande.

SOBRE O ENCONTRO COM O COELHINHO VORPAL E VICTOR X. LANCE



Os três passaram o resto da tarde juntos, tomando limonada, implicando com Kynder e agindo como crianças normais durante as férias.

Se é que crianças brincando com uma espada mágica medieval podem ser chamadas de normais.

Qwon foi embora pouco antes do jantar. A família Kingfisher jantou e foi para a cama mais cedo. Eles teriam um grande dia pela frente.

O trajeto até Peebles, na manhã seguinte, foi bem chato, exceto pelo tempo. O céu estava meio estranho: alternava entre sol forte e sinistras nuvens de tempestade que pareciam prestes a descarregar uma cascata de raios violentos, capazes de partir a terra.

Mas os raios nunca caíam.

Kynder, Kay e Artie chegaram ao Memorial Estadual do Monte da Serpente depois do almoço; estacionaram e pegaram as coisas para o piquenique. Artie pendurou a Cleomede no ombro, e eles procuraram um lugar para sentar e comer. O tempo resolvera ficar bom, e quando eles atacaram os sanduíches já era uma tarde quente de verão.

O plano, organizado por Artie, Merlin e Polegar no fórum do *Outro Mundo*, era que eles se encontrariam às cinco horas, na mata ao norte do topo do Monte da Serpente. Merlin tinha garantido ao garoto que Kynder estaria dormindo depois de uma boa refeição — temperada com um pouco de mágica.

Bem na deixa, precisamente às quatro e quarenta e cinco, Kynder disse:
— Gente, estou exausto. Tudo bem por vocês se eu tirar um cochilo?

Kay, incapaz de conter a ansiedade, disse, toda animada:

— Ah, claro que não, Kynder!

Kynder lançou-lhe um olhar desconfiado e por um breve momento parecia completamente consciente do que estava acontecendo. Depois, sua expressão se acalmou e ele sorriu. Artie pensou que ele parecia alguém com amnésia, lembrando e esquecendo o próprio nome. E aquilo deixou Artie e Kay um pouco tristes; eles queriam o antigo Kynder de volta o quanto antes.

Kynder encostou-se em uma árvore e disse:

— Ótimo. Obrigado, crianças. Só uns quinze minutos, tudo bem?

— Fique tranquilo, Kynder — respondeu Artie.

— Sim, não se preocupe com a gente. Não vamos nos meter em encrenca! — acrescentou Kay, consciente de que estava definitivamente mentindo.

Kynder fechou os olhos e adormeceu no mesmo instante.

Artie pegou a Cleomede, e os irmãos seguiram uma trilha pavimentada até a cabeça da serpente.

Um riozinho turvo na parte oeste do monte murmurava agradavelmente. Mais à frente havia um grande milharal. Tudo ao redor era um cartão-postal perfeito do interior dos Estados Unidos — grandes carvalhos antigos, bordos, freixos e faias espalhavam-se pelas sinuosas colinas com pequenas lavouras. Era uma paisagem rural pitoresca e o último lugar em que alguém esperaria encontrar um portal para a irmã da Terra.

Eles chegaram à cabeça da cobra e perambularam sem rumo enquanto esperavam uma família liberar o lugar, o que só foi acontecer depois das cinco. Artie e Kay trocaram um olhar de apoio mútuo e entraram na floresta ao norte.

A mata era muito densa e escura. Artie e Kay mal tinham dado dez passos e a clareira já estava fora do campo de visão. O som do riacho fora

substituído pelo silêncio, e a luz vindo do oeste estava fraca e amarelada em meio às árvores.

— Onde o homenzinho disse que nos encontraria? — perguntou Kay.

Artie, concentrado nos próprios pés, respondeu:

— Mais cinco passos, se minhas contas estiverem certas.

Deram mais cinco passos e pararam. Estavam em um pequeno vale, a terra ali tomada por raízes retorcidas. O ar parecia inerte e pesado.

— Polegar? Você está aqui? — perguntou Artie às árvores.

Sem resposta.

— Sr. Polegar? — chamou Kay.

Nada ainda.

Um galho estalou à direita. Artie deu um pulo e pegou a Cleomede do ombro em um único movimento fluido. Ele a segurou sem apertar, como o livro tinha instruído, e a sustentou levemente inclinada, com a ponta para cima, pronta para desferir um golpe.

Então um lamento agudo ecoou pela vegetação rasteira. Eles olharam na direção do grito, onde viram um grande coelho marrom saltando de trás de um tronco de bétula. O animal ficou de pé nas patas traseiras como um garanhão possante e choramingou outra vez. Nem Artie nem Kay tinham ouvido um coelho emitir som antes.

A pequena fera acomodou-se, e foi só então que perceberam algo enrolado na cabeça dele.

Kay apontou e perguntou:

— Isso são rédeas?

Antes que Artie pudesse responder, duas minúsculas mãos separaram as longas orelhas do coelho, e ali, entre elas, estava o rosto sorridente do Sr. Pequeno Polegar.

— Olá, senhor e madame! — aclamou ele.

Kay deixou escapar um sorriso tenso e disse:

— Polegar, você deu um baita susto na gente!

— Ah! Não é todo dia que alguém se depara com um coelho gritando, não é mesmo?

Artie disse:

— Não mesmo.

— Bem, este é o meu corcel, Vorpal.

Além do machado, o personagem de Artie no *Outro Mundo*, Mentecapto, tinha uma espada vorpal, e o garoto achou o contraste bem engraçado.

— Um coelhinho vorpal, é?

— Precisamente, meu jovem. Ele tem dentes afiados...

— ... e consegue pular!

A voz veio de algum lugar atrás deles, assustando-os. Artie deu meia-volta, com a Cleomede preparada à frente.

Em meio às árvores havia alguém que parecia vagamente familiar a Artie. Ele franziu a testa e perguntou:

— Quem é você?

O jovem limpou a garganta e respondeu:

— Victor X. Lance, taxista e arqueiro, entre outras coisas. — Ele curvou-se e acrescentou: — Ao seu dispor.

— Sem querer ofender, mas você está bem ridículo! — deixou escapar Kay.

E era a mais pura verdade. Victor Lance, que parecia ter cerca de vinte anos, calçava botas de couro, uma calça de couro com cota de malha por cima, uma camisa camuflada sob um colete à prova de balas preto e um chapéu de feltro verde *à la* Robin Hood, com uma grande pena de faisão projetando-se dele.

O chapéu engraçado não era a única coisa estranha no homem. Na sua mão direita ele trazia um enorme arco composto, todo cordas e polias, decorado com um tema patriótico, cheio de bandeiras dos Estados Unidos e águias em posição de ataque. Amarrada às suas costas havia uma aljava

de flechas bem compridas com chamativas setas emplumadas, e, preso à cintura, um canivete militar.

Artie ainda não conseguira reconhecê-lo.

— De onde eu o...

— Cincinnati. Eu era o taxista. Tentei ser simpático, mas você estava preocupado demais.

Kay virou-se para o irmão e perguntou:

— Artie, você conhece esse cara?

— Para falar a verdade, não. Mas agora estou me lembrando dele. Ele é quem diz ser.

Artie abaixou a Cleomede e Kay sacudiu a cabeça. Eles já tinham visto tantos malucos ao longo da última semana que não custaria nada acrescentar um taxista miliciano de Cincinnati à lista de aberrações. Por que não? Já tinham acontecido coisas mais estranhas que isso. Por exemplo, também conheciam um homem em miniatura que montava coelhos.

Polegar interveio:

— Artie, Kay: o Sr. Lance é um amigo e aliado meu e de Merlin, e ele o será também para vocês. É um sujeito bem talentoso. Ele sabe um pouco sobre a história de vocês e um bocado sobre o Outro Mundo.

— É meio que um dos meus hobbies, sabe? Assim como o arco e flecha. Não tem como enjoar do Outro Mundo. É uma longa história, mas meio que descobri sobre o lugar sozinho, e fiquei bem obcecado. Fiz muitas pesquisas secretas em todo canto, que me levaram até a Torre Invisível e ao velho Lyn... digo, Merlin. Ainda estou me acostumando a chamá-lo assim.

— Sei como é — disse Artie.

Kay assentiu.

O arqueiro continuou:

— Enfim, sou um cara durão e bom de luta. Estive no Iraque com a divisão de infantaria dos Estados Unidos antes de sofrer uma baixa honrosa dois anos depois. Perdi a audição do ouvido direito e só tenho um pulmão. Não posso ir com vocês para o Outro Mundo. Não sabemos o motivo, mas,

por enquanto, apenas crianças e pessoas como Polegar, que veio de lá, podem fazer isso. Então minha função é permanecer aqui e fiscalizar o portal para garantir que ninguém se meta com ele.

Artie e Kay se entreolharam e deram de ombros. Claro, por que não?

— Não vou decepcioná-los.

Enquanto eles conversavam, Polegar tinha colocado um fio prateado no chão, formando um grande círculo. No círculo estavam ele, o coelho, Artie e Kay. Lance ficou do lado de fora.

Polegar pulou com o coelho até o novo amigo dos irmãos e entregou a ele uma das pontas do fio. Lance retirou uma flecha da aljava, amarrou o fio a ela e encaixou a flecha no arco. Então puxou a corda até o ombro e mirou na copa das árvores.

Quando soltou a flecha, ela cruzou rapidamente o ar e atingiu o alvo com um barulho impressionante.

De repente ouviu-se um faiscar elétrico e em seguida uma cortina diáfana envolveu o grupo. O arqueiro, do lado de fora, disse:

— Estarei aqui quando vocês voltarem! Boa sorte!

E, antes que percebessem, a floresta escura já não estava mais ali.

Um lampejo ofuscante surgiu e desapareceu.

Eles franziram o cenho, esfregaram os olhos e, quando se recuperaram, perceberam que estavam na estrada pela qual Artie tinha passado com Bercilak, o cavaleiro verde.

— Todo mundo está bem? — perguntou Polegar.

— Sim — disse Artie.

— Tudo bem, baixinho — confirmou Kay. — Mas espere aí... o que aconteceu com você e com o coelho?

Assim como da outra vez, Polegar tinha crescido quase setenta centímetros. O mesmo havia acontecido com o coelho. Estava do tamanho de um cachorro de porte médio. Daquele tamanho, seus dentes pareciam, de fato, bem perigosos.

— Sou maior aqui — explicou Polegar. — Vorpai também.

— Estou vendo. E você também tem uma espada.

Polegar deu um tapinha na espada embainhada no cinto.

— Ah, sim, a *wakizashi* galesa. Uma velha companheira.

— Ótimo, então agora eu sou a única sem arma — constatou Kay.

— Sim, por enquanto, mas não se preocupe. A Cleomede será sua em breve. Artie, sabe onde estamos?

Artie procurou sua bússola no bolso e a abriu.

— Sim. Vou ver nossas coordenadas.

Ele segurou a bússola paralela ao chão. A agulha girou em ambas as direções antes de localizar o campo magnético. Talvez a bússola também

tivesse sentido dificuldades com a travessia entre os mundos.

Artie apontou a Cleomede na direção que imaginou ser a correta e disse:

— É por aqui.

— Muito bem, meu jovem. E lembre-se de uma coisa: a Cleomede é perfeitamente visível aqui. E não são poucos os que podem reconhecê-la. Você não é mais anônimo como no seu mundo.

— Entendi.

Eles partiram em silêncio, porque havia muita coisa para ver em volta.

As árvores eram enormes. A circunferência dos seus troncos precisaria ser medida em metros em vez de centímetros. Artie imaginou que aquelas deviam ser as árvores mais antigas que ele já tinha visto. Muitas das flores ao longo da beira da estrada pareciam flores de seu mundo, mas centenas de outras ele nunca vira na vida. Havia uma flor verde com o formato exato de uma borboleta; uma cor de laranja que mais parecia uma nuvem; e uma marrom achatada que era um quadrado perfeito.

Além disso, o céu era azul, mas com um pouco de roxo também. E as nuvens eram na maior parte brancas, mas tinham um suave tom rosado às vezes. Artie ficou se perguntando se era uma ilusão óptica, mas não tinha certeza.

Mas o mais estranho era o barulho. Ele não percebera aqueles sons durante seu encontro com Bercilak no *video game*, e eram bastante inquietantes.

Por todo lado a floresta produzia sussurros, estalidos, arrulhos, estrépitos e *murmúrios*. Os sons eram quase imperceptíveis, mas não havia dúvida de sua presença.

Kay perguntou o óbvio:

— Pequeno Polegar, estamos sozinhos aqui?

— Minha querida Kay, nunca estamos completamente sozinhos — respondeu Polegar enigmaticamente. — Certas partes do Outro Mundo

são mais vivas que as áreas correspondentes no seu mundo. É perfeitamente normal.

Eles continuaram caminhando em silêncio até que Polegar acrescentou:

— Além do mais, temos conosco o rei de todas as terras, e ele está armado!

Artie não sabia bem se Polegar estava sendo sarcástico, mas, se fosse o caso, aquilo não o fazia sentir-se melhor. Ele era um garoto de doze anos com uma espada, indo pegar outra espada. Isso fazia dele um ser perigoso?

Depois de mais uns dez metros de caminhada, Artie avistou entre as árvores algo tão azul que era mais azul que a cor azul. Polegar e Kay continuaram em frente quando ele se afastou para a beira da estrada. Depois de abrir caminho por uma densa vegetação rasteira, viu que ali, não muito longe, estava o Lago.

Artie disse:

— Ei, pessoal, esperem!

Assim que seus companheiros pararam, ouviram um grito terrível vindo do alto e se esticaram para ver. Inicialmente não havia nada, mas depois, bem lá no alto, surgiu a silhueta de um pássaro gigantesco que lembrava um abutre. Ele deu grandes volteios no céu, deslizando pelas correntes de ar invisíveis; Artie supôs que estivesse procurando algo para comer.

Algo como eles, talvez.

Polegar exclamou:

— Minha nossa! Vejam só aquilo!

O coelho Vorpall recuou, mas Polegar o conteve com as rédeas. Ele o acariciou no pescoço e sussurrou algo em seu ouvido.

— O que é aquilo, Pequeno Polegar? — perguntou Kay, incrédula. — É enorme.

Polegar respondeu:

— É o magnífico *Argentavis*. O maior pássaro que já percorreu os céus, minha garota. Extinto no seu mundo. Garanto que ele tem quase oito metros de envergadura.

— Caramba! — exclamou Kay.

— Pois é — disse Polegar. — Mas não deixe que isso a assuste. Ele come basicamente carniça. Só teremos que nos preocupar com ele se morrermos. Ou seja, não temos com que nos preocupar!

— Belo jeito de reconfortar uma garota, Pequeno Polegar — disse Kay.

Artie se esforçou para esquecer o enorme pássaro e disse:

— Pessoal, o que eu estava tentando dizer a vocês é que chegamos. O Lago está bem ali.

Artie apontou para a floresta à esquerda, na direção dos trechos visíveis de água azul brilhante.

Kay e Polegar juntaram-se a Artie e abandonaram a trilha. Artie os guiou, usando a Cleomede como facão.

O Lago era redondo e tinha alguns quilômetros de extensão. Era fácil ver a boia no meio da água. À direita deles, a poucos metros da beira do lago, havia uma enorme árvore. Seu formato era perfeito: do solo erguia-se um tronco espesso e robusto, cujos galhos se espalhavam uniformemente a cerca de três metros de altura. O formato da copa era mais parecido com um cogumelo que com uma árvore, e a árvore era mais alta que tudo ao redor. Ao lado havia uma canoa de casco vermelho, virada para baixo.

— Minha Nossa outra vez! A grande castanheira americana. Esse tipo de árvore costumava existir aos montes no seu mundo, sabe.

— O que aconteceu? — perguntou Artie.

— Não consigo me lembrar da causa exata... alguma infestação de besouro ou fungo a extinguiu, acho. Ainda restam algumas, mas nenhuma como esta. Aposto que é tão velha quanto eu.

Eles foram até a árvore, e Artie virou a canoa. Sob a embarcação havia três remos e um saco de pano. Artie abriu o saco e achou lá dentro um celular velho e esquisito, junto com um recado.

Ele desdobrou a mensagem, que dizia:

— “Olá, senhores cavaleiros! Espero que estejam bem ao encontrarem esta mensagem. Por favor, levem este telefone e guardem-no. O sinal é

péssimo por aqui, mas é melhor ter um do que não ter. Desejo toda a sorte do mundo para vocês e espero vê-los em breve!”

Bercilak tinha assinado a mensagem com um selo de tinta verde marcado com o mesmo brasão que tinha no seu peitoral: um galho de azevinho cruzado sobre um machado, com um pinheiro atrás. Sob o selo, o cavaleiro rabiscara seu número de telefone: 2-305-67.

Depois de colocarem a canoa na água, Artie lhes contou como deveriam agir em relação à Excalibur. Polegar ficou muito nervoso com a ideia de lançar a Cleomede nas profundezas, mas Artie lhe assegurou que não teria problema. Então eles entraram no barco. Artie na frente, com Kay logo atrás, Vorpal em seguida e Polegar na retaguarda.

Kay perguntou:

— Vocês têm certeza de que estão bem aí atrás? Eu ganhei uma medalha de mérito por canoagem no acampamento de verão.

— Kay, minha querida, eu tenho mais de mil anos. Estou bastante familiarizado com as técnicas de remo.

— Só para garantir — disse Kay.

Eles começaram a remar e deslizaram facilmente em direção ao centro do Lago, indo bem rápido.

Mas após alguns minutos, um vento contrário os apanhou e tornou a viagem um pouco mais trabalhosa.

Então, enquanto percorriam o trajeto, uma sombra moveu-se pela água. Artie olhou para cima. O magnífico *Argentavis* tinha encoberto o sol, percorrendo com os olhos o mundo abaixo. Artie abaixou a cabeça e continuou a remar. O som do vento e a proa cortando a água eram tudo o que ele conseguia ouvir.

Mas então outro som veio de longe, da direita. Os canoeiros viraram a cabeça naquela direção imediatamente. As árvores na margem distante do Lago chacoalharam e esvoaçaram, e passaram do verde ao negro em um instante. Pareciam crescer de uma vez, como uma coluna de fumaça que se eleva de uma explosão.

Mas as árvores não estavam explodindo de verdade. O que produzia aquele som eram os pássaros. Milhões de pássaros.

Uma revoada deles ergueu-se no céu, reunindo-se e espalhando-se e voltando a se encontrar. Eles ergueram-se em círculos no ar e alçaram-se sobre o Lago como uma tempestade.

— O que são aquelas coisas? — gritou Artie acima do barulho.

— Pombos-passageiros! — gritou Polegar de volta.

As criaturas elevavam-se das árvores sem parar, como se a floresta fosse uma torneira jorrando pássaros. Eles moveram-se rapidamente e cobriram a maior parte do Lago em menos de um minuto.

Em seguida, um grito horripilante preencheu o ar ao redor e o maravilhoso *Argentavis* irrompeu em meio ao bando de pássaros com um estrondo de penas, bateu as asas três vezes e voltou a subir. O bando mal notou o monstro voador. Parecia não importar que a enorme ave estivesse literalmente abocanhando os pássaros no céu.

Artie tentou ignorar a carnificina que ocorria lá em cima e olhou novamente para a frente bem no momento em que a proa batia na boia. Quando a lateral da canoa tocou-a também, Polegar e Kay jogaram cordas para não serem levados pelo vento contrário.

O coração de Artie acelerou.

Ele ergueu a Cleomede do fundo da canoa e apoiou-se na lateral, mergulhando toda a lâmina na água. Em seguida, a retirou. O céu de repente ficou bem mais escuro. O garoto olhou para a superfície do Lago, onde pequenas ondas tinham começado a se formar e arrebentar.

Artie virou a Cleomede nas mãos, e então pegou a lâmina. Em seguida, estendeu a espada diante de si. A canoa começou a balançar, e a boia bateu na amurada com um ruído seco.

O garoto bateu mais uma vez na lateral da boia. A batida soou abafada. Então ele contou até três.

O céu ficou escuro, e ele não soube por quê. Suas mãos coçavam.

— Depressa, meu jovem! — gritou Polegar.

Ele bateu o pomo no alvo novamente. Enquanto contava, olhou para o alto.

O bando de pássaros de repente dispersou, partindo em todas as direções e deixando a ave gigante sozinha, a cabeça virando freneticamente para a frente e para trás.

Artie bateu a espada pela terceira vez. A Cleomede estava ficando quente em suas mãos.

— Artie, depressa! — gritou Kay.

De repente ouviu-se um barulho acima deles, como uma bomba explodindo. Foi um estrondo enorme e grave, bem pior que o bater de asas do magnífico *Argentavis*.

Artie esticou o pescoço e viu um grande dragão verde iridescente rodopiando no céu, praticamente encobrendo o azul.

Kay gritou:

— Mas o que é...?

Então a criatura mergulhou. O magnífico *Argentavis* tinha, de caçador, virado caça.

O pássaro inclinou-se, na defensiva. A ponta de sua asa tocou a superfície da água antes de ele se endireitar e virar-se bem na direção da canoa.

Artie ergueu a Cleomede e tentou se lembrar do que Bercilak lhe dissera para fazer em seguida, mas não conseguiu.

O pássaro deu um rasante neles, e suas garras bateram na boia e chacoalharam a canoa violentamente. Todos agarraram a embarcação e se seguraram com todas as forças que tinham.

O dragão passou por eles, movendo-se pelo ar como uma cobra. Artie achou que ele se parecia mais com um dragão chinês que com o estilo de dragão europeu, típico da Terra Média. Mas aquilo não o tornava nem um pouco menos apavorante.

A gigante ave ficou assustada, mas não por muito tempo, pois em um instante a serpente a pegou no céu. O dragão fez ruídos gorgolejantes

horríveis enquanto engolia sua presa, e as poderosas asas emplumadas da ave dobraram-se na boca da fera.

O grupo na canoa ficou atordoado.

O dragão engoliu seu almoço. A forma volumosa da ave, ainda se movendo, era visível no abdome escamoso do animal. Por um breve instante o monstro pareceu satisfeito.

Mas então ele olhou diretamente para a canoa e soltou um grito que fez palpitar o coração e estourar os tímpanos do grupo.

O dragão estava se preparando para mergulhar outra vez.

Polegar puxou a espada e gritou:

— Peça sua espada, garoto!

Artie ficou paralisado por um momento. Será que deveria mesmo lançar na água a única espada mágica da canoa, em uma hora como aquela?

Kay gritou. O coelho Vorpal, com suas compridas orelhas para trás revelando seus tensos olhos negros, gritou também.

Artie ergueu a Cleomede acima da cabeça, virou a espada para a água e a lançou nas profundezas do Lago, desfazendo-se de sua única defesa, logo depois de gritar:

— Excalibur!

A espada cortou a superfície da água e, por um instante, tudo ficou escuro.

EM QUE ARTIE COMEÇA A SE ENTENDER COM A ABRASADORA EXCALIBUR



A escuridão se foi como uma cena que vai aparecendo aos poucos na tela do cinema.

Artie ainda estava na canoa, ainda agarrando-se à amurada e apoiado em um joelho. Seu rosto continuava contorcido em uma feição de medo e nervosismo.

Ele afrouxou as mãos e relaxou os músculos do rosto.

Piscou.

Foi preenchido pela calma.

Olhou para a água. A superfície estava estranha, parada. Não... estava se movendo. Só que bem, bem lentamente.

A canoa também se movia devagar, se equilibrando pouco a pouco.

O tempo parecia ter congelado.

Artie olhou para a canoa.

Kay tinha caído sentada, o rosto contorcido, pronta para enfrentar o dragão. Vorpal estava pronto para pular e atacar. Polegar estava de pé, segurando sua espada acima da cabeça, a boca escancarada com um grito de raiva, e os olhos brilhantes como estrelas explodindo. Ele parecia muito valente.

Artie olhou para cima, e lá estava ele. O grande dragão verde. Colorido e cintilante onde a luz o atingia, mas sombrio e assustador na parte inferior que assomava diante deles.

Se bem que ele parecia ter desistido. Como tudo mais que havia ali, o dragão estava praticamente inerte.

Artie observou a criatura. Era magnífica. Tinha dentes vermelho-rubi e chifres dourados curvados como os de um carneiro. As asas pareciam poderosas, embora pequenas; não pareciam grandes o bastante para manter o animal no céu. Na verdade, parecia que o dragão estava nadando pelo ar. Era bem mágico.

Mas o mais impressionante eram os olhos. As pupilas negras eram alongadas como as de um felino, e a íris rajada era uma explosão de cores. Seu globo ocular possuía todas as nuances, desde o azul mais brilhante, passando pelo verde mais profundo e chegando até o mais ardente laranja.

O dragão tinha arco-íris nos olhos.

Aquilo fez Artie pensar na irmã, com seus olhos azuis e verdes, o que, por sua vez, o trouxe de volta à realidade.

Ele deveria estar fazendo alguma coisa.

Lembrava-se de ter gritado “Excalibur!”. Virou-se outra vez para o Lago, onde viu, de repente, duas espadas apontando na direção do céu. E, segurando-as, mãos azul-claras.

Ele olhou para debaixo da água. Uma menina de no máximo cinco ou seis anos o encarava de volta com olhos claros e cinzentos, abertos sob a superfície. Os lábios, as bochechas, o cabelo — tudo era da cor azul. Ela sorriu.

— Ora, Arthur, como teu semblante está mudado — disse ela de sob as águas. Artie não entendeu bem o que aquilo queria dizer. — Meu velho amigo. Toma o que é teu. Pega ambas. Segure-as.

Artie disse:

— Hm, beleza. Mas e quanto ao dragão?

— Não te preocupes, amigo. Toma o que é teu. Tudo ficará claro.

Ela ergueu mais as espadas. Artie esticou-se e segurou-as pelas lâminas.

A Cleomede estava fria e pronta para lutar.

A Excalibur foi uma revelação.

A espada fora forjada em aço damasco e era cerca de quinze centímetros maior que a Cleomede. A lâmina tinha uma única valeta de sangue e

serpentes douradas em um desenho entrelaçado nos dois lados. Incrições em latim percorriam os contornos das serpentes: *Tolle me* em um lado e *Iacta me* no outro. A guarda parecia de platina e ouro marmoreado. Seu cabo era longo o bastante para que o segurassem com ambas as mãos, e coberto por belas tiras de couro em vermelho e azul brilhantes. O pomo era uma bola de vidro perfeita, dentro da qual havia uma esfera preta como carvão que parecia um globo ocular.

Quando Artie agarrou a Excalibur, ondas de sabedoria percorreram seu corpo. As informações foram ao mesmo tempo precisas e confusas. Ele viu um jovem Merlin com o antigo Arthur. Ouviu dezenas de línguas diferentes, mas não conseguia entender nenhuma. Viu Pequeno Polegar no dia de seu décimo aniversário, montando um ganso para ir ao mercado. Viu Bercilak desafiar para uma luta quem quer que estivesse disposto. Viu um garotinho desconhecido usando uma armadura vermelha e azul e um grande capacete de chifres horripilantes. Viu uma coruja e um homem com cabeça de lobo. Viu um exército de crianças e um cálice simples de cobre. Viu um homem sem pernas sentado às margens de um rio negro. Viu uma linha azul e brilhante cercada pela escuridão que se estendia até onde era capaz de enxergar. Viu Qwon, Kay, Kynder, Lance, Polegar e as crianças da escola — até mesmo Frankie Finkelstein. Viu Merlin preso em sua torre invisível, às vezes gritando de ódio, às vezes desolado pela solidão, e em alguns momentos eufórico diante de descobertas.

De repente, ele sabia falar um pouco de galês e bastante de latim.

O garoto não tinha certeza, mas sentia que conhecia alguma magia — como fazer uma fogueira sem uma fagulha ou como curar uma ferida. Ele sabia os nomes das plantas e flores e como usar algumas delas como venenos ou remédios.

E o mais importante para a situação em que se encontrava: ele sabia muito mais sobre o manejo de espadas.

O encanto da espada foi quebrado pela voz da menina:

— A Excalibur revelou muitas coisas a ti, jovem Arthur. E, na hora certa, revelará ainda mais.

Artie não sabia ao certo se estava animado ou apavorado com isso. Ainda assim, achava que aprender mais coisas daquela maneira seria bem legal. Com certeza melhor do que ficar sentado em uma sala de aula.

Então, a menina disse:

— Não desampara tuas companhias.

O garoto virou-se para a dramática cena que se desdobrava em câmera lenta. Seus amigos tinham se mexido um pouco, mas estavam basicamente nos mesmos lugares. A única coisa estranha era que todos os quatro — Polegar, Vorpal, Kay e até mesmo o dragão — tinham virado um pouco a cabeça na direção de Artie.

Ele esticou o braço para colocar a Cleomede na mão de Kay. Ela ficaria feliz com aquilo quando as coisas voltassem à velocidade normal.

Artie virou-se novamente para a Menina do Lago e perguntou:

— O que faço agora?

— Ergue a abrasadora.

— A abrasadora? Que abrasadora?

As mãos dela começaram a afundar lentamente. Estava voltando a submergir. Seu sorriso se fora, e, quando a ponta de seus dedos desapareceu, ela deu uma piscadela e, em um sussurro intenso, disse:

— Agora!

O balanço violento do barco quase jogou Artie para fora. Ele sentiu uma rápida pontada na barriga quando bateu na amurada.

Kay gritou:

— Que diabos?

O dragão contorceu-se sobre eles, produzindo um ruído asqueroso no fundo da garganta.

Polegar gritou na hora certa:

— O que ela pediu para você fazer?

— Como a Cleomede... — começou Kay, em um tom agudo, mais para si mesma que para alguém em particular.

Artie respondeu a Polegar aos gritos:

— Ela disse “ergue a abrasadora”!

— Então faça isso, garoto!

— O que é uma abrasadora?

— A abrasadora! A Excalibur! A *espada*!

É claro! A espada!

Ele empunhou A Excalibur o mais alto que pôde.

O dragão empinou-se no ar. O vento quente gerado pelo deslocamento foi como um soco. Artie se lembrou de quando apanhava de Finkelstein.

Maldito Frankie Finkelstein! Nem agora, em um momento de extremo perigo, Artie conseguia se livrar dele!

Então, a Excalibur estremeceu. Ele olhou para o alto. O olho de vidro no pomo de sua nova espada brilhou com uma luz branca.

O dragão esticou o pescoço na direção de Artie, e uma fumaça preta e ondulada começou a sair de suas narinas.

Então, assim que o animal se recompôs para atacar, Artie compreendeu. Ele pensou em luz. Pensou no sol, na lua, nos fogos de artifício do Dia da Independência.

Luz explodiu da espada com uma rajada cegante. Artie fechou os olhos, mas ainda assim conseguiu ver o brilho através das pálpebras.

O dragão guinchou. Dessa vez, soou apavorado. Ele deslizou pelo ar rapidamente e afastou-se mais de trinta metros, depois voltou a guinchar, e o ruído ecoou por todo o Lago.

A Excalibur estava viva, e soltou outro clarão de luz cegante antes de se apagar.

Artie abriu os olhos. O dragão estava indo embora. Após alguns momentos o animal parou, virou-se e olhou na direção de Artie. Então deixou escapar um breve choramingo de derrota, e o som os alcançou. Artie sabia que a criatura estava decepcionada.

Antes que eles percebessem, o belo monstro fora embora. O ar ficou calmo e o doce perfume do Lago e da floresta retornou.

Ficaram todos sentados na canoa por um tempo sem falar nada, apenas respirando e tentando compreender o que tinha acontecido.

Finalmente, Kay se pronunciou:

— Como você se moveu tão rápido, Artie?

— Como assim?

— Meu garoto, você virou um borrão — disse Polegar.

— Não sei. Tudo estava superlento para mim. Acho que foi a Menina do Lago que fez isso.

— A *Menina*, você disse? — indagou Polegar.

— Sim, a Menina. Tinha no máximo uns cinco ou seis anos.

— Céus. — Polegar riu. — Ela é muito mais velha, isso eu lhe garanto, meu jovem.

Kay soltou o ar dos pulmões e estalou o pescoço.

— Bem, o que quer que tenha acontecido, foi muito impressionante, Vossa Alteza.

Artie ficou feliz em ver Kay agindo do jeito de sempre, mas também estava completamente exausto. Então, deixou-se cair no assento. Tinha acabado de espantar um dragão tão grande que poderia fazer seu ninho em um campo de futebol. Seus olhos estavam ardendo e a cabeça doía, mas Artie tinha que concordar:

— Sim, *foi* muito impressionante, não foi, cavaleira Kay?

— Vamos voltar para a margem — disse Polegar ao arrastar Vorpall, que ainda estava ávido para lutar, até o extremo da canoa. — Acho que já tivemos emoções demais por hoje. Kay, me ajude a remar. Assim Artie poderá descansar.

Kay sentiu que o irmão estava totalmente exausto.

— Boa ideia, Polegarzinho. Relaxe, Art. Vamos levar você para casa.

— Certo. Obrigado, pessoal.

Eles remaram, o sol aquecendo-lhes as costas. Após um tempo, a vida voltou às árvores ao redor do Lago, e os pombos-passageiros, livres de predadores, voltaram ao céu como se fossem uma agitada tempestade de confete.

O bando de pássaros era tão grande que, uma vez no ar, parecia não ter começo nem fim.

DE COMO A TEMPESTADE PARECIA UM GIGANTE PISANDO O CAMPO ÀS CEGAS



Eles retornaram à margem, prenderam a canoa e voltaram pela trilha que tinham aberto com a espada ao redor do Lago. Todos estavam meio confusos, então não conversaram muito até chegarem à estrada.

Quebrando o silêncio, Kay perguntou:

— Polegar, qual é a dos pombos, da ave gigante, da castanheira... todas essas coisas estão meio que extintas no nosso mundo, certo?

O homenzinho confirmou:

— É isso mesmo, Kay. Como Merlin disse, ao longo dos séculos algumas espécies buscaram refúgio aqui por terem sido extintas do outro lado.

— Então quer dizer que existem dinossauros e coisa do tipo por aqui? — considerou Kay.

— Não, não, minha querida. A extinção dos dinossauros foi um acontecimento maior. E esse mesmo acontecimento matou muitos seres por aqui também. Os mundos compartilham a Terra, lembre-se disso; é que o planeta tem mais camadas e é mais sutil na maneira de apresentar a realidade do que a maioria acredita.

— E os dragões? — perguntou Artie enquanto eles caminhavam. — Já houve dragões no nosso mundo?

Polegar ergueu as sobrancelhas.

— Dragões são outra questão. Eles têm origem aqui, onde são bem reais. Lá, vivem apenas na imaginação das pessoas.

Artie franziu a testa e disse para si mesmo:

— Cara, é assim que estou me sentindo agora. Ao mesmo tempo real e não muito real...

Uma trovoadá soou atrás deles. O grupo parou momentaneamente e viu nuvens escuras e baixas aglomerando-se à distância. Mal dava para enxergar a passagem no fim da estrada.

Enquanto caminhavam, Kay teve uma ideia. Ela perguntou:

— Então se as coisas saem de lá e vêm para cá, isso significa que às vezes as pessoas que somem por lá acabam vindo parar aqui?

Polegar respondeu apenas:

— Não é comum, mas já aconteceu. Por que a pergunta?

— Ah, por nada. Só estou tentando entender melhor as coisas.

Polegar olhou de esguelha para a garota. Dava para perceber que não era só por isso que ela estava tão curiosa. O grupo continuou a caminhar em direção ao portal.

Artie, por outro lado, sabia muito bem por que Kay tinha perguntado aquilo. Era por causa da mãe. Ele sabia que, por trás de todas as piadinhas e respostas engraçadas, Kay era muito sensível quando o assunto era sua mãe. Na verdade, Artie tinha começado a suspeitar de que a irmã usava todas as piadinhas e respostas engraçadas para compensar o fato de sentir-se arrasada por não ter uma figura materna. Aquilo, é claro, o entristecia. E o deixava ainda mais triste saber que tinha algo a ver com a fuga da mãe dela. Ele começava a sentir que queria saber o que acontecera tanto quanto a irmã, o que, além de todo o restante (conhecer um feiticeiro, ser um rei projetado geneticamente, ter a espada mais legal de todos os tempos), também configurava um novo sentimento.

Isso era parte de ser o novo Artie Kingfisher, imaginou ele.

Por falar em novidades, Artie sentia uma forte e incontrolável ânsia por duelar. Ao chegarem à passagem, ele sugeriu com firmeza:

— Pequeno Polegar, quer lutar comigo?

Chocado, Polegar respondeu:

— Perdão, meu jovem?

— Quer lutar comigo? Você sabe como usar essa coisa, certo? — E apontou para a *wakizashi* galesa.

— É claro que sei. Sou um mestre na arte da esgrima.

— Então vamos lutar.

Kay os interrompeu:

— Artie, você pirou na batatinha?

— Talvez. Não sei. A Excalibur mudou algo em mim. Não, a Excalibur mudou *muitas* coisas em mim. Preciso ver se algumas delas funcionam.

— Como assim?

Artie olhou ao redor. Ele disse:

— Por exemplo, está vendo aquelas plantas ali? Eu sei quais são, todas elas. Aquela é uma *Hamamelis virginiana*, aquelas são *Dicentra cucullarias* e aquelas flores são *Trillium erectum*s. Aquela de folhas cor de laranja só cresce aqui. É chamada de ninho de serpente. Se você ferver as raízes em leite de carneiro, vai obter um veneno bem horrível.

— Uau — disseram Kay e Polegar ao mesmo tempo.

Artie ergueu a Excalibur.

— Estão vendo essas palavras? — Kay inclinou-se mais para perto a fim de ler as inscrições na lâmina. — Isso é latim, e eu consigo ler. *Tolle me* significa “Erga-me” e *Iacta me* quer dizer “Livre-se de mim”.

Kay inclinou-se para trás.

— Muito maneiro, Vossa Supermajestade.

— Além de tudo isso, acho que também sei lutar, tipo, muito bem. Com espada. E então, Polegar? Quer treinar um pouco?

A nuvem de tempestade rugiu novamente. O homenzinho olhou para o céu e disse:

— Não creio que nosso mago aprovaria isso, meu jovem. Além do mais, estou um pouco preocupado com essa tempestade.

Naquele momento exato, um trovão ensurdecedor soou, e raios percorreram o céu até o chão, rachando ao meio um pinheiro próximo.

Kay deu um pulo, e Vorpall ergueu a cabeça e girou para um lado e para o outro, procurando algo que pudesse atacar.

Era óbvio que em questão de minutos ia cair um aguaceiro.

— Temos que ir. Acho que temos mesmo que ir, meu jovem! — disse Polegar, com uma urgência repentina.

— Tem razão. Vamos sair daqui.

Eles rapidamente passaram pela pálida luz do portal, que se dissipou como fogos de artifício se apagando ao levá-los de volta às matas de Peebles, Ohio.

E em Peebles o vento estava uma loucura! Folhas, galhos e poeira faziam um redemoinho no ar, e estava bem mais frio do que quando eles haviam saído dali.

Lance segurava seu ridículo chapéu de Robin Hood com uma das mãos enquanto, com a outra, segurava com toda a sua força uma robusta árvore.

— Que bom vê-los! — gritou ele, com a voz rouca. — Precisamos sair daqui! Esta tempestade surgiu do nada!

Artie pegou Vorpall e Polegar, que tinham encolhido de novo, depois prendeu a Excalibur no cinto e agarrou a mão de Kay. Polegar parecia assustado ao gritar:

— Sigam Lance!

E foi o que eles fizeram.

Quando saíram da mata, deram de cara com algo terrível. Artie não sabia ao certo, já que só tinha visto o fenômeno no Discovery Channel e no YouTube, mas teve a desconfiança crescente de que estavam prestes a ser atingidos por um tornado.

Kynder estava do outro lado da cabeça da serpente, suas roupas praticamente sendo arrancadas pelo vento. Ele gritava por Artie e Kay.

— Pai, estamos aqui! — gritaram os dois.

Kynder então os avistou e começou a ir na direção deles.

— Fique aí, estamos indo — insistiu Lance, erguendo a mão.

Kynder agarrou-se a uma árvore. De repente, ele pareceu mais confuso do que amedrontado.

Pois ali, andando com dificuldade em meio à tempestade, ele avistou algo que não conseguia compreender. Seus filhos estavam com um jovem de trajes ridículos, que segurava um arco e tentava protegê-los da tempestade, o que, é claro, era muito bondoso da parte dele. Artie e Kay pareciam até que bem normais, mas... o que era aquilo? Ambos carregavam *espadas*?

Sim. Os dois estavam portando espadas.

Além disso, Artie parecia segurar um coelho.

Felizmente, Kynder não conseguia enxergar Polegar. Se conseguisse, teria desmaiado na hora.

As crianças sorriram para Kynder apesar do vento uivante, e Kay ergueu a Cleomede para saudá-lo. Quando o alcançaram, ela deu um breve mas forte abraço no pai.

Então, algo no ar mudou. Um som parecido com um trem de carga avançando na direção deles veio da direita.

Eles olharam. Uma nuvem em forma de funil tinha encostado no campo do outro lado do riacho.

— *Temos que ir, agora!* — gritou Lance.

Eles correram para o estacionamento, pensando que estavam prestes a encenar os papéis de Dorothy e Totó.

Enquanto eles corriam, Kynder gritou:

— *Quem é este cara? Por que vocês dois têm espadas?*

— *Agora não, Kynder!* — imploraram Artie e Kay.

O ruído piorou, o rugido baixo crescendo cada vez mais. Eles ouviram uma série de estalidos de fazer tremer os joelhos. Artie olhou de relance para o funil, uma impressionante cicatriz preta que unia a terra e o céu, e o viu erguendo e engolindo árvores inteiras do chão.

Eles conseguiram chegar ilesos ao estacionamento. Lá estava o táxi de Lance, e, ao lado, o carro de Kynder — um Land Rover Defender

importado, ano 2007, equipado com turbo —, que coincidentemente era o veículo perfeito para fugir de tornados.

Eles abriram as portas com força. Artie e Kay jogaram seus pertences na caçamba e subiram com Vorpal e Polegar. Enquanto Kynder subia no assento do motorista, Lance gritou:

— Deixe que eu dirijo!

— O quê? Eu nem conheço você!

— Meu nome é Victor X. Lance. Nada pessoal, senhor, mas eu fui piloto de Humvees no Iraque e dou minha palavra de que, se me deixar conduzir seu veículo, nada de mau vai acontecer ao senhor ou às crianças!

Kynder acreditou nele. Trocou as chaves do carro pelo arco e as flechas de Lance e se jogou no banco do passageiro. Enquanto Lance corria ao redor do veículo para sentar-se ao volante, Kynder passava o equipamento para as crianças, que colocaram tudo na parte de trás junto com suas espadas.

Mesmo dentro do veículo o barulho ainda era alto, mas pelo menos eles já não precisavam mais gritar com todas as forças. Lance disse:

— Coloquem os cintos, *muchachos*, vamos dar um passeio!

Ele ligou o carro, engatou a marcha a ré e partiu. O Land Rover acelerou de costas em direção à saída e, logo antes de alcançarem o portão, Lance executou um perfeito giro de cento e oitenta graus. Todos reagiram com berros e gritos. Lance riu com entusiasmo e pegou a estrada.

Por alguns momentos a tempestade ficou para trás, e seu terrível uivo foi silenciando. Mas então, como um gigante pisando o campo cegamente, outro funil tocou o chão diante deles, cerca de quatrocentos metros à frente.

Lance pisou com tudo no freio, e todos foram jogados para a frente.

O motor do carro caiu em ponto morto.

Polegar, que subira no ombro de Artie, exclamou:

— Pelos céus. Isso não é nada bom, meu jovem.

Kynder virou a cabeça em um movimento rápido.

— Quem disse isso?

Mas era tarde demais. Kynder finalmente viu Polegar e, enfim, desmaiou.

Kay pôs as mãos nos ombros dele e tentou chacoalhá-lo até acordá-lo. Lance levou uma das mãos ao pescoço de Kynder para verificar a pulsação e disse:

— Ele vai ficar bem, Kay. A pulsação dele está forte.

Sua voz estava tão calma que a ela só restou se sentar.

Artie perguntou:

— O que não é nada bom, Polegar?

Ele respondeu:

— O problema dos tornados é que às vezes eles são como um rasgo entre os mundos. Isso quer dizer que, enquanto estão ocorrendo aqui, talvez tenham algum tipo de manifestação lá também.

O tornado diante deles movia-se pela estrada como se estivesse procurando algo.

— O que quer dizer, Polegar? — perguntou Kay, arfante.

— Que talvez este em particular esteja...

— Sendo controlado por algo do outro lado — completou Artie.

— Exatamente, meu jovem — admitiu Polegar.

— Ou *alguém* — acrescentou Kay.

— Exatamente, minha jovem.

Lance vociferou:

— Teremos que voltar pelo caminho em que viemos, então.

Ele passou a marcha a ré de novo e executou outra manobra de revirar o estômago, mas enquanto o carro virava, outro funil bloqueou a estrada, ainda mais próximo do que o anterior.

Agora eles tinham que enfrentar *dois* tornados. Estavam perdidos.

Polegar pediu:

— Kay, consegue alcançar o telefone de Kynder?

Em vez de responder, ela inclinou-se para a frente e vasculhou o bolso do pai; tirou então o celular, que entregou para Artie.

Lance perguntou:

— Está ligando para o velho, pequenino?

— Correto.

— Então vamos ganhar um pouco de tempo — comentou Lance. À esquerda havia uma grande plantação de soja. — Segurem-se — avisou ele, engatando a marcha novamente, depois passando por cima do acostamento e avançando em direção ao campo.

Com a ajuda de Artie, Polegar ligou para Merlin. Artie segurou o telefone sobre o banco de trás e, quando a ligação completou, Polegar teve que ir de um lado para o outro do aparelho para ora ouvir, ora falar ao telefone.

O que eles ouviram foi o seguinte:

— Sim, isso mesmo. Você está vendo-os, então? Dois, talvez três deles. Sim, bem grandes. Não, não vejo muita chuva. Nem raios. Sim, posso deixar aberto. Qual a distância? Entendi. Entendi. Certo. É, norte, acho. Deve haver uma rodovia estadual por perto. Sim, sim, ele conseguiu. Temos também um telefone do Outro Mundo. Certo, eu direi ao garoto.

Polegar então escalou o corpo de Artie e sentou-se no ombro dele, deixando o telefone ligado.

O caminho em meio ao campo era incrivelmente acidentado.

Artie esticou o braço para desligar o telefone, mas Polegar gritou:

— Não toque nisso! — Ele então respirou fundo e explicou: — Precisamos deixar o telefone ligado para que Merlin consiga nos localizar. Ele vai nos ajudar. Quem quer que esteja fazendo isso no Outro Mundo, não sabe exatamente onde estamos agora. Se conseguirmos nos afastar o suficiente do ponto de cruzamento, estaremos seguros. Não terão como nos ver se estivermos a uns dez quilômetros de distância. Você acha que consegue, Sr. Lance?

— Sem problema.

Ele fez os pneus cantarem no asfalto e o carro virou na direção oeste, deixando um rastro de pés de soja partidos e terra.

O funil maior estava atrás deles. O outro, que também não era nada pequeno, estava à esquerda e avançando.

Polegar disse:

— Artie, você precisa ligar para Bercilak.

— O quê?

O lampejo azul de um raio surgiu à esquerda, entre eles e o funil. O raio se fragmentou em mil veios antes de desaparecer.

— Uau! — gritou Kay.

— Use o telefone do Outro Mundo, Artie. Você precisa ligar para ele e pedir para ele abrir o portão! — esclareceu Polegar.

— O portão? — perguntou Artie.

O funil à esquerda se aproximou uns cinquenta metros. O carro inclinou-se violentamente na direção do tornado, mas Lance recuperou o controle e desviou.

— Já nos afastamos três quilômetros, Polegar!

— Excelente — gritou o homenzinho.

Ouviram-se mais estalidos de eletricidade ao redor. Era como se eles estivessem viajando em uma gaiola de raios.

Artie perguntou:

— Esses raios... estão vindo de Merlin?

— Isso mesmo, meu jovem. São inofensivos para nós — respondeu Polegar, sem paciência. — Ligue para o Verdinho! Você ainda tem o número dele?

— Sim.

Artie enfiou a mão no bolso e procurou o pedaço de papel.

O funil da esquerda de repente desapareceu. A tempestade elétrica aumentou subitamente ao redor deles, iluminando todo o interior do carro. Era possível avistar uma estrada asfaltada depois de uma fileira estreita de árvores a pouco mais de um quilômetro dali.

De repente, *bum!* Um furacão fez contato com o chão à direita. Lance virou o volante para a esquerda com força, e por um instante as rodas do carro saíram do chão.

O rosto de Artie ficou prensado na janela, o que o obrigou a olhar para fora. Tudo estava cinza, verde e preto. Era aterrorizante.

Mas então ele viu algo ainda mais aterrorizador, e congelou. Dentro do furacão havia a imagem de uma pessoa envolta em preto e roxo, esticando os braços para o carro. Seu rosto estava encoberto pela tempestade violenta, mas dava para enxergar o queixo pontudo e pálido, além da boca escancarada. Artie podia sentir o desejo e a força da pessoa. Estava cada vez mais perto...

Um raio foi lançado, e o furacão recuou. Os pneus do carro atingiram o chão com força, e os ocupantes foram projetados para a frente. O telefone do Outro Mundo caiu no banco de trás, bem aos pés de Artie.

— Ligue para ele, meu jovem! Abra o portão!

Artie forçou-se a esquecer o rosto no tornado e agarrou o pesado telefone, discando o número anotado no papel. O receptor fez *cliques* intermitentes, como um grilo aquecendo as pernas. Artie supôs que aquele fosse o sinal de chamada.

Polegar perguntou:

— Ele atendeu?

— Ainda não.

— Quanto falta, Sr. Lance? — vociferou Polegar.

— Mais dois quilômetros!

Uma voz vacilante finalmente surgiu do outro lado da linha.

— Olá, senhor. Estou contente que tenha encontrado...

— Agora não, Bercilak! Abra o portão!

— O portão? — Ele fez uma pausa e, em seguida, deixou escapar: — Mas tão cedo? Tem certeza?

— Sim, tenho certeza! Se não abrir, seremos engolidos por um...

E lá estava, com um impacto que arrancou todo o ar ao redor deles, roubando-lhes o fôlego. Os raios desapareceram, junto com a coragem de Artie.

— Minha Nossa! — gritou Kay.

O furacão entrou na frente deles. O capô se abriu e o carro foi erguido no ar, as rodas da frente primeiro, e começou a girar como um pião. Artie manteve os olhos fechados enquanto segurava o telefone com força na orelha e gritava:

— Abra o portão! Abra o portão! Abra o portão!

Só era possível ouvir falas entrecortadas do outro lado da linha:

— Eu não... senhor... você está... o quê.

Então, um forte impacto fez chacoalhar o corpo inteiro deles. Só foram perceber que tudo estava calmo e que estavam parados alguns momentos depois.

Abriram os olhos. O capô do carro tinha se fechado outra vez, e eles se viram enxergando o céu pelo para-brisa, que estava milagrosamente intacto. E ali, bem acima deles, estava um tornado se desfazendo, rasgado por raios azuis.

O carro caíra na vertical e balançava com a traseira apoiada no estepe.

Polegar perguntou:

— Estão todos bem?

Artie, Kay e Lance responderam, um de cada vez, confirmando.

Artie ouviu a distante voz de Bercilak ao telefone. Ele levou o aparelho à orelha.

— O senhor está bem?

— Acho que sim, Bercilak. O que quer que você tenha feito, parece que funcionou.

— Graças às folhas! Fosse o que fosse, isso aí parecia bem angustiante.

— E foi. — Artie ainda estava em choque. — O que você fez?

— Oras, abri o portão.

— Qual portão?

— O que dá acesso aos fundos da sua corte no exílio, é claro. Na próxima vez que estiver aqui, receberá as boas-vindas de forma mais apropriada!

Bercilak soava triunfante. Antes que Artie pudesse dizer algo, a ligação caiu.

Exausto, ele soltou o telefone.

Então olhou para a irmã, que ergueu as sobrancelhas e abriu um sorriso fraco. Polegar, que tinha caído dentro da camisa de Artie, estava dando tapinhas em seu peito. Lance soltou um primitivo grito de alívio. Todos começaram a rir, a risada virou gargalhada, e, após vinte segundos, perceberam que Kynder estava rindo também.

Quando se acalmaram, Kynder por fim perguntou, desesperado:

— Será que alguém pode por favor me contar o que diabos está acontecendo aqui?

Eles voltaram a rir. Não conseguiram evitar.

EM QUE O GRUPO DESCOBRE QUAL SERÁ A PRÓXIMA MISSÃO



Com uma pancada de chacoalhar os ossos, o grupo conseguiu desvirar o carro, colocando-o novamente sobre as quatro rodas. O veículo tinha passado por uma aventura e tanto, mas ainda estava inteiro. Lance engatou a marcha e seguiu em direção à estrada, à qual, sem a gangue maligna de tornados os perseguindo, chegaram dentro de poucos minutos.

Polegar foi até o porta-copos ao lado do câmbio e apresentou-se adequadamente para Kynder.

O pai das crianças balançou a cabeça. Não porque estava falando com um homem que tinha apenas alguns centímetros de altura, mas porque *ele sabia quem aquele homem era*.

— Ah, meu Deus! Você é o Sr. Polegar, o mesmo que nos ajudou a adotar Artie!

— Exatamente, senhor!

Kynder riu e, em seguida, perguntou:

— Então você e as crianças... são amigos?

— Bastante. Posso atualizá-lo sobre a situação? Eu lhe dou minha palavra de que falarei apenas a verdade.

— Por que não? Prossiga.

E assim, com alguns acréscimos de Lance, Polegar contou toda a história. Quando eles chegaram à Torre Invisível, Kynder já sabia que havia um local chamado Outro Mundo; que Artie era o *rei Arthur II*; que Merlin era o Merlin; que Polegar e Artie tinham viajado pelo portão da lua até o Outro Mundo; que seu filho arrancara uma antiga espada de uma pedra e

a usara para matar um filhote de dragão; e que Polegar, Artie, Kay e o coelho tinham acabado de voltar de uma louca aventura — que envolvera milhares de pombos, uma canoa, uma menina que vivia debaixo d'água, uma ave gigantesca e um dragão verde zangado — para recuperar a lendária espada Excalibur.

Kynder permaneceu no carro tentando absorver todas as informações enquanto Lance e Polegar iam à loja. Artie e Kay viram como Kynder parecia atordoado. A garota esticou o braço na direção do pai e colocou a mão em seu ombro para reconfortá-lo.

— Bem esquisito, não acha? — perguntou Artie.

— Sim — respondeu Kynder, exausto.

— Espere só, Kynder — disse Kay. — Espere só até você ver Merlin de novo. Aí, sim, vai ficar esquisito *de verdade*.

Sem dizer mais nada, eles saíram do carro e entraram na Torre Invisível.

* * *

Kay tinha razão. Dessa vez, Kynder viu todas as tatuagens misteriosas de Merlin. E, dessa vez, ele foi além da primeira sala do vasto e encantado lar subterrâneo do mago.

Passaram os dias seguintes com o feiticeiro e Polegar, recarregando as energias. Eles comeram, dormiram e tomaram banho. Leram, praticaram com as espadas e ficaram de boabeira. Observaram as flores nas estufas, as armas nos arsenais e os mapas nas bibliotecas. Jogaram *video game* e assistiram ao noticiário, que mostrou um grande número de matérias sobre as estranhas tempestades que devastaram o Meio-Oeste.

Mas, durante grande parte do tempo, os Kingfisher conversaram.

Kynder perguntava repetidamente aos filhos:

— O que vocês acham de tudo isso?

Ambos estavam muito exaustos mentalmente para mentir. Então, respondiam:

— Não sei.

Na segunda noite, os Kingfisher se encontravam em uma sala de estar luxuosa com o fogo crepitando na lareira. Merlin e Polegar estavam em outro cômodo, fazendo o que quer que costumassem fazer durante a noite. Kay rompeu o silêncio:

— Sabe, Kynder, eu ouvi por acaso o que você contou a Artie sobre como o adotamos... e sobre a mamãe.

Kynder suspirou.

— Sinto muito, Kay. Eu deveria ter contado isso para você antes. Deveria ter contado aos dois antes. Mas, sinceramente, achei que não acreditariam em mim.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo. Então, Artie disse:

— Acho que o que você disse naquela noite tem muito a ver com o que nós estamos pensando sobre tudo isto, Kynder.

Kynder assentiu. Ele queria ouvir o que Artie tinha a dizer, e dava para ver que o filho ainda estava tentando juntar todas as peças dos acontecimentos.

— Vou dizer o que acho — começou Artie. — Separadas, essas coisas não fazem sentido algum. Nenhuma delas. Mas não aconteceram separadamente. Estão relacionadas, sabe? Digo, na última semana nós vimos coisas que nunca imaginamos que *poderíamos* ver um dia. Não porque somos cegos, mas porque pensávamos que não existissem. Um mago? O Pequeno Polegar? Rei Arthur? Fala sério! E ainda assim... essas coisas existem. Queiram ou não, esta é a nossa vida.

— Admito que é algo difícil de aceitar, mas você tem razão, Arthur — comentou Kynder.

— Mas aí é que está — continuou Artie. — Agora que sei de tudo isso, sinto que preciso saber mais. Quer dizer, é quem eu sou! Posso sentir. *Tenho* que saber mais.

Kynder olhou para o próprio colo. Seus filhos estavam crescendo bem mais rápido do que ele gostaria, e de uma maneira que ele nunca poderia

imaginar. Ele superou a preocupação e disse, sinceramente:

— É muito bom descobrir sobre si mesmo. Muitas pessoas, principalmente adultas, ficam bem confusas com isso. Acho que, se você acredita que essa é a coisa certa a se fazer, então tem o dever de seguir esse caminho. E esse conselho serve para os dois.

Kay então criou coragem e perguntou:

— E quanto a minha mãe?

Ela achava superlegal Artie virar rei e tudo mais, mas era aquilo o que mais queria saber.

— O que tem ela, Kay? — perguntou Kynder, obviamente hesitante.

— O que aconteceu com ela? Você não pode me contar?

Kynder olhou nos olhos da filha e disse:

— Eu realmente não sei. Ainda estou muito zangado com a sua mãe. Não que eu me orgulhe disso, e é esse também o principal motivo para eu sempre ter me recusado a discutir o assunto. Jurei que nunca voltaria a falar o nome dela, mas, considerando tudo o que aconteceu, acho que preciso superar isso. — Kynder respirou fundo, segurou o ar nos pulmões por um instante e depois o soltou lentamente. — Cassandra ou Cassie, como todos a chamavam, era uma pessoa estranha, frágil. Ela não gostava de multidões, odiava andar de avião e se recusava a beber água que não fosse mineral. Coisas esquisitas desse tipo. Mas também era fantástica e, bem... deslumbrante. Tinha cabelo comprido e ruivo como o seu, Kay, e olhos de cores diferentes também. Cantava maravilhosamente bem e era boa pianista. Era uma mulher muito culta. E a amava demais, Kay. — Ele fez uma pausa. — Mas não posso dizer que ela sentisse o mesmo por você, Arthur.

As crianças ficaram em silêncio enquanto Kynder se recompunha.

— A sua mãe ficou muito assustada com a chegada de Arthur, o que é compreensível. Mas não foi apenas isso. Ela odiava o fato de vocês dois gostarem tanto um do outro. E odiava que eu os amasse tanto quanto amava, e continuo amando. Conforme os meses foram passando, ela foi

ficando cada vez menos atenciosa com Arthur; não conseguia aceitá-lo de jeito nenhum. Alimentava, banhava e cuidava de você, Kay, mas ignorava por completo seu irmão, por mais que ele chorasse. Eu implorava, mas era inútil. Mais de uma vez ela saiu de casa com você nos braços, deixando Arthur sozinho no berço ou na cadeirinha, ou até no chão da sala. Para Cassie, era como se Arthur literalmente não existisse.

— Uau — disse Kay, sentindo-se mal pelo irmão.

— É... Um dia, foi demais para ela. Ela se levantou como se fosse ao banheiro e saiu. Sumiu. Eu a procurei, fiz boletim de ocorrência e tudo mais. Mas não recebi nenhuma informação. Sua mãe tinha sumido. Não tive notícias dela até o telefonema que recebi há uma semana. Cara, aquela ligação me deixou tão irritado.

Kay disse:

— Bem, ela sabe de alguma coisa, isso é certo.

— Parece que sim — reconheceu Kynder.

— Espero que você não se importe, pai, mas eu *tenho* que descobrir o que é — falou Kay.

— Eu também — concordou Artie, solidário, olhando para a irmã.

— Obrigada, Art.

Kynder deu um sorriso fraco. Ele inclinou-se para a frente na cadeira e colocou uma das mãos no joelho de cada filho.

— Eu compreendo. Compreendo exatamente o que vocês querem dizer. Vou apoiá-los sempre, não importa o que acontecer. Prometo.

* * *

No dia seguinte, eles se sentiam um pouco melhor. Durante o café da manhã, Kay brincou:

— Cara, tivemos grandes emoções ontem à noite, hein, família?

Aquilo deixou tanto Artie quanto Kay à vontade. Era bom ver que, apesar das preocupações, a personalidade de Kay estava intacta.

Após comerem, os irmãos foram praticar esgrima. Kynder juntou-se a Merlin em um dos laboratórios, onde perguntou se o feiticeiro não se importaria em lhe ensinar um pouco de magia. Merlin ponderou a respeito por um momento e concluiu que não havia motivo para não fazê-lo. Poderia ser legal ter um aluno depois de tantos séculos. Então, Kynder seguiu o velho por toda parte até o fim do dia, circulando pelos laboratórios, estufas e salas de poções.

Naquela noite, Lance foi até lá para jantar, e Merlin contou mais sobre a Excalibur.

Além do que Artie já sabia, sua espada tinha muitos outros poderes: assim como a Cleomede, podia cortar quase qualquer coisa; e além de brilhar com uma luz cegante, podia deixar qualquer espaço fechado completamente escuro; e, se fosse preciso, era capaz de encontrar a fonte de água potável mais próxima.

A certa altura, Artie o interrompeu:

— Sabe, a Menina do Lago disse que a espada também me ensinaria mais coisas com o passar do tempo. É verdade?

— De fato, meu garoto, de fato. A Excalibur é um tesouro de conhecimento, e lhe transmitirá as informações quando for preciso.

Artie conteve um riso eufórico.

— Mas não fique tão alegre, Artie, pois também há algo perigoso sobre a Excalibur. A espada, você sabe, é muito poderosa, e nunca passa despercebida. É como um farol em uma minúscula ilha no meio de um oceano escuro. Foi a Excalibur que permitiu que Morgana, que certamente estava por trás daqueles furacões, chegasse tão perto de encontrá-lo. Agora, Morgana quer tirá-la de você. Ela quer pegar a espada para que eu não possa ser liberto.

Artie lembrou-se de ter visto uma pessoa no tornado, esticando-se na direção dele. Ele recordou-se do frio que sentira e não gostou nem um pouco da ideia de ser caçado. Baixou a cabeça e se remexeu desconfortavelmente.

— Você tem razão para ficar preocupado, Artie — continuou Merlin. — A fúria de Morgana cresce enquanto estamos aqui sentados, no distante Ohio. O tempo que estamos levando para nos prepararmos é uma indulgência. Quanto mais cedo você conseguir usar a Excalibur para pegar a chave que vai destruir a minha prisão, mais cedo poderemos começar a enfrentar Morgana de frente. Juntos.

Kay perguntou:

— E essa chave... onde a encontramos exatamente?

— Você vai contar a eles sobre Numinae, não vai, Merlin? — indagou Lance, preocupado.

— Sim. É preciso — respondeu o mago.

Kay não conseguiu se conter:

— Quem é Numinae?

— O *que* é Numinae seria a pergunta mais adequada, querida Kay. Basicamente, Numinae é o bisneto do bisneto do bisneto de Nimue. - Nimue foi uma das subordinadas e conspiradoras de Morgana, e foi ela que me enganou, trazendo-me para esta prisão.

Kynder perguntou:

— E o que meus filhos devem fazer com esse tal de Numinae?

— Nimue, aquela que me enganou, fez a estupidez de guardar a chave desta torre, e a foi repassando adiante ao longo de suas gerações. Agora está sob a posse de Numinae. E a tarefa de vocês é encontrá-lo, enfrentá-lo e recuperar a chave.

Artie coçou o queixo.

— Certo. Onde ele guarda a chave?

— Está na mão dele.

— Ele fica segurando a chave? Por que simplesmente não pedimos para ele, então? — perguntou Kay.

— Não, você não entendeu. Está *na* mão dele. Na mão esquerda dele.

Merlin apertou a palma da mão esquerda com o dedo indicador da direita.

— Aaah. Tipo *dentro* da mão — disse Kay.

Merlin assentiu lentamente e então comentou:

— Numinae é poderoso, mas não resistirá ao gume da Excalibur. Tudo o que você precisa fazer, Artie, é cortar a mão dele e trazê-la até mim. Daí em diante, eu assumo.

Artie revirou os olhos e disse, cheio de sarcasmo:

— Ah, se for só isso, tudo bem, sem problemas.

Merlin disse:

— Você tem razão ao pensar que não será fácil, Artie, mas é por isso que você é o rei. Reis fazem coisas não muito fáceis e, com frequência, não muito populares. A maioria dos reis deve tomar a melhor decisão possível dentre as piores, se é que você me entende.

— Não sei se entendi direito — disse Artie, engolindo em seco. Mas ele acreditou em sua nova espada e no mundo incrível que estava desvendando rapidamente e acrescentou: — Mas acho que vou descobrir. Quando é que começamos?

— Esse é o meu garoto! — gritou Polegar.

Merlin levantou-se. Pareceu ao mesmo tempo orgulhoso e triste ao dizer:

— Obrigado, Artie Kingfisher. Sei que não tem sido fácil... para nenhum de vocês — falou, indicando Kay e Kynder. — Começaremos em breve, mas primeiro temos que cuidar de algumas coisas. Por exemplo, devemos fazer de tudo para ocultar a Excalibur de Morgana. Por enquanto, tudo depende de conseguirmos mantê-la fora da equação.

Kay aproveitou o ensejo e disse, para apoiá-lo:

— Não se preocupe, Artie, vamos botar para quebrar!

— É isso aí, garota — concordou Polegar. — Como eu disse, Artie, ainda teremos muitas aventuras juntos... Com A maiúsculo!

**EM QUE MERLIN ESCONDE A MAIS INCRÍVEL
ESPADA JAMAIS FORJADA, ALÉM DE
ALGUMAS OUTRAS COISINHAS**



Na manhã seguinte, eles se viram em um típico laboratório de química. No meio da sala, porém, havia um caldeirão de pedra que parecia conter lava derretida; na frente, um grande tanque retangular com um líquido azul brilhante.

Merlin colocou-se entre os dois e anunciou:

— Antes que tentemos esconder a Excalibur de Morgana, vocês precisam entender algumas coisas sobre a essência da espada. Artie, pode me emprestá-la?

Artie entregou a Excalibur para Merlin. O mago pegou a espada com tranquilidade e a virou de cabeça para baixo, deixando a ponta tocar o chão, e segurou o pomo.

— Ninguém sabe há quanto tempo a Excalibur foi forjada, ou por quem. O que sabemos, no entanto, é que ela é feita de uma liga metálica mágica *muito* especial. A mesma, aliás, de um cálice simples, cor de cobre, de que vocês já devem ter ouvido falar.

— Espere... o Santo Graal? — perguntou Kynder.

— Isso mesmo. O Graal e a Excalibur estão relacionados. A liga que forma ambos não deixa de ser de aço, que é composto principalmente de ferro e carbono, mas há, além desses, outro elemento que é completamente desconhecido neste mundo. É um elemento químico do Outro Mundo chamado sangrealite.

— Sangrealite — repetiu Artie, na dúvida.

— É. Vem do antigo francês. Literalmente, quer dizer “santo graal”, mas também pode ser interpretado como “graal de sangue” ou “sangue real”. Bem, a questão é que a sangrealite faz algumas coisas muito interessantes.

— Como por exemplo? — perguntou Kynder, com a curiosidade aguçada.

— Em primeiro lugar, repele qualquer encanto lançado no objeto. Por esse motivo, a Excalibur não pode ser escondida com um simples encanto de disfarce, mas podemos contornar isso. E, em segundo lugar, algo igualmente importante.

— E o que é? — quis saber Kay.

Merlin ergueu a Excalibur e mergulhou-a na lava derretida.

— Ei, isso não é uma má ideia? — exclamou Artie, avançando na direção da espada.

Merlin segurou a mão de Artie e a deteve.

— Não nesse caso. A lava derreteria aço normal, mas lembre-se da...

— Sangrealite — disseram Kay e Kynder em uníssono.

— Precisamente. Venham, toquem na espada. É totalmente seguro.

Os Kingfisher deram um passo para a frente e colocaram as mãos na lâmina: não estava nem um pouco quente.

Kynder soltou um assovio baixo, e Artie perguntou:

— Então a sangrealite é imune ao calor?

— Não exatamente.

Merlin esticou o braço para trás e puxou um longo cabo com uma garra na pronta.

— Você vai dar a partida na Excalibur com uma chupeta? — perguntou Kynder, incrédulo.

— Não. Isto está ligado ao voltímetro que fica ali. Observe.

Merlin prendeu o cabo à espada, e a agulha no voltímetro saltou na mesma hora, apontando para o máximo.

— Uau! — exclamou Kynder, impressionado de verdade. Seus joelhos perderam a força e ele teve que se escorar em uma bancada próxima. —

Não posso acreditar!

Artie e Kay não entenderam.

— Acreditar no quê, Kynder? — perguntou Artie.

— Bem, não sei bem, mas me parece que a Excalibur é o que chamamos de conversor termoelétrico, o que é impressionante. Ela absorve o calor e o transforma em eletricidade, como se fosse magia. Se pudéssemos utilizar esse tipo de coisa, seria o fim dos combustíveis fósseis. Nada mais de petróleo, nem de carvão...

— Nem de aquecimento global — disseram as crianças ao mesmo tempo.

— Exatamente — confirmou Kynder. — Merlin, isso é incrível. Como funciona?

— Ninguém sabe. Apenas funciona. E não é só isso: também é um supercondutor. Um fio de cobre contendo mesmo a mais ínfima - quantidade de sangrealite pode conduzir energia por qualquer distância sem sofrer dissipação. Uma rocha média desse elemento do Outro Mundo seria suficiente para saciar para sempre a sede de energia do lado de cá.

Merlin despreendeu o cabo do voltímetro, tirou a Excalibur da lava e a enfiou no líquido azul. Um chiado e vapor preencheram a sala.

Quando o vapor se dissipou, Kynder comentou:

— Artie, Kay: isso é incrível. Dá muito mais importância a tudo que Merlin nos disse. Tenho que ser honesto com vocês. Sei que disse que iria apoiá-los de qualquer maneira, mas, antes de presenciar o que acabei de ver, não queria que vocês se envolvessem com isso. Sem querer ofender, Merlin — disse Kynder.

— Sem problema, Kynder.

— Mas agora... realmente *quero* que vocês experimentem e façam as loucuras que Merlin está pedindo. E, sério, pelo bem de tudo e de todos, vocês também deveriam querer muito fazer isso!

Merlin sorriu satisfeito enquanto girava a espada no líquido.

— E agora? — perguntou Artie, ainda mais determinado.

— Agora escondemos a Excalibur — disse Merlin. — Como a sangrealite que existe na espada vai defletir qualquer encanto que lançarmos, tive que pensar em um plano alternativo. — Merlin tirou a espada do tanque e a sacudiu. — Este líquido é composto de muitas nanopartículas, objetos minúsculos milhares de vezes menores que a espessura de um fio de cabelo. E essas partículas foram encantadas com um feitiço de disfarce e de forte magnetismo. Tenho quase certeza de que, assim que o líquido secar, o encanto de disfarce vai aderir à espada... para sempre.

Kay não pôde conter a pergunta:

— Quase certeza? Quer dizer, se não funcionar, serão as nossas cabeças a prêmio lá fora, e não a sua.

— Certeza quase absoluta. No entanto, se por algum motivo eu estiver enganado, a Excalibur possui um segredo final que vai salvar de forma bem eficiente as suas cabeças.

— Que seria...? — perguntou Artie, totalmente fascinado pelos poderes da espada.

— Bem, se houver a necessidade de se mover de maneira rápida de um lugar para o outro, simplesmente enfie a espada no chão e diga “*Lunae lumen!*”. Um portão da lua se abrirá e o levará a um de dois locais. Você poderá determiná-los antecipadamente ao colocar essas pedras — ele mostrou duas pedrinhas escuras na palma da mão — no lugar aonde você deseje ir.

— Tudo bem — disse Artie, pegando as pedras.

Merlin falou:

— Posso sugerir que você deixe uma delas comigo?

— Ah, claro — respondeu Artie, devolvendo-lhe uma. — Acho que vou deixar a outra em casa.

— Boa ideia — disse o mago.

Merlin bateu palmas e disse:

— Bem, é isso! Receio que hoje seja o fim da estimada visita de vocês às minhas cavernas. — Ele colocou a mão no ombro de Artie e proferiu: — Amanhã, meu jovem rei, você deve partir em direção ao seu destino e seguir seu caminho até o Outro Mundo!

Na manhã seguinte, os Kingfisher, Lance, Polegar e Vorpal seguiram em comboio para casa, em Shadyside, Pensilvânia.

Merlin, é claro, ficou para trás.

Além de tudo o que já havia feito por eles, o mago lhes dera um minitesouro de itens úteis. Havia um saquinho com várias moedas capazes de abrir portais unilaterais neste mundo, um kit de primeiros socorros que curava feridas rapidamente, uma mochila “infinita”, que fazia itens pesados e volumosos parecerem leves e pequenos, e duas mudas de roupas íntimas para Artie e Kay tecidas com titânio encantado, que os protegeriam como armaduras. Para Kynder, Merlin providenciou um kit básico de preparação de poções, com alguns ingredientes raros e um pequeno livro de feitiços.

Quando chegaram em casa, eles descansaram um pouco e arrumaram as coisas. Kynder até deixou as crianças irem de bicicleta até o mercado para comprar duas latas quase congeladas de refrigerante para cada um. Ele achou que os dois mereciam. Artie e Kay beberam no quintal dos fundos. O doce e proibido refrigerante era a melhor coisa que já haviam experimentado.

Naquela noite, eles jantaram mais cedo e foram deitar.

No dia seguinte, as crianças acordaram às cinco da manhã e desceram as escadas. Kynder, que não tinha dormido nada, estava dando os toques finais no reforçadíssimo café da manhã — com *ainda mais* refrigerante bem gelado para completar. Eles atacaram a comida como se fossem prisioneiros esfomeados.

Às seis e quinze, estavam prontos para ir.

Eles foram até o quintal e formaram um círculo. A luz da manhã era filtrada pelo bordo do vizinho. Pássaros gorjeavam e perseguiam insetos pelos subúrbios.

Kynder entregou a Artie sua mochila infinita. Enquanto as crianças dormiam, ele a tinha enchido com alimentos, roupas, sacos de dormir, isqueiro, lanternas, caneta e papel, dois guarda-chuvas pequenos, uma foto sua no jardim usando aquelas galochas ridículas, o manual de manejo de espadas, a bolsinha com moedas para abrir portões da lua, o kit de primeiros socorros de Merlin, o celular pesadão do Outro Mundo e uma lista de números telefônicos. Também deu a Artie e Kay seis frascos contendo poções que ele mesmo havia preparado: quatro elixires nutritivos para cada e duas poções que evitariam que sentissem muito frio.

— Sei que não é muita coisa, mas eu queria lhes dar algo — disse Kynder.

— Obrigada, pai — disse Kay, com uma ênfase na palavra *pai que não lhe era nada típica*.

Lance disse:

— Queria ir com vocês, pessoal. Se encontrarem um caminho que eu possa atravessar, então venham me buscar. Sou muito bom de luta.

— Eu acredito em você, Lance. Vou perguntar por aí — garantiu Artie.

O grupo ficou em silêncio, olhando fixamente para o chão. Depois, Artie colocou uma moeda do portão da lua no meio do círculo. Olhou nos olhos de todos, ergueu a Excalibur e disse:

— Bem, lá vai!

Ele tocou a moeda com o pomo da espada. Na mesma hora, dois círculos idênticos de luz azul-clara surgiram em um clarão e ficaram girando devagar um ao redor do outro. Polegar atravessou com Vorpal primeiro, sem dizer nada, com apenas um aceno com a cabeça na direção de Kynder. Kay acariciou o braço do pai.

— Vou ficar bem, papai. Vou tomar conta de Artie para que ele não se meta em muita confusão — disse ela, arrancando um sorriso de Kynder.

Os olhos dele se encheram de lágrimas quando Kay atravessou.

Artie assentiu para Lance e, em seguida, virou-se para o único pai que já conhecera. Ao ver Kynder quase chorando, não pôde evitar pensar que seu pai não merecia nada daquilo.

O garoto deu-lhe um abraço forte, jogou a mochila no ombro e disse:

— Eu volto logo, pai. Preciso salvar os mundos!

Ele atravessou o portão da lua e desapareceu. Só ficou para trás uma antiga moeda de bronze no gramado.

* * *

Dessa vez eles foram direto para onde queriam: a corte exilada do rei Artie Kingfisher. Bercilak estava ali em frente, com os braços abertos e seu grande machado de batalha apoiado em um rododendro cheio de flores cor-de-rosa.

Quando os viu, o cavaleiro sem rosto exclamou:

— Sejam bem-vindos, amigos!

— Oi, Bercilak — disse Artie. — Que bom vê-lo.

O Cavaleiro Verde fez um floreio com as mãos.

— Verdinho — disse Polegar, sem muito entusiasmo.

Bercilak fez uma breve reverência e devolveu, baixinho:

— Polegar.

Kay balançou a cabeça e disse:

— Uau, você realmente não tem cabeça, hein?

A armadura virou ruidosamente na direção de Kay e exclamou, entusiasmada:

— Não tenho cabeça, nem corpo, nem dedos do pé, nada. Sou o Cavaleiro Vazio! E lhes dou as boas-vindas ao seu maravilhoso lar longe de casa!

Eles olharam para além dele, para a corte exilada. E, sinceramente? O lugar meio que parecia um lixão.

Atrás de Bercilak havia um enorme carvalho, com pequenas portas e janelas mal-conservadas no tronco antigo. Um patético cartaz pintado à mão se debatia ao vento acima da porta. Dizia: “Bem-vindo de volta, rei Artie!”

Não era bem uma recepção digna de um rei. Aliás, não era bem um castelo.

Uma rajada de vento chacoalhou as árvores, carregando folhas e pedacinhos de papel. Um dos papéis ficou preso na lâmina da Excalibur. Artie o pegou e leu.

Des-parecid!

Uma espaudad’fogo!

Cas desenterra, fav. postar a

Castelo Águas oscuras, Fenland

P.n.e.

O bilhete estava em parte escrito em dialeto antigo, e Artie entendeu o que queria dizer: “Perdida! Uma espada abrasadora! Se encontrada, enviar por gentileza para o Castelo Águas Escuras, Fenland. Pagamento mediante entrega.

Artie perguntou:

— O que isso quer dizer?

— Ah, é só um pequeno folheto da dama de Fenland — respondeu Bercilak. — Desde que você retirou a Excalibur do Lago, o continente de Sylvan tem sido bombardeado por folhetos como esse. Têm sido um estorvo, e estão irritando muito meu senhor de Sylvan!

A menção à Excalibur fez Artie se lembrar das nanopartículas encantadas que deveriam ocultá-la. Ele virou-se para Polegar, apontando para a espada.

— Você acha que o encanto que Merlin fez está funcionando, Pequeno Polegar?

Bercilak estremeceu, retinindo.

— Tenho certeza de que está, meu jovem — respondeu Polegar.

— Mestre, estou falando sério: devemos nos esforçar para não mencionar esse nome — protestou Bercilak. — Wilt Chamberlain, não foi o combinado?

— Sim, Wilt Chamberlain — confirmou Artie.

Kay deixou aquela passar.

Bercilak continuou:

— Exato. Tenho certeza de que Wilt Chamberlain se saiu bem ao esconder a Excalibur de quem a procura em Fenland. De qualquer forma, a busca ainda está acontecendo, então logo descobriremos!

— Você parece bem animado, Verdinho! — observou Kay.

— É claro! Estou emocionado por vê-los aqui. Céus, onde estão meus bons modos? Por favor, entrem!

Bercilak virou-se para o carvalho e abriu a porta. Ele abaixou-se ao entrar, e Artie, Kay e Polegar seguiram o Cavaleiro Verde.

Assim que os olhos deles se adaptaram à luz do local, Bercilak estendeu os braços e exclamou:

— Seja bem-vindo ao lar, meu senhor.

Aquilo sim era um lar.

Um grande salão estendia-se diante deles. O piso era feito de pedras pretas e as paredes eram revestidas de painéis de madeira laqueada. Duas fileiras de colunas espessas de madeira davam suporte ao teto arqueado. Entre as colunas, dos dois lados, havia armaduras vazias, e em cada coluna, uma faixa de tecido pendurada. As faixas à direita tinham três coroas douradas em fundos vermelho escuro ou azul royal; à esquerda, havia algumas faixas azuis com duas chaves brancas e outras brancas, ilustradas com um punho vermelho fazendo sinal de positivo. No meio do salão havia uma enorme mesa redonda de madeira. Um pouco além viam-se

várias prateleiras cheias de armas medievais. E na outra ponta havia o que parecia uma estátua de cavaleiro com armadura preta, montado em um cavalo branco bem grande.

Aquilo tudo era tão impressionante que eles nem perceberam as três pessoinhas feias de pé diante deles.

— Aha-ham — pigarreou um deles.

— Ah, sim! — gritou Bercilak. — Estes são os criados da casa. Três pequenos e bondosos trolls que atendem pelos nomes de Bolo, Esfrega e Martelo.

Enquanto dizia os nomes, ele foi apontando para cada um.

Os três fizeram uma reverência e entoaram:

— Senhor. Senhores — disseram, e em seguida sumiram em meio à escuridão como se nunca tivessem estado ali.

Bercilak conduziu o grupo pela sala comprida.

— Aqui, Artie, é seu salão principal. Ali, perto da mesa, você verá as portas que levam aos seus aposentos particulares. Outra porta leva a um corredor que dá acesso aos estábulos, aos armazéns e à oficina e quarto de Martelo. Ao fim do salão — Bercilak apontou na direção da estátua do Cavaleiro Negro — você encontrará as portas que levam à cozinha, ao celeiro e aos quartos de Bolo e Esfrega. Se precisar de ajuda, é só tocar um desses sinos que estão em toda parte, e alguém virá.

— Certo — falaram Artie e Kay.

Bercilak prosseguiu:

— Agora, suponho que vocês estejam se perguntando do que se tratam essas faixas na parede, assim como as prateleiras de armas e os guardas.

A ideia de um bando de guardas invisíveis deixou Artie bem animado.

— Então quer dizer que essas coisas não são apenas armaduras? — perguntou ele.

— É claro que são, senhor! O que mais seriam? Bananas? — brincou Bercilak.

— Ha-ha. Muito engraçado — disse Kay, sem rodeios. — O que ele quer saber é se são como você.

— Ah! Bem, sim, cavaleira Kay. Esses são os guardas da corte. Eles irão ajudá-los caso este complexo seja invadido pelos seus inimigos algum dia.

Na mesma hora, cada armadura, em um perfeito e ensurdecedor uníssono, colocou-se em posição de guarda. Os que portavam espadas as levaram aos ombros; os que tinham alabardas as empunharam à frente; e os que seguravam maças e clavas ameaçadoras as estenderam diante de si, paralelas ao chão.

Bercilak prosseguiu como se nada tivesse acontecido:

— As prateleiras de armas são para eles, exceto pelas prateadas e douradas, que são para vocês. Essas oferecem instrumentos de luta adicionais caso vocês queiram complementar suas espadas. Como uma adaga, por exemplo. Não acha, Sr. Polegar?

— Sim, todos precisam de uma boa adaga — foi a breve resposta de Polegar.

— As faixas também são para vocês. Aquelas com coroas são do rei Arthur. As com as imagens de chaves são da cavaleira Kay. As do cavaleiro Polegar, caso não esteja óbvio, são aquelas com o punho e o polegar estendido.

Finalmente, eles chegaram à mesa, aproximando-se dos fundos do salão. Kay perguntou:

— O que é aquela estátua ali embaixo? Faz parte da guarda da corte também?

— Ah, aquilo — disse Bercilak, tentando dar a impressão de que não era nada de mais. — Aquilo é...

— CHEGA! — rugiu uma voz da outra ponta do corredor.

Então eles viram o grande cavalo com o Cavaleiro Negro começar a se mover. Olharam com mais atenção, e só então perceberam que não se tratava de um cavalo, não mesmo.

Era um tigre-dentes-de-sabre branco.

O animal esticou-se e bocejou silenciosamente, revelando suas grandes presas.

— Conte para o garoto, cavaleiro Bercilak! — ordenou a voz misteriosa.

Kay franziu a testa e perguntou:

— Quem é esse?

— Eu sou o cavaleiro Bedevere Sexagésimo-Nono! — rugiu a voz outra vez.

O felino abaixou-se e o cavaleiro de armadura preta desmontou.

Ele deu dois passos largos e puxou a espada. Artie sabia que aquele tipo de arma era chamado de espadão escocês. Era enorme.

— Diga a ele!

— Ah, tudo bem, Bedevere. Acalme-se. — Bercilak virou-se para Artie e colocou a mão em seu ombro. — Bem, como ele disse, este é o cavaleiro Bedevere Sexagésimo-Nono. Seu ancestral direto, o cavaleiro Bedevere I, devolveu a Excalibur para a Dama do Lago depois que o primeiro Arthur faleceu. Ele e todos os seus descendentes foram guardiões da corte de Arthur. Você se lembra de quando me ligou e implorou para que eu abrisse o portão?

— É claro.

— O portão fica lá no fundo, atrás de Bedevere Sexagésimo-Nono. É um portão poderoso, que não era aberto havia eras. Romper o lacre dele liberou uma quantidade de energia suficiente para distrair a dama de Fenland, desviando a atenção dela dos campos de sua Ohio de volta para Sylvan. E, quando abri a passagem, Bedevere e seu gatinho saíram. Eles têm esperado aqui desde então.

Ele gesticulou para o cavaleiro e o tigre.

— Esperando pelo quê? — perguntou Artie.

— Por você — respondeu Bercilak, sem rodeios.

Artie engoliu em seco.

— Por quê? — ele quis saber.

— Porque sou o guardião desta corte! — anunciou Bedevere. — Não é qualquer um que pode entrar aqui e reivindicá-la. Primeiro você tem que provar seu valor!

— Provar meu valor? — queixou-se Artie. Ele já não tinha passado por isso?

Aparentemente não. Pois, antes que ele pudesse explicar sobre a pedra e os filhotes de dragão e o Lago e o grande dragão e tudo o mais, o cavernoso salão encheu-se com o pavoroso som de metal retinindo. Retinindo e se movendo rapidamente na direção de Artie.

A primeira luta de espadas de Artie estava prestes a acontecer.

Como se aquilo não fosse ruim o bastante, quando se virou para Kay e Polegar em busca de ajuda, ele viu o Cavaleiro Verde afastando seus amigos com o grande machado de batalha. Mal ouviu o sussurro de Bercilak:

— Perdoe-me, senhor.

Artie estava sozinho nessa.

Tremendo de medo e empolgação, ele deu um passo cauteloso na direção do cavaleiro desafiador, erguendo a espada e segurando-a com firmeza. E foi então que a espada, sem palavras, o fez atacar. A Excalibur não era covarde, e Artie também não deveria ser. Ele sabia que a espada estava certa, por isso começou a correr às cegas na direção do Cavaleiro Negro.

Quando ele e Bedevere estavam a apenas alguns metros um do outro, Artie viu o rosto do cavaleiro sob o visor levantado. Ele não era nada bonito. Seus dentes eram amarelos, e uma grossa cicatriz arroxeadada corria de sua testa até o queixo.

Artie se concentrou e soltou um prolongado grito de desafio.

As espadas se encontraram. A Excalibur não atravessou a enorme espada nem o homem que a empunhava, ao contrário do que o garoto meio que esperava. Faíscas voaram de suas armas, e Artie e Bedevere foram

empurrados para trás pela força do impacto. Bedevere conseguiu continuar de pé. Artie não.

Ele caiu de costas com força e deslizou pelo chão de pedra. Mas, milagrosamente, o impacto com Bedevere não tinha doído tanto. A Excalibur, no exato momento do impacto, tinha deixado o garoto *mais forte*. Ele nunca sentira nada assim em toda a vida.

Bedevere ergueu sua espada gigante acima da cabeça e correu na direção de Artie a toda velocidade.

Em um piscar de olhos, o cavaleiro estava em cima dele, baixando o espadão escocês para cortá-lo em dois.

O garoto fez um movimento defensivo, e as armas voltaram a se encontrar com um tinido metálico. O som disse muito para o jovem rei Artie, como se ele tivesse esperado a vida toda para ouvir o barulho de metal contra metal.

O golpe de defesa desviou o espadão escocês de Bedevere para a direita. Bedevere montou nele, mas Artie conseguiu sair rapidamente de entre as pernas do cavaleiro. Assim que se viu livre da ameaça de ser cortado ao meio, Artie colocou-se de pé com a velocidade de um felino.

O dentes-de-sabre rosnou. Kay gritou o nome do irmão. Os dois sons ecoaram pelo grande salão.

Artie atacou, mas Bedevere deu uma pirueta e aparou a Excalibur com sua espada abaixada, deixando a ponta traçar um arco de eletricidade pelo chão.

Então, Bedevere fez algo inesperado. Deu um soco no ombro de Artie. E, cara, aquilo doeu.

Artie cambaleou para trás. Quando seus pés estavam prestes a perder o chão, ele conseguiu se sustentar na prateleira de armas dourada.

Artie pegou um pequeno escudo de metal e madeira — um broquel — da prateleira. O objeto praticamente prendeu-se sozinho em seu antebraço. Na mesma hora a Excalibur ensinou ao garoto tudo o que sabia sobre broquéis, e em um piscar de olhos ele era um especialista.

Bedevere estava no meio de um movimento de ataque quando Artie ergueu o pequeno escudo. A espada trincou a madeira ao ser desviada.

O garoto respirou fundo e deu um passo para o lado. Conforme enchia os pulmões, ele sentiu as pedras sob as solas de seus tênis fazerem ruído. Sentia-se cheio de eletricidade e energia.

Ele concentrou-se em Bedevere. A distância entre os dois era o comprimento exato da Excalibur, o que tornou o espadão ridiculamente longo de Bedevere menos efetivo.

Artie olhou fixamente nos olhos estreitados do adversário. O Cavaleiro Negro recuou em busca de mais espaço, mas ele avançou na mesma direção em um só movimento.

Foi então que percebeu que a poderosa guarda da espada de Bedevere tinha uma fenda. Uma fenda em que a Excalibur se encaixaria perfeitamente.

Ao simular uma investida no tronco de Bedevere, o Cavaleiro Negro ergueu a espada para proteger o peito, colocando a guarda na posição perfeita para Artie dar seu golpe.

Em um movimento rápido, o garoto deu um passo para trás e em seguida avançou, golpeando mais uma vez. A Excalibur deslizou perfeitamente pela fenda exposta. Bedevere olhou para baixo e chacoalhou sua espada, mas foi em vão. O domínio da Excalibur sobre sua arma era firme.

Artie então ergueu a Excalibur, e Bedevere soltou um grunhido quando sua espada ameaçadora balançou em suas mãos e caiu no chão, aos pés do menino.

Com um chute hábil, Artie mandou a arma para longe. O cavaleiro caiu de joelhos. O garoto pôs a ponta da Excalibur entre duas placas de metal no tórax de Bedevere, mas não empurrou a espada.

Artie respirava com dificuldade.

Sua primeira luta estava terminada. E ele tinha vencido.

Kay pulava e gritava:

— Uhuul! Isso aí, Artie!

Bedevere virou-se para Artie e sorriu. Com uma reverência, ele baixou a cabeça e disse, com sua voz grave:

— Muito bem, meu senhor. Seja bem-vindo a sua casa.

Artie abaixou a Excalibur e Bedevere tirou o capacete. O cavaleiro tinha na verdade uns dezesseis ou dezessete anos, o cabelo preto comprido preso em um rabo de cavalo e os malares salientes. Apesar de ter parecido assustador no calor da batalha, ele era bonitão, mesmo com os dentes amarelados, como um daqueles caras fortes dos filmes *Crepúsculo*, de que Kay tanto gostava.

— Lamento se machuquei você — disse Artie.

O sangue escorria da palma da mão de Bedevere. A Excalibur devia tê-lo acertado durante a luta.

Bedevere olhou rapidamente para a ferida e disse:

— É só um arranhão, Majestade. Já sofri piores.

Ele apontou para a longa cicatriz no rosto.

— Estou vendo. Mas, por favor, me chame de Artie.

— Não posso, meu soberano — disse ele, com um sorriso irônico. — O senhor acabou de fazer picadinho do Cavaleiro Negro, guardião da corte exilada do rei Arthur, em um duelo. Vai precisar fazer um corte bem mais profundo que este para me obrigar a chamá-lo de qualquer outra coisa que não meu rei!

Artie balançou a cabeça. Combater Bedevere, vencê-lo e depois conversar tranquilamente com ele dava-lhe a sensação de ter voltado para casa. Ele deu um tapinha amigável no ombro do cavaleiro, que acenou com a cabeça de forma tranquila. Bedevere sentia o mesmo. Era como se eles tivessem se reencontrado.

Bercilak bateu as mãos de metal vazio e disse:

— Bem, agora que está terminado, temos que realizar uma cerimônia de nomeação improvisada. Concorda, Sr. Polegar?

— Plenamente — disse ele. — Artie, derrotar o Cavaleiro Negro é muito impressionante. Agora você pode usar a Excalibur para ungir aqueles que escolher para servi-lo.

— Legal! — disse Artie. — Bem, escolho Kay; e você, Pequeno; e Bedevere; ah, é claro, e você, Bercilak.

Verdinho soltou uma risada cheia de vigor, como uma longa trovada. Ao terminar, falou:

— Ah, céus, não! O senhor de Sylvan, de quem sou serviçal e a quem você procura, não permitiria!

— Espere. O quê? — disse Kay na mesma hora. — O cara cuja mão nós temos que arrancar fora e levar para Merlin para ele sair da prisão é, tipo, seu chefe?

— Eles são a mesma pessoa, Kay — explicou Polegar, em tom sério.

Era óbvio que o homenzinho já sabia, e que estava bem chateado por isso.

— É assim que as coisas são aqui — tentou explicar Bedevere. — As pessoas têm alianças conflitantes por toda parte.

— Bem — disse Bercilak, meio sem jeito —, a verdade é que estou um tanto confuso. Por um lado, quero ajudar o rei repatriado, mas por outro, devo honrar os compromissos que assumi com meu senhor Numinae. — Ele fez uma pausa. — A triste realidade é que, bem, eu sei onde Numinae pode ser encontrado, mas não posso contar a vocês.

— Por que não? — vociferou Kay.

Artie também não compreendeu. Ser um rei não era tão simples como ele imaginara.

— Porque ele está indeciso — disse Bercilak. — Se soubesse com certeza que libertar o mago é a coisa certa a fazer, suponho que ele *lhes daria* a chave. Mas se, por outro lado, achar que o melhor é que o mago continue preso, então evitará vocês ao máximo. Como não tem certeza, ele

vai tentar se manter afastado. Sou seu servo e, embora tenha um posto alto, não possuo autoridade para levá-los diretamente até ele. Meu senhor me arrancaria a cabeça.

— Com todo o respeito, Bercylak, mas alguém já tomou conta disso — brincou Kay sombriamente.

— É bem por aí! — Bercylak riu. — Engraçadinha!

— Como podemos ajudá-lo a se decidir, então? — perguntou Artie.

— Acho que sei como — respondeu Bedevere. — O senhor, eu e os cavaleiros Kay e Polegar seguimos em nossa missão. Ficamos concentrados no objetivo sem nos preocuparmos com o que os antigos líderes do Outro Mundo pensam do senhor. Se suas ações se provarem merecedoras do título de *rei*, então o senhor será reconhecido. Seguiremos em nossa missão no próprio reino de Numinae. Ele tem olhos em muitos lugares e estará observando as decisões que o senhor tomar.

— Então você está dizendo — disse Artie lentamente — que se eu agir como rei, é mais provável que me torne um?

Ele sentiu que tinha acabado de descobrir um dos verdadeiros segredos da vida.

— É exatamente isso que Bedevere está dizendo, meu jovem! — gritou Polegar.

— E é por isso — entouou Bercylak — que deveríamos nos apressar para condecorar todos daqui como cavaleiros. Exceto eu, obviamente. Assim você poderá começar sua jornada de forma adequada!

Artie balançou a cabeça.

— Certo. Você pode pelo menos ajudar nessa tarefa?

— Sem dúvida! — disse Bercylak, alegre novamente.

Ele os levou até uma plataforma baixa perto do gigante tigre-dentes-de-sabre de Bedevere. Artie e Kay mal acreditavam nos próprios olhos conforme se aproximavam do animal. Seus dentes afiados como facas eram quase do tamanho dos braços deles. Kay disse baixinho:

— Ainda bem que esse gatinho é bonzinho.

— Com certeza — concordou Artie. — Tomara que nunca precisemos enfrentar um malvado.

Eles foram até a plataforma e reuniram-se ao redor de uma mesa estreita que batia na cintura deles.

Kay foi a primeira. Ela não estava muito a fim de ajoelhar-se diante do irmão mais novo, mas Bercilak insistiu, e Artie prometeu que não contaria a ninguém quando eles voltassem para casa. Ele também concordou em não ficar lhe dando ordens como se fosse seu dono.

— Lembre-se, Vossa Alteza, que ainda sou sua irmã mais velha.

Artie tocou os ombros dela com a Excalibur, repetindo as palavras que Bercilak sussurrava em seu ouvido:

— Em nome dos Dois Mundos, da Terra Única e da Espada do Lago, eu, rei Arthur, a nomeio cavaleira Kay, um novo cavaleiro da Távola Redonda.

Era só isso.

O cavaleiro Bedevere e o cavaleiro Polegar foram os seguintes. A cada vez que Artie terminava, um trovão ribombava do lado de fora, como se anunciasse com classe o novo cavaleiro do Outro Mundo.

Após a cerimônia, Bedevere apresentou a Artie a bainha da Excalibur, que ele e seus ancestrais vinham guardando desde que a espada fora devolvida à Dama do Lago. Tratava-se de um objeto de couro desgastado que parecia totalmente comum. Artie a amarrou à cintura e guardou a Excalibur na bainha.

— Que bom estar em casa — disse Bedevere, mais do que orgulhoso. — Sabe, essa bainha é muito especial, Majestade.

— E o que é? — perguntou Artie.

— Os ferimentos de quem quer que a vista são curados instantaneamente.

— Uau! — exclamou Kay.

— Legal — disse Artie, enquanto a segurava um pouco.

Depois, Bedevere deu a Kay a bainha da Cleomede, que era mais sofisticada, com fitas de seda prateadas envolvendo-a em algumas partes. Kay a colocou e perguntou:

— O que esta faz?

— Esta? Nenhum inseto poderá se aproximar de você.

— O quê? Só isso?

— Só isso — disse Bedevere, em tom de desculpas.

Kay não ficou satisfeita.

— Ei, mano, o que acha se de tempos em tempos a gente trocar de bainha?

Artie riu e respondeu:

— Veremos.

Após o término da cerimônia, Bercilak sugeriu que se sentassem à mesa para ficarem mais confortáveis. Ao se deslocarem até o centro do grande salão, Artie perguntou:

— Bercilak, você disse que não tem autoridade para nos contar onde Numinae está, certo?

— Isso mesmo.

— Bem, você poderia pelo menos nos contar onde podemos encontrar alguém que *tenha* autoridade para dizer onde ele está?

Bercilak suspirou.

— Não sei — disse ele, em tom baixo. — Se você estivesse oficialmente sentado em seu trono, eu não hesitaria. Mas é claro que ainda não está.

— Por falar nisso — disse Artie enquanto eles tomavam seus assentos ao redor da mesa —, onde exatamente está meu trono?

— Ah. O trono está na sua *verdadeira* corte. E a verdadeira corte fica em um local em que ninguém vai há muito...

— Avalon — disse Artie, maravilhado. O local surgiu do nada em sua mente. — É Avalon, não é?

Bercilak agarrou os braços da cadeira, rachando-os com suas manoplas.

— Minha nossa, meu jovem, como você conhece Avalon?

— Por causa do jogo. É, tipo, para onde você vai no final, quando joga no modo individual — explicou Kay.

— Ah, sim. Tinha me esquecido disso — disse o Cavaleiro Verde, com ar satisfeito. — E sua corte verdadeira *fica* em Avalon. Mas, como eu estava dizendo, faz muito, muito tempo que ninguém vai lá.

— Mas o lugar definitivamente ainda existe, meu jovem — garantiu Polegar.

— É veraz, existe — confirmou Bercilak, usando uma palavra que Artie nunca tinha ouvido. — Embora esteja escondido. Nem mesmo Morgana consegue encontrá-lo...

Ele foi interrompido por um ribombar de trovão, seguido do estrondo de uma árvore gigante sendo reduzida a pedacinhos lá fora.

Artie e Kay chegaram a pular de susto em suas cadeiras.

— Afe! Que tolo eu fui! — repreendeu-se Bercilak. — Minhas desculpas, meus nobres cavaleiros. Até mesmo eu esqueço que não tenho liberdade de mencionar certos nomes de vez em quando. A dama de Fenland tem bons ouvidos; precisamos nos lembrar disso.

Artie começara a chacoalhar o joelho furiosamente quando indagou:

— Sim, e eu estava me perguntando: vocês acham que teremos muitos problemas com ela?

— Pelo menos alguns. Quanto a isso, não há dúvida — respondeu Bedevere.

— É verdade, meu soberano — comentou Bercilak. — Mas não se preocupe. Ela não se arriscará a lançar tornados em Sylvan, como fez em Ohio. Isso muito provavelmente deixaria meu senhor Numinae contrariado.

— Por falar em Numinae — disse Kay —, como você não pode nos falar *onde* ele está, pode pelo menos nos dar uma dica sobre *como* encontrá-lo? Uma pista? Qualquer coisa!

As entranhas invisíveis de Bercilak roncaram quando ele se mexeu no assento e disse, em um só fôlego:

— Encontre um mapa. Na grande Biblioteca de Sylvan.

— Sem querer ser detalhista, mas qual a utilidade de um mapa se não sabemos para onde estamos indo? — quis saber Artie.

— Artie destacou um ponto importante, Bercilak — comentou Polegar, com um tom de reprovação.

— Entendo sua preocupação — disse Bercilak, obviamente desconfortável com o que estava prestes a dizer. — Você deve encontrar alguém chamado Tiberius.

— Ah, não — disse Polegar, levando as mãos à cabeça.

— Quem é Tiberius? — indagou Artie.

— Tiberius é nosso amigo do Lago — disse Polegar, desanimado.

Artie afundou no assento.

— Não o dragão, espero — disse Kay.

— Esse mesmo — respondeu Bercilak. — Só ele tem a autoridade para decidir se você encontrará ou não Numinae. O refúgio dele fica na Fonte de Sylvan.

— A Fonte de Sylvan? — reclamou Polegar, levantando-se da cadeira. — Mas ninguém sabe onde fica isso!

— Lamento imensamente, Sr. Polegar — desculpou-se Bercilak. — Por favor, compreenda que estou tentando ser honrado com todos os lados. A Grande Biblioteca está cheia de mapas. Realmente não posso falar mais nada.

Bercilak levantou-se, fez uma breve reverência e deu as costas para o rei Artie Kingfisher e os novos cavaleiros da Távola Redonda. Cruzou o grande salão às escuras, abriu a porta principal e se foi.

— Uau. Ele não estava brincando, hein? — comentou Kay.

— Não, acho que não — resmungou Artie.

Houve um momento de atordoado silêncio entre eles. Mas, em seguida, Polegar pulou em sua cadeira, bateu palmas e exclamou:

— Ânimo, meus jovens! Hoje descansamos aqui. Amanhã saímos para procurar um mapa! Amanhã começamos a caçar um dragão!

Artie e Kay já tinham passado algum tempo acampando e fazendo trilhas com Kynder, e ambos haviam sido escoteiros quando eram mais novos, mas nada disso se comparava a caminhar pelas terras selvagens de Sylvan.

Por exemplo, em vez de fazerem isso para se divertir, Artie e Kay estavam em uma fantástica missão maluca para libertar o amigo mago de uma prisão invisível. Acampar, dessa vez, era *importante*. Além do mais, eles carregavam equipamentos diferentes. Como armas e armaduras medievais mágicas.

Além do broquel, Artie agora tinha um grande elmo de metal azul com chifres e uma antiquíssima adaga denominada Carnwennan que pertencera a Arthur I. Ele deixava a faca nas costas, presa ao cinto.

Kay também tinha pego uma adaga, além de um capacete militar simples. Tanto ela quanto Artie agora vestiam camisas de cota de malha leve e calças mistas de couro e ferro com articulações nos joelhos. Com tudo aquilo por cima das roupas, eles pareciam saídos de um filme de zumbis pós-apocalíptico.

Outra diferença era que o grupo precisava usar as espadas para abrir caminho por uma mata sem trilhas.

Felizmente, graças a Polegar, eles não estavam totalmente perdidos.

Polegar afirmou saber mais ou menos onde eles estavam, e concluiu que, seguindo para o leste por três ou quatro dias, finalmente chegariam à

estrada principal de Sylvan, que cortava o lugar de norte a sul e que passava bem no meio da cidade em que ficava a Grande Biblioteca de Sylvan.

O único problema era que no quinto dia eles ainda não tinham visto nem sinal da estrada. Apenas floresta, floresta, floresta e mais floresta.

Mas que floresta! Ao andarem pela mata, eles viram mais pombos e aves gigantes. Polegar apontou para as pegadas de ursos-de-cara-achatada, outro animal que tinha sido extinto no mundo de cá. A certa altura, viram de relance em uma mata fechada as pegadas de um enorme cervalce, e todos os dias, ao anoitecer, viam uma enorme coruja-risonha dourada a distância. Essa última visão Polegar interpretou como um bom agouro, uma vez que ao longo dos anos Merlin desenvolvera uma grande afeição pelas corujas.

Por alguma estranha razão, Artie sentia-se em casa naquelas matas. Havia algo no lugar que, para ele, era quase natural. Na primeira noite, o menino impressionou a todos — principalmente a Kay — ao acender uma enorme fogueira em questão de minutos, apesar da chuva. No segundo dia, ao atravessarem um rio não muito grande, o garoto mostrou aos amigos que conseguia pegar peixes — *usando apenas as mãos!* Ele simplesmente encontrou uma pedra baixa, enfiou os dedos ali embaixo e aguardou. E então, depois de cinco minutos balançando os dedos como se fossem minhocas, pegou uma bela truta marrom pelas brânquias. Junto com Bedevere — que, com uma besta pequena, capturava coelhos, pombos e esquilos —, ele impedia que o grupo passasse fome.

Na terceira noite, Artie construiu um abrigo à prova d'água usando galhos de pinheiro e grandes folhas de samambaia, o que deixou Kay admirada.

— Cara, Artie, você está arrasando nas atividades ao ar livre!

Artie concordou, tão impressionado quanto a irmã.

— E tudo graças à Excalibur. Ela continua me mostrando coisas que eu nunca soube ou que não percebia antes. É bem maneiro.

— Se é.

Quando foram dormir aquela noite, eles estavam se sentindo muito bem.

Mas isso não durou muito, pois no final da quarta manhã um longo uivo ecoou pelas árvores.

Eles ficaram paralisados. Vorpal encolheu-se no chão e instintivamente retesou as patas para um ataque.

— O que foi *isso*? — quis saber Kay.

Artie levou a mão ao pomo da Excalibur, e a espada lhe deu a resposta que ele buscava.

— É um lobo-pré-histórico — disse ele.

— Maldição! — comentou Polegar. — São grandes, esses tais lobos.

— Melhor tentarmos ignorá-lo, pessoal — disse Bedevere. — É um animal selvagem, e o que não falta aqui é presa. Ele não deve nos causar problemas.

— Você está se referindo àquela teoria sobre os animais selvagens de que “eles têm mais medo de nós do que nós deles”, não é, Beddy? — quis saber Kay.

— Isso — respondeu ele.

— Sei — disse Kay, nada convencida.

Eles prosseguiram e tentaram esquecer aquele som, e pelo resto do dia conseguiram. Mas foi só a noite cair e a fogueira crepitar que ouviram o uivo novamente. E, dessa vez, vindos de um lugar mais distante, outros uivos em resposta.

Eles decidiram montar guarda. Artie insistiu em ser o primeiro.

Pouco antes de dormirem, Polegar deu ao garoto um conselho nada encorajador:

— Não estou dizendo que é provável que aconteça, mas se os lobos atacarem, o mais importante a fazer é ficarmos firmes.

— Entendido — disseram todos.

Artie sentou-se em uma tora ao lado da fogueira, com a espada desembainhada pousada nos joelhos. A luz da fogueira crepitando dançava

pela floresta. Após um tempo, uma garoa começou a cair.

Artie abriu um dos guarda-chuvas que Kynder havia colocado na mochila mágica e encolheu-se sob ele. Atirou uma tora seca no fogo, que rapidamente voltou a acender. As folhas de um galho de pinheiro perto das chamas pegaram fogo e explodiram como minibombinhas. Artie atçou as brasas com a Excalibur e respirou fundo, esperando sentir o doce aroma da floresta úmida e da vigorosa fogueira.

Mas, em vez disso, quase caiu para trás com um cheiro forte de cachorro molhado.

Artie levantou-se, mas não havia nada ali.

Ele deixou o guarda-chuva cair, ergueu a Excalibur e colocou o capacete. Conferiu se o broquel estava bem amarrado e sacou a adaga.

Em seguida, girou algumas vezes à procura de um lobo, mas não avistou nenhum.

A coruja lançou-se da escuridão como um caça, piando furiosamente. Artie olhou para cima, e não estava pronto para o que viu.

Uma criatura estava em uma árvore bem acima de sua cabeça, a menos de três metros.

Lobos não subiam em árvores, certo?

Artie ergueu a espada, e a criatura se aproximou. Artie piscou enquanto tentava decifrar o que estava vendo. O modo como a coisa se movia era de fazer cair o queixo. Claramente, a cabeça da criatura era de lobo — mas o corpo... o corpo era de homem!

A criatura jogou a cabeça para trás e começou a uivar.

Auuuuuuuu! Au-au-au-auuuuuuu!

O som apavorante ecoou pela floresta úmida e pelas nuvens carregadas no céu.

Depois, o homem-lobo virou-se e escalou mais a árvore. Antes que desaparecesse de seu campo de visão, Artie viu que a criatura definitivamente tinha pele, mãos e pés humanos, além de vestir um manto vermelho no tronco nu.

Artie sentiu a mão que empunhava a espada vibrar, e olhou para o acampamento. Seus cavaleiros ainda estavam inconscientes. Como seus amigos conseguiam continuar dormindo depois daquele uivo?

— Pessoal? — gritou Artie, desesperado.

Ninguém se mexeu.

Artie esforçou-se para enxergar algo na escura floresta. Ele não via nada além do que a fogueira iluminava.

Até que dezenas de olhos de lobos se abriram ao mesmo tempo, como um pelotão de vaga-lumes amarelos acendendo-se exatamente no mesmo instante.

Com um sussurro, o garoto pediu à espada um pouco de luz. A Excalibur brilhou, iluminando os lobos. Eles se moveram lentamente na direção do círculo de luz que envolvia Artie e seus companheiros adormecidos.

— Ei, pessoal! Hora de acordar! — berrou Artie em vão.

Sério, como eles podiam dormir com tudo aquilo acontecendo?

Então um uivo coletivo se ergueu, revelando os dentes e estreitando os olhos dos lobos.

— GENTE! SÉRIO!

Kay revirou-se, e Bedevere roncou. Ainda estavam adormecidos.

Artie girou para um lado e para o outro. Tinha certeza de que as criaturas sentiam o cheiro do sangue correndo em suas veias. Então, checkou se estava usando a bainha da Excalibur. Sua esperança era de que o artefato evitasse que ele fosse dilacerado até a morte.

Um dos lobos menores deu o bote, ficando ao alcance da Excalibur. Artie desferiu um golpe no focinho dele, mas não acertou. O animal pulou para trás, um longo fio de saliva escorrendo em sua mandíbula.

Artie embainhou a adaga e pegou uma tora em chamas, atirando-a na direção do abrigo onde seus supostos cavaleiros ainda dormiam tranquilamente.

Kay ergueu o corpo em um movimento rápido, tentando apagar as faíscas que saíam da madeira.

— O que...?

— Que legal da sua parte aparecer para a festa! — gritou Artie.

Não levou mais de meio segundo para Kay perceber o que estava acontecendo. Ela chacoalhou Polegar e Bedevere, e, quando eles se levantaram, a alcateia se dispersou. Seis permaneceram com Artie, enquanto o restante rodeou o abrigo.

E atacaram. Um enorme canino saltou e bateu no grande elmo de Artie. Uma das patas arranhou o ombro e o pescoço dele, que logo notou que estava sangrando.

Em seguida, outro lobo lançou-se. O garoto o deteve com o broquel e o focinho da criatura bateu com tudo na madeira, fazendo um barulho alto. Enquanto a criatura caía no chão, Artie deu um passo para o lado e acertou o topo da cabeça do lobo com o pomo da Excalibur. O animal uivou e rapidamente correu para a mata.

Em seguida, mais dois pularam para cima do garoto. Um dos lobos fincou os dentes nele, e o outro sentiu a lâmina brilhante da Excalibur atingir sua cabeça. Ferido, fugiu.

O lobo que o tinha mordido persistiu, e Artie ergueu a adaga novamente. Desferiu um golpe, cortando profundamente o ombro do animal, que o soltou e recuou para a mata.

Três feras ainda o cercavam, e todas pularam ao mesmo tempo. Artie girou e brandiu a espada furiosamente, evitando que se aproximassem muito. Os lobos continuaram a saltar à sua volta, com os dentes à mostra, mas, quando a espada arranhou os focinhos negros e úmidos de dois deles, o bando fugiu.

Artie olhou rapidamente para a esquerda ao ver o espadão escocês de Bedevere subir e descer no ar, deixando um borrão em seu rastro. A *wakizashi* galesa de Polegar zunia, cortando até mesmo as moléculas do ar

da floresta. Vorpal saltava para cima e para baixo, atacando com seus grandes dentes. Kay, mesmo no calor da luta, não perdia seu bom humor:

— Tome essa, Marmaduke!

Então dois dos lobos ao redor de Artie agitaram as orelhas e por um breve momento desviaram o olhar quando Kay e mais um lobo se juntaram ao círculo. Kay conseguiu se afastar do lobo com que lutava e parou ao lado do irmão. Ela deu uma piscadela para Artie e virou-se de costas para ele, para terem uma visão em trezentos e sessenta graus.

— Como vão as coisas, mano?

— Muito bem, agora que você chegou.

E era verdade. Apesar de todo o tempo que praticaram, Artie e Kay nunca tinham, de fato, lutado lado a lado — ou costas com costas —, e associar a adrenalina de um combate real à ligação entre irmãos tornava a situação incrivelmente intensa.

Eles giraram um pouco, enquanto os lobos, agora em um grupo de quatro, giravam na direção oposta.

— Está ferido, é? — perguntou Kay, notando sangue na perna de Artie.

— Sim, mas nada grave. A bainha está funcionando. Você se machucou?

— Ainda não. Mas esses aqui são bem maiores que os de lá do outro lado — comentou Kay, apontando com a cabeça para o outro lado do acampamento.

Então, sem dizer mais nada, Artie e Kay saltaram para seus agressores. Cada irmão sentia exatamente o que o outro estava fazendo. Era como ter quatro braços, quatro pernas e duas mentes. A consciência e a capacidade deles elevavam-se à vigésima potência.

Artie atacava em cima e Kay embaixo, formando um turbilhão de aço. Ele acertou um lobo sob a mandíbula e cortou outro no ombro. Ela enfiou a Cleomede entre os dedos do pé de um e golpeou as costas do outro com a parte chata da espada com tanta força que as pernas do animal não aguentaram. Por um instante o lobo caiu estirado no chão como um

filhote confuso, antes de se levantar e fugir com seus irmãos e irmãs pela mata.

Artie e Kay olharam em volta. O acampamento estava vazio. Bedevere, Polegar e Vorpal também tinham enxotado seus lobos. A garoa transformou-se de repente em um temporal. Gotas atingiram as folhas como uma salva de palmas.

Eles foram até a fogueira. Artie perguntou:

— Mataram algum?

— Não, Majestade — disse Bedevere.

Polegar, suando bastante, balançou a cabeça. Artie já sabia que Kay também não tinha matado nenhum dos lobos.

Artie comentou:

— Que bom. Estou contente. Havia algo de estranho nessa matilha.

— Concordo, Majestade — disse Bedevere.

— Notei algo antes de tudo isso começar, enquanto vocês estavam dormindo. Aliás, por que vocês não acordavam?

— Perdoe-me, Artie — disse Polegar.

— Peço desculpas também — disse Kay. — Mas eu estava tendo o mais maravilhoso...

De repente, um estrondo e uma rápida lufada de ar a interromperam. Em um piscar de olhos, Artie não estava mais ali. Kay virou o corpo e o viu sendo carregado para além da cabana pelo maior lobo que já tinha visto. Aquele não participara do combate.

Ficara à espreita.

Artie sentiu o pelo molhado em suas mãos e captou o fedor do hálito do bicho. O lobo tentou morder seu rosto. Os dois se atracaram pelo que pareceu uma eternidade, e pedras, galhos e raízes machucavam o corpo de Artie enquanto eles rolavam pelo chão. Enfim, eles pararam e se colocaram de pé em um pulo. Artie perdera a Excalibur, mas ainda tinha a Carnwennan, a adaga.

O lobo rosnou — rosnou *de verdade*. Aquilo não era um alerta. Era o som de um protetor, de uma coisa cheia de ódio.

Artie percebeu imediatamente que aquela era a mãe dos outros lobos.

Um raio clareou o céu, e ele viu de relance sua oponente. Tinha facilmente um metro e oitenta de altura.

Artie deveria ter ficado apavorado, mas estava, acima de tudo, zangado. O que dava direito àquela loba de ficar tão irritada porque o rei Artie e seus cavaleiros outrora adormecidos enxotaram a matilha dela?

— Vamos! — gritou ele, com a voz vergonhosamente trêmula, como se estivesse gritando em um playground.

A loba rosnou e atacou. Artie correu na direção dela.

Os dois colidiram. Os chifres do grande elmo de Artie acertaram a grande loba-pré-histórica bem no focinho e a forçaram a erguer a cabeça para desviar. O pescoço da loba estava bem à sua frente. Artie enfiou a adaga em sua garganta, ao que a criatura soltou um grito e caiu. Então ele puxou a adaga de volta.

Artie, sem fôlego, ficou de pé sobre a criatura derrotada, e o ódio que sentia evaporou-se instantaneamente.

Raios e trovões chacoalharam o céu. A loba sangrava no chão molhado.

Ele deu um passo para trás. A chuva parou de repente, como se tivesse sido desligada lá em cima.

A floresta silenciou. Artie caiu de joelhos, e surgiram lágrimas em seus olhos.

Ele não podia acreditar que tinha acabado de matar aquela bela criatura.

EM QUE UM FAVOR É CONCEDIDO A ARTIE COMO RECOMPENSA



— *Aqui!* — **gritou** Artie.

Seus amigos surgiram da mata, com Vorpall seguindo na retaguarda. Kay segurava tanto a Cleomede quanto a Excalibur. Quando o grupo alcançou Artie, Kay entregou a espada ao irmão. Ele pediu mais luz, fazendo o metal brilhar.

Kay olhou para o monte de pelos cinzentos aos pés de Artie.

— Nossa. Você fez isso, mano?

— Sim — disse Artie, baixinho.

— Muito bem, Majestade! — exclamou Bedevere.

Artie sacudiu a cabeça.

— Não sei, Bedevere. Não acho que isso deveria ter acontecido.

Polegar colocou-se ao lado de Artie e pôs a mão em sua perna.

— Você fez o que tinha que fazer, Artie. Sinto muito, mas é assim que funcionam as batalhas.

Ele assentiu, mas estava cabisbaixo. Esperava que o lorde Numinae não o tivesse visto matar o animal. Aquilo não o tinha feito se sentir nem um pouco nobre.

De repente, Bedevere apontou para a perna de Artie.

— Majestade, o senhor está ferido!

Artie olhou para baixo.

— Estava, mas a bainha me curou instantaneamente.

O cavaleiro inspecionou o tornozelo de Artie. Havia muito sangue, mas nenhum corte — apenas uma cicatriz de cerca de sete centímetros de

comprimento, alta como se a ferida tivesse sido destramente costurada e estivesse cicatrizando havia várias semanas.

— Incrível — sussurrou Bedevere.

Artie levantou-se de um pulo.

— Já sei! É claro!

Ele largou a Excalibur e tateou o cinto, soltando a bainha.

— Kay, vá buscar a mochila!

— Artie, eu pedi para você não ficar me dando ordens — reclamou Kay.

— Caramba! *Por favor*, você poderia ir buscar a mochila?

— Está achando que tem o rei na barriga — resmungou ela, já a caminho, suas palavras sumindo mata adentro.

Artie tirou o cinto e o enfiou sob o corpo do animal. Afivelou-o com força sobre a ferida, esperando que pudesse estancar um pouco do sangramento. Em seguida, dispôs cuidadosamente a bainha no ombro do animal.

Depois se ajoelhou e colocou uma das mãos na Excalibur e outra na bainha. Começou a falar lentamente em uma língua antiga que mal compreendia, enunciando as palavras que surgiam em sua mente.

A espada começou a brilhar, os raios de sua intensa luz atravessando a mata.

Artie levou a mão ao peito da loba, acariciando o pelo como se fosse sua melhor amiga. Seu corpo ainda estava quente.

Mas ainda assim ela estava morta.

Polegar e Bedevere observavam em silêncio. Polegar disse:

— Artie, não acho que...

— Shhh! — chiou Artie.

Polegar baixou a cabeça.

Kay voltou e parou ao lado do irmão.

— E agora, Art?

— O kit mágico de primeiros socorros e uma das poções de Kynder para aquecer. — Kay vasculhou a mochila e pegou os objetos pedidos. — Certo.

No kit tem uma latinha com um bálsamo curativo. Pegue a lata e abra.

— Está me dando ordens de novo!

— Pode abrir a latinha, Kay, *por favor?*

Ela fez o que Artie pediu. O garoto pegou um bocado da pomada branca e brilhante e passou na ferida do animal. Em seguida, colocou as mãos na bainha e repetiu as estranhas palavras.

Fechou os olhos.

— Majestade! — disse Bedevere.

— Eca! Ela está sangrando de novo! — disse Kay.

— Acho que está funcionando, Artie! — comentou Polegar.

E estava. Apenas quem tem um coração batendo pode sangrar.

Artie disse:

— Kay, despeje a poção na boca da loba.

Ela assim o fez, e quando a última gota deixou a garrafa, a Excalibur brilhou tanto que todos tiveram que fechar os olhos.

O animal começou a respirar rapidamente. Em seguida a luz da espada enfraqueceu e eles abriram novamente os olhos.

Polegar falou por todos quando gaguejou as seguintes palavras:

— E-eu não posso acreditar...

Artie também não. Ele retirou a bainha, recolheu a espada e as entregou para Kay, que usou a Excalibur para iluminar ali em volta enquanto ele desamarrava a fivela do cinto. Quando Artie se aproximou do enorme pescoço do animal, a loba ganiu, abriu os olhos e, de repente, ergueu-se.

Todos pularam. Bedevere ergueu seu espadão escocês, mas Artie esticou o braço e disse:

— Tudo bem, tudo bem.

A gigantesca loba choramingou e correu confusa para um lado, depois para o outro. Por fim, caiu deitada, e repousou a cabeça nas patas dianteiras.

Então a criatura que Artie tinha visto mais cedo no acampamento lançou-se da copa das árvores, aterrissando entre os cavaleiros e a loba.

— Mas o que...? — vociferou Kay.

Bedevere quis atacar e Polegar puxou a *wakizashi* em um piscar de olhos, mas Artie os deteve.

O homem com cabeça de lobo estava meio agachado, mostrando as palmas das mãos para os cavaleiros.

— Não acho que ele vá nos machucar — disse Artie.

— Fale por você mesmo, espertão, mas esse é um baita monstro! — reclamou Kay.

— Eu já o vi antes! Sinto muito, mas deixem que eu lido com ele — implorou o garoto.

Kay revirou os olhos.

Artie deu um passo cauteloso na direção do homem-lobo.

— Eu a ajudei, está bem? Não queria ter...

O homem-lobo permaneceu em silêncio.

— Você fala? — perguntou Polegar.

A criatura sacudiu a cabeça.

Artie apontou para a loba.

— Ela está com você, não está?

O homem-lobo assentiu.

— Você pode ver se ela vai ficar bem?

O homem-lobo espalmou as mãos para a frente outra vez. Artie compreendeu.

— Guardem as armas, todos vocês. — Ele fitou os olhos rajados de vermelho e amarelo da criatura. — Não posso guardar a minha por causa da luz, mas vou abaixá-la. Não vamos machucá-lo, prometo.

Artie pegou a Excalibur pela lâmina e apoiou o pomo no chão. Quando ordenou que ela lá ficasse, a espada permaneceu no lugar, perfeitamente equilibrada.

— Por favor, veja se ela está bem — pediu Artie.

O homem-lobo ajoelhou-se e alisou a pelagem da companheira. Ele inclinou-se até sua orelha e soltou uma série de ganidos e rosnados baixos, e a loba respondeu. O homem retirou sua capa vermelha, que usou para cobri-la. A grande fera esfregou o focinho na mão dele, e ele acariciou-lhe as orelhas.

Então o homem-lobo pôs-se de pé e assentiu.

— Ela vai ficar bem?

O homem-lobo juntou as mãos e assentiu novamente. Em seguida, fez uma breve reverência.

Artie não se lembrava de já ter sentido tanto alívio em toda a vida.

Então teve uma ideia e perguntou:

— Vocês foram enviados para nos encontrar?

A criatura não se mexeu. Por fim, baixou o queixo, só uma vez, rapidamente.

— Foi *ela* quem enviou vocês, não foi? A bruxa de Fenland?

Ele assentiu outra vez, com os ombros encolhidos. Parecia envergonhado.

— Por que sua matilha não tentou nos matar? Por que *you* não nos matou? — indagou Artie.

— Caramba, Vossa Alteza, nos dê um pouco de crédito também, né — comentou Kay. — Eles poderiam ter matado a gente se não tivessem sido derrotados.

Artie começou a repreender a irmã, mas o homem-lobo emitiu um som estranho, semelhante ao de uma motosserra.

Estava rindo.

— Está vendo? — disse Kay. — Até o cara sacou isso.

— Tudo bem, Kay — falou Artie por sobre o ombro.

O homem-lobo olhou para a companheira.

Artie franziu a testa.

— Ela é... ela é sua esposa, não é?

Ele assentiu.

— Sinto muito mesmo...

O homem-lobo balançou a cabeça e as mãos violentamente, fazendo outro gesto na direção dela.

Artie achou que tinha entendido.

— Ah, quer dizer... então... de nada?

A grande criatura fez uma reverência, revirou os bolsos e pegou um pedaço de papel amarelo amassado, que estendeu para Artie.

Cautelosamente, o garoto foi até o homem-lobo e pegou o papel. Nele estavam impressas letras de forma dispostas com cuidado. O bilhete dizia:

**CABLE
CABEÇA DE LOBO
A-UUUU**

Artie olhou um lado e o outro do papel.

— Prazer em conhecê-lo, Cable. Eu me chamo Artie.

E estendeu a mão, ao que o homem-lobo o cumprimentou com sua mão gigantesca.

Eles terminaram o cumprimento e deram um passo curto para trás.

Artie perguntou:

— Isso é para caso eu precise de você, não é?

Cable assentiu vigorosamente e soltou um uivo baixo e agudo. Em seguida, chegou bem perto de Artie e sublinhou o A-UUUU do cartão com a unha afiada do dedo indicador.

— Então, se eu precisar de você, é só chamar seu nome e uivar assim?

Cable assentiu novamente, erguendo um único dedo com muita insistência.

— Só funciona uma vez?

O homem-lobo assentiu de novo e deu de ombros, se desculpando.

— Não se preocupe, Cable. Não vou dar alarme falso. Obrigado, de verdade. Mas será que você poderia fazer mais algumas coisinhas por mim?

Cable olhou para sua esposa ressuscitada e depois para Artie, esperando.

— Certo. Primeiro, a estrada fica perto daqui?

Cable assentiu.

— Que bom. Quanto tempo até lá?

Ele ergueu um dedo.

— Mais um dia?

O homem-lobo assentiu outra vez.

— Ótimo. Agora esta vai ser um pouco mais difícil, mas significaria muito para mim. Você pode esperar o máximo que puder para relatar o que aconteceu esta noite? Precisamos nos manter incógnitos, e não quero que a bruxa saiba onde estamos.

O homem-lobo inclinou a cabeça e franziu a testa, permanecendo assim por vários momentos.

Polegar deu um passo à frente.

— Por favor, Sr. Cable. Tal bondade pode nos proporcionar justamente o tempo de que precisamos — disse o homenzinho, curvando-se.

Cable endireitou a coluna, levou a mão ao coração e fez uma profunda reverência.

— Obrigado, amigo — disse Artie, soando (e se sentindo) mais nobre do que nunca. — Prometo que não vamos contar a ninguém o que aconteceu esta noite. Você tem minha palavra.

— É isso aí, Lobinho, e a palavra dele é coisa à beça — entou Kay, claramente impressionada com Artie. — Esse é o meu mano, e ele arrasa como rei Arthur.

Artie fez uma profunda reverência para Cable. A coruja, escondida nas copas das árvores, piou três vezes. Em seguida, planou pela mata e voou para longe.

DE COMO O GRUPO CHEGOU À BIBLIOTECA DE SYLVAN



Cable tinha razão. Artie e seus cavaleiros encontraram a estrada no final da tarde seguinte.

Agora, precisavam apenas descobrir como chegar à Grande Biblioteca.

Mais à frente havia um grande pinheiro, que Polegar sugeriu que escalassem para terem uma visão panorâmica da região.

Quando alcançaram a árvore, Bedevere agarrou-se ao galho mais baixo e se impulsionou para cima. Ele rapidamente desapareceu em meio aos galhos altos, que iam ficando cada vez mais escuros. Passados quinze minutos, voltou ao campo de visão dos amigos, corado e coberto de folhas e arranhões.

Ele pulou para o chão, limpou-se e disse:

— Boas notícias. Não muito distante, ao norte, dá para ver o córrego Glimmer, que apesar do nome é o maior rio de Sylvan. Pouco antes há uma vila. Acredito que a biblioteca seja ali.

— O que significa que podemos pegar nosso mapa! — disse Kay.

— O que significa que podemos *tentar* pegar *um* mapa para nos ajudar — corrigiu Polegar. — Encontrar a Fonte não vai ser fácil, mas não vejo motivo para não seguirmos o conselho de Bercilak.

O grupo pôs-se a descer a estrada.

Artie seguia ao lado de Polegar, que subia e descia nas costas de Vorpal. Enquanto caminhavam, Polegar comentou:

— Tem algo que você deve saber sobre Cable, Artie.

— Sim, e o que é?

— Bem, não tenho certeza absoluta, mas o cão de caça de Arthur I tinha um nome parecido com o dele: Cabal. Era totalmente fiel a Arthur, além de um lutador feroz.

— Você acha que há alguma ligação?

— Talvez. Cable pode ter descendido de Cabal, e talvez por isso tenha sido usado para tentar encontrá-lo. A bruxa pode ter imaginado que assim teria mais chances de chegar até você.

— Mas então por que ele nos daria seu cartão? Parecia querer nos ajudar.

— Talvez, após ver o que você fez, ele tenha percebido que feri-lo não era certo.

Artie balançou a cabeça.

— Então podemos confiar nele ou não?

Polegar levou um instante para responder.

— Acho que podemos. Você conquistou essa confiança ao ressuscitar a companheira dele. Ele não se esquecerá disso.

— É o que espero — disse Artie em voz baixa.

Polegar prosseguiu:

— Mas temos que ficar atentos. Se a bruxa descobrir onde e quando ele nos encontrou, estaremos em perigo mais iminente do que imaginamos.

Artie e os amigos continuaram em silêncio, passando por um bosque de pequenas castanheiras e olmos. Depois de um tempo se depararam com uma placa de madeira com letras douradas. Dizia claramente:

VELTDAM, A CIDADE DO CONHECIMENTO!

Atrás da placa havia um pequeno prédio de tijolos com uma porta redonda e, mais além, a cidade, que parecia bastante abandonada.

Logo após a placa, em uma pequena clareira, havia várias colunas de metal douradas de uns três metros de altura, dispostas em um círculo apertado com um único pilar azul brilhante no centro. Apoiada nas colunas havia uma cúpula dourada, da qual se projetava algo que parecia

uma antena. Dali partia um cabo que se conectava a um poste de madeira do lado direito da estrada, a uns cinco metros de distância. Daquele ponto em diante o cabo seguia a estrada preso a postes espaçados até chegar à vila.

Artie recordou-se da demonstração que Merlin fizera da eletricidade da Excalibur, na Torre Invisível.

— São linhas de transmissão? — perguntou ele.

— Isso mesmo, meu jovem — respondeu Polegar. — O pilar azul tem um pouquinho de sangrealite. A ponta que está presa abaixo da superfície da terra é imersa em um veio de lava. Capacitores e transformadores estão distribuídos ao longo da linha de transmissão até a cidade. E é basicamente assim que tudo funciona por aqui.

— Energia limpa em ação — maravilhou-se Kay.

— Isso mesmo, cavaleira Kay — confirmou Polegar.

De repente, a porta redonda do prédio se abriu. Dois guardas de - Veltdam surgiram, coçando os traseiros e a cabeça como se tivessem acabado de despertar de um cochilo. Finalmente, notaram a presença do grupo. Surpreso, o mais baixo virou-se e tateou uma prateleira de armas em busca de uma alabarda. E, embora ninguém estivesse se movendo, ainda assim o maior gritou:

— Alto!

O guarda menor deu um passo para a frente e abaixou a arma.

— Quem vem lá?

Kay deu uma olhada na direção deles.

— Tweedledee e Tweedleburro — resmungou.

— Apenas viajantes, amigos. Não precisam soar o alarme — interveio Polegar, avançando um passo.

— Viajando para onde... — começou o maior.

— ... importam-se em dizer? — completou o menor.

— Para a biblioteca, era o que esperávamos — respondeu Polegar.

— Você é de Sylvan — disse o guarda grande, gesticulando para o homenzinho.

— E aquele ali também é — disse o guarda pequeno, apontando para Bedevere.

— Mas de onde são os mais novos?

No fim das contas, eles *eram* mesmo como Tweedledee e Tweedledum.

Polegar respondeu:

— As crianças não são de Sylvan, de fato.

— Bem, então...

— ... de onde...

— ... são?

— Perdoem-me, mas não posso contar a vocês — lamentou o homenzinho, fazendo uma leve reverência.

Os dois guardas recuaram, se entreolharam rapidamente, deram as costas aos cavaleiros e tossiram.

— Cof!

O mais baixo esticou a alabarda para a frente, deixando a ponta a poucos centímetros do peito de Vorpal.

— Eles não seriam, por acaso, de Fenland...

— ... ou seriam?

Todos viraram-se quando Bedevere riu bem alto. O cavaleiro parecia bem relaxado — sem capacete, com o cabelo caindo nos ombros, o peso do corpo em uma das pernas e a mão direita repousando preguiçosamente no cabo de seu espadão escocês.

Kay ficou vermelha por alguns instantes.

— De Fenland? Por favor, irmãos. Quando foi a última vez que viram um fenlandiano por essas terras? — perguntou Bedevere.

Os guardas fizeram um ruído de zombaria diante de Bedevere.

— Nós nunca...

— ... vimos um...

— ... fenlandiano.

Bedevere abriu um sorriso.

— Exatamente. E como silvanianos, e ainda por cima guardas, vocês não acham que perceberiam se essas crianças fossem guerreiros de Fenland? Nós todos somos marcados das formas mais sutis, todos podemos notar de onde procedemos. Não é verdade, irmãos?

Artie percebeu quão satisfeito estava por ter Bedevere ali com eles.

Os guardas resmungaram:

— Bem, sim.

— É claro que você está certo.

— As crianças não são marcadas. Mas então de onde...

— ... elas são?

— Não são de Fenland — respondeu Polegar.

Então o guarda mais alto abaixou-se e dirigiu-se diretamente a Artie:

— Conte-me, criança, onde posso encontrar seus ancestrais?

O repentino abandono do hábito do guarda de falar em conjunto com o parceiro teve um efeito arrepiante, e antes que alguém pudesse contê-lo, Artie vociferou:

— Avalon!

Ninguém sabia de onde surgira aquela palavra, em vez de *Pensilvânia* ou *Estados Unidos*, ou até mesmo *Terra* — nem mesmo Artie. Mas ele sabia, no fundo, que era a verdade. Sabia que, quando chegasse a Avalon, estaria *retornando* para casa. Shadyside, Pensilvânia, era seu lar, mas Avalon estava em seu sangue.

As pálpebras do guarda mais alto se estreitaram e sua cabeça inclinou-se de leve para o lado.

— Talvez — disse ele.

Polegar aproveitou a deixa e concordou:

— Sim, talvez. Você já viu alguém de Avalon alguma vez?

— É claro que não. Não há muitos vivos que possam afirmar terem visto algum dia alguém de Avalon.

— Não, não mesmo — confirmou Polegar. — Será que agora pode nos deixar passar, amigo?

Antes que o guarda alto pudesse responder, o baixinho começou a perguntar:

— *Será que você pode...*

Mas o parceiro o interrompeu, dizendo:

— Silêncio! Chega, Larry. Os pequenos não são fenlandianos, e os outros dois são silvanianos, então podem passar. — O guarda parecia estar no comando no momento, e já não lembrava mais Tweedledum nem de longe. Na verdade, agora ele estava totalmente assustador. — Ligue para Lavery e diga que se prepare para receber quatro visitantes e um coelho grande.

Larry seguiu as ordens e desapareceu na guarita.

O guarda que ficara ali, ainda dirigindo-se a Polegar, perguntou:

— Imagino que você saiba onde encontrar a biblioteca, certo?

Polegar sorriu.

— Sim; se me lembro bem, é impossível não vê-la.

— Sim, é impossível — bufou o guarda.

Então ele foi para a lateral da casa e deixou-se cair pesadamente em uma cadeira de plástico amarela. Pegou um livro, começou a lê-lo por um momento e, quando viu que Artie e seus cavaleiros o estavam observando com curiosidade, estreitou os olhos e gritou:

— Andem, passem logo!

E foi o que eles fizeram.

* * *

Muitos dos prédios de Veltdam — que tinham vários formatos, desde chalés até cogumelos que lembravam a terra dos Smurfs — pareciam vazios. Artie pensou que isso se devesse ao fato de que, como Merlin dissera, não havia mais muita gente no Outro Mundo. E isso era triste —

Veltdam era uma cidadezinha linda, e parecia caminhar para o abandono e o esquecimento.

Mas eis que o garoto e seus amigos chegaram à biblioteca, que era totalmente o oposto de abandonada e esquecida.

A grande Biblioteca de Sylvan ficava em um olmo gigantesco, cujo tronco tinha uns quinze metros de raio. A árvore tinha sido convertida em um prédio, e tinha janelas e portas embutidas no tronco, não muito diferente da fachada da corte exilada de Artie. Era obviamente a biblioteca, a julgar pela enorme placa dourada de madeira e pelos enormes felinos que protegiam os degraus; pareciam os famosos leões que ficam em frente à Biblioteca Pública de Nova York, na Quinta Avenida, a qual Artie e Kay tinham visitado uma vez com Kynder.

No entanto, aqueles felinos estavam vivinhos. E, como o gatinho de Bedevere, eram enormes tigres-dente-de-sabre.

Assim que os viu, Bedevere disse:

— Ó, olhem só para eles. Tão bonitinhos!

— Beddy, esses não são filhotinhos em um abrigo de animais, sabia? — exclamou Kay.

Bedevere colocou a mão no ombro da menina. Ela ficou vermelha.

— Ah, eu sei que eles poderiam arrancar a cabeça de qualquer um de nós, mas olhe só para eles!

Os felinos estreitaram os olhos e lamberam suas enormes patas. Kay tinha que admitir que eles eram bem fofinhos.

No entanto, Kay e Bedevere não ponderaram muito tempo sobre os tigres, pois descendo os degraus entre eles vinha um único indivíduo para lhes recepcionar.

Era uma criatura muito alta e magra, que só poderia ser um elfo das florestas. Seu cabelo comprido, preso em um rabo de cavalo, tinha todas as cores das folhas no outono; a pele era do tom de tábuas de pinheiro novas; os olhos tinham a cor vibrante da folhagem fresca da primavera. Seus óculos de leitura estavam erguidos, apoiados na testa larga, e ele tinha o

nariz comprido. Vestia calça jeans, mocassins marrons e uma camisa verde esfarrapada que dizia “Escolha a sua arma!”, com uma fileira de dados do *Dungeons & Dragons* de vários formatos e tipos.

Kay mal podia acreditar naquilo. Primeiro, onde ele tinha descolado aquela camisa? As pessoas do Outro Mundo *viviam* em *Dungeons & Dragons* — será que jogavam também? Por um instante, Kay pensou que talvez estivesse olhando para a mais irônica combinação de camiseta e usuário já vista. Ela reprimiu uma risada e sussurrou para Artie:

— Isso sim é um diretor da Coca-Cola!

Ainda assim, ele até que parecia maneiro — afinal, era um elfo. E não havia dúvida quanto a isso devido à parte do corpo que torna os elfos inconfundíveis: as orelhas. Eram tão compridas e pontudas que passavam do topo da cabeça, como chifres.

À medida que os cavaleiros foram se aproximando, ele sorriu de um modo que era igualmente receptivo e sinistro.

— Olá, amigos! Sou Lavery. Em nome de Veltdam, eu lhes dou as boas-vindas! — Ele abriu os braços e todos trocaram cumprimentos. Kay foi a última, e, quando Lavery a cumprimentou, disse, com um tom que a deixou arrepiada: — Olá, irmã Kay.

Talvez pela primeira vez na vida, Kay não conseguiu pensar em uma resposta sarcástica.

— Adoráveis os seus tigres, Sr. Lavery — disse Bedevere, sem perceber o mal-estar de Kay. — Eu tenho um também. Branco.

— Um branco, é? São bem raros. Mas obrigado. Estes são excelentes felinos. — Ele apontou para o que estava no pedestal da direita. — Este é Schrödinger — e esticando o braço para o outro —, e aquela é a Sra. Tibbins. Caso os guardas da estrada falhem, estes meus queridos os cobrem. Nada passa por eles. — Então virou-se para seus convidados, fez uma curta reverência e, com o que parecia ser um inconfundível tom de falsa cordialidade, repetiu: — Nada.

Lavery juntou as mãos, visivelmente fechando os dedos com força.

— Bem! Vamos entrar?

Polegar estava determinado a não deixar as esquisitices do elfo os assustarem. Eles precisavam de uma boa noite de sono, sem falar do mapa, e, apesar da estranheza e das possíveis ameaças de Lavery, Polegar não via razão para desconfiar de uma biblioteca.

— Sim, por favor, mostre-nos o interior, Lavery.

O elfo os fez entrar, fechando as portas depois que todos passaram. Elas bateram ameaçadoramente. Ele pegou um lampião de um gancho na parede e o ligou. A luz era quente e acolhedora, e o ar cheirava a madeira, couro e papel.

Lavery pôs-se a caminhar, dizendo:

— Por aqui, meus amigos. Não recebemos muitos visitantes, então não nos preocupamos com as luzes do saguão. Recebemos hóspedes com frequência ainda menor, mas não teremos problema em acomodá-los.

— Obrigado, Lavery. Não vamos incomodar. Logo pela manhã gostaríamos de consultar alguns de seus arquivos e depois partir — disse Polegar.

Os passos deles ecoavam pela escuridão, e Lavery resmungou:

— Os arquivos?

— Mapas — corrigiu Kay, estranhamente desconfortável.

Kay, em seus treze anos de vida, nunca se sentira tão ansiosa por dizer algo.

— Mapas, é, irmã Kay? — indagou Lavery.

Kay achou a voz dele apavorante e ao mesmo tempo maravilhosa.

— Isso mesmo — respondeu Bedevere por ela.

O elfo disse, todo orgulhoso:

— Bem, nós temos mapas! Subterrâneos ou da superfície?

— Da superfície — respondeu Polegar. — Na verdade, só gostaríamos de dar uma olhada em um bom mapa de Sylvan. — A mentira de Polegar soou bem convincente. — Perdemos o nosso enquanto acampávamos na floresta e precisamos de um antes de partir de Veltdam.

— Certo, compreendo. Nunca é cômodo perder o rumo, não é mesmo? Algo em seu tom sugeria que ele estava mais fazendo uma predição do que um comentário.

Polegar disse:

— Não é nem um pouco cômodo, não mesmo. Você vê, estamos levando as crianças em uma excursão de férias, antes que recomecem as aulas. — A mentira ficava cada vez maior. — Como projeto de férias, eles propuseram encontrar e observar o ninho de um magnífico *Argentavis*. Um mapa vai nos ajudar muito.

— De fato, Sr. Polegar. Se me lembro bem, eles preferem fazer ninhos em terrenos mais altos. Um mapa topográfico serviria bem para esse propósito.

— Exato — concordou Polegar.

Lavery limpou a garganta.

— Bem, podemos ver tudo isso amanhã de manhã. Mas agora — nesse instante o elfo parou em frente a uma pequena porta redonda e repousou a mão na maçaneta — vocês gostariam de comer algo, não?

O tom da voz dele mudara novamente, tornando-se tão gracioso e acolhedor que eles quase esqueceram que Lavery até então agira de forma estranha.

Polegar sorriu e disse:

— Parece-me formidável, não concordam, meus jovens?

Eles concordaram, e seguiram Lavery até um cômodo calorosamente iluminado. Havia ganchos para casacos e uma comprida prateleira de armas ao longo da parede, além de pijamas dobrados sobre um aparador na parede oposta. Uma mesa estava arrumada com uma refeição que parecia deliciosa. Além da mesa, havia quatro camas que pareciam confortáveis e uma cama de cachorro bem macia para Vorpal. E nos fundos, havia outra porta com uma placa dizendo “lavatório”.

Lavery se agachou no batente da porta enquanto o grupo se instalava. Ele sorriu e tirou um caderninho em espiral de um dos bolsos da calça,

folheando as páginas até finalmente encontrar a que buscava. Franziu um pouco os cantos da boca para baixo, tirou um cotoco de lápis de trás das orelhas pontudas e fez uma anotação. Em seguida, fechou o caderno e o enfiou de volta no bolso.

O grupo sentava-se à mesa quando Lavery bateu palmas e disse:

— Bem, vou me retirar. Tem um sino ao lado da porta caso precisem de algo; se não, verei todos amanhã cedo para o café. E depois os levarei até a sessão de mapas. Durmam bem!

E, antes que algum deles pudesse retribuir o desejo, o elfo já tinha ido embora.

Kay sentiu como se um ônibus cheio de nerds aficionados por *video game* tivesse sido retirado de seus ombros.

Eles comeram até ficarem satisfeitos, tomaram banho e foram deitar. Estavam felizes por dormir sob um teto de verdade em vez de ao ar livre sob mais um abrigo improvisado.

Quando se deitaram, Artie notou um ribombar baixo e rítmico, como se alguém estivesse ouvindo *hip-hop* em um cômodo distante. Ele ficou prestando atenção ao som até que rapidamente pegou no sono, assim como todos os outros.

Aquela noite todos tiveram sonhos terríveis com hippies altos, traiçoeiros e de orelhas superpontudas.

Eles não faziam ideia de quanto tempo tinham dormido, mas acordaram se sentindo revigorados e sem se lembrarem dos pesadelos.

Não muito depois de terem se levantado, Lavery apareceu à porta trazendo uma bandeja com o café da manhã.

— Bom dia, hóspedes! Imagino que tenham dormido bem, ou não?

Artie respondeu:

— Sim. Melhor do que dormimos há quase uma semana. Obrigado, Lavery.

— O prazer é todo meu.

Lavery entrou no cômodo e pôs na mesa um café da manhã composto de queijo, frutas e frios sortidos, à medida que os cavaleiros se instalavam nas cadeiras. Enquanto comiam, o elfo ficou observando o grupo, parado na soleira baixa da porta.

Todos estavam animados, incluindo Kay, mas sempre que a garota olhava na direção de Lavery, se sentia horrível, enjoada e vazia. Não conseguia descobrir por que, até perceber que o cabelo dos dois era muito parecido: vermelho, sedoso e comprido, preso em rabos de cavalo simples e elegantes.

Quando percebeu isso, seu estômago se revirou imediata e violentamente. Ela afastou a cadeira e saiu da mesa às pressas, seguindo direto para o lavatório.

Polegar perguntou:

— Então, Lavery, quando podemos ver os mapas?

— Assim que terminarem, se assim desejarem.

— Desejamos sim. É melhor seguirmos viagem se quisermos ter a chance de encontrar um belo ninho de *Argentavis*!

— É, você tem razão — disse Bedevere, de maneira não muito convincente.

— Pois bem — disse Lavery. — Volto daqui a pouco, e veremos se encontramos o seu mapa.

Então ele retornou ao corredor e se despediu, não sem antes fechar e trancar a porta atrás de si.

Nenhum deles achou isso estranho.

Com exceção de Kay. Assim que o elfo saiu, a garota voltou à mesa e perguntou:

— Ele já foi?

Os outros olharam para ela com curiosidade e responderam que sim.

— Que bom — disse Kay.

Ninguém pensou em perguntar qual era o problema, pois nenhum deles achava que havia algum.

Continuaram a comer a deliciosa refeição. Quando terminaram, decidiram tirar um cochilo.

* * *

Era difícil dizer quantas horas tinham dormido. Ao acordarem, foram ajeitar suas armas em silêncio e arrumar as camas. Bedevere encontrou um baralho e ensinou Artie e Polegar a jogar. Kay passou o tempo todo sentada na cama ou caminhando de um lado para o outro.

Algo não estava certo, e apenas ela parecia ter percebido isso.

Finalmente, Lavery abriu a porta e entrou. Atrás dele, no saguão, estava Schrödinger, o tigre-dentes-de-sabre.

— Bem, meus amigos, estamos prontos para ver os mapas?

— Claro, Lavery. Só nos dê alguns minutos para reunirmos nossas coisas — pediu Artie, indo em direção à prateleira de armas.

— Não é preciso, meus amigos. É apenas uma casa cheia de mapas velhos e empoeirados. Podem deixar seus pertences aqui.

Polegar riu, demonstrando assim que assentia, e Artie e Bedevere foram na direção de Lavery, desarmados e prontos para ir.

Mas Kay não estava tão disposta. Tomando cuidado para evitar o olhar do elfo, ela disse:

— Acho que devemos levar nossas coisas, pessoal. Vamos embora logo em seguida de qualquer jeito, certo? Quer dizer, não vamos passar outra noite aqui, não é?

Polegar estremeceu quando Artie e Bedevere viraram-se para ele em busca de conselho. O homenzinho fez uma cara feia para Kay, que percebeu que ele estava tentando pensar. Kay pensou que isso era ruim e bom ao mesmo tempo. Ruim porque confirmava suas suspeitas de que seus amigos estavam definitivamente sob algum tipo de encanto; e bom porque, se Polegar estava pensando, então talvez estivesse se libertando desse encanto.

Kay foi até a prateleira, agarrou a Cleomede e prendeu a bainha da espada no cinto. Pegou o restante do equipamento e em seguida recolheu a *wakizashi* galesa e a colocou na mãozinha enrugada de Polegar. Combatendo a náusea, olhou diretamente para ele e disse:

— Tome, Polegar, pegue-a. Temos que partir depois de visitar a seção de mapas, combinado?

As pupilas de Polegar dilataram-se enormemente, e seu rosto perdeu a cor. Kay pensou ter perdido o amigo. Mas então o homenzinho assentiu e prendeu a espada ao cinto. Virando-se para Artie e Bedevere, ele disse:

— A cavaleira Kay tem razão, meus jovens, devemos partir. Peguem suas espadas.

Artie e Bedevere deram de ombros e distraidamente fizeram o que foi ordenado, recolhendo também o restante de suas armas e mochilas. Depois o grupo colocou-se em fila diante da porta, com Polegar na frente e Kay na retaguarda.

— Estamos prontos, mestre Lavery — disse Polegar vigorosamente.

— Sim, estou vendo — sibilou ele, agora sem sorrir.

Mas, como o elfo ainda vestia uma calça jeans e aquela camisa idiota do D&D, e estava completamente desarmado, não parecia muito perigoso.

Cada centímetro do tigre, no entanto, parecia mortalmente perigoso. Lavery deu um passo para trás e coçou o queixo do felino. Schrödinger emitiu um ruído que era algo entre um rosnado e um ronronar. Kay tremeu da cabeça aos pés.

Com um sorriso falso, Lavery disse:

— Certo. Vamos?

Com um tom confiante que foi um grande conforto para Kay, Polegar respondeu:

— Vamos.

E saíram um atrás do outro.

* * *

Eles seguiram pelo corredor por um bom tempo, afastando-se da entrada principal. Lavery ia à frente e Schrödinger era o último da fila, andando silenciosamente atrás de Kay. Ela precisava se conter o tempo todo para não olhar para o tigre, temerosa de que, se o fizesse, ele arrancaria sua cabeça com aqueles dentes absurdos.

Finalmente, chegaram ao final do corredor, onde havia uma porta de tamanho normal, que Lavery destrancou com uma grande chave prateada. Com um rangido, a porta se abriu, deixando ver do outro lado um trecho de grama espessa e escura.

Lavery fez um gesto, e eles passaram pela porta.

Os fundos da biblioteca eram grandes como um campo de futebol. Os galhos do olmo gigante dentro do qual ficava a biblioteca arqueavam-se sobre a grama vasta, encobrindo o céu acima. A folhagem era tão densa que era difícil dizer se era noite ou dia, crepúsculo ou alvorada.

Uma cerca de madeira na altura do joelho marcava o perímetro da área.

— Por aqui, por favor — chamou o elfo, adiantando-se.

Ele foi na direção de uma casa baixa, sem janelas, com um telhado de palha, no final do gramado. Ao lado da casa havia outro felino, a Sra. Tibbins. Kay não ficou nada contente em vê-la ali.

Atrás da casa havia uma floresta de carvalhos tão densa e escura que fazia os lugares por onde eles tinham passado na semana anterior parecerem moleza. As grandes árvores eram cobertas com barba-de-velho, e, conforme se aproximavam, Kay tinha a sensação cada vez mais forte de que havia algo ali, à espera deles.

Finalmente, alcançaram o prédio. Schrödinger os ultrapassou e sentou-se diante da Sra. Tibbins.

Lavery disse:

— Bem, aqui estamos. O mapa que vocês desejam já foi separado e aberto. Vou me retirar agora, mas os gatinhos permanecerão aqui. Se precisarem de algo, avisem a eles, que eles me avisarão.

E, antes que alguém pudesse responder, Lavery já estava distante, indo na direção de onde haviam vindo.

Kay olhou de soslaio para os tigres. Artie e Bedevere ainda pareciam não ter compreendido o que se passava, mas Polegar parecia atento. Ele assentiu para Kay, girou a maçaneta da porta e entrou.

A sessão de mapas parecia ser apenas um cômodo. Ao longo das paredes havia prateleiras de madeira escura carregadas de mapas enrolados, e no meio da sala, uma mesa grande e alta. Um refletor a iluminava, deixando os cantos do aposento em total escuridão. Aberto sobre a mesa estava um enorme mapa amarelado.

Artie, Kay e Bedevere foram até a mesa. Polegar depois a escalou, e então bateu palmas com força na frente dos rapazes e perguntou em voz alta e clara:

— Vocês sentem algo diferente no ar, meus jovens?

Como se tivessem ensaiado, Artie e Bedevere levaram as mãos à cabeça e grunhiram. Bedevere endireitou-se e estalou as costas. Artie desviou o olhar das mãos e observou os olhos da irmã — era como se ele estivesse vendo as cores diferentes pela primeira vez em séculos.

— Quanto tempo ficamos lá dentro? — quis saber ele, soando perfeitamente como o antigo Artie.

— Realmente perdemos tempo com um jogo de baralho? — acrescentou Bedevere, com um incomum falsete de medo.

— Sim, perdemos tempo com baralho — confirmou Polegar —, e não faço ideia de quanto tempo ficamos lá dentro. Na melhor das hipóteses, um dia. Já na pior... Nem quero considerar a pior.

— Algum de vocês percebeu o quanto aquele elfo estúpido e eu somos parecidos? — perguntou Kay. — Aliás, ele me chamou mais de uma vez de “irmã Kay”. Fiquei toda arrepiada.

— Agora que você mencionou — disse Artie, um pouco desesperado —, eu percebi, sim. O que está acontecendo? Por que alguém iria querer nos atrasar?

— Não sei — respondeu Polegar. Ele olhou sério para o mapa sob seus pés. — Eu diria que a bruxa de Fenland poderia querer ganhar tempo suficiente para chegar até aqui. Talvez queira vê-lo pessoalmente, Artie, antes de tentar detê-lo. Ou quem sabe Numinae queira nos atrasar para poder se decidir a respeito de nossa missão? Sem saber quem está por trás de Lavery, não podemos afirmar com certeza.

Bedevere analisou o mapa e disse:

— Por mim a gente simplesmente pegava o mapa e ia embora daqui agora mesmo.

Os outros estavam prestes a concordar quando ouviram de repente um ruído vindo de um dos cantos escuros do cômodo.

Uma figura enrolada em trapos surgiu da escuridão.

— Não! — gritou ela. — Vocês não levarão nada desta biblioteca. Nada! Os gatinhos! Os doces gatinhos!

A figura era corcunda, tinha cerca de um metro e meio e parecia bem magra sob o manto marrom folgado. Exceto pela voz arrepiante, não parecia nada ameaçadora.

Ainda assim, eles sacaram as espadas.

— Pff! — entoou a figura. — Eu tenho idade! Guardem as armas, guardem, guardem...

— Mostre-se! — berrou Artie.

— Ah, a abominação fala, é? — A figura colocou as mãos na cintura e fez uma dancinha ridícula, dando risada. Em seguida, cantarolou: — Pare, jovem cavaleiro de negro! Guarde esse pergaminho! Nada vai sair daqui! Nada!

— Este mapa vai, seu louco! — disse Bedevere com todo vigor, apontando para o pergaminho na mesa.

A pessoa virou a cabeça encapuzada na direção dele.

— Ah! Você disse “louco”? Rá! Ele pensa que sou um homem!

— Elfo, duende, *troll*, feiticeiro, não me importa! — exclamou - Bedevere, cheio de coragem. — Precisamos deste mapa, e vamos levá-lo!

Parecia que a figura estava prestes a gritar com Bedevere quando sua voz mudou drasticamente. Ela parou de dançar e começou a girar em círculos, dizendo:

— Não! Não! Não! Não é seguro! Não é seguro para mim... e nem para você! Não! Um impostor! Um velho e dissimulado impostor!

Toda a ameaça no tom de sua voz tinha desaparecido. Em seu lugar surgira a voz estridente e magoada de uma mulher.

E soou bem familiar a Artie.

Ele deu um passo para a frente e perguntou baixinho:

— O que você acabou de dizer?

— Não é seguro! Não é seguro para mim... e nem para você!

Artie embainhou a Excalibur. Ele já tinha ouvido aquelas mesmas palavras antes.

— Você tem um telefone? — perguntou ele.

— Sim, sim, é claro! — disse a mulher, desesperada, apontando o dedo trêmulo para um dos cantos escuros. — Toda noite ela me liga, toda noite me liga, me assusta e me mostra coisas. Toda noite ela anuncia os horrores que a criança vai trazer ao nosso reino. Toda noite, toda noite...

Artie perguntou:

— Quem liga? Você consegue ligar para o nosso mundo daqui?

— Sim! Sim!

— Já ligou alguma vez?

— SIM!

— Quem liga para você?

A estranha sacudiu as mãos e de repente tirou o capuz. Com a sinistra voz arranhando a garganta, ela gritou uma única palavra, cuspidando saliva no rosto de Artie:

— Morgana!

Artie recuou e levou a mão novamente ao cabo da Excalibur, mas não a desembainhou. Trovões ribombaram do lado de fora. Um dos felinos rugiu. O chão começou a ressoar, como se houvesse um grande coração batendo no subsolo.

— Ela está aqui? — perguntou Artie.

— Aqui? Aqui? Tolo! Não! Ah, mas ela me mostrou! Você não tem chance, seu rei louco. Não tem chance! Ela sabe!

Ao dizer isso, ela deu um peteleco no peito de Artie, como se quisesse provar sua insignificância.

O garoto deu alguns passos para trás, e a maluca o seguiu, concentrando-se no rosto dele. Foi então que ela pisou na área iluminada, e aí ele os viu. Os olhos!

Como os olhos de qualquer pessoa descontrolada e insensata, eram arregalados, úmidos e injetados, mas, diferentemente dos olhos da maioria das pessoas, as íris eram de duas cores totalmente diferentes: uma azul-celeste e a outra de um verde vivo.

Artie perdeu o fôlego.

Kay deu dois passos relutantes para a frente, deixando a Cleomede cair ao seu lado. Artie sentiu que o coração de sua irmã estava acelerado e que sua voz buscava forças. Ela gaguejou docilmente:

— M-m-mãe?

Não havia dúvidas. O cabelo sedoso da mulher era, no geral, cinzento, mas ainda tinha algumas mechas vermelhas aqui e ali. As maçãs do rosto eram altas, o nariz arrebitado e as sobrancelhas marcadas. Ela era velha — muito, muito mais velha que Kynder —, mas era óbvio que um dia fora tão bela quanto Kay certamente viria a ser.

A velha emitiu um silvo primitivo para a menina, e depois, como se dominada pela vergonha, virou-se e escondeu o rosto.

Kay colocou-se ao lado de Artie, segurando o braço do irmão em busca de força, e disse baixinho:

— Cassie.

E foi assim que Artie e Kay encontraram a mulher que tinha abandonado os Kingfisher tanto tempo antes.

— *Cassie, Cassie, Cassie* — lamentou a velha, como se não ouvisse seu nome havia séculos.

Kay soltou o braço de Artie e aproximou-se da mãe que havia tanto não encontrava.

— É mesmo você?

— Sim — choramingou Cassie, incapaz de olhar a filha nos olhos.

— Mas como chegou aqui? Por que está tão velha?

A mulher deu de ombros e suspirou:

— Eu... eu não me lembro de tudo... Foi mais ou menos assim: *ele* surgiu no seu quarto tantos anos atrás...

Ela não prosseguiu. “Ele” claramente queria dizer Artie. E era óbvio que a mulher não gostava dele.

Polegar disse solenemente:

— Uma magia sombria a fez envelhecer, Kay; para mim isso está claro como a luz do dia.

— Sim, sim — confirmou Cassie. — Tão sombria. Tantas falsas promessas desapareceram na escuridão. Uma nova vida, um novo filho, um novo começo...

— Um novo filho. — Kay arrepiou-se com o que ela estava prestes a perguntar. — Não é Lavery, é?

— Sim, Lavery — respondeu Cassie em voz baixa.

— Mas como? — perguntou-se Kay. — Ele é pelo menos cinco anos mais velho do que eu.

— Os elfos da floresta envelhecem muito rápido no início, mas depois bem devagar, Kay — explicou Polegar.

— Sim — sibilou Cassie. — Ele é seu meio-irmão. E é mais seu irmão do que esta... esta... coisa!

Artie não gostou de ser chamado de “coisa”, mas como seus pais eram o osso de um dedo e um tufo de cabelo, silenciosamente admitiu que a mulher até que tinha razão.

Então Cassie girou e ergueu os braços. A Cassie bizarra estava de volta.

— Cópia! Experimento! Marionete! — gritou.

— Opa, espere um momento, Srta. Cassie — interrompeu Polegar.

— Shhh! Gnomo da língua afiada, cale-se!

Com o dedo curvado, ela apontou na direção de Artie e disse, em um tom de acusação:

— Você pensa que tem um destino? Seu sapo maldito! Repugnante! Ela está vindo! Está enviando seus criados neste momento! Se escapar de suas mãos agora, ela usará outros meios para capturá-lo! Onde está aquela cujo nome começa com Q? Não está com vocês?

A saliva secou no canto da boca da mulher quando seus olhos úmidos percorreram o cômodo, buscando desesperadamente alguém que não estava ali.

— De quem você está falando? — perguntou Kay.

Mas Artie sabia, e seu coração despencou.

— Qwon — respondeu ele, simplesmente.

— Qwon! Sim! Nenhum de vocês está seguro! Nenhum de você está seguro da fúria da grande dama Morgana!

Com a menção ao seu título e nome, dois sons ensurdecedores foram ouvidos ao mesmo tempo: os rugidos dos tigres-dentes-de-sabre e uma violenta lufada de vento uivante rasgando a floresta ao redor do pequeno edifício.

Polegar disse:

— Artie, Majestade, estou com um mau pressentimento. Acho que devemos partir. Agora.

Polegar tinha razão, mas Artie achou que devia um grande favor à irmã em relação à Cassie; a ideia era maluca, mas ele não achou que fosse certo fugir às pressas deixando a mulher para trás. Ele estava prestes a dizer isso quando Kay gritou:

— Acho que Polegar tem razão, Artie! Temos que partir sem ela por enquanto. Vai ficar tudo bem!

Mas eles não estavam tão certos quanto à última parte, porque o ribombar subterrâneo se intensificou, e a casa dos mapas simplesmente se desintegrou, virando uma nuvem de poeira preta. Bastou um minuto para que tudo o que havia no cômodo — incluindo o mapa e a mesa diante de Bedevere — desaparecesse.

Artie estava de costas para onde a porta da cabana ficava. Kay desembainhou a Cleomede e investiu na direção de seu estimado irmão com uma rapidez ofuscante, como se pretendesse transpassá-lo com a lâmina da espada.

E teria feito isso se Artie não tivesse girado no último segundo; a Cleomede passou raspando pelo seu pescoço, tocando-o de leve antes de seguir em frente e acertar o que estava atrás dele.

De repente a boca escancarada da silenciosa Sra. Tibbins apareceu. No mesmo instante em que as paredes tinham desaparecido, a tigresa pulara de onde tinha ficado esperando no lado de fora, aterrissando de forma ágil — e bizarramente silenciosa — a poucos centímetros de Artie.

A Cleomede deslizou por entre os dentes afiados da tigresa e atravessou sua boca, a lâmina percorrendo facilmente a cabeça e o pescoço do felino. A Cleomede clamava por sangue nos dedos de Kay, e era apavorante.

A tigresa morreu na hora. Foi bem nojento. A ponta ensanguentada da Cleomede apareceu na nuca da tigresa, que caiu puxando o braço de Kay com seu peso e forçando-a a soltar a espada. A menina teve que se virar para arrancar a Cleomede do corpo do felino, e foi então que viu sua mãe.

Cassie estivera de costas para a floresta sombria. De repente, um carvalho grosso e retorcido, coberto por barba-de-velho, ganhou vida. Um par de galhos ergueu-se para a frente como braços gigantes, envolvendo a velha em um emaranhado de folhas ondulantes.

Cassie gritou e Kay correu até a mãe, decidida a cortar a criatura vegetal em pedaços, mas a floresta era poderosa demais. Os olhos da menina encontraram os de sua mãe, e por um instante elas puderam ler os pensamentos uma da outra como se estivessem escritos no ar entre as duas. Os olhos de Cassie diziam: “Sinto muito.” E os de Kay responderam: “Eu a perdoo, mãe!”

E então a criatura da árvore recuou para as profundezas da floresta, e Cassie já não estava mais lá.

Kay caiu de joelhos.

Seu irmão, que se encontrava ao lado do cadáver da Sra. Tibbins, quis correr para consolá-la, mas outras coisas estavam acontecendo atrás dele.

— Artie! — gritaram Polegar e Bedevere em uníssono.

Ele se virou.

Schrödinger empinara-se nas patas traseiras, parecendo bem zangado por sua amiga felina ter sido assassinada tão facilmente. O mesmo se podia dizer sobre Lavery, que estava montado no tigre. O elfo ainda vestia calça jeans e a camiseta do D&D, mas não estava mais desarmado.

Tinha escolhido sua arma, que não era um dado idiota qualquer e sim um esquisito rifle prateado com uma lâmina na ponta, que ele girava sobre a cabeça como uma lança.

No fim das contas, Lavery não era tão nerd. Na verdade, parecia durão até demais.

Vorpal iniciou a luta. Com um enorme salto, golpeou a lateral da cara do tigre com as patas de trás. Saltou novamente e aterrissou perto da traseira do animal, dando uma mordida profunda em uma das pernas do felino.

Seguindo o coelho, Polegar subiu no tigre para poder atacar o elfo bem de perto. Em questão de segundos Lavery estava cheio de cortes e machucados. Polegar também levou uns sapatos, mas o pequeno cavaleiro estava possuído. Após um impressionante turbilhão de movimentos *à la* Yoda, Artie podia jurar que Lavery tinha perdido um dedo. Em seguida o elfo gritou quando Polegar lhe fez o desserviço de cortar o longo rabo de cavalo ruivo com um ataque rápido.

Enquanto isso, Bedevere estava ocupado fazendo intensas investidas na cara do tigre. Enquanto Vorpal castigava as pernas traseiras de Schrödinger, Bedevere baixou a espada, atravessando a pata dianteira direita do animal.

O bichano urrou na mesma hora em que o tufo de cabelo de Lavery caiu no chão ao lado de Bedevere.

O Cavaleiro Negro sorriu. Estava na cara que ele adorava lutar.

Mas ele sorriu cedo demais, pois naquele exato momento Lavery disparou seu rifle na direção do seu braço, que de repente estava no chão, totalmente separado do resto do corpo.

O cavaleiro ferido uivou. O som fez com que Kay se afastasse da floresta na qual a mãe tinha desaparecido. Quando viu o braço, a garota quase desmaiou.

Mas não Artie. Ele saltou para a frente e se juntou à batalha. Quando chegou, Lavery se separou do felino ferido, e Polegar o seguiu. Vorpal tratou de cuidar do tigre enquanto Artie se colocava ao lado do homenzinho, para ajudá-lo a lutar com o elfo.

Lavery foi duro na queda. Ele provocou vários cortes profundos em Artie, que no entanto se curavam instantaneamente. Também deu um soco nas costelas do garoto com tanta violência que ele as sentiu estalar. Isso também foi curado instantaneamente.

Ainda assim, doeu pra caramba.

Mas Artie e Polegar eram demais para Lavery, e o elfo caiu no chão, agitando-se desesperadamente, e foi desarmado. O jovem rei o controlava

enquanto o homenzinho ficava na sua cabeça, com a ponta da *wakizashi* galesa quase encostando em seu pescoço.

Artie respirava com dificuldade quando ordenou:

— Elfo bruxo, traga Cassie de volta!

Os olhos de Lavery estavam fechados, e seu peito subia e descia.

Ele balançou a cabeça de leve.

— Eu não a peguei!

Polegar, louco de ódio, disse:

— Permita-me matar esta coisa, Majestade.

Artie considerou seriamente a ideia, mas algo em relação a Cassie e Kay — algo sobre o parentesco delas, ainda que meio distante e teórico, com aquele elfo da floresta — o fez rejeitá-la.

Ele olhou por sobre o ombro para Kay, que consolava Bedevere, e então virou-se de volta para Polegar.

— Não. Já houve muita morte e sangue por um dia. Precisamos cuidar de Bedevere.

Artie virou-se para seu cavaleiro caído, com esperança de que a bainha da Excalibur e sua capacidade de cura pudessem ajudá-lo a se restabelecer, assim como ocorrera com a loba. Polegar mantinha Lavery imobilizado com sua espada.

Foi aí que eles ouviram um som que não parecia nada bom.

E então Lavery, com os dentes manchados de sangue, começou a rir.

— O que é esse barulho? — perguntou Artie ao elfo.

O elfo riu ainda mais. Polegar pressionou a espada no pescoço dele até o limite, mas ele não disse nada.

Nem precisava. Uma explosão ocorreu em algum lugar sob o chão, e parte da grama a cerca de quinze metros ergueu-se como a porta de um grande alçapão. Fumaça saiu da fenda aberta no chão, e de algum lugar em meio à fumaça surgiu uma série de violentos e intensos engasgos e arrotos.

Polegar afastou-se do elfo enquanto corria até Artie.

O garoto ficara momentaneamente emudecido pelo choque.

— Acho que estamos encrencados — disse Polegar, sério.

A fumaça se dissipou. O que restou, além de um montículo de terra revirada, foi um javali do tamanho de um elefante.

— Sim. Estamos encrencados — confirmou o homenzinho.

O pelo do animal era crespo e brilhante, seus pés estavam completamente cobertos de sangue e suas desagradáveis presas eram bem maiores do que deveriam. Ele era encrenca multiplicada pelo infinito.

Só que, por alguma razão, tinha um delicado pente prateado preso aos pelos no topo da cabeça, como se fosse um lacinho em um lindo cãozinho.

— Estou com um mau pressentimento, pessoal — disse Kay, de algum lugar atrás deles.

— O que é essa coisa? — quis saber Artie, começando a recuar com Polegar.

Polegar limpou a garganta e disse baixinho:

— É o Twrch Trwyth.

Lavery continuava a rir, agora sem som.

— O termo galês para “javali divino” — explicou Polegar.

E então, antes que Artie pudesse dizer qualquer coisa, o javali avançou.

Avançou não é bem a palavra certa. Na verdade, o que ele fez estava mais para se teleportar, em um movimento quase instantâneo.

Antes que algum deles pudesse reagir, a criatura tinha passado por Artie e Polegar e estava ao lado de Kay e Bedevere, com a medonha cabeça abaixada.

Só que Kay não estava mais no chão ao lado de Bedevere — estava em pleno ar, presa nos dentes do javali, gritando.

Mais rápido do que imaginava ser possível, Artie correu até Kay, arrastando Polegar consigo.

O javali estava tão alucinadamente feliz com a perspectiva de devorar Kay que nem sequer notou Artie se colocando sob seu queixo.

Uma gota do sangue da irmã acertou-o na cabeça.

Eles tinham que sair dali *naquele exato momento*.

Artie ergueu a Excalibur, apontando-a para o chão, e gritou:

— *Lunae lumen!*

Polegar agarrou-se à perna de Artie, Artie segurou o pé da irmã e Bedevere esticou o braço que lhe restava para agarrar-se ao quadril de Artie.

Vorpal, ainda vigiando o tigre, não ia conseguir alcançá-los.

O portão da lua abriu-se e os levou para longe dali, como um trem expresso até Merlin, que Artie esperava ser capaz de curar seus cavaleiros.

A última coisa que ele viu, através do brilho elétrico da passagem e das mandíbulas babadas do maligno javali, foi a forma esguia de um grande dragão verde, lá no alto, dando voltas no céu purpúreo do Outro Mundo.

DE COMO O GRUPO DESCOBRE QUE NÃO HÁ LUGAR COMO O LAR DE UM MAGO



Ⓞ **portão da lua** fechou-se rapidamente, a luz percorrendo o corpo dos cavaleiros como uma corrente elétrica se dissipando.

Eles haviam sido transportados para uma simples câmara de pedra, e a lâmina da Excalibur estava totalmente enterrada no chão de terra batida. Ao lado da guarda da espada estava a pedra que o feiticeiro deixara ali para servir de marco e garantir um retorno seguro.

Mas é claro que, com a irmã ensanguentada e um cavaleiro de um braço só em estado delirante, Artie não se sentia nem um pouco seguro.

— Merlin! — gritou ele.

O mago apareceu imediatamente. Artie notou que ele tinha uma tatuagem nova bem no meio da testa: um círculo preto com cerca de cinco centímetros de diâmetro.

— Por onde vocês andaram? — bradou o feiticeiro, mas então viu Kay coberta de sangue e Bedevere mutilado. — Minha nossa!

Merlin entrou em ação. Ele desatou a bainha da Excalibur do cinto de Artie e flutuou no ar, segurando-a diante de si. Em seguida, começou a girar como um pião, movendo-se tão rapidamente que sua imagem se transformou em um borrão cinza indistinguível. O mago começou a brilhar em todas as cores — azul, verde, amarelo. De repente, tudo ficou branco. Artie sentiu-se desorientado e tonto. Quando a luz começou a diminuir, o cômodo estava completamente diferente.

Artie e Polegar encontravam-se em um dos lados da câmara, separados de Kay e Bedevere por uma divisória de vidro. Os cavaleiros feridos

estavam deitados em camas reclinadas. Ambos dormiam profundamente e recebiam soro nas veias.

O cavaleiro estava sem camisa, com uma enorme bandagem envolvendo-lhe o peito, mas sua pele exibia um tom saudável. Para quem acabara de perder um braço, ele parecia bastante bem.

Kay vestia uma camisola hospitalar e estava coberta até a cintura por um lençol branco. Artie não tinha certeza, mas achou que a camisola era estampada com chapéus de bruxo azul-claros. Kay parecia totalmente tranquila, como se nada tivesse acontecido.

Pelo visto, eles tinham sido transportados para o Hospital Geral de São Merlin.

O mais impressionante, no entanto, era o mago. Merlin não parecia um médico nem de longe — ou era exatamente como um, se você contasse altos sacerdotes curandeiros como médicos. Ele estava de costas para Artie e Polegar, ainda apertando a bainha curadora da Excalibur entre as mãos. A parte exposta de sua pele brilhava de suor, e algumas das suas tatuagens pareciam se movimentar, como se certas partes de seu corpo fossem uma tela de cinema exibindo um ninho de cobras retorcidas.

Artie respirou fundo. Ainda estava cheio de adrenalina e se segurava para não esmurrar o vidro e exigir saber como estavam Kay e seu amigo.

Como se pudesse ler sua mente, Polegar, de volta ao tamanho miniatura, escalou até o ombro de Artie e disse:

— Eles vão ficar bem, meu jovem. Principalmente Kay. Ela está radiante, não acha?

— Sim, está — respondeu Artie, estremeando. Em seguida, olhou para Polegar. — Sinto muito por Vorpal.

O homenzinho sorriu com tristeza.

— Eu também. Sem dúvida aquele elfo salafrário o jantará esta noite.

— Caramba, espero que não — disse Artie, um pouco chocado.

Polegar não respondeu.

Depois de um tempo, Artie afastou-se do vidro e olhou ao redor. A Excalibur estava aos seus pés, ainda fincada no chão. Ele se agachou e puxou a espada, depois se curvou outra vez para recolher a pedra e a colocou no bolso.

O cômodo ao lado tinha algumas cadeiras confortáveis, uma mesa com uma garrafa d'água e petiscos e uma grande lareira de pedra, acesa. Artie entrou na sala, com Polegar ainda no ombro, e se jogou em uma das cadeiras.

Após um tempo, o garoto respirou fundo e perguntou:

— O que acabou de acontecer, Pequeno?

Polegar saltou do seu ombro e sentou-se na parte plana da Excalibur, que repousava no colo do menino.

— Você salvou nossas cabeças, foi isso que aconteceu, meu jovem. E agora Merlin está cuidando de nossos companheiros.

— Eu sei, mas estou falando daquele javali, de Lavery, dos tigres... Acabei de ver um dragão no céu... talvez fosse Tiberius? Quer dizer, o que cargas d'água está acontecendo?

Polegar suspirou.

— O que está acontecendo é que você é o rei de duas terras e está destinado a ver algumas coisas bem estranhas. Lamento que isso tudo seja demais para você.

— Sim, também lamento — disse Artie melancolicamente.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo. Quando Artie começou a fazer mais perguntas sobre o javali, Merlin, vestindo um comprido manto de linho, entrou na sala.

Artie levantou-se, e Polegar deslizou até o chão. O mago devolveu a bainha mágica da Excalibur, e o jovem rei a prendeu no cinto.

— Então, como eles estão?

O mago fez uma expressão incerta, e o coração de Artie parou.

— Kay ficará bem — disse ele. — Os ferimentos dela foram superficiais, e vocês chegaram aqui tão rápido que até amanhã ela mal apresentará

sequelas. Já o Cavaleiro Negro...

— Não consegui pegar o braço dele. Desculpe, Merlin.

— Mesmo que tivesse conseguido, não sei se poderíamos salvá-lo. O projétil que o atingiu tinha um pouco de magia venenosa. Graças à bainha da Excalibur, extraí todo o veneno do corpo dele, mas não sei se teria funcionado também com o braço decepado. Não acho que teria feito diferença se você o tivesse trazido.

— Mas ele vai ficar bem?

— Acho que sim. Ele é muito forte. Amanhã cedo já poderemos saber se vai sobreviver. Mas quanto ao seu futuro...

— Tenho certeza de que a perda de um braço não vai prejudicar o desempenho dele, Merlin. Ele é um guerreiro de verdade. Muito melhor do que eu.

— Bobagem, meu jovem — interrompeu-o Polegar. — Você deveria ter visto como nosso garoto está progredindo, Merlin. Ele é o cara certo, não tenho dúvidas quanto a isso.

Merlin assentiu, sentou-se em uma das cadeiras e encheu um copo de água. Artie fez o mesmo, e Polegar escalou a perna dele para se acomodar em seu joelho.

Merlin suspirou.

— Quando o ouvi me chamando pela primeira vez, fiquei furioso e quis saber por onde você tinha andado e o que vinha fazendo todo aquele tempo. Tentei ligar para o seu telefone do Outro Mundo, mas ninguém atendeu. Você ficou muito, mas muito tempo longe, jovem rei.

— Quanto tempo? — perguntaram Artie e Polegar ao mesmo tempo.

— Quase três semanas.

Artie levantou-se, com Polegar segurando-se com toda a força em sua calça.

— O quê? Três semanas! Isso quer dizer que ficamos naquela droga de biblioteca por mais de duas semanas!

— Era o que eu temia — falou Polegar.

— Mas por que nos prender? Por que não simplesmente nos matar e pegar a Excalibur?

— Não sei ao certo — disse Merlin, com seriedade.

— O Pequeno pensou que fosse porque Morgana... Posso dizer o nome dela aqui, não posso? — perguntou Artie, interrompendo-se ao se lembrar de todas as trovoadas e os rugidos de tigres-dentes-de-sabre que ocorriam sempre que o nome da feiticeira era mencionado no Outro Mundo.

— Sim, meu jovem — respondeu Polegar, de maneira reconfortante.

— Ótimo. Bem, o Pequeno pensou que talvez estivéssemos presos para que Morgana tivesse tempo de nos alcançar, e assim poderia se apoderar da Excalibur. Talvez ela não confie em mais ninguém para pegar a espada.

— Talvez — disse Merlin, lentamente. — Ou quem sabe haja algum motivo para ela querer a espada e *também* você. Temo que estejamos navegando em águas desconhecidas. Há coisas que nem eu sei. Por favor, conte-me tudo o que aconteceu.

Merlin apoiou o queixo na mão e ouviu atentamente enquanto Artie e Polegar narravam suas aventuras. A certa altura, ele conjurou uma xícara de café para si, um pouco de chá para Polegar e uma Coca-Cola gelada para Artie. O mago não gostou nem um pouco de ouvir falar de Lavery e ficou incomodado em descobrir que Cassie tinha surgido naquele já complicado cenário, mas ficou mais perturbado ante a menção ao javali gigante. Quando Polegar falou o nome dele, cuja pronúncia Artie ainda não compreendia, Merlin levantou-se, zangado.

— Twrch Trwyth? Pelos céus! Tem certeza, Sr. Polegar?

— Absoluta, Merlin. Nós vimos o pente dele.

— Mas qual é o problema? — perguntou Artie. — Digo, ele era superassustador e tal, mas é só um javali, certo?

Merlin suspirou.

— Errado, rapaz. Ele é o javali. O suíno divino, se preferir. E o grande problema é que, se Morgana conseguiu evocá-lo de seu buraco infernal, isso significa que se tornou ainda mais poderosa do que imaginei. —

Merlin fez uma pausa. — Nossa, ela esteve bem ocupada durante todos esses longos anos.

— Sem dúvida, Merlin — concordou Polegar sombriamente.

— Então, se ela é tão poderosa assim — continuou Artie —, você acha que levou Cassie?

Merlin franziu a testa.

— Não, não acho. Ela só poderia fazer isso se estivesse lá, e se fosse o caso, bem, temo que *você* não estaria aqui agora.

— Certo; então a criatura da floresta era Numinae? — chutou Artie, começando a juntar as peças.

— Provavelmente sim.

— Bem, por que então *ele* levaria Cassie?

— Também não sei, Artie.

O menino estava ficando frustrado com a falta de respostas de Merlin.

— Chute alguma coisa — disse Artie categoricamente.

Merlin esfregou a careca.

— Bem, talvez quisesse apenas mantê-la fora do alcance de Morgana. Se Lavery e o javali tivessem derrotado vocês, então Morgana teria levado Cassie facilmente. Perdoe-me, meu senhor, mas não sei. O que sei é que Morgana quer a Excalibur e também parece querer você. E Numinae, como Bercilak revelou, não sabe o que quer.

— Isso é tudo muito confuso — reclamou Artie, afundando em sua cadeira.

— Concordo, mas as coisas ficarão mais claras à medida que você prosseguir na busca pela chave. Agora pense, Artie, teve alguma coisa que você não mencionou? Algo que pareceu importante quando aconteceu?

Artie apoiou a cabeça nas mãos e pensou. Sem pressa. Depois de um tempo, ele exclamou:

— Ah, sim! Teve uma hora em que Cassie perguntou onde estava aquela cujo nome começa com *Q* ! Ela estava falando de *Qwon* !

— *Qwon* ! Sua colega de classe? — perguntou Merlin.

— Sim — disse Artie, incomodado. — Qwon é, tipo, importante?

Merlin olhou para baixo e disse, mais para si próprio do que para Artie:

— Talvez, principalmente se Morgana tiver descoberto que ela é importante para você. Acho que precisamos ver Qwon, e logo!

Os joelhos de Artie começaram a tremer.

— Você não acha que ela pode estar em perigo, acha?

— Infelizmente, Artie, acho que ela pode estar em *sério* perigo!

Artie levantou-se.

— Merlin, posso fazer o *Lunae lumen* daqui até a outra pedra, a que está no meu quarto, em casa?

— Ora, sim, é claro, mas...

Artie retirou a pedra que guardara no bolso mais cedo e a lançou para Merlin, que habilmente a agarrou no ar.

— Cuide bem disso aí que eu já volto — disse Artie.

E, antes que Merlin ou Polegar pudessem impedi-lo, fincou a Excalibur no chão e ordenou à espada que o levasse de volta para Shadyside, Pensilvânia.



Artie, iluminado pelo luar, apareceu em seu quarto no segundo andar, ajoelhado na cama. Ele caiu de lado com uma onda de tontura. Usar o portão da lua para viajar de lá para cá estava começando a lhe fazer mal.

Lentamente, seus olhos adaptaram-se ao ambiente e sua cabeça parou de girar. Penas brancas macias caíram ao seu redor como se ele tivesse acabado de participar de uma grande luta de travesseiros.

A Excalibur, ao lado da pedra, estava fincada em seu travesseiro, atravessando também o colchão e o estrado da cama.

Artie levantou-se e puxou a espada, fazendo ainda mais penas voarem pelo quarto. Olhou ao redor. Tudo estava como ele havia deixado. Ninguém mexera em seu antigo e particular reino.

Sua mente clareou e focou no seu destino.

Qwon.

Artie saiu voando do quarto e desceu os degraus, derrapando pela sala. Lance endireitou-se na cadeira favorita de Kynder, exclamando:

— Nossa, Artie. O que foi?

Kynder veio correndo da cozinha. Estava com suas galochas e um avental de cozinheiro listrado de vermelho e branco.

— Arthur! — gritou ele, com um largo sorriso no rosto. — Você voltou!

— Oi, Kynder! Oi, Lance! Ah, voltei, mais ou menos. Mas tenho que ir, me desculpem.

— Mas você acabou de chegar — comentou Kynder, confuso.

— É que preciso encontrar Qwon. Você a viu?

— Não, Arthur, não a vi. Não pode ficar mais um pouco? Queria saber como estão as coisas.

— Agora não, Kynder. É sério, preciso ver Qwon. Lance, talvez eu precise da sua ajuda. Quer vir comigo? Talvez você precise do arco.

— É para já!

Lance rapidamente foi até a entrada da casa, onde seu arco e sua aljava estavam escorados na parede. Pegou o chapéu ridículo de Robin Hood de um gancho na parede e colocou os óculos de sol de aviador. Parecia tão estúpido quanto no dia em que eles o viram na mata atrás do Monte da Serpente.

Kynder os seguiu com um olhar preocupado e impotente no rosto.

— Onde está Kay? Ela está bem?

— Ela está bem, pai — mentiu Artie, com o coração apertado. — Está com Merlin e o Pequeno.

— Ah — disse Kynder, obviamente decepcionado por não ver a filha ali. — Você não pode ficar para o jantar pelo menos? Acabei de preparar...

— Desculpe, pai. Acredite em mim, não há nada que eu gostaria mais de fazer do que ficar aqui com você — disse ele, o que era verdade. Artie realmente sentia falta de Kynder, o que lhe deixava com uma sensação horrível por não ter tempo de contar tudo a ele, principalmente no que dizia respeito à Kay. Ele forçou-se a olhar para Lance e disse:

— Vamos lá.

Lance retrucou:

— Vá na frente.

Artie abriu a porta e saiu às pressas, com Lance trotando como o soldado profissional que era logo atrás dele. Eles saltaram para o táxi de Lance e partiram.

A casa de Qwon ficava a cerca de três minutos dali.

— À direita na Morewood para pegar a Ellsworth — indicou Artie.

— Entendido. O que há com Qwon?

— Achamos que ela pode estar em perigo.

— Que tipo de perigo?

— Perigo do Outro Mundo. — Eles pararam o veículo. — A Ellsworth é aqui. Direita de novo.

— Entendido. Que tipo de coisa vocês viram por lá?

— Dragões, porcos enormes, um elfo, tigres-dentes-de-sabre, cavaleiros, um cara com corpo de homem e cabeça de lobo, esse tipo de coisa.

— Maneiro!

— É, bem maneiro. Vire à esquerda na Colonial. Aquela é a casa dela, a branca à direita.

Eles cantaram pneu ao parar diante da casa de Qwon, então pularam do veículo e correram pela entrada da garagem.

Dois skatistas adolescentes de calça jeans apertada e gorro pararam. Um socou o outro no braço e disse:

— Dá uma olhada nesses dois perdedores.

E, para uma dupla de skatistas pseudo-hipsters, era exatamente isso que Artie e Lance pareciam ser. As armas deles eram tão surpreendentes, e as roupas, uma mistura tão estranha de novo e velho, que deviam parecer uma dupla de nerds excluídos recém-saídos de uma feira medieval.

Artie e Lance correram até a porta da casa e tocaram a campainha. *Ding-dong*. O garoto estava desesperadamente apressado, mas se recusava a sair entrando.

Lance sacou uma flecha e a encaixou no arco.

Artie tocou outra vez.

Ding-dong.

E novamente.

Ding-dong.

— Já vou! — gritou uma voz lá de dentro. A porta se abriu e a mãe de Qwon disse: — Ah, olá, Artie. Qwon está lá em cima, no... Minha nossa! O que é tudo isso?

A Sra. Onakea tinha cerca de um metro e meio e cabelo preto curto e usava óculos de gatinho verde-claros.

Artie se remexeu ansiosamente e tentou responder:

— Isto? Ah, é, bem, é...

— Madame, Victor Lance. Prazer em conhecê-la. Artie e eu somos membros de uma espécie de fã-clube medieval. Estamos indo para um encontro e queríamos saber se Qwon não quer ir também.

— Ah, é, isso m-mesmo — gaguejou Artie. — É bem maneiro. Nenhuma dessas armas é verdadeira, Sra. Onakea. Cem por cento plástico.

— Sei — disse lentamente a Sra. Onakea.

— Por favor, Sra. Onakea, podemos entrar? — implorou Artie. — Não vamos demorar, prometo.

— É claro, Artie. Entrem. — A Sra. Onakea deu um passo para o lado e disse: — Qwonnie está lá em cima. Batam na porta antes de entrar. Gostaria de um pouco de chá gelado, Sr. Lance?

— Eu adoraria, obrigado — respondeu o cavaleiro, com um breve aceno de cabeça para Artie.

O garoto retribuiu o aceno. Ele subiu os degraus aos saltos e seguiu pelo corredor. Havia várias portas, mas era óbvio qual era a do quarto dela — aquela toda coberta com pôsteres de ícones do *pop*.

Artie respirou fundo. Ergueu o braço e bateu na porta.

Nada.

Bateu outra vez.

Nada ainda.

Ele sacudiu a maçaneta, e, ao ver que estava trancada, bateu mais uma vez.

— Quem é? — perguntou Qwon em uma voz baixa e trêmula.

— É o Artie. Você pode abrir a porta?

— Artie! Não! Saia daqui...

A voz estava abafada como se tivessem colocado um travesseiro na boca da menina.

Artie sacou a Excalibur e retalhou a porta. O que ele viu do outro lado não o fez se sentir bem.

Qwon estava nos fundos do quarto; uma figura humanoide coberta de musgo verde a segurava por trás e tapava-lhe a boca. De um tufo no topo de sua cabeça erguiam-se dois chifres curtos e tortos de veado — um vermelho e um azul.

Artie olhou nos olhos de Qwon, que demonstravam o quanto ela estava assustada. Mas também havia algo mais. Era quase como se ela tentasse lhe dizer algo.

O garoto entrou no quarto e ergueu a Excalibur. A lâmina estava enegrecida, emitindo algumas faíscas escuras.

Ele olhou rapidamente para o pomo de vidro da espada. Dentro havia um torvelinho do preto mais preto que ele já tinha visto. É claro! A Excalibur poderia deixar um lugar totalmente escuro se ele pedisse!

Artie quis saber:

— Quem enviou você?

O homem-musgo não disse nada.

— Solte-a! — ordenou o jovem rei.

O homem-musgo sacudiu a cabeça.

Artie desferiu um golpe com a Excalibur e ordenou:

— Escuridão!

A escuridão veio em ondas, do sulco de sangue da Excalibur, e cobriu tudo. Era como se um polvo gigante tivesse se juntado à festa, soltando tinta preta por todo o quarto de Qwon.

Naquele momento, Lance e a Sra. Onakea, se perguntando o que diabos estava havendo lá em cima, chegaram ao segundo andar. Quando a Sra. Onakea viu o vazio pulsando à porta do quarto destruído de Qwon, desmaiou na mesma hora. Lance a pegou antes que caísse, e a deitou no chão com cuidado. Em seguida, tirou o arco do ombro, colocou uma flecha nele e, sem hesitar, entrou no espaço preto.

Lance sentiu como se tivesse entrado em um abismo. Sem referencial, não conseguia distinguir o alto do baixo, a esquerda da direita. Em busca

de alguma estabilidade, apoiou-se no joelho. Então puxou com força a corda do arco, preparando-se para atirar.

Artie também ficara perdido com a escuridão, mas, para a sorte dele, a Excalibur lhe dera uma visão noturna bem maneira.

Ele enxergava com facilidade Qwon e seu captor. Confuso, o homem-musgo tinha ido em direção à porta do banheiro, derrubara Qwon no chão e agora pressionava o joelho na base das costas dela enquanto mexia em uma sacola presa a sua cintura. Artie pensou em atirar a Excalibur na direção dele, mas logo notou a presença de Lance.

Artie olhou rapidamente para trás. Lance estava apontando a flecha na direção errada.

— Três horas! — ordenou Artie.

Sem falar, o taxista girou exatamente noventa graus.

— Ilumine o caminho! — ordenou Artie à Excalibur.

Lance mal tinha virado e um túnel estreito se abriu em seu campo de visão. Lance não esperava compreender, mas no fim do túnel estava a coisa menos ameaçadora que ele poderia imaginar: um conglomerado verde de musgo grosso.

— Atire! — gritou Artie.

Ele atirou. A flecha lançou-se da corda com um som agudo e vibrante.

Lance encaixou outra flecha no arco, mas o rastro de luz do primeiro tiro foi sendo preenchido pela escuridão mais uma vez.

Artie tinha mirado na cabeça do homem-musgo para receber a flechada de Lance, mas o monstro foi ágil. Deve ter sido um sexto sentido ou apenas sorte, mas seja lá qual fosse o motivo, assim que Lance soltou a corda, o homem-musgo ficou de pé, e, em vez de se cravar na cabeça dele, a flecha o acertou com um baque repugnante bem acima do quadril, para depois atravessar o corpo dele e bater em algo duro no banheiro de Qwon, retinindo no chão.

O homem-musgo gritou de dor; o grito soou familiar para Artie, mas, no calor da emoção, ele não conseguiu identificar por quê.

O monstro tinha atirado algo pequeno no chão, e um portal começou a se abrir. Não era como o portão da lua de Artie — esse se abria em um arco, como uma daquelas lanternas elétricas de plasma roxa e cor-de-rosa da feira de ciências. O homem-musgo arrastou Qwon para o portal, e em um instante eles tinham sumido.

O ar carregado cheirava a descarga elétrica. Artie caiu de joelhos.

A Excalibur reabsorveu a escuridão do quarto. A luz do entardecer de fim de verão da Pensilvânia entrou pelas janelas da menina. Os pássaros do lado de fora da casa estavam em um frenesi, não paravam de cantar.

Lance expirou.

— Eu não errei, né?

— Não. — Artie suspirou. — Aquela coisa é que se mexeu bem na hora.

Lance levantou-se, foi até Artie e colocou a mão no ombro dele.

— Sinto muito, Artie.

Ele virou-se para o amigo com o olhar sério.

— Eu vou salvá-la, Lance. Não importa quanto tempo demore, definitivamente vou salvá-la.

Artie e Lance foram até a Sra. Onakea, ainda inconsciente no chão.

— O que vamos fazer com ela? — perguntou o arqueiro.

— Não sei. Acho que devemos levá-la até Merlin — respondeu Artie, friamente.

— Certo — disse Lance, notando o estado de espírito de Artie.

Eles permaneceram diante da Sra. Onakea enquanto Artie pensava.

Então, a campainha tocou. Lance desceu depressa os degraus e olhou pelo olho mágico.

— É Kynder — gritou ele antes de abrir a porta.

Os dois subiram a escada, e Artie explicou o que tinha acontecido enquanto o pai ajoelhava-se ao lado da Sra. Onakea e acariciava a testa dela.

Quando terminou de ouvir a explicação, Kynder perguntou:

— Você consegue nos transportar de volta para casa, Artie, para a pedra no seu quarto?

— Claro. Por quê?

— Pammy... a Sra. Onakea... precisa vir conosco. Eu cuidarei dela. Não acho que seria uma boa ideia carregá-la até o carro de Lance no estado em que se encontra.

— Concordo — disse o arqueiro.

Kynder então olhou para o filho e disse:

— Enquanto fico aqui cuidando de Pammy, você e Kay têm que voltar lá e encontrar Qwon. Não acho que conseguirei acalmar Pammy enquanto

vocês não tiverem achado a menina.

Artie assentiu resolutamente, enfiou a Excalibur no chão e disse “*Lunae lumen*”. O portão da lua se abriu. Em uma questão de segundos estavam no quarto de Artie, caindo da cama.

— Ai! — disse Lance, batendo o ombro com força no criado-mudo.

Kynder e Artie caíram sem se machucar. A Sra. Onakea estava confortavelmente deitada no colchão, a Excalibur perfurando a cama na altura do seu quadril.

Artie embainhou a espada enquanto Kynder pegou a Sra. Onakea no colo e a levou para o andar de baixo. Artie e Lance continuaram no quarto.

— E agora? — perguntou Lance.

Artie sacudiu a cabeça.

— Preciso voltar para o Outro Mundo e ir direto atrás de Numinae. Quanto mais cedo encontrá-lo, mais cedo encontrarei Qwon.

— E mais cedo libertará Merlin.

— Sim, e libertarei Merlin — repetiu Artie, repentinamente percebendo que não estava mais tão preocupado com o mago. Ele começou a andar de um lado para o outro. — Só não sei por onde começar, Lance. Tentamos pegar um mapa, mas não deu certo. Aliás, não sei nem se teria ajudado. O que foi que Bercilak disse mesmo? Algo sobre a Fonte de Sylvan? Cara, como eu queria que o Pequeno estivesse aqui.

— Bercilak... aquele sujeito verde, certo?

— Sim. Ele é um cara legal, mas superesquisito.

— A primeira vez que você viu esse cara foi no jogo?

— Sim. Ele me mostrou onde encontrar o lago em que ficava a garota

— respondeu Artie, sacudindo com força a Excalibur. — O que você faria, Lance?

— Acho que começaria pelo começo e faria uma reconstituição dos meus passos.

— Cara, levaria pelo menos uma semana. Não vejo como isso poderia ajudar Qwon.

— Não custa tentar. Pense... onde tudo começou?
— Cincinnati?
— Não, Artie. Bem aqui, na sua própria casa, bem lá embai...
— O jogo! — exclamou Artie. — É isso. Você é um gênio, Lance, um verdadeiro gênio!

Artie saiu correndo do quarto e desceu voando os dois lances de escada. Lançou-se para a sala de jogos e ajoelhou-se diante do *video game*. Em seguida, pegou o controle remoto e ligou a TV. O aparelho se iluminou e a imagem surgiu.

O jogo ainda estava pausado no ponto em que Artie tinha parado. Ainda bem que Kynder tivera o bom senso de não mexer no aparelho. Lá estava Mentecapto, o Cinzento, de pé sobre o cadáver de um urso polar caído à entrada da caverna da derrotada dragoa Caladirth. Que lembranças. Artie mal acreditava no quanto tinha ficado feliz quando finalmente derrotara aquele enorme e malvado dragão virtual. Agora, seu feito parecia a conquista mais vazia que já conseguira, bem, conquistar.

Artie apertou alguns botões e surgiu uma tela com os itens de - Mentecapto. Entre *maça malcheirosa* e *cota de malha de prata* estava a simples e única palavra que ele tanto buscava: *mapa*. Ele apertou um botão e abriu o item.

A tela foi preenchida com a imagem de um pergaminho marrom. Uma imagem luminosa vermelha, no centro, indicava a atual posição de Mentecapto. Artie tirou um pouco do zoom, selecionou o continente de Sylvan e voltou a dar zoom. Era difícil decifrar, mas, após olhar fixamente para a tela por alguns instantes, ele começou a reconhecer algumas coisas. Ali estavam Veltdam e a Grande Biblioteca! E o Lago! E lá estava a floresta pela qual eles haviam viajado por quase uma semana! Mas as coisas não estavam exatamente no lugar — a biblioteca, por exemplo, ficava em um penhasco que se projetava sobre o mar, e montanhas muito altas cercavam o Lago —, então o mapa não teria muita utilidade para Artie se guiar ou

localizar a Fonte. Ainda assim, algumas coisas correspondiam à realidade, então não poderia ser totalmente inútil, não é mesmo?

Artie analisou o mapa, procurando por uma fonte ou qualquer coisa a ver com água. Havia vários córregos e rios percorrendo todo o lugar em direção ao mar. Quando a água doce de Sylvan encontrava-se com a água salgada do mar, já estava reunida em três canais principais: ao norte, o rio Gully; ao sul, o rio Smake; e percorrendo o centro, o córrego Glimmer. Artie lembrou-se que Bedevere mencionara o córrego Glimmer logo antes de eles entrarem em Veltdam, portanto ele realmente existia. Imaginou que os outros rios provavelmente também eram reais.

Mas onde ficava a tal fonte? Na floresta? Em frente a um castelo? Em alguma cidade? Quais tinham sido mesmo as palavras de Bercilak?

Artie concluiu que teria que perguntar a ele.

Ele colocou os óculos de realidade virtual. Em seguida, ajustou o microfone e falou:

— Bercilak! Bercilak, o Verde! Aqui é o rei Artie Kingfisher; preciso da sua ajuda!

Nada aconteceu.

Ele insistiu:

— *Por favor*, Bercy! Não sei mais o que fazer. Kay está ferida, não conseguimos um mapa, Qwon foi raptada, Bedevere teve um braço arrancado por aquele perverso elfo nerd... Preciso da sua ajuda!

E nada.

Artie, então, choramingou:

— Por favor. Não é nada que você não tenha me falado ainda. Só preciso me lembrar do que você disse e não consigo. Preciso encontrar o seu lorde Numinae. Acho... bem, estou começando a achar que ele pode estar aliado a Morgana...

De repente, uma rajada de luz ofuscou o mapa. Quando isso desapareceu, o Cavaleiro Verde surgiu diante de Mentecapto, o Cinzento,

na estrada onde Artie encontrara Bercilak pela primeira vez. Até mesmo a placa de boas-vindas ainda estava lá.

Mas o Verdinho não parecia nem um pouco amigável. Estava diante de Mentecapto, brandindo seu gigante machado com as mãos, e repreendeu Artie com sua voz oca, que ecoava da armadura vazia:

— Não diga tais coisas sobre meu lorde! Você pode ser o jovem rei desta terra, mas tal aliança jamais seria possível!

Àquela altura da aventura, Artie estava se acostumando a ser ameaçado, então soltou automaticamente o controle do Xbox e puxou a Excalibur no mundo real, em sua sala de jogos, no porão.

E algo incrível aconteceu.

Mentecapto, o Cinzento, também sacou a Excalibur.

Bercilak recuou.

— O que foi isso? Wilt Chamberlain está com você?

Artie simplesmente respondeu que não. Ele olhou para a espada nas mãos do personagem. Não havia como negar que era a mesma em ambos os lugares. Quando Artie a movimentava em seu porão, o mesmo movimento se repetia no jogo. Era como se ele tivesse ganhado o controle de Wii mais legal e mais sinistro de todos — e por acaso funcionava no Xbox.

Incrível.

— Você consegue ver a Excalibur, Bercy?

Bercilak disse inocentemente:

— Sim. Consigo enxergar a projeção impotente de seu personagem, como antes, mas o que vejo em suas mãos projetadas é uma espada de verdade, jovem regente.

Artie achou isso muito bacana e desejou poder cumprir o restante de sua jornada dali mesmo de seu confortável — e seguro — lar.

Mas essa ideia deixou sua mente em um piscar de olhos, pois Artie não gostou de ouvir Bercilak usar a palavra *regente*. Artie passara tempo suficiente nos mundos fantásticos dos *video games*, da Internet, dos

quadrinhos, dos livros e dos filmes para não saber o que aquilo significava: um substituto para rei.

Artie gritou:

— Regente! *Regente?* Bercilak, o Verde, eu já passei por coisas demais para ser chamado de regente. Posso até não ter sido oficializado, mas eu *serei* rei! Por favor, me ajude a encontrar seu lorde! Ordeno que repita a última coisa que me disse na minha corte exilada!

Bercilak reagiu do modo como Artie esperava: baixou a cabeça vazia para o chão.

— Queira por gentileza me perdoar, Arthur, é a falta de prática. Não temos um rei há muito tempo. Estou extremamente arrependido pela minha escolha vocabular.

Artie relaxou.

— Tá, tá. Tudo bem. Eu o perdoo.

— Realmente, Majestade, estou extremamente...

— Não tem problema, Bercilak, de verdade. Lamento se me excedi. Por favor, levante-se.

O Cavaleiro Verde levantou-se cautelosamente.

— Agora, você pode me lembrar do que disse? Minha mente está dispersa. Mal consigo me lembrar onde estava há vinte e quatro horas.

— É claro. Acredito que eu tenha dito: “Não posso dizer mais.”

— Não isso, cabeça de vento! A coisa importante. Algo sobre a caverna de Tiberius, que ficava perto de uma fonte.

— Ah, isso! Não é uma fonte, Majestade, é A Fonte! A Fonte de Sylvan.

— O que isso quer dizer? Não é uma fonte do tipo letra de computador ou algo parecido?

— Majestade, estou certo de que não faço ideia do que seja uma “letra de computador”, mas posso lhe garantir que a Fonte de que falo não é essa.

— Bem, então o que é?

— Perdoe-me, Majestade, mas não posso dizer mais.

Ótimo.

Artie suspirou.

— Certo. Obrigado, Bercilak. Acho que vou ter que pesquisar na rede mesmo.

— Rede? Que rede? Realmente, Majestade, vocês têm umas coisas estranhas nesse mundo daí.

— A Internet!

— Ah, sim, é claro, a Internet. Eu me lembro de que você já me corrigiu quanto a isso antes.

Bercilak voltara a agir de um jeito informal, e parecia disposto a passar um bom tempo batendo papo com Artie.

O menino revirou os olhos.

— Certo, Bercy. Tenho que ir agora.

— É claro, até mais ver! Realmente sinto muito, Majestade!

O Cavaleiro Verde desapareceu, assim como a estrada. O mapa voltou a preencher a tela.

Artie tinha que entrar na Internet.

Ele desembainhou a Excalibur, tirou às pressas os óculos de realidade virtual e subiu correndo os degraus até o computador da família. Tirou a máquina do stand-by e jogou no Google a palavra “fonte”. É claro que tudo o que apareceu na pesquisa tinha a ver com tipos de letra e web design. Ele então mudou a busca para “fonte definição”, e encontrou isso:

fonte

s.f.

- 1. Bacia para conter a água batismal em uma igreja.*
- 2. Recipiente para água sagrada; pia de água benta.*
- 3. Reservatório de óleo em um lampião.*
- 4. Nascente abundante; fonte.*

Mais para baixo, havia outra definição:

- 5. Arcaico ou poético: chafariz ou poço.*

Como Bercilak era definitivamente arcaico, e Artie supôs que ele provavelmente gostava de poesia, esta última definição foi a que ficou em sua cabeça, junto com o “nascente abundante” da primeira parte.

Então Artie imaginou que a Fonte só podia ser a fonte principal de água no continente de Sylvan. Como, segundo Bedevere, o córrego Glimmer era o maior rio, a Fonte devia ser sua nascente.

Mas como é que ele ia encontrá-la?

Ele sentou-se diante do computador por alguns minutos, batendo de leve, mas sem pressionar, nos botões do teclado. Eram tantas coisas para confundi-lo, e tão pouco tempo... Era isso que significava ser um rei?

Artie inclinou-se para trás na cadeira e distraidamente repousou a mão no cabo da Excalibur.

Ele não percebera, mas a espada estava gritando para ele.

E o que estava gritando era: *Um hidróscopo sou! Encontrarei a fonte de água! Um hidróscopo sou! Encontrarei a fonte de água!*

É claro! Como ele era burro!

Artie voltou voando para a sala de jogos. Colocou os óculos apressadamente e olhou para o mapa. Sacou a Excalibur, segurou-a diante de si, apontando-a diretamente para o centro de Sylvan, e ordenou:

— Excalibur, mostre-me a fonte do Glimmer!

Sem hesitar, a espada se cravou no mapa virtual, arrastando Artie pela sala. Infelizmente, a espada penetrou também na TV, fazendo um grande estrago. Faíscas voaram, e Artie sentiu a eletricidade percorrê-lo, embora ele permanecesse ileso devido à milagrosa bainha de sua espada. A TV ficou destruída, mas não importava. Nos óculos a Excalibur pulsava com seu brilho branco. Sua ponta pressionava o pergaminho virtual, cravada em uma mancha na escura Floresta de Sylvan. Indicava um ponto azul, e desse ponto serpeava um córrego estreito com o nome córrego Glimmer, que, mais à frente, emergia de um vasto matagal.

Artie tirou os óculos do rosto e gritou na direção do andar superior:

— Kynder, Lance! Tenho que ir!

Ele não esperou por uma resposta. Enfiou a Excalibur no chão e voltou pelo portão da lua até a prisão invisível de Merlin.

Merlin tinha distraidamente colocado a pedra em um estreito aparador de madeira da cozinha, de forma que, quando se materializou no móvel, Artie levou um baita tombo no chão de azulejos e a Excalibur atravessou por completo a madeira espessa da mesinha.

Levantando-se com dificuldade, ele esfregou o rosto com força e sacudiu as mãos.

Merlin estava atrás do balcão cortando alho ou cebola ou algo parecido. A cozinha era aconchegante e confortável e estava com um cheiro maravilhoso.

Artie apontou para o aparador.

— Fala sério, Merlin! Você não podia ter colocado a pedra perto de uma daquelas suas poltronas confortáveis?

— Ah, que burrice a minha. Desculpe-me, rapaz. Ando preocupado.

— Sim, todos nós — gracejou Artie, mais parecendo Kay.

Ele segurou o cabo da Excalibur e puxou a espada para a frente, cortando o móvel ao meio. O aparador caiu no chão em duas partes, formando um *M* dilapidado.

Polegar, sentado a uma minúscula mesa em uma minúscula cadeira na bancada da cozinha, ao lado da tábua de cortar, gargalhou ao ver o insignificante ato de insubordinação de Artie. O menino examinou seu pequeno cavaleiro. Ele parecia beber cerveja de um dedal. Em um prato a sua frente havia uma cereja escura, parecendo fresca, com cabo e tudo.

Polegar perguntou:

— Como foi lá, meu jovem?

Artie estava contrariado por tudo o que acabara de ver. Merlin estava fazendo o jantar, e Polegar parecia relaxado como se não houvesse nada de errado. *Qual era* o problema deles?

— Como podem ver, não tão bem, rapazes! — Artie acenou. — Vocês não estão vendo Qwon aqui comigo, estão?

— Não, mas isso não quer dizer que quando você chegou já fosse tarde demais — comentou Merlin. — Não era, certo?

Artie não podia acreditar.

— Sim, Merlin, era! Um cara coberto de musgo, que talvez fosse Numinae, estava no quarto dela e a sequestrou. Lance e eu tentamos impedi-lo, mas ele voltou para o Outro Mundo através de um portão de relâmpago!

Merlin bateu a lateral da tábua de cortar com força. Tudo o que havia na bancada saltou, inclusive Polegar e seu pequeno jogo de jantar. A cereja do homenzinho caiu no chão, mas ele pelo menos conseguiu segurar o dedal de cerveja.

— Droga! — berrou Merlin.

Assim era melhor.

Polegar engoliu rapidamente a cerveja e foi até a beirada da bancada.

— Lamento por parecermos tão tranquilos, meu jovem. Você deve se lembrar de que somos bem velhos. Quando temos uma oportunidade de relaxar, nós a aproveitamos.

Artie mudou de assunto:

— Como estão Kay e Bedevere?

Merlin saiu de trás do balcão.

— Estão bem, filho. Estamos observando os dois. — Ele apontou para um monitor na parede. Na tela, Artie viu seus cavaleiros se recuperando na cama. Kay estava recostada, lendo um livro de bolso. Bedevere ainda dormia. — Estou preparando o jantar para você. Está com fome?

Artie estava mais do que faminto. Ele poderia comer uma lata e um monte de barbante molhado, de tanta fome que sentia.

— Sim. Morrendo, para dizer a verdade — disse Artie.

— Bom. Agora conte-nos o que aconteceu, e rápido. Assim que terminar de comer, você precisa voltar lá.

Artie sentou-se em um banquinho e contou tudo a eles. Merlin e Polegar ficaram desanimados ao ouvir sobre Qwon, mas aliviados por Artie ter encontrado a Fonte de Sylvan. Merlin colocou um prato diante de Artie, e enquanto o garoto devorava o jantar, Merlin e Polegar esboçaram um plano.

Artie ouvia distraidamente enquanto comia. Ele não estava preocupado com a perspectiva de ir com Polegar atrás de Tiberius e Numinae. Provavelmente deveria, mas não estava. E não porque fosse muito corajoso (o que ele vinha descobrindo que de fato era) ou muito burro (o que claramente não era), mas simplesmente porque estava determinado a trazer Qwon de volta. As outras coisas pareciam pequenos obstáculos a superar para salvar sua amiga. Era ela que realmente importava.

Ao espetar o último pedaço da comida, Artie perguntou:

— Por que você acha que ela foi levada?

— Eu só posso tentar imaginar, Artie — disse Merlin, com seriedade. — Numinae pode tê-la levado por alguma razão desconhecida, é claro, mas a probabilidade é a mesma de não ter sido ele quem a levou, e o homem-musgo ser um agente de Morgana. Talvez ela acredite que sequestrar Qwon funcionará para impedir que você volte ao poder. E só há um jeito de descobrir isso.

Artie bateu seu garfo na mesa.

— Ir para lá o quanto antes. Encontrar Numinae e perguntar o que ele sabe. Se não tiver informações suficientes, cortar fora a mão dele e sair depressa, depois voltar e tirar você daqui, para que assim possa me ajudar — resumiu Artie, com uma boa dose de régia determinação.

— Parece um bom plano, meu jovem! — exclamou Polegar, levantando-se. — Vamos, então? À Fonte de Sylvan?

Artie também se levantou.

— Sim. Mas vamos ver Kay e Bedevere antes.

— Combinado — disse Merlin, deixando o cômodo.

Artie pegou Polegar e eles o seguiram.

Eles cruzaram pelo menos doze cômodos, passando sob um aromático pé de pêssego carregado de frutas, por uma caverna de gelo e por uma nuvem. Passaram também por baixo de uma formação geológica que cintilava com pedras preciosas de todas as cores: roxas como um pôr do sol tempestuoso, vermelhas como uma cratera vulcânica em erupção, verdes como as peles de um milhão de camaleões em um campo infinito. Passaram por armários e armazéns, despensas e adegas comuns.

Enquanto caminhavam, Artie não conseguia conter a sensação de que estava indo para um local que iria mudá-lo para sempre. Quando pararam diante do quarto de hospital, sorriu, formigando de ansiedade. Seu futuro estava à sua espera. *Aquela era quem ele era.* Uma criança que crescera nos subúrbios dos Estados Unidos, mas que tinha vindo de um lugar que a maioria das pessoas acreditava só existir no reino da imaginação. E no final das contas ele era tão especial que poderia até se tornar rei do lugar e ajudar a salvá-lo, e também ao mundo no qual crescera. Era bastante incrível.

Ao se lembrar de Kay, ele saiu do devaneio. Ergueu os olhos e ficou surpreso ao ver que ela estava vestida, com a Cleomede no cinto. Ela abriu um sorriso triste e compreensivo para o irmão. Estava meio virada para Bedevere, com a mão na lateral do corpo dele, onde seu braço direito deveria estar. O cavaleiro ainda estava adormecido.

Kay apontou para Artie e disse:

— Merlin e Pequeno me disseram aonde você foi. Nada de Qwon, né?

— Não — respondeu Artie, olhando para o chão. — Alguém a levou para o Outro Mundo. Eu não consegui salvá-la.

Kay foi até o irmão.

— Bem, vamos sair daqui e salvá-la. Tudo bem por você, mano?

Artie ergueu os olhos para a irmã mais velha.

— Acho que seria melhor se você continuasse aqui descansando, mas também acho que não vai adiantar nada discutir com você.

Ela colocou a mão no ombro dele.

— É isso aí, Artie.

Merlin perguntou:

— Tem certeza de que está preparada para isso, Kay? Afinal, você *foi* ferida por um javali há pouco tempo.

— E espero ver aquele porco outra vez — disse Kay, olhando zangada para Merlin. — E Lavery também. Não consigo acreditar que ele fez a gente perder duas semanas das nossas férias de verão naquela porcaria de biblioteca.

O velho mago sorriu e balançou a cabeça. Artie pegou de volta sua mochila infinita, de um gancho na parede, e retirou uma moeda do portão da lua. Em seguida ele pendurou a mochila nos ombros e apertou as fivelas. Quando sacou a Excalibur, a lâmina ressoou por aqueles infinitos quartos cheios de vida.

— Bem, crianças e Polegar, podem ir. Não tenho mais nada a oferecer. Quando voltarem, espero que me devolvam minha liberdade. Se não conseguirem trazer Qwon também, garanto que farei tudo o que puder para ajudar a resgatá-la.

Artie colocou a moeda no chão e delicadamente tocou-a com o pomo da espada. Ele imaginou a floresta escura na qual se encontrava a nascente do córrego Glimmer e sussurrou:

— Leve-nos à Fonte de Sylvan!

O portão se abriu em um redemoinho, e em um piscar de olhos os Kingfisher e o velho cavaleiro Polegar sumiram, retornando ao Outro Mundo.

Após se recuperarem dos efeitos do último expresso portão da lua, Artie e seus cavaleiros viram-se em uma colina baixa e cheia de musgos, ao lado de um riacho pitoresco. A mata ao redor era tão fechada quanto a do Monte da Serpente, em Peebles, Ohio — e bem mais sinistra.

As cerradas e altas coníferas sufocavam a visão do céu. Seus troncos enormes faziam com que a mata lembrasse uma catedral. O ar era úmido e não havia brisa. O córrego murmurava agradavelmente à esquerda deles. E os eventuais mosquitos zumbiam ao redor de todos, com exceção de Kay, é claro, graças à mágica de repelir insetos da bainha da Cleomede.

— Cara, Artie, essa mata é sinistra, tipo nível *Avatar*, não acha? — comentou Kay, impressionada.

— Sim — confirmou Artie.

— O que é *Avatar*? — perguntou Polegar, de volta aos seus quase setenta centímetros.

— Ah, nada. Um filme — respondeu Artie.

— Ah — falou Polegar, distraído, enquanto puxava sua espada e verificava a lâmina.

— Deve haver um desfiladeiro por aqui. Vamos tentar caminhar rio acima um pouco — explicou Artie.

Eles seguiram a correnteza e logo encontraram o que estavam procurando.

As árvores ocultavam uma enorme rocha negra de basalto no meio do riacho. A rocha tinha cerca de quatro metros e meio de altura e metade

disso de largura, e dividia a corrente em duas. Tinha o formato exato de um ovo e era escorada por pedras menores, formando um ninho pedregoso. Em seu topo crescia uma árvore retorcida com folhas douradas, cujas raízes envolviam o topo da pedra com um emaranhado de longas garras tortas em que crescia um mundo de musgos, líquens e pequenas flores.

— Uau, que lindo. — Kay suspirou.

— Isso é de verdade? — disse Artie.

— Quase parece que alguma mão gigante a colocou aqui — comentou Polegar.

— Ou a garra de um dragão verde gigante — complementou Artie.

— Sim, ou isso — disse Kay, sem muito entusiasmo.

Eles se entreolharam em busca de coragem e por fim contornaram a rocha. Atrás dela erguia-se uma gruta alta e imponente, de quase cem metros de altura.

— Bingo — disse Artie, e eles seguiram na direção da fenda.

As muitas pedras que formavam as paredes da gruta eram afiadas, com beiradas que pareciam facas.

Quando chegaram à abertura, encontraram uma trilha estreita do lado direito do riacho. Artie foi à frente, seguido por Kay e Polegar.

O riacho, que antes era bem agradável e apenas murmurava no trecho próximo à pedra em formato de ovo, agora corria com força e parecia caudaloso. O ar na caverna era mais fresco que na floresta, e inúmeras gotículas de água explodiam do intenso movimento do riacho.

Depois de um tempo, eles alcançaram uma cortina de altas samambaias. Artie a atravessou enquanto Kay e Polegar faziam uma pausa para beber a água do riacho. Quando chegou do outro lado, Artie os chamou:

— Pessoal, venham ver isso.

Kay e Polegar sacudiram as mãos para secá-las e atravessaram a cortina de plantas.

Até mesmo Polegar, que conhecia um monte de mistérios do Outro Mundo, não podia acreditar nos próprios olhos.

A menos de seis metros, o desfiladeiro irregular fazia uma curva de noventa graus para a direita, engolindo o riacho, a trilha e a linha de visão deles. Nenhum curso de água lógico faria um ângulo tão fechado. Mas o que eles não conseguiam acreditar era que na curva havia uma imensa e nevoenta cachoeira... que caía *ao contrário!*

Um lago turbulento se revolia diante deles. A água branca e revolta atingia a superfície. Mas em vez de vir de cima a cascata vinha de baixo e caía rapidamente na curva fechada da grotta.

— Ali nas árvores! — ofegou Polegar.

Artie e Kay ficaram emudecidos.

Eles foram até onde a água caía. Era o fim da trilha, e no lugar havia uma série de degraus enferrujados e argolas de metal que se prendiam à superfície da rocha, continuando até o desfiladeiro e desaparecendo na curva.

— Acho que vamos ter que descer — gritou Artie.

Eles embainharam suas armas, e Artie pisou no primeiro degrau.

O metal úmido estava escorregadio e, a julgar pela fina camada de lodo e algas, não era utilizado com frequência. Eles fizeram o percurso com cautela.

Desceram cerca de seis metros e chegaram a uma saliência bem estreita, pouco antes da curva na rocha. Artie colou as costas na pedra e moveu-se para a direita, abrindo espaço para seus cavaleiros. Ele, Kay e Polegar ficaram ombro a ombro (mas, claro, o ombro de Polegar ficou na altura do joelho de Kay), ofegando e suando. A saliência era tão estreita que os dedos dos pés de Kay e Artie encostavam na beira do precipício.

— Por que não trouxemos cordas? Deveríamos estar amarrados um ao outro! — gritou Polegar, acima do ruído das águas.

Ele tinha razão. Se tivessem sido espertos, cavaleiros responsáveis, definitivamente teriam levado uma corda bem comprida. Mas não tinham

feito isso. Artie prometeu a si mesmo que aquele era um erro que jamais cometeria outra vez.

Artie foi com cuidado até a curva e olhou o que havia além.

O cenário abaixo era ainda mais surpreendente. O riacho caía por mais quinze estonteantes metros, e a água ainda corria na direção impossível e errada. Lá embaixo, o rio fazia uma curva suave à direita e continuava a correr por uns trinta metros ou mais antes de desaparecer em uma enorme caverna no final do desfiladeiro. Artie não conseguia enxergar dentro da caverna, mas dava para ver que em algum lugar ali havia uma luz laranja fraca.

Ele virou-se para Kay e Polegar.

— Bem, parece que estamos no caminho certo.

— Que bom... acho — gritou Kay.

Artie olhou para baixo em busca da série seguinte de degraus e argolas. Ele viu que levavam até a base do desfiladeiro.

O único problema era que o degrau mais próximo ficava a três metros.

Ele virou-se para seus cavaleiros e contou a má notícia. Os três discutiram se seria possível saltar, formar uma corda improvisada com as roupas molhadas ou tentar escalar as pedras. No final das contas, descartaram as três ideias.

Ficaram ali por alguns minutos sem falar. Naquele clima úmido e frio, estavam se sentindo péssimos.

Então, Kay gritou:

— Que burrice! As espadas!

— O que têm elas, cavaleira Kay? — quis saber Polegar.

— A Excalibur e a Cleomede! Elas podem cortar qualquer coisa! Basta fincarmos as duas na rocha e nos pendurarmos nelas até chegar lá embaixo. O último a chegar pega as espadas e assim continuamos nossa jornada!

Todos concordaram que era uma ótima ideia. Então, organizaram-se na saliência da rocha, com Polegar e Kay se alternando para retroceder,

espremendo-se antes de descer de novo. Artie puxou a Excalibur e a girou, segurando-a com a ponta para baixo, depois foi até o final da estreita saliência, respirou fundo e inclinou-se para a frente o máximo que conseguiu. Polegar segurou sua perna para ajudá-lo a se equilibrar.

Artie esticou o braço e virou o corpo, obrigando Polegar a fazer ainda mais força. Foi necessário um pouco de esforço e muitas faíscas saíram no ponto em que a espada penetrou na pedra, mas levando em conta que aquilo era rocha sólida, a Excalibur até que deslizou facilmente pela parede do desfiladeiro. Antes de soltá-la, Artie pediu que permanecesse fincada. Então ele a empurrou com as pontas dos dedos e viu que estava bem presa.

— Pronto. Próximo! — gritou.

Kay entregou-lhe a Cleomede.

O movimento seguinte seria difícil, e todos sabiam disso. Artie esvaziou a mente e Kay concentrou-se para ajudar o irmão.

Artie inspirou profundamente três vezes.

— Lá vai! Um! Dois! Três!

Com uma das mãos segurando a Excalibur, ele girou e se jogou, uma das cenas mais assustadoras que Kay já tinha visto.

Artie passou voando pela fenda, sustentando-se com o antebraço esquerdo e o comprimento da Cleomede, além de apoiar parte do rosto na pedra. Seu ponto de apoio estava firme. Kay estava cerrando os punhos, o que Artie conseguia sentir. A Excalibur também o ajudou a se segurar e o impulsionou a continuar.

Artie esticou as pernas para a rocha em busca de apoio. Em seguida, pegou a Cleomede, esticou-se ao máximo e a fincou na pedra. Uma corrente mágica, vibrante, saiu da Excalibur e passou pelos braços e pelo peito de Artie até chegar à Cleomede.

Com a Cleomede presa, Artie soltou a Excalibur e uniu a mão direita à esquerda no cabo da Cleomede. Então soltou a mão esquerda e esticou-se para alcançar o degrau. Faltava pouco.

Ele voltou a segurar a espada com as duas mãos e começou a se balançar, apoiando as laterais dos pés nas rochas do penhasco. Então investiu com a mão esquerda, e aí alcançou a barra de ferro molhada.

Quando começou a cair, ele rapidamente segurou a escada com a outra mão, e os pés encontraram o caminho para o degrau abaixo.

Ele tinha conseguido. Artie nunca se sentira tão vivo. Ele desceu um pouco para dar espaço para os outros.

Polegar era o próximo. Ele executou uma série de movimentos acrobáticos que sem sombra de dúvida lhe garantiriam uma medalha nos jogos olímpicos dos cavaleiros. Balançando-se com facilidade e firmeza, desceu até aterrissar na cabeça de Artie. Ver seu pequeno e velhíssimo cavaleiro fazer isso deixou Artie mais tranquilo.

Mas em seguida, é claro, foi a vez de Kay. Ela não apenas tinha que descer como também precisava pegar as duas espadas.

Kay olhou pela beirada e, quando viu o que tinha que fazer, arregalou os olhos.

Artie não ficou tão preocupado com a expressão no rosto dela.

— É isso aí, mana, força!

Ele concentrou os músculos e os tendões de seu corpo para lhe dar força, assim como ela acabara de fazer por ele.

Kay bufou, descrente. Em seguida, seu rosto desapareceu atrás da beirada.

De repente o braço dela apareceu, em um movimento rápido, e agarrou a Excalibur. Ela segurou a espada com força; Artie cerrou os punhos e sentiu a irmã fazer a contagem: *Um! Dois! Três!*

Kay balançou o corpo e bateu na rocha com um gritinho. Seus olhos estavam bem fechados, então, a mão esquerda rapidamente juntou-se à direita na Excalibur.

Ela abriu os olhos e olhou direto para o irmão.

— Não estou gostando disso, Artie!

— Não se preocupe! — disse Artie, para tranquilizá-la. — Se eu consegui, com certeza você também consegue!

O que era totalmente verdade, certo?, já que Kay sempre fora tão obstinada e tão habilidosa em tudo que fazia.

— Não olhe para baixo! — avisou Polegar.

Isso, é claro, a levou a olhar na mesma hora.

Artie sentiu o corpo dela enrijecer. Kay estava quase ficando paralisada.

— Kay! Olhe para mim! — ordenou Artie. A irmã obedeceu. — Você é a incrível Kay Kingfisher! Você não pensa... você faz! Agora, mexa-se!

Seu irmão estava totalmente certo. Ela era a incrível Kay Kingfisher.

Ela se concentrou e soltou a mão esquerda. Ela era a incrível Kay Kingfisher. Esticou o braço e segurou a Cleomede. Ficou balançando entre as duas espadas e, quando chegou o mais perto possível da Excalibur, bem quando seu impulso estava prestes a perder a força e fazê-la voltar para a Cleomede, ela mudou a posição da mão, segurando a espada do irmão de baixo para cima. Foi um bom movimento. Assim ela deslocou seu peso e se manteve o mais diretamente possível sob a Cleomede. Em seguida, puxou a Excalibur com força. E a espada saiu. Ela era a incrível Kay Kingfisher, e agora estava se balançando no ar como um macaco. O medo a invadiu mais uma vez. Com a ajuda de Artie, ela o expulsou. Atirou a Excalibur para Polegar, que pegou a espada com facilidade e a repassou para Artie. Depois trocou a mão com que segurava a Cleomede e se esticou para alcançar o degrau. Um pouco mais alta do que Artie, ela alcançou o degrau só com as pontas dos dedos. Equilibrou-se no ferro molhado e finalmente conseguiu estabilidade. Então foi até o degrau mais alto, alcançou a Cleomede e pediu que saísse da rocha. A espada deslizou avidamente para fora da pedra. Kay embainhou sua arma, com o coração batendo *com força*, e soltou um longo e profundo suspiro.

Ela era a *incrível* Kay Kingfisher.

Calados, com a água correndo na direção errada atrás deles, continuaram a trilhar o desfiladeiro. Quando alcançaram a base, Artie e

Kay ajoelharam-se para que os três pudessem compartilhar um abraço coletivo na altura de Polegar.

Eles se afastaram após alguns instantes, com os braços enganchados nos ombros dos outros. Polegar olhou de um para o outro.

— Aquilo foi bárbaro, meus jovens. Não importa o que aconteça, quero que saibam que estou orgulhoso de vocês dois.

Artie e Kay sorriram, sentindo-se por um segundo mais como crianças com o tio em um jogo importante que como uma dupla de cavaleiros em uma insensata missão fantástica.

Eles recuperaram o fôlego. Em seguida, desfizeram o abraço e se levantaram. Kay pegou os capacetes da mochila de Artie para que os vestissem. Então, puxaram as armas e retomaram a caminhada.

Seguiram calados por uma trilha bem desgastada ao longo do riacho, que fluía suave e agradavelmente pela base do desfiladeiro.

A entrada da caverna era um perfeito semicírculo escuro entalhado no mesmo basalto negro da rocha em formato de ovo. Ao redor da abertura da caverna havia dois cedros-vermelhos que foram obrigados a crescer curvados e se encontravam, virando uma única árvore gigante no topo da abertura. Bem no alto das copas verde-escuras, o céu estava nublado e pesado. Era de tirar o fôlego.

— Tiberius deve ter o dedo verde para criar um par de árvores assim — brincou Kay.

Artie e Polegar riram um pouco, mas nem tanto.

A água escoava da caverna sob a luz turva que também vinha de seu interior.

Polegar girou a espada duas vezes. Artie assentiu. Kay ajeitou seu capacete. E, lado a lado, eles entraram na caverna de Tiberius.

DE COMO O GRANDE DRAGÃO VERDE MANDOU OS CAVALEIROS PARA A ARENA



Após caminharem cerca de dez metros, a caverna abriu-se de um corredor amplo e irregular para uma elevada catedral natural de pedras. Aparentemente, Tiberius não estava.

Quando eles se reuniram em um círculo, Polegar disse:

— Existe algo que vocês devem saber em relação aos dragões verdes.

— E o que é, Pequeno? — perguntou Kay, olhando boquiaberta para a ponta de uma estalactite bem acima de suas cabeças.

— Eles não soltam fogo... ou ácido, como creio que devem fazer no seu jogo de *video game*, Artie... mas expellem algo que pode congelar as coisas, transformando-as em pedra.

— Ótimo — comentou Artie, não parecendo nem um pouco contente.

— Ouvi dizer que não é perigoso, apesar de um tanto desconfortável, ser congelado por um dragão. Espero que isso não aconteça, mas se acontecer, o importante é permanecer calmo. Vocês têm a minha palavra de que vou tirá-los dessa.

— Tudo bem, Pequeno. Idem — disse Kay, e Artie assentiu com a cabeça.

Eles então observaram mais atentamente o lar do dragão. Era bem arrumado. Havia montes de ossos e galhos de árvore organizados, além de uma enorme pilha de algo que parecia algodão. O local também cheirava a limpeza — exatamente o contrário do que Artie esperava de uma caverna de dragão.

Quanto ao riacho, era, sem dúvida, a Fonte de Sylvan. O fluxo de água tinha origem em um suave redemoinho de cerca de três metros de diâmetro. Acima havia um gazebo de galhos retorcidos, ainda com folhas — de todas as cores do arco-íris, até mesmo azul e roxo, eram lindas.

Finalmente, Kay disse:

— Bem, parece que não tem ninguém em casa, né?

Ela falou cedo demais.

Artie foi o primeiro a vê-la. A sujeira e as pedras do lado mais próximo da caverna pareceram se reorganizar, como um Transformer de terra. Artie arquejou, Kay e Polegar viraram as cabeças. A “parede” começou a brilhar como os reflexos que a água projeta no teto, e dentro de segundos a grande figura se tornou verde e foi revelada em todo o seu esplendor escamoso.

A cauda foi o que atingiu o chão primeiro, quase sem fazer ruído. Depois foram as pernas traseiras, as pernas dianteiras, o pescoço e a cabeça. Tudo sem um barulho sequer.

Assim que acomodou seu peso no chão da caverna, a criatura se virou, e finalmente os três perplexos cavaleiros ficaram cara a cara com o grande dragão verde.

Sua boca estava fechada. As narinas soltavam fumaça. A crina ondulada de dragão chinês mexeu-se como se uma leve brisa a estivesse balançando. Seus olhos piscaram.

Ele se manteve em estranho silêncio.

Artie não tinha a menor dúvida de que aquele era o mesmo dragão que os atacara no Lago. Tinha os mesmos chifres dourados, semelhantes ao de um carneiro, os mesmos caninos vermelhos como rubi e os mesmos belos e brilhantes olhos de arco-íris.

Polegar curvou-se.

— Guardião Tiberius, protetor do lorde Numinae. Eu, cavaleiro Pequeno Polegar, o saúdo humildemente em nome de Sua Eminência, o rei Arthur Kingfisher, e sua cavaleira da primeira ordem, Kay.

Kay disse baixinho:

— Muito bem, Pequeno!

Mas o homenzinho, ainda curvado até o chão, e cheio de cerimônias, lhe lançou um olhar carrancudo.

Artie curvou-se, mas, tirando isso, não sabia o que fazer. O dragão virou a cabeça levemente e soltou um grunhido pelo nariz. Uma coisa preta saiu de suas narinas, mas não era fumaça. Não era possível... Parecia vidro.

Polegar continuou:

— Nós solicitamos uma reunião...

Mas, antes que ele pudesse terminar, o dragão ergueu-se nas patas traseiras e cuspiu algo preto e reluzente em Polegar. A princípio ele ficou parecendo Han Solo congelado em carbonita — os braços para cima, a espada desembainhada e o rosto em uma careta —, mas então a substância preta expandiu-se ao redor dele, fazendo ruídos de vidro sendo quebrado e pedras se arrastando. Em pouco tempo eles já não conseguiam mais ver Polegar, que estava oculto em um grande pedaço de basalto negro em formato de ovo, com cerca de um metro de altura.

O ovo-Polegar oscilou e caiu de lado, balançando para a frente e para trás.

Kay gritou e esboçou um movimento contra o dragão, mas Artie colocou a Excalibur à frente dela para contê-la. O dragão ignorou Kay e olhou para Artie.

— Não precisa se preocupar — entoou o dragão. Sua voz era tão baixa e pesada que eles a sentiram mais do que ouviram. — O homenzinho está mais seguro lá. Vivinho.

— Por que fazer isso? — quis saber Kay.

Tiberius continuou a olhar fixamente na direção de Artie.

— Hmmm. Eu não queria falar com ele. Ainda não. Além disso, ele não deve ver lorde Numinae. Vocês sim.

Tiberius acomodou-se no chão com indiferença e apoiou o queixo nas pernas dianteiras, como um gato doméstico obeso.

Lembrando-se de Qwon, Artie disse:

— Certo. Então vamos ver lorde Numinae.

O dragão desviou o olhar.

— Hmmm. Você não pode ser um novo impostor?

Kay falou sem pensar:

— Olhe, eu não sei quem você pensa que é, mas...

— Quem sou? E quem você está pensando que é, criancinha?

— Criancinha! — espantou-se Kay, mas o dragão fez um movimento brusco e barulhento com uma das pontudas e compridas orelhas, e Kay fechou a boca.

— Sou mais velho que Merlin, Numinae e Polegar-Bobo juntos. Para mim, você é uma criancinha.

Artie perguntou:

— O que quer dizer com “impostor”?

O dragão piscou lentamente, parecendo sonolento.

— Hmmm. Eu sei quem você é, portador da espada abrasadora. Só me pergunto quem *você* pensa que é.

Artie estava maravilhado. Aquela fantástica criatura tinha ido direto ao X da questão. Não era aquela a pergunta cuja resposta Artie mais ansiava por saber? Não era esse o motivo pelo qual tinha concordado em prosseguir com toda aquela loucura, para começar? Um dragão que conhecia havia menos de cinco minutos o colocara contra a parede. Um dragão.

— Bem — respondeu Artie —, eu sou o rei Artie Kingfisher, e, como o Pequeno disse, desejo ver lorde Numinae. Ele tem algo de que preciso, e uma pessoa que quero resgatar.

O dragão desviou o olhar de um jeito casual, e bateu no ovo-Polegar como se fosse um brinquedo.

— A coisa, talvez ele dê. A pessoa, duvido que devolva. Mas quem dirá isso é Numinae. Ele também quer vê-lo, reizinho, embora eu desconheça o motivo. Se fosse feita a minha vontade, eu congelaria vocês dois e devolveria a Excalibur ao seu lugar de repouso. Evitaríamos assim muitos problemas.

— Mas a escolha não é sua — disse Kay, tentando parecer confiante. Conversar com aquela criatura a deixava arrepiada, e ela estava ansiosa para seguir adiante.

— Não. Não é. Hmmm.

Tiberius estava claramente decepcionado com isso.

Artie sentiu-se aliviado.

— Certo, então nos leve até Numinae.

O dragão sorriu.

— Não se afobem, pequenos. Três condições devem ser satisfeitas. A primeira já foi.

Ele apontou com o queixo na direção de Polegar.

— Você quer dizer congelar Polegar? — perguntou Artie. O dragão assentiu. — Quando voltarmos, você o libertará?

Tiberius disse:

— Se conseguirem voltar, ele estará descansando aqui.

Para enfatizar, o dragão fincou uma garra no chão — realmente *dentro* do chão. Depois a tirou, produzindo um ruído horrível, como unhas arranhando uma lousa.

— Bem vivo ele estará.

— Certo — disse Artie, sentindo-se inquieto. — Quais são as outras condições?

— Nada de portões da lua. Se você fugir e voltar algum dia, vou congelar você como fiz com seu companheiro. Para sempre.

— Certo, temos que resolver isso agora — disse Kay. — O que mais?

O dragão esticou as patas na direção de Artie. Sua pata dianteira era do tamanho de um sofá. Artie recuou instintivamente, mas sabia de alguma forma, que naquele momento Tiberius era inofensivo.

O dragão bateu na bainha da Excalibur.

— Isso fica aqui.

— Ótimo — disse Kay, sarcasticamente.

Artie perguntou:

Mas o dragão, observando a partida deles, não disse nada.

Artie pediu à Excalibur um pouco de luz. Eles estavam em um estreito corredor de pedra, e, após caminharem cerca de trinta metros, saíram em um vasto campo com a grama alta. O sol estava escondido por uma cortina de nuvens, deixando o contorno brilhante e bem nítido.

Eles olharam para trás. Enterrada no chão estava uma rocha enorme, no meio da qual ficava a entrada da caverna. Bosques de carvalhos e freixos circundavam o campo em um círculo perfeito.

Kay agarrou a Cleomede com firmeza.

— O que acha que ele quis dizer com “pente”? — perguntou ela.

Artie segurava a Excalibur com a mão direita e puxou a adaga, - Carnwennan, com a esquerda. Ele bateu no escudo, preso no braço esquerdo, com o pomo da espada, para ter certeza de que estava firme.

— Acho que sei, mas não quero dizer.

De repente, as copas das árvores diante deles começaram a chacoalhar. Galhos se quebraram. A mata estava vibrando, e o que quer que estivesse causando a comoção se movera uns dez metros para a direita.

Então dois carvalhos imensos curvaram-se e foram partidos ao meio conforme a coisa abria caminho.

Era Twrch Trwyth.

— Ih, droga — disse Kay, com um suspiro.

— É... — disse Artie, sem muito entusiasmo.

O javali saltou e bateu as patas ferozmente no chão. Ele estava a cerca de trezentos metros, soltava fumaça pelas narinas úmidas e tinha os olhos

brilhantes como brasa. Seu pelo crespo estava eriçado. Era fácil visualizar o pente prateado brilhando na sua cabeça.

O vento aumentou quando o animal abaixou a cabeça e começou a caminhar com firmeza, sem tirar os olhos dos Kingfisher. As copas das árvores pareciam dançar, e no vento ouviu-se um sussurro que mais parecia o farfalhar das folhas.

— Traga-me o pente.

O sussurro era claramente de Numinae.

Então, o javali atacou.

Ombro a ombro, Artie e Kay recuaram energicamente. No último momento, bateram na rocha em que estivera a entrada da caverna — caverna que agora não existia mais — e se separaram, cada um pulando para um lado.

O animal avançou com tudo e bateu a cabeça na pedra. O ruído foi horrível, como o de um imenso tronco de árvore rachando com a violência de um tornado.

O javali grunhiu e recuou, com os Kingfisher atrás dele. O animal deveria estar sangrando, mas não estava, e então empinou, sacudiu a cabeça e virou-se para Kay.

Artie rapidamente investiu contra a traseira do bicho, cortando com a Excalibur a pele e os tendões com facilidade, mas novamente não houve sangue.

O javali rosnou como um cão e olhou para Artie. Kay viu onde seu irmão tinha golpeado a criatura: inacreditavelmente, as feridas — sem sangue — fecharam e cicatrizaram.

De repente, a mão com que Artie segurava a espada formigou. A Excalibur estava tentando lhe dizer algo.

Ele não teve tempo de prestar atenção, porque o javali voltou a atacar. Na defensiva, Artie colocou a Excalibur de lado entre seu corpo e as pontudas e imundas presas do javali. Quando estas o acertaram, partículas de saliva fétida caíram no rosto do menino.

A força do contato foi terrível. As entranhas de Artie se reviraram quando o porco o lançou no ar. Twrch Trwyth fez um movimento brusco com a cabeça, pegando a Excalibur com as presas. Artie segurou-se com todas as forças enquanto investia contra o focinho rígido do animal com sua adaga, mas a arma era para o javali como um mosquito para um elefante.

Twrch Trwyth balançou a cabeça outra vez, e de repente Artie viu-se bem perto do pente. Aquela era sua chance. O tempo pareceu desacelerar. Ele esticou a adaga e cortou os pelos em que o pente estava preso.

E o pente se soltou!

Mas então, bem diante dos olhos de Artie, o pelo do javali se refez e, bizarramente, prendeu o pente de volta no lugar.

Artie não podia acreditar.

O animal empinou, e Artie quase ficou de cabeça para baixo enquanto Kay desferia um golpe, cortando a perna traseira direita do javali bem abaixo do joelho.

Saiu um silvo alto da perna mutilada, e a criatura tombou. Enquanto Twrch Trwyth caía, a adaga de Artie perfurou-lhe um dos globos oculares avermelhados. O olho explodiu como um tomate apodrecido. Quando o animal caiu no chão, Artie libertou-se e rolou para longe.

Artie e Kay ainda estavam a muitos passos de distância quando a mão do garoto formigou tanto que quase doeu. De repente, Artie compreendeu: a Excalibur queria reunir-se à Cleomede.

Artie começou a ir na direção de Kay quando Twrch Trwyth virou o poderoso corpo como um acrobata. Ele não parecia nem um pouco atrapalhado por agora ter três pernas em vez de quatro.

— E agora, mano?

— Acho que precisamos juntar nossas espadas!

— Boa ideia!

Mas então, mancando e recuando um pouco, o javali encontrou a perna que perdera. Ele abaixou-se e, em um único movimento, a recolheu

e a engoliu. Menos de um segundo depois, sua perna traseira direita voltou a crescer. Ele abaixou a cabeça e deu alguns passos cautelosos na direção deles. Sua órbita ocular vazia começou a soltar fumaça e, em seguida, a queimar, até se apagar.

Seu olho também estava de volta.

Ele ergueu a cabeça e parecia sorrir.

Kay revirou os olhos.

— Ah, *que droga!*

— Fala sério. Precisamos de ajuda — comentou o garoto.

E foi então que Artie lembrou-se de Cable e do cartão de visita!

Imediatamente Artie gritou o nome do lobisomem, e uivou o mais alto que pôde.

Twrch Trwyth parou por um instante, com um olhar de incerteza atravessando o rosto. Ele inclinou o pescoço para um lado, depois para o outro.

Mas nada aconteceu.

Artie e Kay se aproximaram. Cada um sentia que o coração do outro também estava acelerado, e o desespero dos dois aumentava.

O javali abaixou a cabeça, que mais parecia um bloco de concreto, e voltou a atacá-los.

Então, algo aconteceu.

Cable juntou-se à batalha tão velozmente que eles nem sequer o viram chegar. Ele era mais rápido do que Twrch Trwyth. Muito, mas muito mais rápido. Quando ele derrapou até parar, arrancando enormes pedaços de grama ao redor das pernas, as crianças já se sentiam o mais alegres que já haviam ficado ao ver alguém em toda a vida.

Cable tinha crescido; estava tão grande quanto Twrch Trwyth, além de muito mais assustador.

Artie e Kay olharam maravilhados para seu amigo lupino. Por algum motivo, ele segurava um osso na boca.

Não, não era um osso. Era uma presa!

Artie olhou para o javali. Ele estava sem um dos dentes.

Os irmãos vibraram quando Twrch Trwyth deu as costas a eles e encarou Cable.

O lobo usou a poderosa boca para lançar a presa para o alto, e a mordeu com força, partindo-a ao meio. Seus pedaços caíram no chão e se desintegraram, virando poeira.

O javali guinchou.

— Isso! — gritou Kay.

Artie empunhou a espada.

— Kay, coloque a Cleomede na Excalibur!

E ela o fez. As espadas soltaram faísca ao entrarem em contato. Elas se comunicavam em um idioma que Artie e Kay não conseguiam compreender, mas puderam sentir. Cara, e como sentiram. Assim como os Kingfisher, a Excalibur e a Cleomede tinham uma relação especial. E a Excalibur parecia saber que, juntos — os Kingfisher e suas espadas —, eles formariam um poderoso quarteto.

As crianças avançaram até ficarem a poucos passos da pedra enterrada.

— Acho que, unidas, nossas espadas conseguem cortar o pelo dessa coisa para pegarmos o pente! — disse Artie.

— Certo! — exclamou Kay.

Cable continuava andando de lado, o javali copiando seu movimento. Os olhos do lobo desviaram-se brevemente para Artie e Kay algumas vezes, verificando se estavam preparados. Os Kingfisher se apoiaram na rocha. Cable levaria o javali bem na direção deles.

O lobisomem atacou, rápido como um raio. O javali o atingiu sob o queixo com sua presa remanescente, abrindo um profundo corte e lançando um jato de sangue vermelho no campo.

De quatro, Cable balançou a parte posterior do corpo e voltou a atacar, usando suas mãos enormes que mais pareciam patas e agarrando o focinho do javali. Então o homem-lobo jogou o peso do corpo na cara do porco, e as pernas dianteiras do animal curvaram-se. Cable estava levando a melhor.

Ele inclinou a cabeça, abriu suas enormes mandíbulas e atacou violentamente a nuca do javali.

Outra vez, não se viu sangue, e outra vez ouviu-se aquele som sibilante, como ar escapando por um buraco.

O javali guinchou.

Ainda segurando a nuca do porco, Cable levantou-se. Com grande esforço, ele arrastou o javali na direção dos Kingfisher.

Cable lutou para segurar o animal, que gritava e se contorcia. Fazendo um brusco movimento com todo o corpo para baixo, ele finalmente conseguiu se livrar. Cable voou alguns metros, e o javali se levantou.

Mas a fera tinha pagado um preço alto para se soltar. Um pedaço enorme da nuca estava faltando, o que deixou exposta sua espinha dorsal negra e sem sangue.

Kay observou o pescoço dele, esperando o corte se fechar e cicatrizar na mesma hora, mas não. Cable era capaz de ferir Twrch Trwyth de um jeito que eles não conseguiam.

O homem-lobo se apoiou nas quatro patas e cuspiu o pedaço do javali que tinha arrancado. Saía sangue de seu ferimento, e por um instante, Cable vacilou.

— Cable! — gritou Artie.

O javali empinou na direção do homem-lobo e pulou sobre ele. Com suas patas imundas cobertas de barro endurecido, ele pisoteou o corpo de Cable, que foi jogado no chão; deu para ouvir suas costelas se quebrando. Sua espinha dorsal curvou-se. E mais uma vez as medonhas patas do javali partiram a ossatura de Cable, provocando um novo jorro de sangue no amigo dos Kingfisher.

Artie sentiu um pouco de bile subir até a garganta. Ele cuspiu no chão.

De repente, a Excalibur tremeu violentamente na mão de Artie. Ele se concentrou e reforçou a empunhadura, e a Excalibur disparou um raio de luz intenso na direção do javali, como o sol dividindo nuvens pesadas. A pele da criatura inflamou-se.

O javali gritou, e nisso Cable se aproveitou para morder com força a garganta da fera. Os globos oculares do bicho saltaram das órbitas, e muco jorrou de suas narinas. Cable colocou os pés sob ele e, em dois rápidos saltos, apresentou a cabeça de Twrch Trwyth para o X formado pela Excalibur e pela Cleomede.

Os Kingfisher usaram as espadas para cortar o pelo do animal, e o pente se soltou. Kay o agarrou e o enfiou em um dos bolsos.

Em seguida, Cable virou-se abruptamente, para tirar os Kingfisher de alcance. Estava ficando sem forças. Ele saiu correndo, arrastando o animal. No final, reunindo toda a energia que lhe restara, o homem-lobo o arremessou na direção da beira do campo. E ali, como se estivesse esperando a hora certa, abriu-se no chão um corte profundo e horrendo, que, com um rastro de terra preta e pedra, rapidamente engoliu a coisa chamada Twrch Trwyth.

Artie e Kay correram até Cable. Sua respiração estava acelerada e escorria sangue de seu nariz e de sua boca ofegante. A língua estava estirada e flácida, e os olhos, tristes.

Artie levou a mão até os pelos grossos do homem-lobo. Cable olhou para ele; a heroica criatura estava morrendo.

Cable cutucou Kay com o nariz, e ela se aproximou, colocando uma das mãos logo acima do focinho dele. Ela tirou o pente do bolso, mostrando-o a ele, que fechou os olhos e sorriu.

— Aquela coisa consegue viver sem isso? — perguntou Kay.

Cable sacudiu a cabeça levemente.

— Então essa foi a última vez em que o vimos? — tentou esclarecer Artie.

O lobisomem assentiu, depois tossiu e cuspiu ainda mais sangue.

Os Kingfisher ficaram empolgados, mas ao mesmo tempo estavam muito tristes. Eles abraçaram Cable como se ele fosse seu amigo mais querido e confiável. Sentiram o pelo dele e o cheiro de seu sangue, e

choraram. Os dois ficaram naquela posição por algum tempo, até que, no fim, ele sucumbiu e ficou lá, deitado imóvel na grama verdejante.

Depois de um tempo, os Kingfisher afastaram-se do lobo, secando os olhos. Eles não sabiam o que fazer.

Mas então o vento voltou a soprar, e um sussurro chegou até os ouvidos deles:

— Tragam-me o pente.

Eles se viraram e viram a coisa chamada Numinae, com a mão esquerda estendida.

SOBRE O LORDE NUMINAE DE SYLVAN, E COMO VOAR EM UM DRAGÃO



Será que era mesmo a mão dele? Era difícil dizer.

E um dos principais motivos para isso era que Artie e Kay estavam, de repente, em um lugar completamente diferente. Ao se virarem de costas para o amigo desfalecido, o cenário ao redor deles transformou-se de um campo de batalha em uma colina rochosa. Cable não estava mais ali. Agora eles estavam bem acima do limite das árvores. Algumas centenas de metros abaixo do cume, a vasta floresta de Sylvan cobria a paisagem rural.

Outro importante motivo era que eles estavam distraídos pela repentina presença não apenas de Numinae, mas também do corpo serpentiforme de Tiberius, enrolado atrás do mestre.

Mas o maior motivo pelo qual era difícil determinar se aquilo era a mão de Numinae era o próprio Numinae. Era uma criatura absurda. Era como se ele não conseguisse resolver que tipo de árvore queria ser.

Numinae mudou de um robusto carvalho para uma enorme castanheira e, em seguida, para um fino amieiro; transformou-se em um pinheiro do Canadá, em um cedro e em um abeto; depois, virou uma faia, uma bétula e um freixo preto.

E ao mesmo tempo também era um homem, sem sombra de dúvida. O tronco era separado para formar as pernas, e os compridos galhos nas laterais eram claramente os braços. A cabeça dele mudava de formato, mas ficava sempre no mesmo lugar, e por meio das folhas, ramos e galhos finos, Artie e Kay decifraram seus traços: olhos caídos, um nariz comprido, faces salientes, mas sem sinal de boca.

Ele estava diante dos irmãos, com a mão esquerda ainda estendida. Kay perguntou a Artie, em um tom de súplica:

— O que você está esperando?

Era a chave que eles estavam procurando. Estava bem ali, a um palmo, esperando o pente — ou a espada de Artie.

Mas Artie recusou-se a simplesmente sair cortando.

Primeiro ele precisava saber o que a criatura tinha feito com Qwon.

Artie pegou o pente com Kay e o colocou na mão de Numinae. Kay bufou, sem acreditar.

Numinae fechou os dedos duros e nodosos ao redor do pente. Ouviram-se estalos, como galhos finos se quebrando. Ele retraiu o pulso e escondeu o pente em algum lugar do corpo. Em seguida, deu um pequeno passo para trás e, por fim, parou de alterar sua forma.

Agora Numinae estava diante deles em sua verdadeira forma.

Ele era tão alto e vigoroso quanto um pivô de basquete profissional, com mãos enormes e ombros largos. Sua pele era um pedaço contínuo de musgo vivo e vibrante. Algumas partes de sua pele de musgo estavam marcadas por desenhos, o que fez Artie recordar-se das tatuagens de Merlin, e sobre ele havia pequenas árvores semelhantes a bonsais, organizadas em padrões variados. Do topo de sua cabeça crescia uma minibétula atrofiada, e em uma das orelhas havia um cedro retorcido que lembrava uma antena de rádio. Seus olhos eram estonteantes. A parte que deveria ser branca era preta, as íris eram rajadas de verde, e as pupilas, brancas como a neve.

Então ele falou, sua boca abrindo caminho pelo musgo que cobria a parte inferior de seu rosto. Era mais do que sinistro.

— Obrigado pelo pente — disse ele, fazendo uma suave reverência e estendendo as mãos em gratidão.

Sua voz era cheia de camadas e parecia o vento passando pelas folhas de uma floresta de pinheiros. Quando ele terminou de falar, sua boca fechou-se novamente e sumiu sob a camada de musgo ininterrupta.

Artie tinha certeza de que aquele não era o homem-musgo que havia levado Qwon. A outra criatura era como um camponês, e Numinae era seu príncipe incontestável. Ainda assim, Numinae provavelmente tinha alguma ideia do que acontecera com Qwon, e Artie queria desesperadamente perguntar a respeito. O único problema era que Artie, enfim diante do grandioso lorde da floresta, estava completamente emudecido e paralisado.

Mas não Kay. Ela também queria saber onde estava Qwon, mas acima de tudo queria pegar a chave e ir embora dali com Artie pelo portão da lua. Enquanto o irmão ficava ali parado, embasbacado com o espírito da floresta, Kay tomou a dianteira e rapidamente brandiu a Cleomede na direção do indistinto pulso verde de Numinae.

Mas o dragão, que Kay esquecera de alguma forma, balançou a cabeça bruscamente e bufou. Antes que ela pudesse atingi-lo, foi golpeada por uma rajada de vento petrificador. Seu braço foi paralisado e ela quase caiu para a frente. Então olhou para o próprio corpo sem acreditar. Todo o seu lado direito, incluindo a Cleomede, estava envolto por um basalto preto áspero e retorcido.

Kay falou, sem pensar:

— Tiberius, por que você...

O dragão a interrompeu:

— Hmmm. Eu sou o guardião dele. O lorde e o rei menino devem negociar.

— Mas minha...

— Quieta! — rugiu o dragão assustadoramente. — Senão vou petrificá-la inteira, como fiz com o Polegar-bobo!

Kay mordeu o lábio e se admirou ao analisar a estátua que era agora seu braço, que formigava loucamente, como se estivesse dormente.

Numinae, ignorando o diálogo, disse a Artie:

— Faça sua pergunta. Não temos muito tempo.

E como se estivesse apenas esperando a deixa, o céu escureceu. Uma pesada tempestade se aproximava rapidamente, vinda do leste.

— Onde está Qwon? — quis saber Artie.

— Não levei ninguém de nome Qwon. Levei uma pessoa chamada Cassie.

Artie perguntou desesperadamente:

— Como assim não levou Qwon? O homem-musgo estava lá, parecido com você só que menor. *Só pode* ter sido você quem a levou.

— Eu não levei ninguém chamado Qwon — repetiu Numinae.

— Então quem a levou?

Como resposta, Numinae apenas olhou para o leste. A tempestade ia ser colossal.

— Morgana? — chutou Artie, sem forças.

— Sim — confirmou Numinae. — Você se provou capaz, jovem rei em formação. O pente de Twrch Trwyth é um belo prêmio.

Ele fez uma pausa e colocou a mão direita no ombro de Artie, que não se sentiu confortável com o toque. Logo em seguida ele prosseguiu sussurrando no ouvido de Artie:

— Ainda não sei bem o que Merlin quer fazer, mas sei que o que *ela* quer não será bom. Não sei bem se devo acreditar em um salvador, isto é, em você, mas sinto que ela selará nossa destruição se impedir que os mundos voltem a se juntar.

Artie ficou impressionado com a tranquilidade na voz de Numinae, como se tudo já tivesse acontecido. Como estava desesperado para encontrar Qwon, a indiferença o deixou bastante irritado, mas ele tentou manter os sentimentos sob controle.

— Então você e Morgana não estão juntos nisso?

Numinae respondeu lentamente:

— No passado, sim, mas não por muito tempo... e agora também não. Talvez parecesse que eu a estava ajudando, mas saiba que foi uma mera

indecisão o que deixou essa impressão. Bercilak não mentiu para você nesse ponto, e em nenhum outro.

— Certo. Então você meio que está do meu lado?

— Sim, mas seria melhor *ela* não saber disso. Por isso, devemos lutar, para parecer que estamos em desacordo.

Artie compreendeu perfeitamente. Se Morgana estivesse a caminho, isso queria dizer que ela os observava. E ela tinha que ver Artie tendo problemas com Numinae. Artie deu um passo para trás e brandiu a Excalibur entre eles.

Numinae ergueu-se. Embora Artie soubesse que era encenação, foi bem apavorante. Os olhos do homem-árvore estreitaram-se. Ele poderia estar sorrindo ou franzindo a testa, mas era impossível determinar. Artie meio que odiava o fato de não enxergar uma boca em Numinae a menos que ele estivesse falando.

— O que está acontecendo? Somos todos grandes amigos agora? — perguntou Kay.

Numinae olhou para Kay e inclinou a cabeça um pouco para trás.

— Não tanto, Kay Kingfisher.

Ele virou-se levemente na direção do dragão.

— Eu gosto desta, Tiberius.

— Hmmm — respondeu o dragão, de forma ambígua.

A tempestade estava mais próxima. Os raios iluminavam as revoltosas nuvens. O vento aumentava e soprava suas rajadas cada vez mais intensas.

Numinae disse:

— A garota pela qual você procura está em Fenland, estou certo disso.

— Então temos que ir a Fenland para buscar Qwon? — perguntou Artie, desanimado.

— Sim.

— E como chegaremos lá?

— O mago saberá!

Agora o vento estava terrível. Artie ensaiou alguns golpes e perguntou:

— Então se você não está do lado de Morgana, como é que ela sabe onde eu estou?

Numinae apontou para a Excalibur.

— A espada não está mais escondida. Algo foi retirado dela.

Artie olhou de relance para a Excalibur. Realmente uma parte bem pequena da lâmina parecia diferente. Era onde tinha cortado o pelo de Twrch Trwyth. Ali, ele viu uma pequena mancha escura. O encanto que Merlin tinha lançado na espada fora comprometido!

De repente Numinae fez um horrível ruído deslizante que parecia um ninho de cobras correndo pela grama espessa. Em seguida, disse, com uma voz baixa e trêmula:

— Ela está vindo! Temos que agir de forma convincente!

Uma violenta corrente de ar desceu das escuras nuvens, atingindo a floresta ao redor do cume da montanha como um trem de carga. As árvores explodiram como se fossem palitos de dentes, abrindo na mata um grande círculo de destruição. Mesmo a distância, a devastação foi imediata e impressionante.

Numinae retraiu-se quando a floresta foi assolada. A voz de Artie falhou ao gritar:

— Está pronto, lorde Numinae?

— Estou, jovem Arthur Pendragon! — respondeu ele em alto e bom som.

Arthur Pendragon.

Artie não precisou ouvir as palavras pela segunda vez para saber que, apesar de sua vida com Kay e Kynder, *aquele* era seu *nome verdadeiro*.

E naquele instante a tempestade chegou. Tiberius envolveu Kay para protegê-la, e, embora ainda estivesse zangada com o dragão por ter transformado metade de seu corpo em um bloco de pedra formigante, ela se encostou nele.

Um estalo encheu seus ouvidos. Dois, depois três tornados gigantes saíram das nuvens e começaram a subir o declive da montanha.

Artie e Numinae fecharam os olhos. Estavam a três metros de distância e fingiram conter um ao outro com suas armas.

Então Numinae atacou, erguendo sua gigantesca mão, semelhante a um martelo, e cortando o ar na direção da cabeça de Artie.

Àquela altura, Artie já estivera em tantas lutas que sabia como desviar do golpe. O martelo aterrissou com um estrondo ressoante na rocha ao lado dele.

Foi por um triz, e, ele tinha que admitir, bem convincente.

Artie atacou o lado exposto de Numinae e arranhou sua coxa. O homem-árvore fingiu que o golpe tinha sido mais profundo que na realidade e gritou de dor. Depois recuou uns seis metros, com uma expressão de que realmente pretendia matar seu suposto adversário.

Ele esperava que isso também fizesse parte da encenação, pois estava convincente *demais*.

Numinae estendeu o braço esquerdo, a palma da mão para a frente. Em um feixe de luz, jorrou de sua mão uma torrente de folhas verdes e marrons. Artie apontou a Excalibur na direção do feixe. A espada recebeu o ataque bem de frente, engolindo tudo que o encanto tinha lançado.

Numinae baixou o braço e cerrou o punho.

— Ack! — gritou ele.

Ele era um bom ator... Ou isso, ou o desvio da Excalibur tinha doído para valer.

Com o ruído da tempestade, Kay só ouvia parte da batalha, mas não via nada.

— O que está acontecendo, Tiberius? — gritou ela.

O dragão não disse nada. As nuvens descarregaram uma onda de chuva e granizo em cima deles. Tiberius estendeu uma asa sobre ela, como um toldo.

Artie ignorou o granizo e ergueu a Excalibur, cortando o vento na direção de Numinae.

Ele gritou quando a Excalibur acertou o braço do martelo com uma pancada veloz, profunda, que ecoou pelas rochas. Por algum milagre — ou certamente por uma mágica poderosa —, a espada falhou ao cortar a clava. Em vez disso, cinco centímetros da lâmina ficaram cravados no braço de Numinae.

Ele levantou-se rapidamente e agitou o braço no ar, jogando Artie para cima na direção do vento. Conforme girou no ar, preso momentaneamente na cruel tempestade, Artie percebeu, apavorado, que não estava mais segurando sua preciosa espada.

O garoto caiu com tudo e deslizou até parar. Em seguida, olhou para Numinae, que ainda estava com a Excalibur presa a sua clava. Artie levantou-se e ergueu o braço para se proteger do intenso ganizo e do vento e, sem pensar, correu de volta para Numinae o mais rápido que podia.

Pouco antes de alcançar o homem-árvore, no entanto, sentiu algo vagamente familiar. Sua pele começou a formigar e seus pelos se arrepiaram. Um cheiro esquisito, como o que ele tinha notado no quarto de Qwon logo depois de ter sido levada, preencheu o ar. E então tudo ficou momentaneamente claro e azul.

Quando a luz clareou, ele viu Numinae diante de si, o braço direito devastado pelo fogo e repartido no meio. Ele estava de joelhos, gritando e segurando o martelo com a mão esquerda.

E a Excalibur desaparecera.

Artie esquadrinhou o chão e o céu, e então a viu. A Excalibur estava sendo erguida escuridão acima, transportada por fortes asas invisíveis. - Estava sendo levada pela sombria dama de Fenland!

Artie caiu de joelhos. A perda inesperada da Excalibur o deixara sem ar.

Numinae contorceu-se de dor devido ao braço machucado. Os tornados estavam progredindo, e o estrago que provocaram na floresta havia enfraquecido enormemente o lorde de Sylvan.

Mas então, de algum lugar acima, surgiu Kay. Seu braço estava livre, e a Cleomede brilhava ardentemente. Tiberius voava acima dela. Kay caiu em

frente a Artie, estendendo o cabo de sua espada, oferecendo-a ao irmão.

Artie pegou a Cleomede e lutou contra o vento para chegar até - Numinae. O dragão se contorcia no céu acima, e falou através do temporal:

— Arthur Pendragon! Agora você deve pegar aquilo de que precisa e depois iremos embora!

Quando Artie alcançou Numinae, ele o encarou diretamente nos olhos e disse que sentia muito. Em seguida, golpeou a cerca-viva que formava seu pulso trêmulo, ao que a mão do homem-árvore soltou-se e caiu aos pés de Artie, fechada em um punho fechado.

Artie a pegou. Sentia-se muito mal por Numinae. O lorde verde mirou o jovem rei nos olhos mais uma vez, e uma misteriosa onda de compreensão passou entre eles.

Então Numinae transformou-se em um redemoinho de folhas, galhos finos e capim, e suas partes foram espalhadas pelo vento. Artie sabia que ele não fora destruído, mas que tomara a única atitude lógica: fugir.

E ele e Kay tinham que fazer o mesmo.

Os tornados os haviam alcançado. O dragão pousou na pedra em frente a Artie, e Kay correu até o irmão. Tiberius baixou a imensa cabeça e instruiu:

— Agarrem minhas orelhas. Segurem firme!

Os Kingfisher penduraram-se no pescoço do monstro, e antes que pudessem contar até três estavam voando em meio à tempestade, esquivando-se dos funis dos tornados como se fossem os marcos em uma prova de esqui.

Ramificações horizontais dos raios entrecortavam o éter, e o cheiro férreo de ozônio estava por todo lugar. Tiberius rolava e girava freneticamente, desviando dos raios a todo custo.

Mas então ele foi atingido por uma violenta descarga crepitante, e Kay ficou momentaneamente surda.

Ela virou-se para a esquerda, tentando ver se Artie estava bem.

Mas ele não estava. Tinha sumido.

Kay gritou. Eles estavam caindo. Tiberius fora nocauteado. Ela sacudiu com força a orelha do dragão e inclinou-se para olhar em seu olho, que estava aberto e girando na órbita.

Então algo chamou sua atenção. Bem lá embaixo, ela viu o corpo do irmão em queda livre, e bem ao lado dele a mancha verde que era a mão de Numinae.

— Tiberius — choramingou ela, chutando a cabeça do dragão. — Tiberius, acorde agora mesmo!

Milagrosamente, o dragão a ouviu. Sua pupila diminuiu e as asas de repente voltaram à vida, e na mesma hora eles pararam de cair. Os raios cortavam o ar. Kay arriscou soltar uma das mãos e apontou para o chão da floresta.

— Ele está ali! E a mão também!

O dragão recolheu as asas e lançou-se para baixo como uma flecha. Em questão de segundos eles estavam logo acima de Artie, e em seguida bem abaixo.

— Segure firme! — sibilou Tiberius.

Kay apertou a orelha dele e fechou os olhos quando a serpente gigante girou de ponta-cabeça, recolhendo Artie cuidadosamente com uma das enormes patas traseiras.

O dragão voltou a girar, completando a volta em parafuso, e gritou:

— Peguei ele!

Artie estava machucado e fraco, mas vivo. Naquele instante, ela amava e ao mesmo tempo odiava o dragão — amava-o por ter salvado seu irmão, mas odiava-o por tê-lo feito deixar a bainha curadora da Excalibur para trás.

Ela abriu os olhos. Eles estavam acima da floresta, correndo o risco de arrastar Artie pelos galhos mais altos. O dragão serpeou seu corpo mágico pelo ar, subindo quinze e, mais adiante, trinta metros.

Kay olhou para cima. Os céus ainda estavam negros. A bruxa de Fenland ainda estava no encalço deles. Tinha a espada, mas queria mais.

Também queria Artie.

O dragão mergulhou na floresta, entrando em um grande vão entre as copas das árvores. Eles navegaram pelas densas matas, evitando as seculares árvores, as pedras e os outeiros. Logo eles alcançaram o desfiladeiro que os três tinham escalado mais cedo e mergulharam por cima da cachoeira que corria ao contrário. O dragão recolheu as asas enquanto serpeava pelo desfiladeiro em direção a seu refúgio.

Eles pousaram na grande caverna, e Tiberius, com muito cuidado, colocou Artie no chão ao lado de Polegar e da bainha. Kay saltou de Tiberius e correu pela caverna procurando-a. Ela a agarrou, correu até o irmão e a colocou em seu corpo.

A perna esquerda de Artie estava queimada e envolta em sangue seco. O cabelo estava arrepiado, cheio de estática. A pele estava pálida e sua respiração, rápida e superficial.

Kay pressionou a bainha com força e implorou para que funcionasse.

— Não está dando certo! — disse ela, desesperada, olhando para Tiberius por sobre o ombro.

Ele deixou cair algo da boca.

— Abra isto e tente usar o que tem dentro.

Era a mão de Numinae, cerrada em um punho. Kay a apanhou e mexeu nos dedos. Eram difíceis de abrir, mas ela logo conseguiu. Havia um globo escuro e turvo de vidro. O pomo da Excalibur! De alguma forma, Numinae conseguira guardá-lo!

— O que devo fazer?

Tiberius fez uma série de sons de lambidas atrás dela. Entre uma lambida e outra, o dragão disse:

— Coloque em cima da bainha.

Ela o fez, e rapidamente o objeto começou a fazer efeito. Em questão de segundos, a cor de Artie voltou e sua respiração começou a ficar mais constante. Mas a perna ainda parecia e cheirava como um grande pedaço esquecido de churrasco.

Kay levantou-se. Tiberius lambera a pedra até libertar Polegar. O homenzinho estava agora diante da menina, encharcado de saliva de dragão, atordoado e emudecido.

O dragão trouxe um grande cantil de couro e o entregou a Kay.

— Dê água a ele — disse, levantando um pouco a cabeça de Artie.

Kay levou o cantil aos lábios do irmão; Artie se remexeu e tomou alguns preciosos goles.

Ela ofereceu mais a Artie, mas ele gemeu e recusou.

Depois olhou para Tiberius. Polegar ainda estava atordoado e quieto.

— Por que a bainha não está curando a perna dele? — perguntou Kay.

— Hmmm. Não tem tanto poder. Sente a falta da companheira — ponderou o dragão.

— Bem, o que faço para que ele melhore? Preciso curá-lo, Tiberius!

— Leve-o ao mago. Ele o salvará.

— Mas sem a espada, como fazemos para voltar?

Enfim, Polegar disse algo:

— O que aconteceu?

Tiberius o ignorou.

— O pomo vai abrir o portão. Mas o garoto precisa pedir.

Kay ignorou Polegar também. Ajoelhou-se diante de Artie e o - chacoalhou pelos ombros. Polegar começou a compreender o que estava se passando, então pegou o cantil de Kay e ofereceu mais água a Artie. O garoto tomou um refrescante gole e tossiu. Seus olhos se abriram.

— Ei, mano — disse Kay, forçando-se a se manter calma. — Precisamos de você para dizer aquela coisa que abre o portão.

Artie estava delirante. Com a cabeça bamba, ele resmungou:

— Mas a Excalibur...

— Não se preocupe com isso, Artie — disse Kay, acariciando a face imunda dele com as costas da mão. De repente, ela percebeu que sua aparência devia estar pavorosa. Lágrimas se formavam em seus inacreditáveis olhos. Ela colocou as mãos no rosto do irmão e concentrou-

se na própria respiração. — Apenas coloque a mão na bainha e diga as palavras. É só o que você precisa fazer. Você se lembra do que deve dizer, não lembra?

Artie franziu a testa. Ele queria tanto poder dormir... Sussurrou:

— *Lunae...*

— Isso, vamos lá!

— *Lunae lum...*

— Isso aí, meu jovem! — incentivou Polegar, observando a perna chamuscada de Artie e enfim compreendendo a seriedade da situação.

— *Lunae lumen* — disse Artie debilmente.

Kay apelou:

— Agora pense na caverna de Merlin! Vamos! Temos que ir para a caverna de Merlin!

— Certo — gemeu Artie, e enfim caiu inconsciente.

Mas funcionou. O portão da lua abriu-se a partir do pomo. Kay sorriu e agarrou a mão de Numinae. Ao serem levados embora, eles ouviram Tiberius implorar:

— Hmmm! Lamento, jovens Kingfisher! Se voltarem aqui, terei que mostrar como estou aborrecido!

E então eles finalmente saíram do Outro Mundo e da terra verdejante de Sylvan.

Eles chegaram a um quarto vazio com paredes de pedra.

Merlin apareceu imediatamente. Dessa vez ele realmente parecia um mago. Estava usando um manto comprido, de tecido fluido, um pingente de madeira amarrado a uma corrente de prata ao redor do pescoço e calçava simples sandálias de couro. Não usava um chapéu pontudo, mas não importava, pois suas tatuagens principais estavam vivas de expectativa e feitiços.

O velho mago mal reparou no estado do esgotado e exausto grupo, apenas exigiu deles gananciosamente:

— E aí, conseguiram pegar? Onde está?

Kay gritou:

— Como é que é? Olhe para Artie, vovô!

E o mago olhou, e Kay teve certeza de que os olhos dele viram apenas a mão do lorde da floresta. Antes que Merlin pegasse a chave, Kay tirou a mão do alcance dele.

— Olhe o estado de Artie, seu imbecil!

Merlin balançou a cabeça e enfim compreendeu que o rei estava ferido.

Kay sentiu uma onda de alívio.

— Pelas árvores, o que aconteceu? — ofegou ele.

— Não dá tempo de explicar. Vamos, ande — ordenou Kay.

O mago assentiu, e entrou em ação. Ele repetiu o truque do brilho flutuante giratório e, antes que eles percebessem, estavam no quarto de hospital com Bedevere, ainda inconsciente. A divisória de vidro estava de

volta ao lugar, e dessa vez era Kay do outro lado com Polegar, observando Merlin ocupar-se de sua tarefa.

O mago movia-se rapidamente, deslocando-se de um lado para o outro de Artie. Ele mexia em todo o corpo do garoto, fazendo pequenos ajustes como se fosse um tipo estranho de quiroprático. Suas tatuagens giravam na pele, e suas mãos brilhavam e escureciam e voltavam a brilhar outra vez.

O corpo de Artie se contorcia conforme o mago cuidava da perna torrada. Ele entoou um cântico enquanto manuseava a carne escurecida, que brilhou e em seguida mudou de cor, ficando vermelha, branca e cor-de-rosa. Merlin baixou as mãos e alisou a perna de Artie, depois esticou o braço para pegar a bainha da Excalibur, escorada no estrado da cama, e a encostou na ferida. E então, diante dos olhos de todos, Artie estava novo em folha. Adormecido, mas curado.

Merlin finalizou com uma aplicação de musgo em toda a perna, embebendo a pasta com um líquido verde que tirou de um recipiente oblongo. Ele disse mais palavras, bateu palmas uma vez e então foi até Kay e Polegar.

— Ele ficará bem — disse Merlin. — Amanhã, a esta hora, já poderá correr uma maratona.

Kay soltou o maior suspiro de sua vida, enquanto Polegar dava pulinhos no ombro dela.

Então Merlin disse:

— Peço desculpas pela minha obsessão com essa chave. Compreendam que estou preso neste lugar há muito tempo, e estou muito ansioso para ver o mundo lá fora. Por favor perdoe-me, Kay.

Ela deu um sorrisinho.

— Vou tentar, Merlin.

— Obrigado. Bem, onde está?

Ela esticou a mão.

— Bem aqui.

Merlin a pegou. Do toco de punho pingava uma lama ensanguentada e tendões relvados, e dentro havia um antigo osso de madeira petrificado. Merlin parecia muito feliz. Ele encarou Polegar, Kay e Artie com evidente orgulho, antes de franzir o cenho.

— Mas onde está a Excalibur?

— Já era — disse Kay, como que se desculpando.

— Já era? — repetiu Merlin, perdendo o fôlego.

— Ela conseguiu a espada. Mas ainda temos o pomo. É uma longa história.

— Eles passaram por poucas e boas, meu amigo — disse Polegar. — Deixe a cavaleira Kay se acalmar.

Merlin deu um passo para trás e alisou a frente de seu manto.

— É uma pena que ela tenha pegado a espada. Precisamos recuperá-la o quanto antes. Vocês descobriram o paradeiro de Qwon?

Kay deixou pender a cabeça. Polegar, percebendo que também não sabia a resposta para a pergunta, olhou para Kay.

— Não foi Numinae quem a levou — disse ela. — Foi Morgana.

Merlin balançou a cabeça e colocou a mão no ombro de Kay, em um gesto de conforto. Ele disse, em um tom profundo:

— Kay, eu encontrarei Qwon e a espada. Como Artie está se recuperando, e como todos vocês precisam descansar, deixem-me partir daqui e fazer o que posso para encontrá-la. Venham, finalmente vamos romper os lacres desta torre invisível!

— Para a porta dos fundos, então? Para a Sra. Trilhadora? — perguntou Polegar animadamente.

— Sim! Para a Sra. Trilhadora! — respondeu Merlin.

Merlin os conduziu pelas incríveis salas e em um piscar de olhos eles chegaram a uma câmara simples, no final do refúgio subterrâneo do mago.

Merlin ajoelhou-se diante da Sra. Trilhadora e abriu a mão de Numinae com uma faca. Separou meticulosamente o esqueleto da madeira petrificada e pele musgosa e colocou-o a sua frente solenemente. Na

verdade, ele teria preferido fazer toda a desobstrução da torre invisível com muito mais cerimônia — afinal, estava preso ali havia quase mil e quinhentos anos. Era um momento muito importante. Mas ele sabia que, quanto mais esperasse para procurar Qwon e a Excalibur, mais difícil seria localizá-las.

Ele murmurou algumas palavras para si mesmo, depois olhou para Kay e disse, com seriedade:

— É uma pena Artie não poder estar aqui agora. Lembre-se bem disto, Kay. Conte a seu irmão. Faz parte do legado dele.

— Pode deixar — disse Kay, cheia de entusiasmo.

A pequena porta abriu-se sozinha. E então, pela primeira vez na vida, Merlin inclinou-se para a frente e passou a metade superior do corpo pela abertura. Ele esticou-se para pegar algo e puxou.

Era um comprido bloco de pedra calcária branca com uma alça de titânio brilhante. No topo, ao longo da borda, havia cinco buracos para se encaixar os dedos.

— O que você está fazendo, Merlin? — perguntou Kay.

— Esta é a pedra fundamental da torre, Kay Kingfisher. Normalmente as pedras fundamentais são encontradas em arcadas, mas neste caso fica aqui embaixo. Uma vez destruída esta pedra, a torre não existirá mais, e eu estarei livre.

Ele inseriu os dedos do esqueleto de Numinæ nos buracos, e uma vez que estavam em seus lugares, o bloco começou a tremer, e a Sra. Trilhadora começou a oscilar, para a frente e para trás, entre a pedra fundamental e a parede.

E foi isso. Os olhos de Merlin se arregalaram quando a mão do lorde da floresta chacoalhou nos buracos da pedra, que então começou a rachar. Merlin sorriu — um sorriso ansioso, largo, esperançoso — e virou-se para Kay e Polegar.

Ele já parecia diferente. Polegar mal o reconheceu. O mago esticou as mãos, e seu roupão as cobriu como se fossem asas.

— Finalmente estou livre! — gritou ele.

Com os olhos em desespero e com uma expressão aterrorizante, ele berrou:

— Quatro coisas, todas de suma importância! Não saiam destas cavernas até o barulho parar! Não procurem por Qwon ou pela Excalibur, nem se aventurem pelo Outro Mundo até ouvirem o que tenho a dizer! Virem os musgos na perna de Artie daqui a exatamente três horas! E, acima de tudo, cuidem da loja, meus amigos! Obrigado a todos vocês, e cuidem da loja!

Então um lampejo intenso cegou Kay e Polegar por vários minutos. Durante o intervalo, eles ouviram primeiro o ruído do bater de gigantescas asas se afastando da Sra. Trilhadora. E então a sala estremeceu, e eles precisaram enfrentar a pior e mais barulhenta série de estrondos, desmoronamentos e tremores que já presenciaram.

EM QUE OS KINGFISHER TENTAM RETORNAR À VIDA NORMAL



Todo carro de polícia e de bombeiro daquele lado do rio Ohio — e vários outros do outro lado também — acelerou até o prédio do sistema de bondes da rua Vine. Eles responderam aos chamados frenéticos de centenas de pessoas que relatavam ter visto enormes blocos de rocha branca desmoronando de... de... bem, ninguém sabia exatamente do quê.

Aqueles que viram, juraram pelos seus livros sagrados que pedaços gigantes de calcário simplesmente começaram a aparecer no ar, caindo no chão. Quando aquela série de pedras despencou, surgiu outra, que também caiu, e mais outra. No fim, exatos mil blocos haviam desmoronado com tudo no chão, destruindo carros e ônibus, danificando prédios e basicamente assustando todo mundo.

Milagrosamente, foram relatados apenas ferimentos leves. Por toda parte havia pessoas arranhadas, que por um triz não haviam sido acertadas. Pelo resto de suas vidas, centenas de pessoas contariam a história de como quase foram mortas pela chuva de blocos de pedra invisíveis.

As autoridades de início suspeitaram de terrorismo, mas ninguém se apresentou para assumir a autoria. E, mesmo que alguém o tivesse feito, o consenso geral concordava que, embora fosse perturbador, derrubar milhares de toneladas de imensos tijolos em uma cidade como Cincinnati era mais esquisito que apavorante.

Além de ser muito, muito difícil de se fazer.

Teorias explicando o aparecimento dos blocos multiplicaram-se como coelhos. Nenhuma era convincente. Não demorou muito para a maioria

das pessoas resolver esquecer a história. É claro, as pessoas mais próximas do incidente jamais esqueceriam, mas, como todo mundo, elas preferiam se envolver em um exercício coletivo de autoenganação. Talvez pela trilionésima vez em sua história, a raça humana exibia sua misteriosa e desconcertante capacidade de acreditar em qualquer coisa. Algumas pedras grandes e velhas tinham caído do céu, só isso. Coisas estranhas aconteciam por aí, não é mesmo?

De volta ao porão do prédio da rua Vine, as coisas, em vez de ficarem mais estranhas, estavam voltando ao normal. Como Merlin prometera, Artie se recuperou rapidamente. Kay virou o musgo em sua perna; ele acordou; os dois conversaram sobre tudo o que havia acontecido, mas principalmente sobre Qwon. Artie não parava de falar sobre ela. Ele se sentia muito mal por não a terem encontrado.

Nos dias seguintes, conforme as equipes trabalhavam sem parar para retirar os pedregulhos ao redor da loja de Merlin, Bedevere curou-se e finalmente passou tanto tempo acordado quanto havia passado dormindo. Ele já não corria mais risco de infecção. Artie e Kay tinham apenas alguns dias antes do início das aulas (escola! Depois de tudo isso!), e Kay passou a maior parte do tempo com Bedevere, conversando sobre coisas como beisebol (assunto que, por alguma razão, Bedevere conhecia muito bem — não sobre os times, mas sobre o jogo em si), milk-shakes e *Bob Esponja*. Quem poderia imaginar? Bedevere nunca tinha assistido a desenhos animados antes, e agora estava alucinado pelo Sr. Calça Quadrada.

Kynder, Lance e a Sra. Onakea foram imediatamente a Cincinatti assim que souberam que Artie, Kay e Polegar estavam de volta. Kynder levou um *engradado inteiro* de Mountain Dew! Quando recebeu o presente, Kay disse:

— Cara, Kynder, você deve estar se sentindo bem mal com tudo isso. Obrigada! Mas relaxa aí, viu?

Kynder apenas abraçou a maravilhosa filha o mais forte que pôde.

Compreensivelmente, a Sra. Onakea estava um caco. Kynder tinha usado suas eficientes e recém-adquiridas habilidades em poções para - mantê-la supersedada. Artie sofria pela perda de Qwon, mas a Sra. Onakea estava simplesmente destruída. Isso sem mencionar a dificuldade em aceitar todas as maluquices que estavam lhe contando.

De manhã cedo no dia em que precisariam retornar para Shadyside a fim de começar o ano letivo, Artie se viu sozinho com a Sra. Onakea. Ela estava em uma cadeira confortável e enrolada em um cobertor leve. Por causa da sedação, não estava muito falante, então Artie ficou sentado ao lado dela por algum tempo em um profundo silêncio compartilhado. Momentos antes de ter que sair, Artie pegou a mão dela. Ela sorriu brevemente.

— Eu a encontrarei, Sra. Onakea. Juro que vou encontrá-la e trazê-la de volta — disse Artie.

A Sra. Onakea apertou a mão dele.

— Eu sei que vai, Artie. Eu sei que vai — disse ela, com convicção.

Artie tentou dizer algo a mais, mas a Sra. Onakea levou os dedos aos lábios e disse:

— E, por favor, nunca mais me chame de Sra. Onakea. Meu nome é Pammy.

Artie assim prometeu, e partiu.

* * *

No dia seguinte, Kynder levou suas crianças importantes de carro para a escola. Bedevere, que tinha decidido tentar assistir a algumas aulas, consciente de que poderia sempre voltar para o Outro Mundo se algo não desse certo, foi junto com eles. Kay, que se sentou no banco de trás com Bedevere, o achou bem elegante de calça *jeans* e camisa xadrez com a manga dobrada e os dois botões de cima abertos.

Artie estava no banco da frente com Kynder e só pensava em Qwon. Assistir às aulas seria bem difícil; ele ainda não se sentia preparado.

Como se pudesse ler a mente deles, Kynder disse:

— Ouça, pessoal. Não vou fingir que tenho o direito de repreendê-los depois de tudo pelo que passaram, mas preciso desabafar. Sei que vocês estão diferentes agora e preocupados, e provavelmente um pouco aéreos. É totalmente compreensível. Mas... — Ele fez uma pausa. Os jovens Kingfisher e Bedevere não sabiam o que dizer. — Apenas tentem prestar *um pouco* de atenção às aulas, está bem?

— Entendido, papai — disse Kay.

Bedevere soltou um grunhido jovial. Eles saíram do carro e esperaram Artie no meio-fio.

Kynder olhou para seu filho, que havia pouco chegara de um local tão estranho e fizera coisas também tão estranhas. Ele disse:

— Tente não ficar pensando nela, está bem, Arthur? Você a trará de volta. Merlin vai voltar logo e vocês vão juntos atrás dela.

Artie ergueu a cabeça e sorriu. Ele disse, baixinho:

— Eu sei. Quero muito voltar para lá.

— É claro que quer. Mas você quase foi assassinado. Temos que escutar Merlin e esperar. Tenho certeza de que ele está se esforçando muito pela gente agora. Tenho certeza de que ele logo entrará em contato com você.

— Espero que sim, pai.

Kynder esticou o braço e despenteou o cabelo de Artie. Ele olhou pela janela da frente e viu alguém que Artie não percebeu. Kynder disse:

— Então está certo. Vá lá, meu garoto!

Artie arrumou o cabelo e saiu. Ele juntou-se a Kay e Bedevere, e os três seguiram pela calçada.

Artie olhou para o chão, girando o pomo da Excalibur na mão, e Kay e Bedevere riram entre si por causa de uma piada particular quando de repente, de algum lugar distante de onde o carro os havia deixado, ouviram um som familiar e irritante.

— Ei! Kingfisher! Que saudade de vocêêêêêê...

Era ninguém menos do que Frankie Finkelstein, a poucos metros de distância.

Era estranho, mas, de certo modo, Artie nunca ficara tão feliz ao ver alguém. Por um instante ele esqueceu Qwon. Por um instante ele era Artie Kingfisher, o alvo de brincadeiras.

Por um instante.

Finkelstein tinha crescido e engordado um pouco. E provavelmente ficara mais forte também.

Mas Artie não poderia estar menos preocupado.

Ele colocou o pomo da espada no bolso e ergueu o queixo na direção de Finkelstein. O brigão vociferou:

— O que é? Quer apanhar? *Já?*

Ele cutucou um amigo sardento que Artie nunca vira antes e soltou uma risada zombeteira.

Bedevere começou a perguntar:

— Quem é esse mosquito, Majestade, e o que eu...

Artie ergueu a mão.

Kay virou-se para o irmão, a quem havia salvado tantas vezes antes, e perguntou:

— Quer ajuda com esses idiotas, Art?

Sem olhar para a melhor irmã mais velha do mundo, Artie respondeu:

— Nah. Deixa comigo.

Ele cerrou os punhos. Kay deu uma risada e conduziu um Bedevere de pescoço contorcido na direção do portão da escola, lembrando-lhe de dar um tempo com os “majestades”, “excelências” e “soberanos” enquanto estivesse do lado de cá.

Artie olhou fixamente para seu suposto inimigo por mais um segundo. Então abriu um sorriso e caminhou despreocupado, mas com firmeza, na direção de Finkelstein.

O que mais impressionou o valentão, e do que ele nunca mais se esqueceria pelo resto de sua vida, foi que durante toda a briga Artie - Kingfisher não pronunciou uma única palavra.

INTERLÚDIO

Márido e com a respiração curta, o mago caiu em um enorme tronco de árvore. Uma brisa agitou as folhas e perpassou os capins e ervas, mas não despertou o homem. Merlin nunca havia dormido tão profundamente.

Ele estava aproveitando sua liberdade, e a preguiça.

Poderia ter dormido mais, não fosse pela ninfa das águas arrulhando para ele sobre as ondulações do Lago provocadas pela brisa.

Ele despertou, mas não abriu os olhos. Em voz baixa, ele disse:

— O que foi, Nyneve, não vê que estou tentando dormir?

— Ambrósio, é você.

Ambrósio era um dos nomes de Merlin nos tempos antigos.

— Quem mais seria, minha querida? Nenhum outro tem tantas marcas.

Ele esfregou a cabeça para indicar as tatuagens.

— Você tem bem mais agora — entoou a Dama.

— O que posso dizer? Andei ocupado. Entediado também. Mil anos a mais é muito tempo, mesmo para aqueles tão pacientes quanto nós.

Finalmente, ele abriu os olhos e ergueu a cabeça.

O espírito de aparência jovem estava com metade do corpo para fora da superfície do Lago, apoiado nos cotovelos. A pele dela era azul-clara e todo o seu ser estava envolto em água. Onde seu corpo se encontrava com o Lago, ela desaparecia. Merlin sabia que ela era o Lago e o Lago era ela, é claro, mas isso nunca fora tão impressionante quanto naquele instante.

O rosto dela estava cruelmente jovem. Muitos, muitos anos antes aquele espírito tinha enganado Merlin e o levado por uma jornada sob a superfície

vítrea, quase mantendo-o preso lá, mas ele conseguira sair. Ele não podia acreditar que ela ainda fosse tão poderosa.

Ele despertou dos encantos da Dama e falou:

— Quais as novidades, Nynaeve?

— O novo rei-garoto veio há um tempo. Há umas duas semanas, talvez mais.

— Eu sei.

— Você o enviou para cá?

— Sim.

Merlin ergueu-se e calçou os sapatos.

— Tem visto a espada? — perguntou ela, casualmente.

— Tenho. Obrigado por guardá-la.

— É claro. Foi fácil tomar conta dela. Sua essência sangrealítica facilitou as coisas.

— É claro — ecoou o velho homem, levantando-se. — Você e a espada formam uma dupla perfeita, Nynaeve. Ambos são antigos e extraordinariamente requintados.

Ele franziu o cenho.

A postura dela anuviou-se quando concordou. Não era muito modesta.

— E onde, que mal lhe pergunte, podem estar a espada e seu portador no dia de hoje?

— Arthur... Artie está no mundo dele, aguardando minhas ordens. Quanto à espada, eu esperava que você pudesse me ajudar. Sabe, nós a perdemos.

O espírito fechou a cara, e Merlin sentiu-se muito mal por isso.

— Que vergonha, Ambrósio — repreendeu-o ela. — Você sabe que a espada só vem para objetivos imediatos. É claro que sei onde ela se encontra, mas eu não ousaria lhe dizer mais do que já imagina, pois temo que seus objetivos e os da Excalibur estejam indo em direção contrária.

Ela disse isso com uma autoridade tão sombria que Merlin se sentiu nada mais que um mero ser vivo. Ele deslizou pelo tronco da árvore,

batendo o traseiro no chão.

— Diga-me, mestra, o que puder.

Nyneve afundou na água até os ombros. Seu cabelo reluzente espalhou-se pelo Lago atrás dela, caindo reto até chegar à superfície. Ela abriu um sorriso terrível.

— A espada deseja três coisas, Ambrósio. Ser reivindicada pelo legítimo rei. — Merlin assentiu. — Reabrir os mundos. — Merlin inclinou a cabeça. — E...

Ela fez uma pausa. Merlin mal conseguia esperar. Ele perguntou, desesperado:

— O quê, minha dama?

— Você é velho, não é, Ambrósio?

— Você sabe que sou.

— Sim. Você viveu muitas vidas e suportou muitas mortes.

Merlin estava impaciente. Mas seu aborrecimento rapidamente sumiu e foi substituído por um poder que se acumulou em seus dedos do pé e nas pontas dos dedos das mãos. Ele sentiu que poderia destruir algo.

— Você sabe que é verdade. E o mesmo vale para você, minha querida.

— Talvez, mas não sou inteiramente humana, ao passo que você o é, pelo menos em parte. Você sabe por que viveu por tanto tempo, velho mago?

A resposta para essa pergunta era fácil.

— Poder, Nyneve, e a capacidade mental que ele proporciona.

Ela sacudiu a cabeça, espirrando gotas de água limpas e geladas.

— Não. Você é poderoso, claro, mas não é esse o motivo. Você contornou a morte por uma única razão: porque aquele que tem o poder para matá-lo nunca o marcou para a morte. Na verdade, ele é seu amigo de longa data. Mas já chega, querido Ambrósio. Chega.

Merlin levantou-se e bateu o pé.

— Do que está falando, ninfa? Vamos, diga!

Nyneve estava tranquila, calma.

— Ora, a espada, é claro. É a única coisa que pode derrubá-lo. Essa é a razão pela qual você foi preso, e não destruído. Morgana não tinha a espada naquela época e não podia recuperá-la. Além do mais, ela não estava pronta. Mas agora...

Merlin estava chocado.

— O que está dizendo?

Ele deu dois longos passos na direção da beira do Lago.

— A terceira coisa que a espada deseja, meu amado, é *matá-lo*.

Seus olhos profundos e insensíveis dardejavam os de Merlin enquanto ela afundava na água. Merlin sabia que, se dependesse de Nyneve, ele já estaria morto, e ela não se entristecia nem um pouco por isso.

Merlin não ficou nada contente com a notícia. Ele ergueu as mãos e as afundou com força, com as palmas para baixo. Um choque laranja e azul de eletricidade reuniu-se no chão e subiu até suas mãos, e ele o arremessou na ninfa das águas à velocidade da luz. O raio atingiu a superfície do Lago, e a água borbulhou e soltou vapor. Mas ele fora lento demais, e, de qualquer forma, isso teria sido inútil. Afinal, a Dama era o Lago e o Lago era a Dama. Ele não era capaz de destruí-la.

Seu peito encheu-se de dor, seus dentes começaram a bater e seus lábios tremeram.

Mas não era o medo que o torturava. Era a raiva. Merlin estava, de repente, cheio de raiva. A raiva lhe era familiar, e a sensação era fantástica.

Ele tinha que ir. Tinha que ver Artie o quanto antes.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, James Frey, por muitas, mas muitas coisas, inclusive por me deixar surrupiar o modo como você escreve seus agradecimentos. Obrigado a Sarah Sevier, Tara Weikum, Jon Howard e a todos da HarperCollins. Obrigado, Kathryn Hinds. Obrigado, Brian Thompson. Obrigado, Ray Shappell. Obrigado, Abigail Bowen. Obrigado, Jessica Almon. Obrigado, Eric Simonoff e William Morris Endeavor. Obrigado, Jenny Meyer. Obrigado, Courtney Kivowitz. Obrigado, David Krintzman. Obrigado, Richard Pine e Inkwell Management. Obrigado, obrigado e obrigado.

SOBRE O AUTOR

NILS JOHNSON-SHELTON nasceu na São Francisco dos anos 1970, filho de um casal meio *hippie*. Uma década depois mudou-se para Nova York, onde cresceu rodeado de artistas e filhos de artistas, lendo, jogando RPG e muito, muito *video game*. Hoje mora com a família no Brooklyn, Nova York, e ainda gosta de games bem mais que a maioria dos adultos. *A Torre Invisível* é seu primeiro livro para jovens.